



CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

Fabíola Mônica da Silva Gonçalves

**SIGNIFICAÇÃO DE GÊNEROS DE TEXTOS POR UMA
AGENTE-LEITORA UNIVERSITÁRIA**

RECIFE
2015

FABÍOLA MÔNICA DA SILVA GONÇALVES

**SIGNIFICAÇÃO DE GÊNEROS DE TEXTOS POR UMA
AGENTE-LEITORA UNIVERSITÁRIA**

Tese de Doutorado vinculada ao Programa de
Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da
Universidade Federal de Pernambuco.

Área de Concentração: Psicologia Cognitiva.

Linha de Pesquisa: Comunicação Oral e Escrita

Orientadora: Dra. Sandra Patrícia Ataíde
Ferreira

RECIFE
2015

Catálogo na fonte
Bibliotecário Rodrigo Fernando Galvão de Siqueira, CRB4-1689

G635s Gonçalves, Fabíola Mônica da Silva.
Significação de gêneros de textos por uma agente-leitora universitária / Fabíola
Mônica da Silva Gonçalves. – 2015.
199 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Sandra Patrícia Ataíde Ferreira
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2015.
Inclui Referências, apêndices e anexos.

1. Psicologia cognitiva. 2. Consciência. 3.
Comunicação escrita. 4. Desenvolvimento social. 5. Textos. I. Ferreira,
Sandra Patrícia Ataíde (Orientadora). II. Título.

153 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-048)

FABÍOLA MÔNICA DA SILVA GONÇALVES

SIGNIFICAÇÃO DE GÊNEROS DE TEXTOS POR UMA
AGENTE-LEITORA UNIVERSITÁRIA

Tese de Doutorado vinculada ao Programa de
Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da
Universidade Federal de Pernambuco.

Área de Concentração: Psicologia Cognitiva.

Linha de Pesquisa: Comunicação Oral e Escrita

Aprovado em: 26 de fevereiro de 2015

BANCA AVALIADORA

Profª Drª Sandra Patrícia Ataíde Ferreira
Instituição: UFPE

Profª Drª. Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin
Instituição: UFC

Profª Drª. Mariana Pérez Gonçalves da Silva
Instituição: UFPB

Profª Drª. Fatiha Dechicha Parahyba
Instituição: UFPE

Profª. Drª. Luciane De Conti
Instituição: UFRGS

*Dedico esta produção, com todo o imenso amor que sinto,
ao meu filho lindo, Heitor Vinícius.*

AGRADECIMENTOS

Recordar é viver. Por isso, é com muita satisfação e alegria que agradeço a todas e todos que compartilharam comigo tamanha jornada:

A Deus, por ter me concedido o milagre da vida, e por ter permitido a realização de mais essa tarefa.

Ao meu filho, Heitor, pelo seu amor e pelo seu exemplo de um guerreiro que luta pela vida em plenitude.

À minha mãe, Rosilda, pelo seu exemplo de disciplina, perseverança e compromisso ético com o outro, principalmente com os seus filhos. Obrigada, mainha, pelo seu amor e zelo com todos nós.

A tia Célia, por considerar-me como uma filha e ter educado e cuidado de mim com muito amor para que a minha mãe pudesse trabalhar com tranquilidade. Obrigada mesmo, tia, por tudo!

A minha irmã, Fabiane, pelas suas análises e conversas que sempre significam muito na minha vida.

Ao meu irmão, Pedro, pelas incansáveis ajudas e pelo apoio em todos os sentidos.

Ao meu sobrinho, André, pelo seu carinho e seu amor.

A Verônica, pela sua dedicação incondicional ao bem-estar de Heitor, demonstrando nutrir muito amor pelo meu filhote, possibilitando as condições necessárias à organização do nosso lar, para que eu possa trabalhar com tranquilidade.

A todos os demais familiares, pelo incentivo na minha caminhada pessoal e profissional.

A minha orientadora e amiga querida, Sandra Patrícia Ataíde Ferreira, com quem aprendo muito, em todos os sentidos que constituem a vida de uma pessoa. Obrigada pelo seu apoio, sua confiança no potencial das pessoas, sua alteridade e seus “puxões de orelhas”, tudo dentro da mais alta ética que um ser humano pode demonstrar ao outro. Obrigada, minha doutora querida, por tudo!

A Ângela Barbosa, por compartilhar conhecimentos e pela leitura atenta realizada, sobretudo na análise dos dados da pesquisa. Muito obrigada por esse gesto de solidariedade, Ângela, aprendi muito com você!

A Emanuelle Pontual, pela realização do abstract desta tese. Muito obrigada, Manu!

A todos os integrantes do GEPELLL, em especial a Cristiano Cavalcante e Estellamary Gaia, pelo incentivo constante para que a finalização deste trabalho acontecesse. Obrigada, meus queridos, pela força!

A agente-leitora *Sofia*, participante da pesquisa, pelo seu gesto humanizado e nobre de querer colaborar com a produção do conhecimento.

As minhas amigas Livia Brasileiro e Valéria Borba, pelas vibrações positivas e por sempre confiarem na minha capacidade como pessoa e como profissional. Obrigada, amigas!

A todos os meus colegas da turma de doutorado e de mestrado 2011, por compartilharem saberes, conquistas e angústias vividas durante este percurso da formação.

A todos os profissionais e estudantes da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda, instituição da qual me tornei uma professora com o olhar sempre vigilante nas necessidades e possibilidades do outro. Muito obrigada por tudo, pessoal!

À Universidade Estadual da Paraíba, por ter me concedido licença profissional para que fosse realizada a formação do Doutorado.

A todos os professores do Programa de Psicologia Cognitiva da UFPE, pelos ensinamentos e pelo compromisso com a aprendizagem do seu alunado.

A Vera Amélia, secretária do Programa de Psicologia Cognitiva da UFPE, pelo apoio acadêmico e administrativo prestados aos pós-graduandos. Muito obrigada, Vera, por todas as orientações fornecidas durante estes quatro últimos anos.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro realizado durante todo o período do doutoramento.

Ninguém ignora tudo.

Ninguém sabe tudo.

Todos nós sabemos alguma coisa.

Todos nós ignoramos alguma coisa.

Por isso, aprendemos sempre.

Paulo Freire

RESUMO

Esta investigação encontrou no quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) solo fértil para a construção de um trabalho científico transdisciplinar acerca da linguagem verbal em contextos sociais historicamente situados. Com o levantamento da literatura, apenas foi encontrado o estudo de Barbosa (2014) na direção tomada pela pesquisa em tela, sendo esta a principal justificativa para a sua materialização. Assim, tem-se como objetivo geral: investigar a significação de gêneros de textos por uma agente-leitora universitária em diferentes formações sociais de linguagem. E como objetivos específicos: (i) compreender o papel representado pelas vivências de leitura passadas e atuais da agente-leitora em espaços diversificados e compartilhados com grupos sociais distintos e sua possível influência no processo pessoal de significação de gêneros de texto; (ii) analisar os modos de representações psicológicas, linguísticas e discursivas materializados em textos empíricos por uma agente-leitora na situação de significação de leitura de um Artigo Científico, de uma Crônica e de um Artigo de Opinião; (iii) identificar o agir languageiro desta agente-leitora em situação de interpretação dos gêneros de texto explorados nesta pesquisa. No plano teórico, contou com o suporte teórico e metodológico do materialismo sócio-histórico vigotskiano ampliado pelo ISD (BRONCKART, 1999, 2006, 2008) acerca das operações psicológicas, linguísticas e enunciativas presentificadas nas situações de linguagem circunscritas na textualidade; buscou sustentação na filosofia do agir comunicativo (HABERMAS, 1987); e nas ciências do discurso (ORLANDI, 2005; 2006), dentre outras referências filiadas aos pressupostos assumidos nesta investigação. Fez-se opção pelo método investigativo qualitativo (TURATO, 2006; RONDEL, 2003; SCHWANDT, 2006), de natureza exploratória, cujo delineamento de pesquisa foi *Estudo de Caso Único* (GIL, 2009). Com efeito, colaborou com a construção dos dados uma agente-leitora estudante, à época, do Curso de Pedagogia, de uma universidade pública federal, localizada em Recife/PE (NE brasileiro). O estudo empírico efetivou-se em dois encontros com a agente-leitora, a saber: (i) entrevista sobre a história de leitura, e a sessão de significação da leitura da Crônica, e; (ii) em encontro posterior, a agente-leitora produziu a significação de leitura do Artigo Científico e do Artigo de Opinião. Procedeu-se com a análise descendente do ISD (tipos de discursos, mecanismo de textualização e os mecanismos enunciativos), consubstanciada com parte dos princípios e procedimentos da escola brasileira de análise de discurso. Com base nos achados, de modo geral, concluiu-se que: (i) Sofia de fato traz para o momento da significação a sua história de leitora, melhor dizendo, as interações sociais vividas na família, sobretudo pela figura de alteridade da avó enunciando no início de cada sessão o prazer que sentiu ao ler os três gêneros de textos; (ii) os indícios da intervenção discursiva ocorridos nas práticas sociointeracionistas na instância formal acadêmica foram materializados no modo como a agente-leitora representou a significação que realizou do Artigo Científico; (iii) a recepção de gênero textual, na perspectiva de compreensão de leitura como um trabalho interlocutivo e colaborativo acontece, de fato, na relação entre leitor-texto-autor.

Palavras-chave: Agente-leitora. Agir languageiro. Formação social. Gêneros de texto. Significação.

ABSTRACT

The following investigation found on the Sociodiscursive Interactionism (SDI) theoretical approach fertile ground to build a transdisciplinary scientific work about the verbal language on specifically social and historical contexts. After researching the existing literature, only has been found the following study based on Barbosa's (2014) study, this fact justifies the existence of the present work. Therefore, the main goal of the study is: investigate the textual genres' signification by a college agent reader in different language social conformations. And for specific goals we have: (i) understand the function of agent reader's previous and following readings on deferent and shared places by different social groups and it's possible influence on the subjects own process of textual genres' signification; (ii) analyze the psychological, linguistics and discursive modes materialized on academic works by a agent reader as it reads and significates one scientific paper, one chronicle and one journalistic article; (iii) trace these agent reader's speeches' acts in a situation of active reading on the genres explored by this research. As a theoretic support the present work used Vigotski's socio-historical materialism enlarged by SDI (BRONCKART, 1999, 2006, 2008) about the psychological, linguistic and enunciative operations existing only on the reading situation; the research supports itself on the commutative act philosophy (Habermas, 1987); on the speech science (ORLANDI, 2005, 2006), among others theories in whom this work is based. The investigative method is quatitavive (TURATO, 2006; RONDEL, 2003; SCHWANDT, 2006), exploratory, based on a single-case design (GIL, 2009). This research was based on the study of a single subject, a Universidade Federal De Pernambuco's female pedagogy student, located on Recife PE (Brazilian Northeast). The data collection occurred on two meetings with the agent reader: (i) interview about the reading historical and the chronicle reading section, and, (ii) the reading an signification of a scientific paper and the journalistic article. Afterword it was made a descendant analysis from the SDI (kinds or speech, text mechanisms and de enunciations mechanisms), embodied partially with the Brazilian's school of speech analysis' principals and proceeders. Based on the research data it comes to those conclusions: (i) Sofia indeed brings her previous story as a reader to help the on going signification moment, which means, that the social interactions lived in family, especially on the grandmother figure, speaking on the beginning of each section about the pleasure of the tree genres' reading; (ii) discursive interactions' evidences occur on social-interactive practices on the formalist academic ways that the agent reader represented the scientific papes's signification; (iii) the textual genres' reading compression thus indeed occur as an interactive and collaborative effort on the relationship between reader, text and author.

Keywords: Agent reader. Linguistic act. Social formation. Texts' genre. Signification.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Movimento de ação de linguagem	41
--	-----------

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 -	Coordenadas gerais dos mundos	55
QUADRO 2 -	Significação da Crônica realizada por Sofia	78
QUADRO 3 -	Parâmetros da significação da leitura do gênero de texto Crônica	81
QUADRO 4 -	Tempos verbais representados na significação da Crônica por Sofia..	82
QUADRO 5 -	Gestão das vozes na significação da Crônica por Sofia	92
QUADRO 6 -	Adoção do discurso da Crônica na significação de Sofia	97
QUADRO 7 -	Significação do Artigo Científico realizada por Sofia	102
QUADRO 8 -	Parâmetros da significação da leitura do gênero de texto Artigo Científico	104
QUADRO 9 -	Tempos verbais representados na significação do Artigo Científico ...	108
QUADRO 10 -	Gestão das vozes na significação do Artigo Científico por Sofia ...	121
QUADRO 11 -	Adoção do discurso do Artigo Científico na significação de Sofia	129
QUADRO 12 -	Significação do Artigo de Opinião realizada por Sofia	133
QUADRO 13 -	Parâmetros da significação da leitura do gênero de texto Artigo de Opinião	135
QUADRO 14 -	Tempos verbais representados na significação do Artigo de Opinião por Sofia	137
QUADRO 15 -	Gestão das vozes na significação do Artigo de Opinião por Sofia	147
QUADRO 16 -	Adoção do discurso da Crônica na significação de Sofia	155

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CCS – Centro de Ciências Sociais

CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

GEPELLL – Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguagem, Letramento e Leitura

ISD – Interacionismo Sociodiscursivo

LAF – Langage Action Formation

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

NE - Nordeste

PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UA – Unidade de Análise

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	REFERENCIAL TEÓRICO	25
2.1	Noções precursoras da psicologia da consciência	25
2.2	Vigotski e a perspectiva sociocultural da consciência humana	27
2.3	Princípios filosóficos e conceitos básicos do ISD	29
2.4	Delimitação teórica da unidade de análise (U.A.) focalizada na investigação..	36
2.5	Perspectiva analítica da pesquisa	49
2.6	Parâmetros objetivos da ação de linguagem	51
2.7	Parâmetros sociossubjetivos da ação de linguagem	51
2.8	A teoria de Leitura assumida na investigação	60
3	MÉTODO INVESTIGATIVO	64
3.1	Tipo de pesquisa	64
3.2	Delineamento da pesquisa	64
3.3	Cenário da pesquisa	65
3.4	Procedimento de seleção do caso estudado	66
3.5	Instrumentos e procedimento de construção dos dados	66
3.6	Procedimento analítico	68
4	ANÁLISE DOS DADOS	70
4.1	Configuração dos parâmetros físicos e sociossubjetivos da ação de linguagem produzida na entrevista e na significação da Crônica pela agente-leitora na interação com o pesquisador	71
4.2	Características discursivas da Crônica lida por Sofia	77
4.3	A textualização representada na significação da Crônica	85
4.4	Configuração dos parâmetros físicos e sociossubjetivos da ação de linguagem produzida na significação do Artigo Científico pela agente-leitora na interação com o pesquisador	100
4.5	Características discursivas do Artigo Científico lido por Sofia	102
4.6	A textualização representada na significação do Artigo Científico	110
4.7	Configuração dos parâmetros físicos e sociossubjetivos da ação de linguagem produzida na significação do Artigo de Opinião pela agente-leitora na interação com o pesquisador	131
4.8	Características discursivas do Artigo de Opinião lido por Sofia	133
4.9	A textualização representada na significação do Artigo de Opinião	139
5	CONCLUSÃO	158
	REFERÊNCIAS	170
	ANEXO A - Cópia da Crônica	175
	ANEXO B - Cópia do Artigo Científico	176

ANEXO C - Cópia do Artigo de Opinião	186
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	187
APÊNDICE B - (Entrevista transcrita, na íntegra, realizada com a agente-leitora.	188

1 INTRODUÇÃO

Em dias atuais, o processo de comunicação humana concebido como fenômeno social e historicamente situado efetiva-se pelos tipos de linguagem verbal e não verbal, ocorrendo de modo variado por meio de uma multiplicidade semiótica, a exemplo do icônico, do linguístico, do imagético, do gestual, dentre outros. Por sua natureza dinâmica, e, por conseguinte, fluida, faz-se necessário que se estabeleça a delimitação da modalidade de linguagem, se verbal ou não verbal; da(s) forma(s) de representações, e, sobretudo, da complexa relação entre o social e o individual na construção/reconstrução da linguagem humana por parte daqueles que se propõem a estudá-la do ponto de vista transdisciplinar, como é o caso da pesquisa em questão, a qual está amparada nos campos do saber científico da psicologia cognitiva, da linguística, da filosofia, da educação e das ciências do discurso. Defende-se, com isso, uma visão científica que prima pela relação de transversalidade entre as ciências, em especial, quando se tomam os processos de desenvolvimento humanos como fenômeno de investigação.

Assim, em termos preliminares, a presente pesquisa, cujo tema central é “Significação de gêneros de textos por uma agente-leitora universitária”, está inserida no quadro dos estudos que elege a modalidade da linguagem verbal, enfatizando o signo linguístico como recurso semiótico por excelência da atividade humana social e historicamente circunscrita.

Este tema de pesquisa foi delimitado levando-se em conta as esferas comunicativas e sociais em que os gêneros de textos são veiculados e significados por agentes-leitores que, embora vivenciem experiências de leitura no mundo acadêmico, sejam leitores de outras formações sociais e comunicativas, pois se acredita que as vivências de leitura dos leitores nas mais variadas esferas inter cruzam-se e se complementam, gerando processos de significação que articulam as experiências passadas com as possibilidades de significações que são geradas em função dos fatores imediatos do contexto social de produção que regulam os processos de significação individual, sendo uma trama complexa entre o social e o individual, constitutivo do humano situado social e historicamente (SANTOS; FERREIRA, 2010).

Daí acredita-se num jogo discursivo estabelecido entre o lugar social (eg. família, trabalho, escola, universidade, hospital, igreja) em que as significações emergem e as posições sociais (eg. representações sociais: empregado, empregador, opressor, oprimido, político, eleitor, médico, paciente, aluno, professor, cientista, pastor, protestante, padre, católico) ocupadas pelo leitor durante o processo de leitura de gêneros de textos, sendo, portanto, um trabalho de interpretação, de criação. A significação é produzida no encontro entre o autor do

gênero de texto lido e a história de leitura do leitor. Por essa razão, dentro da perspectiva assumida, não se pensa em uma única forma de interpretação de leitura, e sim em múltiplas possibilidades de leitura, em novas produções de sentidos e significados, que serão atravessadas pelo contexto, ou, dito de outro modo, pela esfera de comunicação social na qual se encontram os gêneros de textos e os leitores (ORLANDI, 2005).

No entanto, antes de apresentar alguns estudos empíricos em consonância com a perspectiva assumida, bem como de adentrar nas questões norteadoras e nos objetivos propostos, faz-se necessário explicitar as noções de sujeito, de linguagem e de texto concebidas neste estudo, por serem as categorias teóricas gerais que perpassam todo o trajeto investigativo, haja vista que a relação entre produção de linguagem e agentes-leitores se constitui como o pilar do presente trabalho.

Com isso, tem-se que a perspectiva de sujeito psicológico assumida está posicionada na vertente que prima por uma visão integrada e interdependente na relação externo/interno da consciência humana, perspectiva esta apoiada nas concepções da psicologia dialética de Vigotski (1930/2004) que consiste no estudo do processo integral do comportamento humano, composto simultaneamente por componentes psíquicos, biológicos e sociais.

No tocante à linguagem, concebe-se esta como um processo ativo e criativo que se desenvolve sob duas premissas: a primeira diz que a atividade de linguagem é produtora de objetos de sentidos, e, por esta razão, constitutiva das unidades representativas do pensamento humano; enquanto a segunda defende que a atividade de linguagem é uma atividade social e o pensamento ao qual ela dá lugar é também, necessariamente, semiótico e social (BRONCKART, 2008).

Por último, a noção de texto desta pesquisa, do ponto de vista mais genérico, é baseada no Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), o qual designa toda unidade de produção de linguagem que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário, sendo considerado pelo ISD como uma, dentre outras, unidade comunicativa que materializa as ações de linguagem. No entanto, também com o aporte do ISD, de um ponto de vista mais particular, os textos são produtos da atividade humana e estão articulados às necessidades individuais, aos interesses e às condições de funcionamento das formações sociais no seio das quais são produzidos, sendo impossível de ser estabelecida uma classificação finita e universal de texto. Portanto, em função dessa segunda premissa sobre a variabilidade de construção do agir languageiro (ou texto) é que o ISD denomina esta prática de gênero de texto.

Desse modo, pode-se dizer que o agir linguageiro é resultante dessas duas premissas dispostas acima e apresenta sempre propriedades genéricas e propriedades individuais ou estilísticas. Logo, concebe-se que o gênero de texto é o lugar de organização das práticas comunicativas/discursivas de grupos humanos de uma dada comunidade verbal e historicamente situada, usuários de uma língua natural particular.

Nesse panorama, a presente pesquisa trabalha com a noção de gênero de texto do ISD destacando o funcionamento discursivo de uma agente-leitora em situação de interpretação da leitura de três gêneros que circulam em esferas sociais e possuem composições enunciativo-discursivas distintas, a saber: (i) o gênero de texto Artigo Científico, que circula no âmbito acadêmico, composto por motivos e intenções comunicativas relacionadas à difusão e discussão características dos mundos objetivo e sociossubjetivos da ciência, sobretudo dirigido àqueles leitores interessados em determinada área; (ii) o gênero de texto Artigo de Opinião, que circula de modo mais amplo na esfera jornalística impressa, em coluna específica, quer seja em revista ou em jornal, composto por um mundo objetivo e sociossubjetivo com ênfase na construção e defesa de ponto de vista exposto pelo articulista acerca de um tema social e polêmico, dirigido ao público-leitor deste tipo de veículo de comunicação, tendo uma estrutura composicional mais flexível e variada, sem a linguagem rigorosa e técnica exigida na produção do gênero de texto Artigo Científico; (iii) e, por último, foi utilizado o gênero de texto Crônica Literária, que, assim como o Artigo de Opinião, também circula na esfera jornalística impressa, composta por motivações e intenções comunicativas relacionadas ao mundo objetivo e sociossubjetivos que retrata temas sociais de modo poético, ligados à existência humana, e, ao mesmo tempo, composta por aspectos estilísticos de profundidade e de simplicidade, dirigidas ao público-leitor em geral (COSTA, 2009).

Vale destacar que as definições do ISD sobre a relação entre atividade de linguagem e desenvolvimento humano, cuja ênfase aborda as condições de produção dos textos/discursos, são tomadas como a base teórica e metodológica desta pesquisa, e que, por essa razão, faz-se necessária a distinção dos termos tratados ao longo deste estudo, envolvidos neste fenômeno humano complexo: a linguagem verbal. Desse modo, o primeiro termo definido é o de atividade social ou geral, que se configura como processos de cooperação orientados pela função de sobrevivência com formas peculiares à espécie animal e/ou por usos regulados de um determinado grupo (LEONTIEV, 1979).

Outra noção relevante, tomada neste estudo, é o termo *ação* designado pelo ISD, à luz do pensamento vygotskiano, como a unidade de análise que mobiliza e coloca em interação as

dimensões comportamentais e mentais das condutas humanas e, com isso, destaca a ação como objeto de estudo da psicologia, que deve ser interpretada cientificamente no conjunto de seus componentes mentais e comportamentais. Assim, a tese central do ISD é que a ação constitui o resultado da apropriação do ser humano das formas intrínsecas da atividade social mediada pela linguagem e, ao mesmo tempo, a ação é constituída pelos critérios de avaliação imputados às ações dos agentes envolvidos em situação de atividade de linguagem.

Destarte, tem-se que a atividade se configura no plano geral e coletivo, produzida nas práticas sociais de grupos humanos; enquanto a ação está no plano individual, exercida por motivações e intenções particulares de um agente (sujeito). Diante destas duas noções, o ISD expõe que a atividade de linguagem é configurada como as produções verbais coletivas de grupos humanos social e historicamente situados, que são concretizadas em textos das mais diversas composições e finalidades comunicativas e que a ação de linguagem é imputável a um agente, materializada na entidade empírica denominada de texto singular.

Nesse sentido, em função da formulação de Leontiev (1979) acerca do que venha a ser atividade de linguagem no sentido amplo, o ISD complementa tal concepção e delineia as noções do que se constitui em agir geral e agir comunicativo, a saber: (i) agir geral é designado como qualquer comportamento ativo de um organismo; e (ii) agir comunicativo como meio semiótico que visa à comunicação entre os congêneres de cada espécie (BRONCKART, 2008).

Desse modo, o ISD, ao ampliar estas duas noções no âmbito da espécie humana, concebe o agir comunicativo verbal como o ato que mobiliza signos organizadores em textos com função propiciadora de um espaço gnosiológico, ou, em outras palavras, como espaço de desenvolvimento do pensamento humano. Com isso, o ISD desmembra o agir humano em duas instâncias de comunicação: (i) o agir geral como as estruturas de colaboração mútua que organizam as interações dos indivíduos com o meio ambiente que ocorre tanto à luz da linguagem verbal como não verbal; e (ii) o agir verbal, que tem origem nas produções semióticas humana derivadas da linguagem verbal.

Ainda no âmbito do agir comunicativo humano, o ISD designa o agir de linguagem como uma práxis apreendida sob o ângulo também coletivo, na forma de atividades de linguagem, e estas são diversificadas e interdependentes tanto das atividades gerais desenvolvidas como das opções assumidas ou das formações sociais de linguagem apreendida também pela ação de linguagem, cuja responsabilidade da parte da atividade é atribuída a um indivíduo singular, no caso, o agente da ação.

Desta feita, o ISD amplia a concepção de atividade de Leontiev (1979), atestando que a atividade de linguagem possibilita o planejamento, a regulação e a avaliação das atividades gerais, ao passo que assegura a realização destas atividades tipicamente constitutivas da espécie humana.

No entanto, ressalta-se que estas noções serão aprofundadas mais adiante no corpo teórico deste trabalho. Apenas julgou-se necessário colocá-las em termos mais abrangentes nesta introdução para demarcar conceitualmente a tomada de posição teórica desta pesquisa. Desse modo, passa-se, então, a apresentar alguns estudos analisados que já investigaram as práticas de linguagem conforme orientação do ISD, atentando para o fato de que estes se diferenciam do modo como será conduzida a presente investigação.

Assim, a partir do levantamento realizado por buscas em banco de dados eletrônicos (*Scielo Library, Google Acadêmico; Plataforma Capes*), bem como em materiais impressos, há uma ênfase significativa nas perspectivas da produção escrita e da leitura de gêneros de textos, e um investimento menor em termos da interpretação/recepção de gêneros de texto, revelando uma escassez de estudos voltados para este último processo de situação de produção de linguagem. O levantamento da literatura corrente foi realizado entre os anos de 1998 e 2012, por conta da circulação da abordagem teórica e metodológica do ISD ter sido iniciada e consolidada no Brasil com o advento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, já que a proposta de ensino de língua é fundamentada em tal perspectiva.

Com isso, foram localizados: estudo que investigou a prática de reescrita textual de alunos a partir da mediação do professor, com os objetivos de verificar as possíveis influências da mediação docente no trabalho de produção escrita dos alunos, e os efeitos destas para a formação de autoria mediante a reescrita textual, que se configurou, num primeiro momento, com a escrita de um texto coletivo em sala de aula e, após a mediação docente, a reescrita do texto de modo individual (LEITE; PEREIRA, 2012). Estudo com ênfase na defesa do uso de gêneros como um instrumento de avaliação mais amplo para materiais didáticos que visem ao ensino de leitura em língua estrangeira (CRISTOVÃO, 2001); estudo que evidenciou como o agir do professor em sala de aula é interpretado e avaliado por seus alunos e por observadores externos, bem como buscou argumentar que os modos de agir ou estilo do professor são registrados por seus respectivos alunos em diários de aprendizagem (MAZZILLO, 2009); estudo que demonstrou não haver relação biunívoca e simples entre gêneros e atividades práticas a partir do fato de que diversas atividades podem estar implicadas em um único gênero,

da mesma forma que um mesmo gênero pode ser mobilizado em diferentes atividades da vida social (MIRANDA, 2012).

Ainda na caminhada em busca dos estudos que se aportaram no ISD em seu desenvolvimento, destaca-se o estudo de Machado (1998), por ser uma das grandes disseminadoras do ISD no Brasil, sobretudo pelo contato profundo com o grupo de Genebra¹. O estudo de Machado foi fundamentado pela teoria do funcionamento discursivo (BRONCKART et. al. 1985; BRONCKART, 1994b) e pela teoria da organização sequencial (ADAM; PETITJEAN, 1989; ADAM, 1992), tendo como foco a produção escrita de diários de leitura por 22 estudantes universitários matriculados na disciplina de Comunicação e Expressão Verbal (1991.2) do Curso de Jornalismo (PUC/SP). A produção do diário de leitura dava-se pela reflexão crítica sobre as leituras recomendadas pela professora. A produção aconteceu durante dez aulas. A autora concluiu que, mesmo com uma aparente heterogeneidade, a maioria dos diários apresentou uma regularidade bastante acentuada. “Todos eles se constroem no eixo dos discursos da ordem do EXPOR, teórico ou interativo [...]” (MACHADO, 1998, p. 229). Quanto à organização sequencial, em termos de sequências linguísticas, dos diários de leitura dos universitários, observou-se a predominância de sequências explicativas e descritivas.

Caldes (2009) realizou um estudo cujo foco deu-se no âmbito da recepção e interpretação do gênero de texto publicitário. A autora partiu da posição de que o percurso de leitura do texto está atrelado a dois fatores: (i) à composição textual (ADAM, 1999; BRONCKART, 2005a); e (ii) ao do percurso de interpretação que se realiza no modo como os elementos linguísticos estão dispostos nos textos. Caldes (2009) concebe estes dois percursos como complementares ao trabalho de recepção textual realizado pelo leitor, os quais podem trazer significações estabilizadas, que seriam mais próximas dos propósitos comunicativos veiculados no texto, ou significações dinâmicas, sendo estas articuladas aos nexos relacionais anteriores ao momento atual de interpretação do texto. A análise lexical do texto publicitário *Mérito*² foi conduzida e a conclusão do estudo foi que há uma interligação profunda entre gêneros, textos e o processo de interpretação.

Vale ressaltar, contudo, que os estudos citados se situam no campo de investigação da linguística e da educação. Não foram localizados estudos publicados relacionados ao campo da psicologia e às possíveis contribuições que esta área de conhecimento possa trazer ao debate

¹ O grupo de Genebra [Langage Action Formation (LAF)] é composto por Bronckart, Genette e colaboradores que fundaram o Interacionsismo Sociodiscursivo – ISD - e trabalham na Universidade de Genebra, na Suíça, desde os anos 1970 (GOULART, 2010).

² Publicado na revista *Volta ao Mundo*, 72, outubro de 2000, p. 13 (CALDES, 2009, p. 163).

científico da produção de sentido de agentes-leitores em situação de atividade de leitura de gêneros de textos diversificados, pelo fato de que a interpretação de leitura é uma atividade que envolve tanto processos psicológicos objetivos como sociossubjetivos da ação humana.

Barbosa (2014) desenvolveu um estudo com ênfase no processo de interpretação de diários de leituras produzidos por universitários num blog construído com finalidade didática, orientado em uma disciplina por uma professora universitária como sendo o espaço de produção do agir de sentidos, melhor dizendo, do agir comunicativo verbal dos alunos das leituras recomendadas ao longo da disciplina. A ênfase deste estudo recai na perspectiva vygotskiana de conceber o sentido como o instrumento semiótico de transformação por meio da linguagem, sendo um estudo fundamentado na psicologia, embora articule outros campos do saber, como a educação e a linguística.

O estudo se propõe a investigar os mecanismos de interpretação textual, produção de sentidos, fundamentado nas teorias delineadas por Bronckart, Bakhtin e Vigotski, com base na filosofia do materialismo histórico e dialético. De modo geral, os resultados apontaram o diário virtual de leitura como um instrumento de mediação das interpretações dos leitores e que o dialogismo (BAKHTIN, 1929/2011), as bases metodológicas do ISD acerca do agir de linguagem na produção de sentido (BRONCKART, 1999, 2006, 2007), bem como o materialismo dialético vygotskiano (VIGOTSKI, 2001) propiciam ferramentas teóricas e metodológicas que dão suporte ao trabalho do analista neste contexto de produção de sentidos.

Desse modo, em função do trabalho de levantamento da literatura realizado, fica patente a necessidade de estudos que focalizem situações de atividade de linguagem voltadas para a recepção de gêneros de textos, configurando-se, assim, como a justificativa científica para a realização do presente estudo, pois se acredita com isso que muito investimento de pesquisa deve ser realizado no sentido de aprofundar o conhecimento empírico acerca da interpretação de gêneros de texto em práticas sociais humanas amplas e específicas ao mesmo tempo. Daí a razão da pesquisa contemplar a interpretação de gênero de texto acadêmico, como o caso do Artigo Científico, que circula num âmbito sociocultural mais restrito, além de contemplar a interpretação de gêneros de textos não-acadêmicos, com uma circulação mais abrangente, como o caso dos gêneros de texto Crônica e Artigo de Opinião. Por conseguinte, foi em função desta lacuna na literatura examinada que o presente estudo se diferencia dos estudos mencionados anteriormente.

Vale destacar o modo como foi conduzido o processo de seleção dos três gêneros de textos utilizados na pesquisa na situação de recepção textual. Realizou-se uma enquete, que

permaneceu ativa por sete dias, no site de relacionamento Orkut, no qual os estudantes de cinco comunidades destinadas a cursos de licenciatura – das universidades Federal de Pernambuco, Federal Rural de Pernambuco e Salgado Filho (Universo – Recife) – poderiam manifestar seu voto. Os estudantes que participavam da enquete poderiam votar em todas as 12 opções disponíveis. Sete estudantes participaram da enquete.

Com base no resultado desta enquete, foram selecionados os seguintes gêneros textuais: a Crônica intitulada *Piscina*, de Fernando Sabino; o Artigo de Opinião *Adoção à brasileira*, de Leonardo Attuch (Revista *Istoé*); e o Artigo Científico *Sexualidade e violência, o que é isso para jovens que vivem na rua?*, de Luciana de Alcântara Nogueira e Luzia Marta Bellini. Para a seleção desses gêneros, consideraram-se tanto a relevância do tema na atualidade como a sua interdisciplinaridade, no sentido de não privilegiar nenhum dos grupos de estudantes, tendo em vista a especialidade de seus cursos (Letras, Biologia, Educação Física, Música e Pedagogia).

Com exceção do Artigo de Opinião, que foi apresentado no suporte revista, os dois outros textos foram apresentados no suporte papel A4. Ressalta-se ainda que a Crônica e o Artigo de Opinião têm extensão de uma única página (Crônica, 301, e Art. de Opinião, 473 palavras, respectivamente), e o Artigo Científico, sete páginas (4.963 palavras).

Como aspecto essencial desta introdução, parte-se, neste momento, para a explicitação das questões de base e dos objetivos da presente pesquisa. Têm-se como questionamentos norteadores as seguintes indagações: Como uma agente-leitora universitária, em situação de interpretação de leitura de uma Crônica, de um Artigo Científico e de um Artigo de Opinião, produz sentidos? Quais determinações das condições de produção de linguagem são evidenciadas na interpretação de uma agente-leitora? De que maneira a ação de linguagem de uma agente-leitora universitária é acionada e materializada na interpretação dos três gêneros de textos focalizados nesta pesquisa? Como a avaliação constitui o agir comunicativo verbal do agente leitor nas situações de atividade de linguagem exploradas nesta pesquisa, a saber: na entrevista e nas sessões de interpretação de leitura dos gêneros Crônica, Artigo Científico e Artigo de Opinião?

Com efeito, para dar conta das questões de pesquisa explicitadas acima, tem-se como objetivo geral: investigar a significação de gêneros de textos por uma agente-leitora universitária. Para dar andamento operacional, conta-se com os seguintes objetivos específicos: (i) compreender o papel representado pelas vivências de leitura passadas e atuais da agente-leitora em espaços diversificados e compartilhados com grupos sociais distintos e sua possível influência no processo pessoal de significação de gêneros de texto; (ii) analisar os modos de

representações psicológicas, linguísticas e discursivas materializados em textos empíricos por uma agente-leitora na situação de significação de leitura de um Artigo Científico, de uma Crônica e de um Artigo de Opinião; (iii) identificar o agir languageiro desta agente-leitora em situação de interpretação dos gêneros de texto explorados nesta pesquisa.

Por fim, a título de informação geral, esta tese, além da introdução, que favorece o entendimento amplo acerca das opções e delimitações do estudo, agrega também, de modo sequencial, a seção destinada à base epistemológica que dá a sustentação teórica da investigação empírica, sendo o capítulo 2 denominado de Referencial Teórico. Já o capítulo 3 discorre sobre o método investigativo, o qual explicita o tipo de pesquisa contemplado, o delineamento técnico, as fontes dos dados, local em que foram produzidos os dados, os agentes envolvidos (pesquisadoras e participantes), os instrumentos construídos e os procedimentos analíticos realizados.

Dando continuidade, tem-se o capítulo 4, denominado de Análise dos Dados, composto pelo material empírico analisado e reflexionado à luz do referencial teórico assumido no estudo. E, por último, o capítulo 5, destinado à exposição a conclusão do estudo.

Sobre as seções complementares desta tese, que vêm logo após os elementos essenciais mencionados acima, apresenta-se o conjunto das referências selecionadas, estudadas e citadas e, como seção final, todos os materiais dispostos em anexo e em apêndice que geraram a produção dos dados empíricos da pesquisa: os gêneros de textos utilizados, o roteiro da entrevista, a entrevista na íntegra realizada com a participante da pesquisa, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual expõe os riscos e benefícios que a investigação poderia gerar àqueles que aceitassem colaborar para que ela fosse consolidada, além de validar os resultados da pesquisa para fins de publicação e divulgação científica.

Desta maneira, passa-se à apresentação do referencial teórico que fundamentou e guiou a operacionalização do plano de trabalho da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, são tratadas as noções de homem, atividade de linguagem e ação de linguagem. Propõe-se um caminho epistemológico dessas noções a partir de uma abordagem transdisciplinar envolvendo a filosofia, a sociologia, a biologia, a psicologia, a linguística e as ciências do discurso e seus respectivos contributos sobre homem-mundo-natureza, realidade, formação social da cognição humana, agir comunicativo verbal ou produções languageiras. Elementos que fundamentam a abordagem teórico-metodológica do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), cujas bases metodológicas orientam a presente investigação. Pretende-se com isto destacar a relevância das respectivas noções para o entendimento da relação pensamento e linguagem na vertente assumida no trabalho em questão.

2.1 Noções precursoras da psicologia da consciência

Em termos preliminares, partiu-se da filosofia de Spinoza (1965), a qual é fundamentada em três axiomas básicos: (i) a realidade ou a natureza é a unidade; (ii) Deus está na natureza; (iii) Deus é a natureza. Para ele, a relação homem-natureza é explicada pela realidade na qual o homem vive. Desse modo, propõe um método explicativo por meio da vertente integral que contempla a unidade entre corpo e alma, mente e cérebro, ou como se queira nomear a unidade psicofísica.

Trata-se, pois, de uma concepção monista e não dualista. A proposição filosófica monista de Spinoza está pautada na unificação das substâncias materiais e pensantes que constituem a natureza humana, a qual possui uma origem geral e uma origem particular, sendo, respectivamente, a constituição do próprio homem enquanto matéria biológica e o mundo em que esse homem habita, integrando-os indissociavelmente num processo contínuo de transformações mundo-homem-natureza.

Este princípio spinoziano influenciou o pensamento de Vigotski (1984) acerca da psicologia da consciência, que se propôs, dentre outros aspectos relacionados com a psique, a localizar a gênese das funções psicológicas superiores humanas.

Em linhas gerais, os elementos da filosofia spinoziana que contribuíram com as reflexões teóricas de Vigotski foram: (i) a ideia de que o conjunto de fenômenos é atestável no mundo, no sentido de pertença a uma só e única matéria em permanente atividade; (ii) a extensão, ligada à ideia de materialidade corpórea, e o pensamento são os meios que permitem

o entendimento humano da matéria/coisa. Portanto, o pensamento prescinde da matéria e não deve ser considerado como sendo da ordem de uma substância puramente espiritual, como é a tese do idealismo objetivo.

No plano ontológico, extensão ou substância extensa e pensamento ou substância pensante são processos ativos ou geradores, que se desenvolvem em paralelo em todo organismo vivo, definidos respectivamente por Spinoza (1965) como *Natura naturans* e *Natura naturata*. O entendimento humano não é capaz de apreender essa *Natura naturans* enquanto tal, pela sua dimensão infinita e contínua da evolução das coisas existentes no mundo, pois estes apenas são apreendidos por meio das coisas acabadas que são produtos da atividade geral da matéria que podem ser corpos ou objetos particulares no registro das substâncias de extensão, e cujas formas de significação humana da apreensão se dão por meio das ideias, das vontades, dos sentimentos, no registro do pensamento, definidores da *Natura naturata*.

Com base nessas premissas filosóficas, duas conclusões importantes para a psicologia da consciência emergem: (i) a influência da *Natura naturans* (da matéria em movimento e do pensamento em ação) sobre a *Natura naturata* é que os seres e os objetos acabados nos quais esses atributos se manifestam ao entendimento humano são apenas produtos secundários, e, conseqüentemente, (ii) a afirmação de que a não concretude da matéria e do pensamento é, por sua vez, um produto do entendimento humano.

Hegel (1947), mesmo filiado à perspectiva filosófica de Spinoza, propõe uma recapitulação das etapas dessa autorregulação do mundo, que se inicia com a emergência de uma consciência de si distinta do outro e que desenvolve em diferenciações sucessivas para chegar, enfim, ao conjunto das realizações materiais, sociais e culturais da humanidade. Hegel questiona sobre a continuidade infinita da *Natura naturans* e o caráter finito dos objetos da *Natura naturata*, sendo essa relação o elemento fulcral da dialética.

Para Hegel, a dialética é também método, pois o movimento do pensamento e da ciência não pode senão, reproduzir a dialética da realidade. Também em sua análise da genealogia da consciência, atribui uma importância decisiva ao encontro conflituoso com os objetos culturais e à reabsorção destes na consciência, pois dá uma importância capital à interação com essa parte da natureza construída pelo trabalho e pela linguagem humana.

Assim, a inserção da dialética funciona como uma via explicativa para a relação mundo-homem-natureza, melhor dizendo, a realidade que Spinoza concebe como sendo formada pela unidade destes elementos para a articulação integral entre matéria e pensamento traz contribuições significativas, pois insere o componente social como constitutivo da formação

psíquica humana. As relações interindividuais são a chave para o desenvolvimento da cognição humana, embora esta contribuição transite pelos aportes teóricos da sociologia e não exclusivamente da psicologia. Logo, como conceber o princípio dialético que traz em seu bojo as contradições e rupturas existentes na vida material/social para o entendimento da cognição humana? Para elucidar tal questão, foi necessário recorrer às formulações da teoria de Vigotski acerca da formação sociocultural da consciência humana delineada a seguir.

2.2. Vigotski e a perspectiva sociocultural da consciência humana

Sabe-se que Vigotski (2009) é fundador da psicologia sócio-histórica, ou também conhecida como a psicologia histórico-cultural, cuja epistemologia da teoria da formação social da mente humana é abastecida da filosofia de Spinoza e da filosofia de Hegel. No entanto, ele não aceitou o princípio panteísta que fundamenta as referidas filosofias, cujo ponto inicial é o objetivismo abstrato, que postula a preexistência da ideia de matéria desde toda a eternidade. O panteísmo é uma doutrina filosófica em que Deus é concebido como o mundo, como no caso do princípio spinoziano em que Deus é a natureza. E, no caso do princípio hegeliano, Deus se realiza tanto pela história humana como na/pela história dialética da natureza (BORGES, 1999).

Assim, Vigotski encontrou a solução em Marx e Engels (1971) para explicar e questionar o estatuto da origem do idealismo subjetivo. Para eles, não seria a dialética da consciência que explicaria a vida material e a história dos povos, mas, sim, seria a vida material dos homens que explicaria sua história e, portanto, a consciência humana seria uma produção dessa vida material. Eles afirmam que a capacidade de pensamento ativo não pode decorrer diretamente das propriedades do corpo humano. Ela só pode originar-se da reintegração, no humano, das propriedades da vida social objetiva, em seus aspectos de práxis, de ação e de linguagem.

A partir das referidas contribuições, restava a Vigotski demonstrar como o social se transforma em ideacional, e consequentemente, o ideacional interage com o corporal, ou melhor, como o social contribui para a formação da cognição humana. Em função da sua brevidade existencial, a obra de Vigotski acerca da explicação plena da formação social da mente não foi completada. Ao passo que outros autores, como Piaget (1973), tiveram condições de refletir sobre suas teorias psicogenéticas, inclusive revisitá-las e reconsiderar muito do que haviam postulado em seus estudos iniciais acerca da relação entre pensamento e linguagem.

Contudo, Vigotski (2009, 2005, 2004, 1984) explica o processo de desenvolvimento da cognição humana, postulando que inicialmente têm-se duas raízes de desenvolvimento,

afirmando que na primeira etapa da ontogênese pode-se observar a coexistência de duas raízes disjuntas: estágio pré-verbal da inteligência e estágio pré-intelectual da linguagem.

A primeira etapa se configura na comprovação de que a criança de até 15 meses de idade tem a capacidade de resolver diversos problemas sem recorrer à linguagem, especialmente a distinção entre os meios e os fins, e sua reconexão com o quadro de ações práticas. Na segunda etapa, o aparecimento da linguagem, isto é, a emergência de uma capacidade de produção de entidades sonoras, reconhecidas pelo meio social como signos de uma língua natural, originar-se-ia da fusão de duas raízes, no caso, a pré-intelectual e a pré-verbal. Em uma terceira etapa desse desenvolvimento, dois eixos funcionais distintos se inter cruzam: o pensamento e a linguagem. Desse modo, num primeiro momento, as produções verbais da criança preencheriam uma função social da comunicação, que seria o fenômeno da sociogênese, e de interação com o meio; em outro, e ao mesmo tempo em que as produções verbais se interiorizariam, assumiria na sequência uma função individual de planificação e de controle das próprias ações.

Em uma quarta etapa, a linguagem interiorizada tornar-se-ia a organizadora fundamental do funcionamento psicológico da criança. Com isso, o conjunto das construções verbais oriundas das raízes pré-verbais da inteligência seria assumido e controlado por unidades languageiras que a criança sabe que são significantes e sobre as quais, portanto, vai saber operar. Assim, o funcionamento psicológico tornar-se-ia consciente e o pensamento se instauraria como produto das unidades e das estruturas da língua e do meio social. Deste modo, linguagem e pensamento se interconectam como processos psíquicos propulsores do desenvolvimento humano, com vistas à capacidade operatória do homem em contínua interação com a realidade em que vive para promover as transformações de natureza psicossocial, sendo a aprendizagem o princípio ativo por excelência neste quadro teórico.

As aprendizagens se realizam por meio da diversidade das atividades humanas mediadas pela linguagem, e, com isto, surgem as diferentes organizações das produções languageiras ou discurso. Estes processos sociocognitivos são concebidos como modalidades de estruturação das práticas languageiras por meio das quais os aspectos ilocutórios³ são integrados e expressam o mundo, ao agir no mundo.

Nesse sentido, para Bronckart (2006), a linguagem se constitui, de início, como prática ilocutória, fundadora da racionalidade social que rege as ações humanas. Essa prática se

³ Ilocutório “[...] todo ato de fala que realiza ou tende a realizar a ação nomeada [...] Todo enunciado, praticamente, pode ser, de um modo ou de outro, considerado como ilocucionário” (DUBOIS et al, 2004, p. 331).

solidifica em sistemas de signos, ou línguas naturais, que permitem uma (re)codificação locutória particular sociocultural das representações racionais do mundo. Esses sistemas de signos são colocados em funcionamento no interior de discursos, alguns dos quais são articulados às ações autônomas ou ações de linguagem. Uma das finalidades dessas ações de linguagem é propor reconfigurações de ação, por meio das quais os humanos progridem em sua compreensão das determinações da razão prática.

De um ponto de vista sincrônico, em um estado de desenvolvimento da espécie humana, os mundos racionais que regem as ações já estão lá e são permanentemente (re)elaborados pelas práticas languageiras e reconfigurados pelos discursos historicamente construídos por um grupo. A criança se depara com três formas de unidades funcionais: ações significantes não verbais, ações significantes articuladas aos discursos primários e as ações de linguagem autônomas ou discursos secundários. É no âmago da interação social e semiótica que a criança vai se apropriar dos sistemas de coordenadas que regem as ações, interiorizá-las e tornar-se, assim, consciente de seu estatuto de agente. Desse modo, as primeiras construções psicológicas são oriundas da razão prática. Assim, para uma explicação mais detalhada sobre os sujeitos e as práticas languageiras, recorreu-se aos princípios filosóficos que ancoram as formulações do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) em razão da sua grande contribuição teórica e metodológica em termos do desenvolvimento da consciência humana destacadas no tópico a seguir.

2.3 Princípios filosóficos e conceitos básicos do ISD

A concepção de linguagem defendida neste quadro teórico é a de que esta se constitui como elemento fundador e organizador em suas dimensões estritamente humanas. Ou melhor, no homem, as funções psicológicas superiores ou os processos de pensamento acessíveis à consciência e as condutas ativas que a elas estão associadas são o resultado da semiotização de um psiquismo primário, herdado da evolução globalmente análogo aos mamíferos superiores. Daí a explicação do “porquê” de o trabalho de Bronckart e colaboradores filiar-se a uma abordagem global e tendencialmente unificadora do funcionamento psicológico, que toma como unidade de análise as condutas ativas ou o agir, e o pensamento consciente.

Na realidade, o ISD é uma corrente que visa a validar, no plano científico, uma concepção do estatuto do ser humano cujos fundamentos se situam na obra de Spinoza (1965), reforçadas pelas contribuições de Darwin, Hegel e Marx & Engels. As contribuições centrais

são: (a) Darwin (1880), com a teoria da evolução das espécies vivas comprovadas empiricamente; (b) Hegel (1847), com a evidência de que os processos históricos pelos quais as atividades de trabalho e de linguagem, produzidas nas sociedades humanas, levaram, em um processo solidário e dialético, à emergência do pensamento consciente humano e à construção dos mundos de obras e culturas impregnadas de significações sociais; e (c) Marx e Engels (1848), por proporem um esquema geral de antropogênese, que consiste em capacidades biocomportamentais específicas dos humanos, as quais tornam possível a elaboração de atividades coletivas, assim como, de ferramentas para sua realização concreta, para sua gestão dos signos de linguagem e atividades coletivas instrumentalizadoras, as quais produziram o mundo econômico, social e o semiótico, passando a constituírem-se como uma parte específica do meio ambiente dos seres humanos, sobretudo, no encontro com as propriedades radicalmente novas do meio e, depois, sua apropriação e interiorização pelos organismos singulares que, progressivamente, transformaram o psiquismo herdado da evolução e que possibilitaram a emergência do pensamento consciente em seu estado atual.

Essas ideias evidenciaram o caráter indissociável dos processos de organização social das atividades humanas e, conseqüentemente, abrem caminho para uma abordagem de explicação do funcionamento psicológico humano que implica, obrigatoriamente, a história das interações humanas, no espaço e no tempo em que ocorrem as práticas culturais tais como elas se organizam nas atividades e nas produções verbais coletivas.

O ISD se opõe radicalmente a três princípios da tradição filosófico-científica: (1) o da estabilidade e da finitude dos mecanismos de organização do universo, oriundos da física clássica de Newton. Esse tipo de teoria negligencia o caráter dinâmico e imprevisível da evolução do universo, ignorando os efeitos do tempo na emergência do conjunto de formas de organização inerte ou viva proveniente de uma matéria única (PRIGOGINE, 1986; MATURANA; VARELA, 1998); (2) o da aceitação da legitimidade do recorte de objetos e subprojetos de conhecimento, ou seja, da fragmentação das Ciências Humanas/Sociais e das demais propostas formuladas pela filosofia cartesiana, que, com isso, foram impedidas de abordar a problemática das relações de interdependência entre os aspectos psicológicos, cognitivos, sociais, culturais e linguísticos do funcionamento humano e a problemática dos processos evolutivos e históricos por meio dos quais essas diferentes dimensões foram geradas e se co-construíram; e (3) as duas teses dualistas e subjetivistas de Descartes (1641) que, primeiramente, propõem uma distinção radical entre os fenômenos físicos e os fenômenos psíquicos, considerando que estes últimos só podem ser atestados nos seres humanos, dado

como benefício de um gesto criador particular. Descartes propõe também que o psiquismo humano está na raiz de todo conhecimento, e que, conseqüentemente, seria necessário estudar primeiro as propriedades desse espírito para depois analisar os diversos tipos de manifestações coletivas que essa potência torna possíveis.

O ISD, ao contrário, por ser herdeiro de Spinoza, Hegel, Marx e Engels, e, por conseguinte, de Vigotski, assume a ideia da unidade da substância material e da continuidade dos processos que fazem emergir o psiquismo humano e, portanto, preconiza uma abordagem descendente, centrada sobre os efeitos da história coletiva humana e sobre a transformação permanente e correlativa dos fatos sociais, de um lado, e dos fatos psicológicos, de outro.

A corrente do ISD postulada por Bronckart se inscreve no movimento contemporâneo de tentar uma reorganização da problemática psicológica que trabalha em três níveis: (1) os pré-construídos históricos, que são as formações sociais, com os processos que as constituem e os fatos sociais que as geram (instituições, valores, normas) por meio das atividades coletivas gerais (atividades não languageiras), enquanto quadros que organizam o essencial das relações entre os indivíduos e seu ambiente; (2) as atividades de linguagem, que comentam as atividades gerais, explorando uma língua natural e que se materializam em diversas categorias de textos; e (3) as estruturas de conhecimentos coletivos que tendem a se abrir dos determinismos da atividade e da textualidade, e se organizarem segundo diferentes regimes lógicos.

O nível (1) trata da questão dos mundos formais, ou estruturas de conhecimento coletivos que buscam apagar os determinismos sócio-históricos da atividade da textualidade, em nome da racionalidade e da suposta neutralidade lógica, ou, melhor dizendo, faz-se um apagamento de todo um conjunto de dispositivos ideológicos produzidos ao longo da história do desenvolvimento dos pré-construídos textuais, as quais se constituem nos motivos e intenções sociosubjetivos, circunscritos num contexto sócio-histórico situado e datado, que promoveram a construção destes pré-construídos textuais (HABERMAS, 1987).

O nível (2) relaciona-se aos processos de mediação formativa, ou seja, aos processos deliberados por meio dos quais os adultos integram os recém-chegados ao conjunto dos pré-construídos disponíveis no seu ambiente sociocultural. Esse campo de análise diz respeito ao conjunto de processos de controle de avaliação das condutas verbais e não verbais que são implementados desde o nascimento até o fim da vida, assim como os processos educativos explícitos que se realizam, principalmente, nas instituições escolares (BRONCKART, 2006).

O nível (3) diz respeito aos efeitos que essas mediações formativas exercem sobre os indivíduos, podendo ele ser decomposto em duas problemáticas. Uma diz respeito às condições

de transformação do psiquismo sensório-motor herdado do pensamento consciente, fundador da pessoa, processo que já foi demonstrado ser resultado da interiorização das propriedades estruturais e funcionais dos signos linguísticos, tais como Saussure (1929/2008) descreveu (BRONCKART, 2003). A outra diz respeito às condições de desenvolvimento das pessoas e das suas capacidades ativas, no âmbito de transações entre as representações individuais (ou seja, as que têm sua sede numa pessoa) e as representações coletivas, veiculadas pelos pré-construídos (BRONCKART, 2002b).

Assim, o trabalho analítico de Bronckart se inscreve nas ciências dos textos e visam a mostrar como os mecanismos de produção e de interpretação dessas entidades verbais contribuem para a transformação permanente das pessoas agentes, bem como dos fatos sociais. Dentro desta perspectiva, postula-se que, para se compreender aquilo que é específico no humano, primeiramente devem-se analisar as características do agir no coletivo, porque é nesse âmbito que se constroem tanto o conjunto dos fatos sociais quanto as estruturas e os conteúdos do pensamento consciente das pessoas. Isto significa dizer que os conhecimentos são o produto da vida, e não o contrário.

Para Bronckart (2006), o termo *agir* tem um sentido genérico. Ele designa qualquer comportamento ativo de um organismo. A espécie humana é a única que parece ter operacionalizado o agir comunicativo verbal, mobilizando signos organizados em textos, que lhe permitem construir um espaço gnosiológico, ou seja, mundos de conhecimentos que podem se tornar autônomos em relação às circunstâncias individuais da vida, que podem se acumular no curso da história dos grupos. Assim, o ISD assume o agir verbal como agir de linguagem.

O agir geral humano pode ser apreendido no âmbito das atividades coletivas, isto é, das estruturas de colaboração/cooperação que organizam as interações dos indivíduos com o meio ambiente. Essas atividades podem ser diversificadas e podem ser classificadas em função de seus motivos antropológicos gerais (nutrição, defesa, reprodução etc.), ou de suas propriedades estruturais, que dependem de opções tomadas pelas formações sociais, sobretudo, em função dos recursos instrumentais de que elas dispõem. Essas atividades são permanentemente transformadas no curso da história das formações sociais. O agir de linguagem pode também ser apreendido sob o ângulo coletivo, na forma de atividade de linguagem, cuja função maior, destaca Habermas (1987), é a de assegurar o entendimento indispensável à realização das atividades gerais, contribuindo, assim, para o seu planejamento, sua regulação e sua avaliação.

As atividades de linguagem são diversificadas porque suas propriedades dependem também de opções assumidas pelas formações sociais da linguagem ou formações discursivas,

como também, e, sobretudo, porque elas dependem do tipo de atividade geral com a qual se articulam. Mas, vale ressaltar que as atividades gerais quase sempre demandam as atividades de linguagem, que, dessa forma, dependem das atividades gerais, sendo problemático distinguir entre essas duas formas de atividade e a identificação de suas modalidades de interação.

O agir geral também pode ser apreendido no âmbito de sua relação com os vários indivíduos singulares. Em um enfoque externo, a ação é um resultado das avaliações sociais de linguagem que dizem respeito à atividade coletiva: avaliações que recortam porções dessas atividades e atribuem responsabilidade por elas, isto é, os motivos, as intenções e o poder-fazer, a indivíduos singulares, constituindo-se, assim, em agentes da parte de atividade em questão.

Do ponto de vista interno, esses indivíduos que participam do processo de avaliação social de linguagem interiorizam e elaboram as avaliações referentes a eles, dotando-se de uma autorrepresentação de seu estatuto de agente e das propriedades de sua ação. Nessa mesma perspectiva, podemos definir ação de linguagem como uma parte da atividade de linguagem cuja responsabilidade é atribuída, por via externa ou interna, a um indivíduo singular, que, assim, torna-se o agente ou o autor dessa ação.

Para Bronckart (2006), os domínios da atividade são da ordem do sociológico e da ação, da ordem do psicológico. Essa realização se dá na forma de textos, construídos, de um lado, mobilizando-se os recursos lexicais e sintáticos de uma determinada língua natural e, de outro, levando-se em conta modelos de organização textual disponíveis no âmbito dessa mesma língua. Por isso, os textos podem ser definidos como correspondentes empíricos/linguísticos das atividades de linguagem de um grupo de uma determinada atividade de linguagem. Sob esse ângulo, e de modo paradoxal, se um texto mobiliza unidades linguísticas, e, eventualmente, outras unidades semióticas, ele não é, em si mesmo, uma unidade linguística, pois suas condições de abertura e de fechamento não dependem do linguístico, mas são inteiramente determinadas pela ação que o gerou. Essa é a razão pela qual Bronckart (2006) ressalta que o texto é uma unidade comunicativa verbal.

Além disso, na medida em que as formações sociais de linguagem têm elaborado, no curso da história, modelos de organização textual diversos, capazes de realizar empiricamente uma mesma ação de linguagem ou produção languageira, constituem-se, excepcionalmente, pela relação entre o agir comunicativo de um agente e uma espécie de texto. O que veicula o agir comunicativo no texto é o discurso constituído pelos fatores temporais e relacionais entre os agentes/homens com a finalidade de operar no mundo. Assim, o texto é concebido pelo ISD como “[...] unidade comunicativa verbal, oral ou escrita, gerada por uma ação de linguagem,

que se acumula historicamente *no mundo das obras humanas [...]*” (BALTAR, 2007, p. 147. Grifo do autor) que materializa o discurso, ou melhor, o dizer, que é visto também como agir geral das ações de linguagem que constituem a vida psicossocial humana.

Para Saussure (1929/2008), discurso é designado como sendo a operacionalização da linguagem por indivíduos em situações concretas. Trata-se, portanto, de vincular discurso às práticas e/ou processos de linguagem, em oposição ao uso do sistema linguístico. Já que a língua, vista pela perspectiva de sistema linguístico, provém de uma abstração teórica, ao passo que a realidade da linguagem é constituída por práticas situadas, sendo, portanto, mais adequado o uso do termo atividade de linguagem no quadro teórico do ISD, tendo a mesma conotação do termo *discurso* empregado em outras vertentes teóricas (BRONCKART, 2006).

Retomando a noção de texto como materialização da ação e relacionando-a com as operações estabelecidas entre este e o locutor, sendo este último dotado de capacidades distintivas para designar o que é um texto e o que não é, tem-se, então, que na consciência do locutor habitam os textos que circulam nas produções languageiras cotidianas, aferindo ao locutor a capacidade cognitiva de realizar análise das propriedades gerais dos referidos textos.

Nesta perspectiva, Rastier (1989) diz ser possível visualizar quatro componentes sistemáticos que determinariam a organização semântica de todo texto: temático, dialético, dialógico e tático. Para ele, cada texto exibiria uma combinação específica desses componentes, entre os quais somente o primeiro e o último seriam necessários, definindo, assim, semanticamente, a textualidade.

Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), por sua vez, distinguem cinco módulos como espaços de tratamento e de estruturação de informações de diferentes ordens (lexical, sintático, hierárquico, referencial e interacional). Estes autores também descrevem uma dúzia de formas de organização, resultante do acoplamento das informações oriundas desses diversos módulos.

Bronckart (2007/1999, 2006, 2005) propõe um modelo mais hierárquico de texto denominado de folhado textual, que se configura em três estratos superpostos, a saber: a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos. Este modelo consiste, em primeira instância, na admissão de que as condições de abertura e de fechamento dos textos não dependem de regras linguísticas, mas das condições de realização do agir de linguagem semiotizado por eles, fato que se explica pela imensa variabilidade de seu tamanho.

Em segunda instância, ressalta que a maior parte das formas de textualização é considerada, em termos de processos cognitivos, como a incidência sobre os parâmetros

sociointerativos dos quais, portanto, os referidos processos cognitivos, apesar de sua codificação linguística, dependem também dos paradigmas de recursos disponíveis na língua natural utilizada.

Por último, destaca que o procedimento analítico destes textos só pode se dar pela via descendente, partindo das atividades de linguagem e destas aos textos e seus componentes linguísticos, sendo apenas no quadro de tal procedimento que eventualmente poderiam ser identificadas determinadas regularidades que seriam independentes, determinadas operações atreladas ao contexto e determinadas particularidades dos paradigmas da língua natural utilizada, ou seja, regularidades do texto tomado como objeto linguístico abstrato. Embora o modelo proposto se constitua num movimento descendente, vale destacar que este modelo funciona em mão dupla: pois tanto o agir geral determina o agir individual como este último provoca mudanças no primeiro.

Nesse patamar, os textos são produtos da operacionalização de mecanismos estruturantes diversos, heterogêneos, e, por vezes, facultativos. Qualquer produção de texto implica, necessariamente, escolhas relativas à seleção e à combinação dos mecanismos estruturantes, das operações cognitivas e de suas modalidades de realização linguística. Nesta perspectiva, os gêneros de textos são produto de configurações de escolhas entre as possibilidades de produções languageiras que se encontram momentaneamente estabilizados pelo uso. Tais escolhas dependem do trabalho que as formações sociais de linguagem desenvolvem, para que os textos sejam adaptados às atividades que eles comentam, adaptados a um ambiente comunicativo, eficazes diante de um desafio social.

Desse modo, explica-se a propriedade mutante dos gêneros, pois eles acompanham as mudanças da história das formações sociais de linguagem. Além disso, os gêneros podem-se desvincular totalmente do propósito que os originou, tornando-se autônomo, em função de poder vir a expressar novas finalidades, em geral, os novos gêneros que vão surgindo nas formações sociais de linguagem são frutos de processos posteriores de reprodução ou mascaramento de gêneros antigos. Por último, assim como as demais ações humanas, os gêneros são afetados por avaliações de diversas indexações: referencial, comunicacional, cultural, dentre outras.

Com isso, não se pode estabelecer relações diretas entre agir de linguagem e gêneros de textos. Se as realizarem, far-se-ão por meio de uma adesão não crítica das indexações sociais sincrônicas. Daí advém a explicação para a impossibilidade de classificação estável e definitiva dos gêneros. No entanto, mesmo que se tenha dificuldade para classificar os textos, o fato é que

eles coexistem no ambiente da linguagem e se acumulam historicamente num subespaço dos mundos pré-construídos (HARBERMAS, 1987), que é constituído pela arquitextualidade concebida por Genette (1979) como uma organização de textos preexistentes; e da intertextualidade que focaliza os inúmeros processos de interação entre textos como no caso das citações e remissões. Daí decorre a capacidade de autorreflexividade ilimitada da linguagem humana, da qual esses fenômenos são uma das manifestações empíricas.

Assim, com base nas reflexões gerais realizadas até o momento da problemática acerca da relação linguagem e pensamento, será disposto a seguir o percurso realizado para a construção da unidade de análise assumida nesta investigação.

2.4 Delimitação teórica da unidade de análise (U.A.) focalizada na investigação

A presente investigação fundamentada nas orientações de Vigotski (1934/2009) acerca dos nexos interfuncionais do sistema psicológico focaliza o papel mutável que o sentido produz na atividade de leitura de gêneros de textos no ato do pensamento. Isto porque, segundo o autor, a linguagem não é uma expressão de um pensamento acabado. Ao modificar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica. Desse modo, “[...] O pensamento não se expressa, mas se realiza na palavra [...]” (VIGOTSKI, 1934/2009, p. 412). Contudo, “[...] o pensamento é sempre algo integral, consideravelmente maior por sua extensão e seu volume que uma palavra isolada [...]”⁴.

Vigotski tomou como U.A o significado da palavra por ela conter a propriedade semiótica mais padrão em termos de uso comunicativo nas práticas culturais, a ideia do significado dicionarizado, as convenções sociais assumidas dentro de um sistema verbal de linguagem. Ao passo que a palavra comporta possibilidades quase infinitas de significação verbal interior, ou seja, esta interação binária externo/interno inerente à dinâmica constitutiva da consciência humana é uma tensão dialética que se completa, mantendo a unidade integral do sistema psicológico em seu funcionamento, a qual Vigotski denominou de mediação. Pode-se, então, considerar que este sistema é nutrido por forças do trabalho psicogenético e social da consciência, cuja capacidade produtiva gera a criação verbal, um sistema sempre aberto, sempre numa posição de vir a ser, de transformação constante, construída na própria história material/concreta do desenvolvimento humano. Como dito por Vigotski (1934/2009, p. 485), “[...] A palavra é o fim que coroa a ação” e “[...] a palavra consciente é o microcosmo da

⁴ Id. p. 478.

consciência humana⁵”. Eis a posição por uma psicologia objetiva cujo método se faz na esteira filosófica do materialismo histórico-dialético, definido como método praxiológico que se configura como um mecanismo interligado e contínuo de um trinômio composto por ação-reflexão-ação do sujeito.

A praxiologia dentro da perspectiva vygotskiana orienta o caminho a ser percorrido pelo analista que assume este método de investigação. Diz o autor sobre o método de investigação que formula:

[...] A psicologia que deseje estudar as unidades complexas precisa entender isso. Deve substituir o método de decomposição em elementos pelo método de análise que desmembra em unidades. Deve encontrar essas propriedades que não se decompõem e se conservam, são inerentes a uma dada totalidade enquanto unidade, e descobrir aquelas unidades em que essas propriedades estão representadas num aspecto contrário para, através dessa análise, tentar resolver as questões que se lhe apresentam (VIGOTSKI, 1926/2009, p. 08).

Em conformidade com a citação acima, Newman e Holzman (2002) discorrem sobre o método analítico vygotskiano, alegando que a chave é a compreensão da relação instrumento-e-resultado e sua relação indissociável com o ferramenteiro, que, no caso desta investigação, é representado pelo agente-analista, o qual rastreia as significações do agente-leitor nas situações de interpretações dos gêneros de texto lido.

Esta concepção psicometodológica que se fundamenta na relação instrumento-e-resultado consiste em ajudar na criação de um produto específico para intervir na situação vivenciada em determinado contexto. Desta maneira, o processo de mediação é o cerne deste método por ser concebido como sendo um trabalho interpretativo do ferramenteiro, que diz respeito ao trabalho interpretativo do agente-analista sobre o trabalho de significação do agente-leitor, uma vez que as experiências sociais vividas determinam os modos como as representações são realizadas e singularizadas. Newman e Holzman (2002) dizem que é vital para este método entender a especificidade entre mudar particularidades e mudar totalidades, sendo esta uma atividade revolucionária por parte do analista, que se ocupa da compreensão das condições materiais que determinaram a relação instrumento-e-resultado no trabalho produzido pelo ferramenteiro, sendo aquele que transforma por meio de motivos e intenções para atribuir significados às ações de linguagem.

⁵ Id. p. 486.

[...] O que estamos chamando de atividade humana, em toda a sua infinidade de variações complexas, está sempre mudando o que está mudando, [...] Está mudando a totalidade histórica (ou mais precisamente, as várias totalidades) que determina o mudador. De fato, esta dialética-prática radicalmente não-dualista é o que a mudança (isto é, a atividade) é.
 [...] Instrumento e produto do instrumento são, por conseguinte, necessariamente, uma unidade produzida. [...] Como produtor da totalidade instrumento-e-resultado, o ferramenteiro é o mudador de totalidades históricas. Ele está envolvido em atividade revolucionária (humano-histórica) (NEWMAN e HOLZMAN, 2002, p. 61-62).

Assim, é possível apreender dessas formulações que o sentido deve ser situado exatamente como a capacidade humana de alterar a totalidade histórica, embora sejamos condicionados por ela. A prática de significar é uma expressão basilar da atividade revolucionária.

Apesar da presente investigação estar ancorada no método praxiológico proposto por Vigotski, não focaliza a mesma U.A. que o autor, a qual foi discutida acima como sendo a palavra, que é a U.A. por excelência nos estudos realizados pelo referido teórico acerca do pensamento verbal. Assim, fez-se necessário buscar novos aportes metodológicos compatíveis com a epistemologia vygotskiana para orientar o trabalho do analista em termos do material empírico considerado. Dessa maneira, foi no extenso programa de pesquisa de Bronckart e colaboradores que a U.A. foi delimitada, pois o grupo de Genebra fez adesão a uma psicologia interacionista-social no estudo da linguagem e em suas dimensões discursivas e/ou textuais.

De um lado, os textos e/ou discursos são as únicas manifestações empiricamente observáveis das ações de linguagem humanas (a língua é apenas um construto, as frases e os morfemas são apenas <<recortes abstratos>>) e, de outro lado, é no nível dessas unidades globais que se manifestam, de forma mais nítida, as relações de interdependência entre a produção de linguagem e seu contexto acional e social (BRONCKART, 2006, p. 14. Destaque do autor).

Sendo assim, é na atividade de leitura de gêneros de textos que a U.A. foi delimitada. Como bem coloca Bakhtin (2003), o texto é o espaço por excelência de se estudar o pensamento. Praticamente o autor descarta qualquer possibilidade de estudar pensamento fora da materialidade discursiva marcada no texto.

Continuando nesta convergência metodológica, Bronckart (1999) ressalta que os gêneros de textos são fruto das atividades de linguagem em constante funcionamento nas formações sociais; logo, um espaço possível de rastreamento dos vestígios materiais da história

do desenvolvimento do pensamento humano. Para este autor, os gêneros de texto “[...] ficam disponíveis no intertexto como modelos indexadores, para os contemporâneos e para as gerações posteriores [...]” (BRONCKART, 1999, p. 137) e ainda destaca que, independentemente do pertencimento do gênero, os textos se constituem de múltiplas maneiras e por segmentos diversos, a exemplo dos segmentos de exposição teórica, de relato, de diálogo, e que somente no nível desses segmentos se podem identificar as regularidades de organização e marcação linguísticas.

No entanto, a investigação que se apresenta difere do modo como Bronckart (1999, 2006) examina as ações de linguagem dos agentes humanos em contextos sócio-históricos específicos. O autor mantém um programa de pesquisa focalizado na atividade de linguagem de produção de textos escritos, ao passo que o foco desta pesquisa é na perspectiva do leitor de gêneros de textos e seu processo de significação. Contudo, acredita-se ser possível tomar nesta pesquisa o método analítico planejado pelo referido autor, uma vez que o leitor produz verbalmente o que significou na situação de leitura, que, no nosso entendimento, termina por gerar um novo texto. Na situação empírica construída na pesquisa, pedia-se ao leitor apenas que verbalizasse o que significou do texto lido, não se constituindo como uma sessão clássica de compreensão de leitura, pautada por um conjunto de perguntas pré-fixadas, com o intuito de avaliar certas operações cognitivas envolvidas na compreensão textual a exemplo do monitoramento e da inferência (OAKHILL; YUILL, 1996).

Adiante, mais especificamente na descrição da situação que gerou os dados da pesquisa, será detalhado o contexto da produção de leitura. Neste sentido, admite-se que o leitor é um produtor de texto, porque produz um trabalho de mão dupla, em que ele não só interage com o gênero lido, como também produz um novo texto, fruto desta interação. Ademais, o leitor também é produtor de texto porque tem um destinatário, a quem dirige sua produção de sentido e significado e verbaliza sua interpretação, que, no caso em específico, é o pesquisador.

Como consequência desta relação análoga entre os estudos de Bronckart (2006) e a presente investigação, optou-se, como unidade de análise, pela ação de linguagem, já que esta é a unidade psicológica que possibilita verificar a responsabilidade assumida por um agente singular no decorrer da atividade coletiva de linguagem.

Habermas (1987) pressupõe uma rede de conhecimentos comuns à qual a ação de linguagem se articula, e que, ao mesmo tempo, ela contribui para criar e para transformar realidades. Para este autor, os conhecimentos são de três ordens e definem os mundos objetivo, social e subjetivo. Desse modo, significa dizer que a atividade é permanentemente objeto de

avaliação, que ela é atestável nas e pelas avaliações do grupo. No nível das avaliações do mundo objetivo, há pretensões à verdade. As pretensões no mundo social estariam ligadas à adequação às normas e, no mundo subjetivo, as pretensões seriam representadas pela veracidade.

O agir comunicativo geral ou o agir comunicativo de linguagem é o meio pelo qual se constroem e se desenvolvem esses processos de avaliação. São avaliações formuladas no quadro das atividades de linguagem que atribuem a uma sequência de comportamentos um estatuto de validade relativo aos conhecimentos constitutivos dos três mundos e que, em outros termos, lhe dão sua significação e racionalidade.

São as avaliações sociais que promovem a passagem de uma sequência de comportamentos da ordem do acontecimento natural à ordem da atividade. Nesse sentido, atividade de linguagem é, ao mesmo tempo, constitutiva da atividade social e dos mundos formais que constituem seu contexto. A ação de linguagem, conforme descrita em momento anterior, é inicialmente um produto das avaliações sociais, podendo relacionar-se à atividade do grupo como um todo, mas também, pode referir-se a um agente em particular no decorrer da atividade.

A segunda consideração é que, dado que o agente participa da atividade do grupo, ele também contribui para as avaliações sociais. Como ilustração da dinâmica interacional entre ação de linguagem e as avaliações realizadas pelos agentes no quadro das atividades de linguagem, foi construído, com base nos estudos de aprofundamento da perspectiva teórica de Bronckart (1999, 2006), o fluxograma a seguir, com o intuito de sintetizar o movimento dialético da ação de linguagem que tanto gera produção de sentidos particulares pelo agente como aglutina uma gama de significados compartilhados socialmente. Assim, a ação de linguagem move-se em duas direções temporais simultaneamente: vai ao encontro do que já foi construído anteriormente, ação retrospectiva, e aponta para novas mudanças, ação prospectiva. O duplo movimento temporal da ação de linguagem acontece por meio do sistema de avaliação (verdade- mundo objetivo; normas e convenções – mundo social; e veracidade – mundo subjetivo) que ocorre em interação dinâmica e consciente do trabalho do agente.

Figura 1 – Movimento da ação de linguagem.

Fonte: Elaboração própria.

Dito de outro modo, em termos do duplo movimento da ação de linguagem ilustrado com as setas de conexão bidirecional entre os três vértices do fluxograma (produto das avaliações – ação significativa – produtora de avaliações), o agente constrói para si uma representação singular das coordenadas dos três mundos formais e aplica os critérios de avaliação (mundo objetivo – pretensão à verdade; mundo subjetivo – pretensão à veracidade e mundo social - análise das normas e convenções sociais), sendo a ação de linguagem configurada como produtora de avaliações singulares. A partir disto, a racionalidade atribuída pelo agente à sua própria ação é apenas um produto secundário da racionalidade social construída na avaliação da atividade coletiva, sendo a ação de linguagem tomada como produto das avaliações já elaboradas e compartilhadas socialmente pelos agentes sociais de uma dada comunidade.

Na direção de esmiunçar a ação de linguagem, Habermas (1987) apresenta três dimensões do agir humano numa relação implicativa com os mundos formais - objetivo, social e subjetivo constitutiva do processo de desenvolvimento das formações sociais: o agir teleológico, o agir regulado por normas e o agir dramaturgico, descritos a seguir.

O agir teleológico coloca em jogo as coordenadas do mundo objetivo. Esse primeiro aspecto da ação de linguagem é avaliado segundo critérios de verdade, isto é, os conhecimentos e opiniões do agente estão em consonância com a situação que está sendo avaliada. Além disso, outra avaliação que o agente realiza está relacionada ao critério de eficácia da ação que se configura como em que lugar se encontra o resultado objetivo da ação.

Já o agir regulado por normas é o processo de avaliação da ação de linguagem por meio do mundo social, o que é considerado como um quadro que determina as modalidades legítimas de relações interpessoais e do qual participam os agentes, quando desempenham um papel nessas interações reguladas. A legitimidade é o critério de avaliação desse modo de agir, que

se configura em verificar se a ação de linguagem está ou não em acordo com as normas reconhecidas como socialmente legítimas.

E, por último, têm-se o agir dramático, que está relacionado ao fato de que todo agente tem acesso privilegiado aos seus próprios pensamentos, desejos e sentimentos e realiza um trabalho de regulação desse fluxo íntimo ao acesso público. Para Habermas (1987), o agir dramático está implicado ao mundo subjetivo, que é organizado pelas experiências vividas do agente, sendo o resultado da interiorização do mundo social. A veracidade é o critério que avalia esse modo de agir, o trabalho avaliativo incide em averiguar se o estilo da ação do agente é sincero ou verídico.

Desta maneira, a ação de linguagem está implicada nas três dimensões anteriormente descritas do agir humano. Além disso, a avaliação é realizada pelo agente, sendo fundamentada pelos critérios de pretensão à validade que, por sua vez, estão envolvidos com o mundo objetivo, que seria a avaliação pautada no critério de verdade que emerge das regras e convenções sociais fincadas no processo de legitimação do que se considera socialmente aceito e compartilhado entre os agentes, e que repercute no mundo subjetivo de todo agente em particular. Assim, essa dinâmica interacional e indissociável entre os mundos objetivos, social e subjetivo e as dimensões avaliativas do agir humano, que são o agir teleológico, o agir regulado por normas e o agir dramático, os quais se constituem como dispositivos propulsores da situação da ação de linguagem (BRONCKART, 2006; HABERMAS, 1987).

É na própria construção do social e do semiótico que se situam, em última instância, os princípios explicativos do humano, ou seja, pela evolução e construção das organizações sociais em que se instauram as produções linguageiras em função das necessidades psicossociais humanas.

Nesse sentido, é a apropriação das características dos mundos (objetivo, social, subjetivo) postulados por Habermas que permite ao homem avaliar sua própria ação e saber-se agindo/aprendendo/desenvolvendo. A ação do homem, tanto individual como coletiva no mundo e pelo mundo e na natureza e pela natureza num movimento tenso, repleto de rupturas e acontecimentos, permite que o homem tenha a consciência de que ele é um agente dotado de intenções e motivos. A ação humana sempre é constituída de intencionalidade, ação é o meio pelo qual se objetiva atingir uma finalidade.

A construção dos mundos proposta por Habermas (1987) procede da racionalização do mundo vivido dos sujeitos individuais sob o efeito do agir comunicacional que caracteriza toda sociedade humana. A produção de uma atividade em grupo demanda, necessariamente, que

esteja combinado entre os interactantes um entendimento sobre o que são as situações nas quais se desenrola a atividade, ou seja, o contexto sócio-histórico em que acontecem. É o agir comunicativo verbal que constitui o meio pelo qual essa intercompreensão necessária se realiza.

Para Habermas, a linguagem é uma produção específica por meio da qual os humanos constroem conjuntamente as coordenadas formais dos mundos, sendo estas que tornam viável a avaliação das interações em curso, fazendo com que haja a transformação do estatuto do acontecimento natural ao estatuto da atividade unificadora de ações significantes.

Entre homens, o agir comunicativo verbal introduz um elemento intermediário entre o sinal e a resposta comportamental; ele introduz consequentemente uma forma determinada de colocações e correspondência entre o social e os estados ou acontecimentos do mundo. Acessível por sua própria materialidade às capacidades representativas do conjunto dos interactantes, essa proposição se torna socialmente negociável e contestável, e é nesse processo de negociação que se constroem as coordenadas formais dos mundos objetivo, social, subjetivo.

O agir comunicativo verbal consiste fundamentalmente na elaboração/trabalho dos interactantes (PEIRCE, 1931), ou dos valores (SAUSSURE, 1929/2008) que estão no âmago de todo sistema semiótico. E é na construção desses interpretantes que se realiza a fusão dos processos de representação e de comunicação, que Vigotski (2009, 2005) considerava como constitutivo do humano.

Nesse panorama, a produção linguageira introduz proposições negociáveis de correspondência formal entre sinais e acontecimentos, permite ao organismo humano transformar suas idiossincrasias do mundo em representações compartilhadas, controláveis e contestáveis pelos outros, ou seja, em representações racionais. Segue-se que a racionalidade é, primeiro, um produto social, e que é por um processo secundário de apropriação e de interiorização que se pode constituir a racionalidade psicológica ou pensamento.

Assim, no esforço de elucidar o funcionamento psicológico do agir humano no fluxo entre as atividades sociais e a ação de linguagem, conforme as proposições avaliativas de Habermas (1987), Bronckart (2006, p. 73) afirma que:

[...] o agente, desde que participa da atividade de um grupo, também participa e contribui para as avaliações sociais. E a interpretação que pode fornecer de suas próprias ações só pode, portanto, proceder da apropriação e da interiorização desse mesmo mecanismo de avaliação social. O agente constrói para si uma representação singular das coordenadas dos três mundos formais e aplica esses sistemas de critérios à avaliação da parcela de responsabilidade que lhe é atribuída; assim, ele constrói, para si mesmo, intenções e motivos.

Logo, é a apropriação dos modos de agir humanos que permite ao agente avaliar sua própria ação, e, por conseguinte, tomar consciência dos motivos e das intenções do seu agir. Então, é por intermédio do agir comunicacional verbal, ou simplesmente da produção linguageira que se efetiva a intercompreensão entre os agentes que produzem atividades coletivas nas situações sociais e constitui a consciência.

Essa tomada de consciência da ação de linguagem do agente se constitui sob o efeito do agir comunicacional verbal que caracteriza toda sociedade humana. Assim, a produção de uma atividade de grupo demanda o estabelecimento de acordos entre agentes sobre o que são as condições contextuais nas quais se desenvolve a referida atividade. Desse modo, tomando a leitura como atividade social, pode-se conceber que o trabalho de significação do leitor em condições contextuais de práticas de leituras é determinado pelos acordos estabelecidos entre o agente-leitor e o agente-autor, tendo como espaço de mediação semiótica o gênero de texto em que estes agentes expõem os consensos e as oposições que constituem os motivos e as intenções de ambos, implicando um trabalho de síntese do processo de significação. Este movimento na produção de sentidos e significados dos agentes-leitores nas práticas de leitura acontece pela intercompreensão entre o agente-leitor e o agente-autor num dado contexto social.

Sobre a significação, por conta do destaque que ela ocupa neste trabalho, buscou-se formulação em torno deste componente teórico, nas bases do materialismo dialético defendido por Vigotski, já que este quadro de referência psicológica é uma das vigas mestras da presente investigação. Assim encontrou-se, em Vigotski (1995), que:

A significação, quer dizer, a criação e o uso de signos, é a atividade mais geral e fundamental do ser humano, a qual diferencia em primeiro lugar o homem dos demais animais do ponto psicológico (VIGOTSKI, 1995, p. 84. Grifos do autor). Nos níveis mais altos de desenvolvimento, emergem relações mediatas entre pessoas. A característica essencial dessas relações é o signo [...] Um signo é sempre, originalmente, um meio/modo de interação social, um meio para influenciar outros e só depois se um meio para influenciar a si próprio⁶. [...]][(O signo] É o próprio meio/modo de articulação das funções em nós mesmos, e poderemos demonstrar que se esse signo o cérebro e suas conexões iniciais não poderiam se transformar nas complexas relações, o que ocorre graças a linguagem⁷.

Conforme Vigotski (1995), a significação é um processo psicológico do desenvolvimento humano centrado no princípio da atividade como prática social. O autor

⁶ Id, p. 83. Grifo do autor.

⁷ Id. p. 114 Ibid. Grifo do autor.

explica este fenômeno como sendo a produção de signos e sentidos enraizada nas condições concretas de existência, dando ênfase às relações intersubjetivas instauradas nas práticas culturais humanas. Logo, a significação é tomada como marcas ou efeitos que se produzem e impactam nas relações de produção material de natureza social, de signos e de sentido.

Os processos de significação intersubjetivos acontecem nas práticas culturais, as quais se legitimam e se instituem na história das relações estabelecidas, tornadas possíveis pela dimensão discursiva destas práticas, que implicam a memória afetada pelo discurso. A significação, como produção de signos e sentidos, é um trabalho coletivo contínuo, que provoca simultaneamente acordo mútuo, estabilização e diferença, melhor dizendo, há sempre instalada na significação um processo de intercompreensão constitutiva; sempre se tem algo passível de ser comum e há sempre heterogeneidade nas relações estabelecidas entre os falantes de uma língua natural (SMOLKA, 2004).

Assim, para se estudar o processo de intercompreensão entre os agentes sociais envolvidos em situação de ação de linguagem contextualizada, Bronckart (2006) destaca que o método analítico descendente do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) localiza-se no campo das ciências do texto e se inscreve no esquema geral que pretende revelar como os mecanismos de produção e de interpretação de entidades verbais, no caso de produção e interpretação textual, propiciam a transformação permanente das pessoas agentes, e, ao mesmo tempo, dos fatos sociais.

Para compreendermos aquilo que é específico no funcionamento humano, no caso a prática verbal, é primordial analisar, primeiramente, as características do agir coletivo, porque é nesse âmbito que se constroem tanto o conjunto dos fatos sociais quanto as estruturas e os conteúdos do pensamento consciente das pessoas.

Assim, fundamentada na análise descendente do ISD que criou um procedimento cujo percurso se inicia com as atividades sociais às atividades de linguagem e destas aos textos e a seus componentes linguísticos, explicitar-se-á os níveis que compõem a proposta analítica sobre a interpretação de gêneros de textos pelo leitor-universitário nesta investigação.

Inicialmente, assume-se que as formações sociais, previamente construídas nas atividades de linguagem com ênfase nas manifestações verbais da vida humana, tem o signo linguístico como sua principal fonte de representação. E para este estudo, toma-se o arquitexto social concebido por Bronckart (2006) como o espaço, por excelência, que favorece subsídios com potencial para observar o agir comunicativo verbal e que, por essa razão, constituem-se como fundamento para o agir humano verbal, já que é no arquitexto que está a habitação dos

conjuntos de práticas de linguagem convencionais e inusitadas produzidas no bojo dos acontecimentos sociais, repletos de intenções e motivos compartilhados por agentes de uma dada comunidade falante, sempre pré-disposta a mudança, por terem um caráter dinâmico e contínuo. Melhor dizendo, o arquiteito, conceito formulado por Genette (1979) e cunhado por Bronckart (2006) é o lugar no qual estão disponíveis modelos de gêneros de textos que podem ser apreendidos não só em função de suas propriedades linguísticas objetivas, mas também em função das etiquetagens e das classificações das que se tornam objeto e em função das indexações sociais das quais são portadores.

As determinações da língua natural e das práticas correntes de linguagem no âmbito da Academia e suas implicações nas ações significantes dos agentes-leitores também serão consideradas como ferramentas essenciais de análise. Pode-se pensar que neste nível estão em jogo o processo mútuo e implicado entre as agências sociais de determinações das atividades coletivas de linguagem e o agir comunicativo verbal do leitor em função das interações produzidas pelo conjunto de agentes que estão em constante ação avaliativa acerca das produções languageiras com pretensão a validá-las socialmente.

Os modos de avaliação do agente-leitor ou a semiotização evidenciada nas interpretações dos gêneros de textos em situações de leitura, ou melhor, nos efeitos produzidos pela interpretação do agir comunicativo na relação autor-texto-leitor comporá também o trabalho da análise. Pois se acredita que neste nível o agente-leitor formula uma síntese semiótica entre aquilo que foi internalizado das determinações sociais pré-estabelecidas e os motivos e as intenções pessoais com as quais se encontra engajado, sendo um ato de responsabilidade de sua ação perante as interpretações que realiza sobre um determinado gênero de texto, já que este é assumido como o agir comunicativo verbal humano por excelência.

Pode-se conceber como transformação semiótica de uma representação do agir comunicativo verbal, que seria produzido nas interações com os demais agentes que consomem e produzem gêneros de textos por meio de determinadas condições sociais, para cumprir determinados fins comunicativos e que são autorrepresentados pelos agentes singulares. Esta ação representacional não é uma cópia da comunicação verbal original, ou melhor do texto de base, mas, sim, um efeito produzido pelo trabalho semiótico do interpretante.

Trata-se, pois, de um trabalho de interpretação inter e intra-subjetiva ao mesmo tempo interpelado pela avaliação dos mundos representados em que o agir comunicativo é instaurado, circunscrito num tempo e num espaço sociocultural. Essa condição humana permite que se

conceba o agente-leitor capaz de conviver com as convenções sociais do agir comunicativo verbal e transformá-lo, sendo ator e construtor de fatos sociais.

Nesse sentido, os conhecimentos acionados pelo agente-leitor são produtos de relações inter e intra-sujeitiva, mediadas por um conjunto de signos, como afirmado por Vigotski (1989, 1991), pensamento, linguagem e as formações sociais são inseparáveis e, portanto, produzem a constituição do sujeito, pois não há pensamento sem semiotização e toda a prática semiótica implica e está implicada na interação social.

Já que a semiotização ou a produção de sentidos é o efeito de vivências inter e intra-subjetivas, é possível considerar que a evolução mútua das esferas cognitiva, psicomotora e sociocultural são promotoras das ações que, por sua vez, são orientadas por motivos e intenções para um determinado fim, por meio dos sistemas semióticos reconhecidos socialmente enquanto tais, como é o caso da língua, tomada como fato social na perspectiva saussuriana de signo linguístico (SAUSSURE, 1929/2008), pois é pela língua que os seres humanos estabelecem trocas comunicativas e, por conseguinte, produzem modos de expressão verbal tanto singular como social.

Ao desaguar no mundo, o ser humano é banhado pelo oceano linguístico e é por meio da apropriação deste sistema que a socialização com os seus semelhantes ocorre, à medida que as trocas comunicativas vão se intensificando, o sujeito se insere pela via da linguagem verbal e constrói seus conhecimentos. Vale ressaltar que o ISD focaliza atenção na ação de linguagem, em específico, na ação de linguagem presentificada nos processos de textualização pelos quais são concretizadas as condutas especificamente humanas nas práticas sociais de interação verbal (MATENCIO, 2007).

Para um estudo sistemático da ação de linguagem em processos de textualização, o ISD propõe que se focalize este fenômeno em uma língua particular e num gênero específico; isto porque estes condicionantes são impregnados de processos sociais e com potencial para exposição plena do funcionamento da linguagem por uma comunidade de agentes-falantes. Assim, é possível admitir a noção de texto como sendo resultado de ações simbólicas ou representações mentais e não somente linguísticas, à medida que contribuem com diferentes sistemas de conhecimento para a textualização, ou a significação via textos.

É na e pela textualização que o sujeito constrói um quadro de referência no qual se encontram ao mesmo tempo articulados o contexto da situação comunicativa e uma prática discursiva, com base em seus esquemas de ação, que o conduzem a operar com os conhecimentos linguísticos, textuais e discursivos. Desse modo, produzir significações via

textos envolve tanto o planejamento de ações situadas em uma atividade social (no caso o tempo e o espaço nos quais as significações ocorrem) como o agir languageiro que possam materializá-las (MATENCIO, 2003).

O ISD se ocupa na reflexão sistemática sobre o funcionamento psicológico da produção de linguagem. Para Schneuwly (1988), a produção de linguagem envolve três grandes instâncias de operações: (i) a de base de orientação; (ii) a de gestão textual; e (iii) a de linearização do texto. A partir dessas três premissas formuladas por Schneuwly, a presente pesquisa faz o deslocamento das mesmas para a análise da interpretação de gêneros de textos por uma agente-leitora. Nesta direção, a seguir, explicitar-se-á de que maneira as três instâncias são tratadas no plano das produções languageiras em situação de interpretação de gêneros de textos.

A primeira instância de operação é de base de orientação porque se relaciona à situação imediata da formulação que trata da instância da regulação externa da ação, remetendo-se, a um só tempo, ao dizível, ao lugar social em que ocorre a interação e aos objetivos que orientam a ação de linguagem. Desta maneira, parte-se da perspectiva de que é pela regulação externa da ação que se atribuem valores às práticas sociais que orientam a ação de linguagem na atividade, no que se refere tanto aos enunciadores como também ao espaço e tempo da interação social.

A gestão textual é a segunda instância de operação e envolve a ação de linguagem porque se configura na transformação dos parâmetros que orientam a ação de linguagem em representações internas que regulam a atividade geral de linguagem, sendo criada uma conexão entre o controle externo e interno da ação, entre as dimensões social e cognitiva implicadas na atividade de linguagem. Assim, é no cerne da atividade de interação que os agentes tomam decisões durante a dinâmica da ação de linguagem. Com isto, o gênero de texto lido servirá de ancoragem enunciativa para o leitor realizar o trabalho de interpretação.

Para Matencio (2007), nesta instância textual, põem-se em jogo as orientações relativas às dimensões de espaço e tempo que no quadro do ISD são as operações constitutivas dos mundos discursivos que acontecem com base em dois modos de planificar a ação de linguagem concebida como implicado e autônomo, que diz respeito ao fato de estarem ou não relacionados aos determinantes externos da ação.

No caso do modo de planificação implicado, este estaria imediatamente relacionado ao contexto social da enunciação; o cenário da produção verbal e os interlocutores produzem efeitos na representação discursiva do interpretante. No caso do modo autônomo de planificação, haverá uma articulação mediata das condições de produção social de linguagem. Esses modos de planificação vão incidir na interpretação do texto tanto no nível da organização

global, que seria o conteúdo temático nele veiculado, quanto no nível da organização local do texto, que seriam as sequências textuais utilizadas para configurar o que se encontra dito no texto.

Por último, a terceira instância está relacionada com o processo de verbalização do agente-leitor que se configura como as operações de linearização da ação de linguagem. É o uso situado do sistema da língua natural no agir comunicativo, materializado nos gêneros de textos.

Segundo Bronckart (2006), o desenvolvimento dos conhecimentos humanos apresenta-se como um processo contínuo de confrontar e de negociar o valor atribuído a um signo por uma pessoa individual com os valores atribuídos a esse mesmo signo nos diferentes pré-construídos coletivos. É por isso que a verdade dos signos só existe na interação, que a racionalidade de nossos conhecimentos se configura como produto de um processo de acordo social que se renova permanentemente e que incide, sobretudo, sobre a definição das condições de validação desses conhecimentos em sua confrontação com as experiências do mundo vivido. E é por essa razão que o processo de entrar em acordo por meio da linguagem possibilita o agir coletivo, o conhecimento do estatuto das ações e dos agentes, esse mesmo processo está permanentemente sendo reelaborado e se encontra inexoravelmente codificado de modo diferenciado nos diversos espaços de inscrição do pré-construído.

Na seção seguinte, apresentam-se os pontos arrematados da análise descendente proposta pelo ISD para composição dos indicadores de análise do fenômeno investigado neste trabalho. Ressalta-se também que foram tomadas nesta investigação, contribuições de outras perspectivas teóricas e metodológicas sendo articulada a proposta analítica do ISD, a exemplo da teoria bakhtiniana sobre a noção de vozes sociais presente nos discursos. Assim, passa-se a exposição da perspectiva analítica realizada na pesquisa.

2.5 Perspectiva analítica da pesquisa

Para proceder à análise da significação de uma agente leitora sobre a leitura de três gêneros de textos, foram tomadas as três instâncias de análise proposta por Bronckart (1999, 2006) descritas em linhas gerais logo acima, bem como o enlace desta abordagem metodológica com outras que se fizeram necessárias devido à complexidade e multidimensionalidade do fenômeno estudado. A seguir, encontram-se destacadas as categorias de cada instância que foram analisadas nesta investigação.

A primeira instância considerada nesta investigação ancorou-se nas condições de produção de um novo texto proposta pelo ISD. O agente-leitor, ao interpretar um gênero de texto, gerou um novo texto oral que, por sua vez, é produto da situação de ação de linguagem, que é regulada por parâmetros que vão incidir no processo de significação da leitura.

Os parâmetros envolvidos na produção de um novo texto estão relacionados às representações languageiras que um agente construiu para si mesmo. Assim, têm-se os parâmetros objetivos, nos quais as representações que um agente realiza são tanto de natureza objetiva, estando ligadas aos aspetos físicos da ação que é representada pela identificação do enunciador, de co-enunciadores e do espaço/tempo da produção; como por parâmetros sociossubjetivos da ação de linguagem que se constituem pelo tipo de interação social em jogo, o papel social que dela decorre para com os destinatários e, ainda, por objetivos eventuais que sejam produzidos nas relações estabelecidas na ação de linguagem entre os parâmetros objetivos e sociossubjetivos promovidos no espaço da interação comunicativa.

Vale destacar que as representações capturadas pelo analista não deram conta da totalidade da significação produzida pelo leitor, porquanto o trabalho do analista que prima pelo processo de construção é interpretar uma rede de relações entre os elementos essenciais envolvidos no fenômeno focalizado, daí a ideia de totalização, haja vista que os elementos analisados não foram o todo, mas contiveram o todo na unidade de análise privilegiada no estudo que é a ação de linguagem por ser esta a unidade psicológica que possibilita verificar a responsabilidade assumida por um agente singular no decorrer da atividade coletiva de linguagem.

Dito de outro modo, numa vertente analítica qualitativa, é permitido ao pesquisador verticalizar parte dos elementos envolvidos no fenômeno, haja vista que o primordial neste tipo de pesquisa é explicar as relações envolvidas na microgênese do fenômeno, as quais se mantêm interligadas com o fenômeno em sua totalidade. Isto explica o porquê de se estudar a totalização e não a totalidade fenomênica, já que essa última é impossível de ser capturada (AGUIAR, 2011; VIGOTSKI, 2004; NEWMAN; HOLZMAN, 2002).

Nesse mesmo quadro das representações de ação de linguagem do agente, foram admitidas possibilidades de outras representações referentes à situação e, ao mesmo tempo, consideraram-se os conhecimentos disponíveis no agente, relacionados ao conteúdo temático, expressos por meio da produção verbal, que seriam as macroestruturas semânticas elaboradas sobre um determinado domínio sócio-histórico, ou seja, construídas por meio das experiências

vividas e internalizadas pelos agentes-leitores disponíveis na memória. Desse modo, dá-se a construção dialética do funcionamento sociossubjetivos do agente.

Estas representações languageiras as quais o agente elabora e significa para si, provêm do arquiteyto social, destacado em momento anterior, como os modelos de textos apreendidos tanto em função de suas propriedades linguísticas objetivas como em função das classificações e das indexações sociais das quais são portadores, ou seja, dos gêneros de textos com os quais o leitor já teve oportunidade de entrar em contato em acontecimentos anteriores. Com efeito, a proposta de análise deste estudo assumiu os pressupostos metodológicos do ISD com foco em duas dimensões simultaneamente: (a) a dimensão das formações sociais ou os parâmetros da ação de linguagem (objetivo e sociossubjetivos); e (b) a dimensão da arquitetura interna dos textos.

Na análise das condições materiais e históricas da significação de uma agente-leitora em situação de leitura de gênero de texto, ou seja, em termos da dimensão das formações sociais ou os parâmetros da ação de linguagem, foram destacadas as seguintes categorias analíticas para o trabalho do analista no gênero entrevista semiestruturada, que foi realizada com os agentes-leitores:

2.6 Parâmetros objetivos da ação de linguagem

- ✓ Enunciador

Agente-leitor/trabalho de significação

- ✓ Espaço e tempo da ação

Ambiente universitário;

Tempo da formação acadêmica

2.7 Parâmetros sociossubjetivos da ação de linguagem

- ✓ Função do conteúdo temático na significação da leitura;
- ✓ Macroestrutura semântica acionada pela agente-leitora;
- ✓ A memória discursiva da agente-leitora;
- ✓ Binarismo discursivo adoção/adaptação ou reprodução/criação da significação após a leitura do gênero de texto.

As categorias dispostas acima foram o foco de trabalho do analista, com o propósito de desvelar uma rede de relações sócio-históricas, dentre um conjunto de perspectivas teóricas e

metodológicas que determinam a ação comunicativa dos agentes em contextos situados de práticas languageiras, mais especificamente na situação de linguagem de práticas sociais de leitura. No caso em relevo, a história de leitura da agente-leitora, os tipos de leitura que praticou ou pratica, as agências de letramento (eg. escola, família, igreja, comunidade) as quais vivenciou ou vivencia serão reveladas e relacionadas aos modos como a agente trabalha a interpretação de gênero de textos nas situações de leitura destacadas nesta investigação, a saber: significação do gênero Crônica; do gênero Artigo Científico e do gênero Artigo de Opinião.

Os determinantes sócio-históricos supracitados possuem características mais gerais numa atividade sociocomunicativa, cuja função primordial se configura na potencialização do agir languageiro particular de cada agente. Logo, o processo de significação dos agentes imersos em um grupo social que se comunica basicamente por meio do signo verbal é potencializado por essas atividades gerais vividas e internalizadas ao longo da vida do leitor, e, por conseguinte, funciona como determinante no trabalho de interpretação de gêneros de leitura.

Outra categoria trabalhada na análise foi o papel do conteúdo temático na significação da leitura dos agentes-leitores, por possibilitar o desvelamento da influência desta categoria na proliferação dos sentidos e significados produzidos, pois é sabido que há uma estreita relação entre conhecimentos antepassados, melhor dizendo, as mediações sobre o conteúdo temático e o processo psicológico de significação imediato/situado da pessoa. Esta possibilidade de análise é fruto da teoria psicológica vygotskiana, mais especificamente acerca do processo de desenvolvimento da mente social humana (VIGOTSKI, 2004, 2001).

Este autor se propõe a explicar como a mente humana se transforma em uma mente social/cultural sob o ponto de vista psicogenético da psicologia, explicando a relação indissociável entre homem-mundo numa construção integral biopsicossocial da mente humana. A análise focou a perspectiva das operações psicológicas que subsidiam a praxiologia humana. Logo, explicou a ação humana integrada entre linguagem e pensamento e seu processo de desenvolvimento psicológico por meio dos signos verbais, que, no caso deste trabalho, é a ação de leitura dos gêneros de textos Artigo Científico, Artigo de Opinião e Crônica. Sob este aspecto, a análise incidiu na significação que o agente-leitor constrói em função do conteúdo temático veiculados nos gêneros de textos lidos.

O trabalho de análise sobre a macroestrutura semântica acionada foi relacionado aos usos linguísticos realizados pelo agente-leitor para representar a sua significação da leitura realizada, para representar o trabalho de interpretação do agente-leitor diante da leitura dos gêneros de textos e os recursos linguísticos que marcam as passagens analisadas também no

gênero Entrevista. Desse modo, observaram-se as marcas linguísticas utilizadas pelos agentes-leitores durante a leitura que simbolizam os sentidos e significados produzidos. Aqui seria o trabalho do agente-leitor em termos da coerência verbal global articulado ao trabalho de interpretação que realizou a partir da estrutura composicional dos gêneros de textos lidos com a significação dos gêneros de textos lidos que gerou a produção do texto empírico pelo agente-leitor.

A memória discursiva situa-se no domínio enunciativo, pois o pré-construído, melhor dizendo, todos os textos lidos pelo agente-leitor nos mais variados contextos e agências sociais de leitura, funcionam como um arquivo que se atualiza a cada momento que o agente entra em contato com novas leituras de gêneros de texto, pela sua natureza fluida, contrária a qualquer tentativa de encerrar uma classificação de gêneros, por ser a língua e o sujeito dois sistemas dinâmicos que se entrelaçam a todo instante em situação de comunicação de linguagem verbal, mas o novo, o inusitado em matéria de ação de linguagem não se dá no vácuo. Sempre esta ação inovadora estará amparada em situações passadas, pois a memória discursiva é construída na relação tensa entre passado e presente na ação de linguagem do agente-leitor vivenciada nas formações sociais, que nem sempre são vividas de modo plenamente consciente por parte do agente.

Têm-se, com isto, uma dimensão ideológica que interpela o trabalho de significação do agente-leitor em novas situações de leitura. A exterioridade, ou as formações sociais, são fatores cruciais na construção da memória discursiva, já que esta se constitui na relação de alteridade com o outro que é o interlocutor (real ou virtual) e o Outro que é a historicidade, concebida sob a forma do interdiscurso. Sob esta ótica, a interpretação é o gesto de autoria, já que o agente-leitor é instado a significar apoiado em dois movimentos de alteridade que se complementam: a mediação, que seria a historicidade, os interdiscursos ou pré-construídos e a interação de linguagem produzida pelos interlocutores na situação de leitura (ORLANDI, 2006, 2005, 2004).

Sobre o binarismo discursivo imbrincados nos parâmetros socio subjetivos da ação de linguagem do leitor, no caso da interpretação dos gêneros de textos lidos, que foram um Artigo de Opinião, um Artigo Científico e uma Crônica, aquele foi focalizado em paralelo ao dueto adoção/adaptação. A adoção seria a reprodução do significado a partir do gênero de texto lido e a adaptação seria os sentidos produzidos pelo agente-leitor na ação de interpretação da leitura do referido gênero de texto. Logo, esta análise identificará de que maneira este binarismo discursivo adoção/adaptação é gerado durante a produção de sentidos dos agentes-leitores (BRONCKART, 2005).

É fundamental deixar claro que esses parâmetros determinantes da produção de leitura de um texto foram reconhecidos simultaneamente, pois formam uma propriedade única: o contexto, melhor dizendo, as formações sociais nas quais os agentes encontram-se engajados culturalmente.

O outro ponto explorado na análise relacionada às condições de produção de um novo texto empírico delineado pelo ISD (BRONCKART, 1999, 2006), e assumido nesta investigação, diz respeito ao esquema da arquitetura textual, também denominado como folhado textual. Este tipo de análise é fundamental, pois o texto é o lugar de materialização da significação produzida por um agente-leitor, configurado em três níveis estruturais superpostos descritos brevemente a seguir.

A partir de tal descrição, destacaram-se quais os indicadores (ou categorias) de cada um dos três níveis foram focalizados na análise dos dados desta investigação, por acreditar que o recorte metodológico da proposta analítica de Bronckart (1999) propiciou maiores evidências em termos da significação gerada pelo agente-leitor na situação de linguagem relacionada à leitura dos gêneros de texto trabalhados nesta pesquisa.

Bronckart (2006) apresenta os mundos discursivos aos quais os tipos de discursos estão atrelados, são eles: o mundo discursivo na ordem do EXPOR e o mundo discursivo da ordem do NARRAR. Para a análise deste nível da arquitetura textual, verifica-se a operação psicológica que o agente materializa no texto empírico, as quais se configuram nos formatos semióticos que organizam as relações entre as coordenadas do mundo vivido de um agente e as de sua situação de ação e dos mundos construídos coletivamente.

Assim, os tipos de discurso são evidenciados como as formas semióticas mais locais constituídas por sequências frásticas que constituem o texto empírico, ou seja, são os segmentos que por si mesmos não se constituem como textos, mas que entram em jogo na composição dos textos em modalidades variadas.

Então, as distinções entre os mundos na ordem do EXPOR e na ordem do NARRAR relacionadas ao grau de implicação e de autonomia perante a situação de produção de linguagem permitem definir quatro mundos discursivos: (a) mundo do expor implicado conjunto; (b) mundo do expor autônomo conjunto; (c) mundo do narrar implicado disjunto; (d) mundo do narrar autônomo disjunto (BRONCKART, 1999; CRISTOVÃO, 2001).

Desse modo, é por meio das operações psicológicas de implicação e autonomia presentes na situação de ação de linguagem produzida que se pode evidenciar o tipo de discurso presente nos mundos discursivos destacados acima. No mundo do discurso do expor implicado

conjunto, tem-se o tipo de discurso interativo. Já no mundo do discurso do expor autônomo conjunto, tem-se o tipo de discurso teórico. Em relação ao mundo do discurso do narrar implicado disjuntivo, tem-se o tipo do discurso relato interativo e no mundo do discurso autônomo disjuntivo, tem-se o tipo de discurso narração. Para uma síntese da descrição sobre a relação entre os parâmetros físicos da ação de linguagem e conteúdo temático dos mundos discursivos veiculado no plano geral do texto, Bronckart (1999, p. 157) organizou o quadro disposto a seguir.

Quadro 1 - Coordenadas gerais dos mundos.

		Conjunção	Disjunção
		EXPOR	NARRAR
Relação ao ato de produção	Implicação	<i>Discurso interativo</i>	<i>Relato interativo</i>
	Autonomia	<i>Discurso Teórico</i>	<i>Narração</i>

Fonte: Bronckart (1999, p. 157).

Assumindo essas coordenadas dos mundos discursivos para a situação de recepção textual, acreditou-se que com essas operações, isto é, os tipos de discursos, foi possível, por meio das formas de organização linguística, analisar o tipo de avaliação do agir comunicativo (agir teleológico, agir dramático e o agir regulado por normas) e seus respectivos mundos (objetivos, sociais e subjetivos) que preponderam para o agente-leitor no ato da produção de sentidos e significados do gênero de texto que interpreta. Isto porque permite situar o espaço-tempo da produção, uma vez que estão ou não articuladas aos parâmetros objetivos e sociossubjetivos da ação de linguagem analisada.

Dessa maneira, concebeu-se que o processo de significação dos agentes na situação de linguagem de leitura de gêneros de textos pudesse ser rastreado pelo analista e, por conseguinte, o trabalho de interpretação produzido pelos agentes-leitores, já que este trabalho é apoiado na concepção de leitura como ação interlocutiva, como ação de cooperação mútua entre autor-leitor, mediados pela ferramenta discursiva textual.

Com efeito, a interpretação vista como uma injunção ao agente-leitor para significar pode ser entendida como um trabalho que se realiza amparado nos mundos (objetivo, subjetivo e social) que constituem a relação integrada entre pensamento e linguagem, produzindo o agir comunicativo humano pautado na alteridade entre os interlocutores envolvidos na situação de linguagem e na alteridade entre os pré-construídos dos gêneros de textos que historicizam o agir comunicativo do leitor, revelando as interações e as mediações realizadas no processo de

significação do agente-leitor, na situação de linguagem que o analista está focalizando em seu trabalho (ORLANDI, 2006, 2005, 2004).

Assim, foi conduzida neste nível da arquitetura textual uma análise que destacou a identificação e a organização dos tipos de discursos produzidos pelo agente-leitor acerca da avaliação dos gêneros de textos interpretados por ele, cuja formulação se fez pelas formas linguísticas, em específico, pelos tipos de pronomes e pelo tempo verbal representados na enunciação do agente-leitor, ou seja, se o tempo verbal está articulado ou não à situação de produção por meio das operações conjuntas (discurso expositivo implicado/autônomo) ou disjuntas (discurso narrativo implicado/autônomo), sendo, portanto, observado se a avaliação produzida, a qual se constitui no agir comunicativo teleológico, no agir regulado por normas e no agir dramático de Habermas (1987), encontra-se representada pelos tipos de discurso interativo, tipo de discurso teórico, tipo de discurso relato interativo e tipo de discurso narração. Esta instância da análise é o que Bronckart (1999, 2006) denomina de processo de agentividade heterogênea do discurso, pois é por meio dela que se pode produzir uma variação combinatória nos modos de dizer, mesmo com a finitude do sistema linguístico de uma língua natural, e também pela composição temática de um texto que, em geral, é formulado pela variação do agir comunicativo por meio dos tipos de discurso.

Além do procedimento de análise da formulação dos tipos de pronomes e do tempo verbal (conjunto/disjunto) à ação de linguagem produzida, outro dado que ressaltado pelo ISD quando se está no nível de análise do plano geral da arquitetura textual é que na heterogênesse dos tipos de discursos representados no texto produzido, comporta-se um tipo principal e um ou vários tipos secundários ou subordinados, e também se pode verificar outros tipos subordinados a esses tipos secundários num processo potencialmente infinito, denominado como articulação de tipos de discurso por encaixamento. Além do encaixamento, tem-se o modo de articulação por fusão que dar-se por meio da mistura de tipos de discurso, que se assemelha ao encaixamento por representar um tipo de discurso principal e um secundário, mas diferencia-se do encaixamento porque o tipo secundário se integra ao tipo principal, e, além disso, traz marcas linguísticas específicas.

Assim, considerou-se, no nível da infraestrutura textual, a análise dos tipos de discurso nos textos produzidos pelos agentes-leitores na situação de linguagem de interpretação de gêneros de textos nos seguintes aspectos:

- ✓ *Os tipos de pronomes e o tempo verbal dominante encontrado nos tipos de discursos representados no texto produzido;*
- ✓ *Articulação dos tipos de discurso por encaixamento e/ou por fusão nos textos produzidos pelo agente-leitor no ato da interpretação.*

Ao dar continuidade aos níveis de análise da arquitetura textual, chega-se ao nível denominado de mecanismos de textualização, com a função de promover a articulação linear dos tópicos frasais, tendo em vista o destinatário e os elos hierárquicos de sentido lógico e/ou temporal contido no texto, sendo identificados como conexão, coesão nominal e coesão verbal.

Na análise realizada em termos do processo de significação do agente-leitor na situação de interpretação de gêneros de textos, destacou-se o trabalho produzido pelo interpretante quanto aos usos da coesão verbal no seu processo de verbalização. Isto porque a distribuição dos marcadores de organização temporal (tempos verbais, advérbios) depende mais claramente dos tipos de discursos em que aparecem (BRONCKART, 1999). Este nível de análise possibilitou observar, por meio da coesão verbal, a unidade de análise linguística pinçada neste trabalho, como as interpretações produzidas são representadas por meio dos signos linguísticos enunciados por uma agente-leitora, formulados na situação de linguagem tratada na investigação, no caso, os gêneros de textos lidos, os quais geraram novos textos empíricos.

Face ao exposto, nas interações encontradas entre os tipos de discursos existentes na interpretação dos gêneros de textos significados pelos agentes-leitores, destacaram-se também os organizadores textuais relacionados à coesão verbal, mais especificamente os tempos verbais dominantes e os advérbios, que funcionaram como os conectores entre os tipos de discursos em termos da evolução do conteúdo temático do texto produzido, sendo considerados uma das dimensões da análise da arquitetura interna dos textos durante o processo de significação de uma agente-leitora integrados na e pela enunciação. Ou melhor, nos modos de dizer, os elementos contextuais (parâmetros objetivos e socio subjetivos da ação de linguagem) e co-textuais (os tempos verbais e os advérbios), evidenciando a unidade entre as operações psicológicas (relações interdependentes entre mundos discursivos e tipos de discursos) e as formas linguísticas que exprimem os mundos discursivos acionados na significação dos agentes-leitores.

O terceiro e último nível de análise se constituiu na superfície da arquitetura textual, designados pelo ISD como mecanismos de enunciação e contribuem para o estabelecimento da coerência pragmática ou interativa do texto, que tanto explicitam as avaliações do tipo

juízo, opiniões e sentimentos, que podem ser formuladas em termos de outros aspectos do conteúdo temático, como expressam os agentes das referidas avaliações.

Ao apontar os mecanismos de enunciação como parte integrante do arquitepo, Bronckart (1999) propõe que se contemplem as instâncias de reponsabilidade formais do texto chamadas de narrador e/ou expositor. Neste trabalho, o leitor é um agente discursivo que vai produzir formulações tanto na ordem do NARRAR como na ordem do EXPOR, haja vista que são formulações enunciativas derivadas destas duas macrotipologias de discurso, tanto numa dimensão geral destas instâncias frente ao conjunto das operações subjacentes à organização textual, como numa dimensão específica, a qual se efetiva pela relação estabelecida entre estas instâncias com os mecanismos enunciativos elencados pelo ISD, que é o posicionamento enunciativo, as vozes e as modalizações.

No caso desta pesquisa, é assumido que o agente-leitor é enunciador, pois assume a noção formulada por Genette (1986) de posicionamento enunciativo, já que produz e explicita sentidos e significados verbais dos gêneros de texto que interpreta, e que ora formula tipos de discurso evidenciados pelas formas linguísticas selecionadas para o procedimento de análise dos dados (tempos verbais e advérbios) tanto na condição de narrador implicado à situação de produção de linguagem (tipos de discurso relato interativo) ou na condição de narrador autônomo à situação de produção de linguagem (narração), como na condição de expositor implicado com a situação de produção de linguagem (tipos de discurso interativo) ou na condição de expositor autônomo à situação de produção de linguagem (tipo de discurso teórico).

Neste nível de análise, observou-se como o agente-leitor significa o gênero de texto a partir dos tipos de discursos que enuncia durante o processo de interpretação, sendo possível verificar se o agente-leitor interpreta os gêneros de textos de modo conjunto ou disjunto à situação de produção de linguagem que está regulando os sentidos e significados produzidos, e se estes estão mais articulados aos parâmetros físicos ou sociossubjetivos da situação de linguagem a partir das avaliações que estabelecem entre os mundos discursivos propostos por Habermas (1987) (mundos objetivo, social e subjetivo), cuja função primordial é regular o agir comunicativo dos agentes (agir regulado por normas, agir dramatúrgico e o agir teleológico) nas práticas culturais as quais se encontram em contexto situado de interação social.

Logo, conforme orientações do ISD, para estabelecer relação acerca do agir comunicativo de Habermas (1987) em termos dos mundos discursivos que ele propõe para explicar as avaliações produzidas pelo agente-leitor em situação de interpretação de gêneros de texto, relacionados ao conteúdo temático neles veiculados, faz-se necessário recorrer a um

procedimento de análise que focalize as modalizações, já que a finalidade principal é “[...] traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos comentários ou avaliações formulados a respeito de alguns elementos do conteúdo temático [...]” (BRONCKART, 1999, p. 330). Isto implica considerar que o agente leitor poderá assumir a instância do narrador ou do expositor na sua produção de sentidos e significados em consonância com os mundos discursivos que serão veiculados no conteúdo temático da sua enunciação.

Ao considerar que o agir comunicativo verbal se constitui pelo processo avaliativo da ação de linguagem em situação de interpretação de gêneros de textos, o ISD, inspirado na teoria dos três mundos de Habermas (1987), formula quatro funções de modalização, a saber: lógicas, deônticas, apreciativas e pragmáticas.

Vale destacar que cada tipo de modalização se apoia em critérios de avaliação dos mundos discursivos. Assim, as modalizações lógicas produzem avaliações apoiadas em algum critério de verdade oriundos do quadro das coordenadas formais do mundo objetivo. As modalizações deônticas geram avaliações apoiadas nos valores, nas opiniões e nas regras e normas do mundo social. Estes dois primeiros tipos de modalização são traduzidos por unidades de marcação, como os tempos verbais do condicional, os verbos auxiliares, os advérbios e as orações impessoais. No caso das modalizações apreciativas, as avaliações procedem do mundo subjetivo da voz que é a fonte desse julgamento, sendo enunciados como benéficos, infelizes, estranhos etc. do ponto de vista da entidade avaliadora, no caso do agente-leitor, sendo marcadas, especialmente, por advérbios ou orações adverbiais. Por último, as modalizações pragmáticas contribuem para a explicitação de alguns aspectos da responsabilidade de uma entidade constitutiva do conteúdo temático (personagens, grupo, instituições etc.), em relação às ações do agente em termos das intenções e razões do seu agir comunicativo e são marcadas especialmente pelos auxiliares de modo em sua forma estrita ou ampliada.

Bronckart (1999) destaca que, ao contrário do que ocorre com os mecanismos de textualização, a distribuição das funções de modalização explicitadas acima é expressa de forma relativamente independente dos tipos de discurso, sendo possível observar que há textos saturados de unidades de modalizações e há textos em que estas mesmas unidades são raras ou ausentes. O autor explica que o binarismo ausência/saturação das funções modalizadoras está articulado, sobretudo, à configuração textual, favorecendo ou não os processos de avaliação no agir comunicativo.

Logo, ressalta-se que a relação entre configuração textual ou coerência pragmática e os elementos constitutivos do conteúdo temático dos gêneros de texto Artigo Científico, Crônica

e Artigo de Opinião destacados nesta pesquisa são um espaço privilegiado para se observar as funções de modalizações dispostas acima por se constituírem por conteúdos temáticos que favorecem o debate, a discussão, portanto, o trabalho de avaliação do agente-leitor.

As funções modalizadoras (lógicas, deônticas, apreciativas e pragmáticas) foram observadas neste nível da análise para verificar os critérios de avaliação na significação de uma agente-leitora após a leitura dos gêneros de texto referidos acima.

Por último, esta perspectiva analítica explorou a noção de vozes implícitas e explícitas, presentes nos mecanismos de enunciação construídos por Barbosa (2014) entre os pressupostos metodológicos do ISD e o dialogismo bakhtiniano (BAKHTIN, 1929/2011). Barbosa (2014, p. 53) destaca que “Todo discurso é orientado a uma resposta e a compreensão da pessoa que é singular, responde os outros discursos. [...]”. Com isso, concebe-se a leitura como um ato responsivo, uma vez que o agir linguageiro também é constituído por meio da internalização de vozes derivadas da enunciação presente no texto lido, da situação imediata de produção de leitura e das interações passadas do leitor produzidas com interlocutores reais (outras pessoas) ou virtuais (outros textos). Conforme tal perspectiva, o trabalho de compreensão de leitura será construído por um movimento dialético pautado em réplicas (por concordâncias e/ou oposições) ao discurso alheio, sendo este configurado de modo real ou virtual.

Mas, por se configurar como uma investigação com intenções e motivações relacionadas aos processos envolvidos na recepção textual, fez-se necessário abordar um dispositivo teórico e analítico sobre leitura compatível com a perspectiva assumida pela pesquisa. Logo, contou-se com parte das categorias/componentes da escola brasileira de análise do discurso, representadas por Orlandi (2005, 2006), porquanto esta abordagem tem como ponto de contato com a perspectiva assumida pelo ISD dois fundamentos básicos: (i) a base filosófica de ambas está assentada no materialismo dialético marxista; e (ii) a noção de linguagem como transformadora e criadora de realidades socioculturais situadas. Assim, passa-se a apresentar parte os componentes constitutivos da teoria de leitura tomada nesta pesquisa.

2.8 A teoria de leitura assumida na investigação

A leitura, nesta pesquisa, não é concebida como uma questão dicotômica - tudo ou nada/certa ou errada. É, sim, uma questão de natureza, de condições, de modos de relações, de trabalho de produção de sentidos. No texto, encontra-se um leitor virtual, constituído no ato da escrita, aquele leitor que o autor já imagina/destina o seu texto e para quem ele dirige. O leitor

real, aquele que de fato lê o texto, pode se opor ou apoiar as ideias do autor do texto. Por isso, para se compreender o que se lê, são exigidos do leitor interação e trabalho (ORLANDI, 2006; MARCUSCHI, 2008).

Para Orlandi (2006), o processo de interação da leitura tem como fundamento a relação constitutiva entre leitor real e leitor virtual. Portanto, um jogo interacional que acontece numa relação de confronto, pois o leitor nesta abordagem não interage com o texto, mas com outros sujeitos (autor, leitor virtual etc.). Dito isto, a autora destaca a historicidade como um dos componentes essenciais das condições de produção de sentido na leitura, não apenas a historicidade do texto, mas também da historicidade da própria ação de leitura.

A historicidade nesta abordagem se efetiva por meio da memória denominada de interdiscurso nesta perspectiva. A memória discursiva é o componente que se constitui na relação de interseção entre a historicidade do texto, do já dito, do pré-construído sócio-histórico e a historicidade da ação do leitor, nos modos discursivos como ele trabalha a leitura. Entende-se que o interdiscurso ou memória discursiva como é tratada aqui se constitui pela interação entre o contexto imediato da situação de leitura e o contexto sócio-histórico, portanto, mediato, dos já ditos (dos discursos) no texto. É nesta relação de tensão entre os já ditos que os sentidos produzidos pelo leitor emergem.

Dessa maneira, o jogo interacional estabelecido entre o autor e o leitor, favorece que estes se identifiquem como interlocutores e assim desencadeiam o processo de significação do texto. Orlandi (2006, p. 10) afirma que “[...] Leitura e sentido se constituem simultaneamente, num mesmo processo [...] que se configura de formas muito diferentes, dependendo da relação (distância maior ou menor) que se estabelece entre o leitor virtual e o real”, sendo esta relação estabelecida entre os interlocutores na situação de leitura do texto.

Além da memória discursiva e das relações estabelecidas entre os interlocutores da situação de leitura, há ainda as noções de implícito e de intertextualidade como mais dois componentes das condições de produção de leitura. A noção de implícito aponta para o fato de que nem tudo lido está dito. Aquilo que não está dito, mas está significando, melhor dizendo, as relações de sentido que se estabelecem entre o que o texto diz e o que ele não diz, mas poderia dizer e entre o que ele diz e o que outros textos dizem. Estas relações de sentido estabelecidas entre um texto com outros textos constituem outra condição de produção de leitura: a intertextualidade.

Diante dos componentes acerca das condições de produção de leitura indicados acima, entra em jogo a noção de texto como uma proposta de sentido que se encontra aberta a várias

alternativas de compreensão. Nesta visão, a coerência de um texto é uma perspectiva interpretativa do leitor e não se acha inscrita de forma completa e unívoca no texto. Então, esta noção de texto é compatível com a noção de gênero de texto por conta da sua principal característica: a relação de estabilidade momentânea de sentido em função dos usos que se faz destas ferramentas comunicativas em contextos situados e circunscritos nas práticas socioculturais verbais

Outro componente das condições de produção de leitura, denominado de relações de força, é constituído pelo lugar social dos interlocutores, sendo os sentidos de um texto determinados pela posição que ocupam aqueles que o produzem, quer sejam os autores ou os leitores. Como exemplo das relações de força ou posição discursiva assumida pelo enunciador, “[...] têm-se que se o leitor ou autor, fala, enuncia a partir de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno [...]” (ORLANDI, 2005, p. 39).

Orlandi (2006) destaca que a atribuição de sentidos na leitura de um texto tanto se compõe pela reprodução do sentido dado pelo autor do texto, denominado de leitura parafrástica, como pela proliferação de sentidos, denominada de leitura polissêmica. Saber ler aqui implica conceber que o sentido é uma construção que se faz por uma complexa rede de relações. Então, pode-se dizer: de significação.

Assim, ao estudar o fenômeno da significação sobre três gêneros de textos lidos por uma agente-leitora, foi fundamental a análise do processo de leitura baseada em componentes analíticos que primam pelas condições de produção de sentido na e pela linguagem. Ou melhor, nas relações de: (i) memória discursiva; (ii) interlocução na situação de leitura do texto; (iii) implícitos no texto; (iv) intertextualidade; e (v) relações de força discursiva (as posições sociais assumidas pelos interlocutores) estabelecidas no momento da situação comunicativa instaurada, portanto, do trabalho de produção de sentidos.

Nesta direção, estudar a história de leitura do leitor é um ponto crucial quando se assume uma perspectiva teórica e metodológica fundamentada em processos de significação por conta da relação de sentidos que se instauram entre os interlocutores envolvidos na situação de leitura de gêneros de texto. Destarte, os componentes das condições de produção de sentidos destacados foram tomados para analisar os dados construídos na entrevista realizada com a agente-leitora participante da pesquisa.

Analizou-se o fenômeno com base: (i) na filosofia do materialismo histórico-dialético, que postula a integralidade entre o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista da vida humana; (ii) numa ciência psicológica que prima pela unicidade do sujeito, concebendo o ser

humano como pessoa biopsicossocial; e (iii) das ciências da língua e do discurso, que se configuram como campo de estudo teórico e metodológico que permite rastrear os vestígios da história das formações sociais e as formas de regulação destas na formação social subjetiva, significadas por um ser humano em particular (BRONCKART, 2007, 2006; HARBERMAS, 1987; ORLANDI, 2006, 2005). Nessa senda, a análise é orientada e dispõe dos mecanismos amplamente discutidos nesta proposta de análise como um instrumento possível que funciona como ferramenta que busca elucidar, dentre uma gama de possibilidades, resultados coerentes com as questões de pesquisa que se visa a responder (NEWMAN; HOLZMAN, 2002; GONÇALVES, 2011; AGUIAR, 2011).

Como foi explicitado ao longo deste referencial teórico, fez-se uma forte adesão às orientações do ISD e todo um assentamento de viés sócio-histórico da perspectiva de consciência humana para só então retomar-se os objetivos da pesquisa, anunciados inicialmente na introdução, neste momento acompanhados das justificativas que apoiam a dinâmica empírica do presente estudo.

Frente ao exposto, destaca-se inicialmente o objetivo geral: investigar a significação de gêneros de textos por uma agente-leitora universitária em diferentes formações sociais de linguagem, sendo, portanto, o aspecto central que se almejou alcançar com o desenvolvimento da investigação. Para tal, foram delineados os seguintes objetivos específicos: (i) compreender o papel representado pelas vivências de leitura passadas e atuais da agente-leitora em espaços diversificados e compartilhados com grupos sociais distintos e sua possível influência no processo pessoal de significação de gêneros de texto. Formulou-se tal objetivo com a intenção de se analisar o material construído por meio da entrevista realizada com uma agente-leitora, em termos da sua prática sócio-histórica de leitura; (ii) analisar os modos de representação psicológica, linguística e discursiva materializados em textos empíricos por uma agente-leitora na situação de significação de leitura de três gêneros de texto: Artigo Científico, Crônica e Artigo de Opinião. Foi o segundo objetivo específico formulado, com a intenção de serem analisadas as escolhas das unidades linguísticas realizada pela agente-leitora na significação que realizou após a leitura dos três gêneros de texto; e (iii) identificar o agir languageiro desta agente-leitora em situação de interpretação dos gêneros de texto explorados nesta pesquisa. Foi o último objetivo formulado, com a intenção de se identificar e discutir o agir languageiro de uma agente-leitora em termos da adoção ou adaptação discursiva presente na significação que realizou após a leitura de uma crônica, de um artigo científico e de um artigo de opinião. Feitas essas considerações, passa-se para a apresentação do método de investigativo.

3 MÉTODO INVESTIGATIVO

Esta seção é destinada a explicitar o caminho percorrido para a configuração metodológica da pesquisa.

3.1 Tipo de pesquisa

O aporte metodológico desta investigação é de natureza qualitativa e sistêmica, de base ideográfica, uma vez que se propõe a “[...] entender/interpretar as significações que uma pessoa dá aos fenômenos em foco, [...] em que são valorizados o contato pessoal e os elementos do *setting* natural do sujeito [...]” (TURATO, 2004, p. 26), bem como implica, por parte do pesquisador, assumir que o fenômeno é estudado como um sistema que faz parte de um contexto particular e, portanto, não pode ser separado dele para explicá-lo e, sendo assim, um sistema complexo, dinâmico, propiciador de contínuas negociações de significados no ato da interpretação (RONDEL, 2003; SCHWANDT, 2006).

Assim, a opção pela pesquisa qualitativa foi fundamentada pelas escolhas epistemológicas assumidas nesta investigação, a partir das questões norteadoras e dos objetivos propostos, e, sobretudo, pela tomada de decisão por uma análise descendente focalizada no referencial teórico discutido, sendo, pois, uma investigação que busca a verticalização de um fenômeno eminentemente humano “significação de gêneros de textos por uma agente-leitora universitária em diferentes formações sociais de linguagem”, no movimento interativo e indissociável entre pensamento e linguagem por uma via de mão dupla entre as (1) formações sociais, que se constituem nas condições de produção de linguagem; e (2) as representações languageiras individual evidenciadas na interpretação dos gêneros de texto lidos, sendo esta decisão tomada como encaminhamento da análise descendente proposta pelo ISD consubstanciada com parte dos componentes das condições de produção de leitura proposta pela escola brasileira de análise de discurso.

3.2 Delineamento da pesquisa

Nesta pesquisa, optou-se pela modalidade *Estudo de Caso Único*, pois permite que se estude “[...] um indivíduo, um grupo, uma organização, um fenômeno, etc. [...]” (GIL, 2009, p. 49), porquanto favorecem o estudo de um caso completo. Ressalta-se que se buscou tanto manter o princípio de singularidade que rege os procedimentos analíticos do estudo de caso como primar por uma análise com profundidade.

Mas, o que está em jogo nas pesquisas que optam pelo delineamento *Estudo de Caso* é o fato de não separá-lo do seu contexto, ou, dito de outro modo, das condições de produção do acontecimento do fenômeno que se está estudando, buscando-se com isto a interpretação do fenômeno como ele acontece, como ele é de fato, mas ao mesmo tempo como este acontecimento atual estabelece relações com situações passadas, com as manifestações processuais possíveis, peculiares ao fenômeno, capturadas pelo pesquisador no momento da análise.

Por essa razão, utilizaram-se dois instrumentos na construção dos dados: (i) entrevista individual sobre espaços e vivência de leitura de agentes-leitores, e; (iii) sessões de interpretação de gêneros de textos por uma agente-leitora, para possibilitar uma análise integrada entre o local em que ocorre o fenômeno, os atores envolvidos, os eventos ocorridos e os processos dinâmicos que os constituem (GIL, 2009), compatibilizada com a proposta analítica da pesquisa, não se configurando de modo unidimensional e hierárquico, portanto fragmentado, e sim multidimensional e integrado, composto por um movimento dialético contínuo.

3.3 Cenário da pesquisa

Este estudo foi dimensionado a partir do material existente no banco de dados do Grupo de Estudo e Pesquisa em Linguagem, Letramento e Leitura (GEPELLL), o qual é vinculado ao diretório geral de pesquisa do CNPq.

O material empírico desta pesquisa foi construído na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), na Unidade Acadêmica localizada em Recife/PE, no centro acadêmico de formação de professores. Em termos do ambiente físico em que ocorreram os encontros entre a pesquisadora de iniciação científica e a participante da pesquisa, foi possível contar com o gabinete da professora coordenadora do projeto de pesquisa para que o material empírico fosse produzido sem interferências e para que pudesse fluir com a maior naturalidade possível. Os dois encontros duraram em média 50 minutos, cada um.

O período de construção dos dados, realizado por duas pesquisadoras de iniciação científica, deu-se durante o desenvolvimento de um projeto de pesquisa mais extenso, compreendido entre dezembro de 2008 a dezembro de 2010⁸.

⁸ FERREIRA, S. P. A. Constituição do professor-leitor: estudo exploratório das condições de leitura e compreensão textual em alunos universitários. Instituição de Fomento: FACEPE APQ-0375-7.07/08. Vigência do projeto: 2008-2010.

3.4 Procedimento de seleção do caso estudado

Os participantes eram alunos de graduação matriculados em períodos variados de formação, do 5º ao 10º período, pertencentes a cursos de licenciatura também diversos. No entanto, para a investigação atual, foram realizadas leituras sucessivas e refinadas de todo o material produzido, num conjunto de dados produzidos por 20 agentes-leitores.

Por meio destas leituras, selecionaram-se as produções de leitura e a entrevista de uma agente-leitora, configurando o caso estudado por atender às intenções e motivações que regeram esta pesquisa de doutorado. Com isso, partiu-se para a análise dos dados.

3.5 Instrumentos e procedimento de construção dos dados

Como destacado na subseção intitulada *cenário da pesquisa*, os dados analisados são parte do material existente no banco de dados do GEPELLL. Dois momentos configuraram a produção dos dados, e no momento inicial prosseguiu-se com uma entrevista semiestruturada composta por cinco questões e com uma sessão de leitura de um dos três gêneros de texto explorados na pesquisa: uma Crônica, intitulada *Piscina*, de Fernando Sabino, composta por 30 linhas dispostas em uma folha de papel A4, com extensão verbal composta por 301 palavras (ANEXO A); um Artigo de Opinião, intitulado *Adoção à brasileira*, disposto na coluna de Leonardo Attuch, publicada na revista *Isto é* de 27/8/2005, localizada na página 46 - o referido Artigo de Opinião é formatado em layout de duas colunas, composto por aproximadamente 95 linhas e 473 palavras (ANEXO B) - e um Artigo Científico, intitulado *Sexualidade e violência, o que é isso para jovens que vivem na rua?* (NOGUEIRA; BELLINI, 2006), composto por sete laudas, das quais a primeira tem formato normativo da revista científica na qual foi publicada a referida produção. Este contém três versões de resumos: uma versão em língua vernácula, uma versão em língua inglesa e outra em língua espanhola. As demais laudas são dispostas em formato de duas colunas e apresenta uma extensão verbal composta por 4.963 palavras. (ANEXO C). No segundo momento, aconteceu mais uma entrevista composta por duas sessões de leitura dos dois gêneros de texto que não foram lidos na sessão anterior. Ressalta-se que os critérios de seleção dos três gêneros de texto foram descritos na introdução deste trabalho.

Antes de proceder com a coleta dos dados propriamente dita, a pesquisadora de iniciação científica abordava, individualmente, os alunos matriculados nos componentes curriculares perguntando se gostariam de participar de uma pesquisa sobre a “Constituição do professor-

leitor universitário”. Em seguida, caso respondessem positivamente, a pesquisadora de iniciação científica explicava os objetivos da pesquisa e solicitava que o participante voluntário lesse e assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tomando ciência dos cuidados éticos explicitados no documento elaborado pela professora coordenadora da pesquisa (APÊNDICE A) Registro CEP/CCS/UFPE Nº 31408.

Após a aceitação voluntária e a assinatura do TCLE, procedia-se, inicialmente, com a entrevista. Neste primeiro encontro, a pesquisadora de iniciação científica conduzia a entrevista por meio de um conjunto de cinco perguntas ligadas à história e a condições de leitura dos participantes dentro e fora do espaço escolar e acadêmico, com a intenção de conhecer a trajetória e atividades de leitura do agente-leitor. Na ocasião, a pesquisadora de iniciação científica deixava o participante livre para responder às questões norteadoras da entrevista (APÊNDICE B).

Como eram três gêneros de texto, foi necessário realizar dois encontros em dias distintos, compostos por três sessões esquematizadas abaixo, para evitar que a fadiga interferisse na significação das leituras realizadas por cada participante.

Primeiro encontro

Sessão A - roteiro de questões de histórias e condições de leitura dos participantes dentro e fora do espaço escolar e acadêmico.

Sessão B – Significação de leitura do gênero de texto Crônica, intitulado *Piscina*, de Fernando Sabino.

Segundo encontro

Sessão C – Significação consecutiva dos dois gêneros de texto restantes, no caso: o Artigo Científico, intitulado *Sexualidade e violência, o que é isso para jovens que vivem na rua?* e o Artigo de Opinião *Adoção à brasileira*.

Para a construção dos dados das sessões de significação dos gêneros de textos pelos agentes-leitores, procedeu-se com uma única pergunta: “o que você significou deste texto?”. Contudo, vale destacar que este procedimento realizado nas sessões A, B e C quanto à significação de texto favoreceu a geração de um novo texto por parte dos agentes-leitores.

Como recurso do registro dos dados, por consentimento expresso de cada participante, utilizou-se a gravação em áudio da entrevista e das significações dos gêneros de textos lido nos dois encontros e, posteriormente, transcritas na íntegra para o encaminhamento de possibilidades de análise.

3.6 Procedimento analítico

A análise foi conduzida em três momentos: (a) pré-análise, constituída pelo processo de seleção do caso a ser analisado; (b) análise das condições de produção de leitura; e (c) análise descendente da arquitetura textual adaptada ao procedimento analítico realizado por Barbosa (2014). O processo analítico inicial se constituiu na seleção do caso para se proceder com as duas análises posteriores. Realizou-se mais de uma leitura em todo o material existente no banco de dados do GEPELLL, produzido no projeto de pesquisa “A constituição do professor-leitor universitário”, referente ao aluno universitário, já que este banco de dados é composto de material produzido por mais dois tipos de agentes universitários: professor e bibliotecário. Foi lido mais de uma vez todo o material produzido dos 20 leitores universitários que participaram voluntariamente da pesquisa, para que, a partir desse trabalho, fosse selecionado o Caso para as análises realizadas na presente investigação.

Quando se trata de trabalho analítico com material de banco de dados, a pré-análise é fundamental para identificar: (i) a situação comunicativa materializada na produção de leitura dos gêneros de textos lidos por agentes-leitores; e (ii) o procedimento de transcrição de registros audiogravados. Estas identificações viabilizam o entendimento geral do contexto imediato em que houve a produção verbal do texto lido e permite que se proceda com a seleção do Caso típico, compatível com os objetivos propostos na investigação que se almeja realizar. Após este momento da escolha do Caso, procedeu-se com a análise das condições de produção da leitura.

O procedimento analítico das condições de produção de leitura foi regido pelos seguintes elementos: (i) história de leitura do Caso selecionado para análise; (ii) processo interlocutivo instaurado entre as pessoas diretamente envolvidas na situação comunicativa, denominados de interlocutores diretos/reais (agente-leitora e pesquisadora de iniciação científica) e interlocutores indiretos/virtuais (professora coordenadora do projeto de pesquisa, personagens e autores dos gêneros de textos lidos); e (iii) o contexto de produção da pessoa, tempo e lugar, ou seja, a representação da agente-leitora sobre aspectos físicos, sociais e subjetivos presentes na relação indissociável entre pensamento e linguagem.

Ressalta-se que esta análise foi realizada com o entrelaçamento entre a proposta dos parâmetros físicos e sociossubjetivos preconizado pelo ISD, e parte dos componentes da produção de leitura formulados pela escola brasileira de análise de discurso. Após este momento, foi iniciada a análise descendente dos textos orais gerados a partir da leitura dos gêneros de textos selecionados na pesquisa. O momento posterior de análise corresponde ao folhado textual do modelo de arquitetura interna dos textos proposto por Bronckart (1999).

A arquitetura textual, como último passo analítico dado nesta pesquisa, configurou-se por meio dos níveis hierárquicos propostos pelo ISD. Assim, procedeu-se à análise das operações psicológicas realizadas pela agente-leitora na situação de significação de leitura dos três gêneros de texto lidos sob a perspectiva tridimensional constituída pelos: (i) *mundos virtuais ou discursivos* através dos tipos de discursos; (ii) *textualização* através dos organizadores textuais com função de organizadores da compreensão de leitura; (iii) *coerência pragmática* através dos modalizadores e gestão de vozes.

Nas operações dos mundos discursivos e de textualização, as decisões tomadas pela agente-leitora face às leituras dos três gêneros de texto que leu estabelecem a coerência textual, como também escolhas sobre o(s) tipo(s) de discurso, derivadas do processo de compreensão de leitura. Nas operações pragmáticas, a coerência interativa do texto é estabelecida pelos mecanismos enunciativos: modalizadores e gestão das vozes.

Para o propósito da pesquisa empreendida, a proposta de análise do ISD (folhados textuais e operações dos mundos discursivos do agente) foi adaptada para as operações do agir linguageiro da agente-leitora em que tomou decisões e/ou escolhas nas significações produzidas após a leitura que realizou da Crônica, do Artigo Científico e o do Artigo de Opinião. Através dessa adaptação do modelo analítico, buscou-se compreender as significações das leituras realizadas pelo mecanismo receptivo mobilizador da produção de sentido.

A análise do dialogismo bakhtiniano, adaptado no estudo de Barbosa (2014) foi adotada nesta pesquisa e consumou o nível da coerência pragmática, na dimensão extralinguística. Esta análise refere-se ao posicionamento responsivo do leitor frente a pergunta: “O que você significou do texto?”, para atender às expectativas da coordenadora do projeto de pesquisa, que formulou tal questionamento intencionada e motivada no campo do conhecimento científico sobre processos de compreensão de leitura. Com isso, foi possível analisar o movimento discursivo da agente-leitora materializado pelos mecanismos de adoção e de adaptação do discurso (BRONCKART, 2005). Com a descrição dos procedimentos de análise, passa-se para a apresentação e discussão da análise dos dados da investigação em tela.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados, desenvolvida neste estudo apresenta e discute as representações que foram explicitadas na entrevista individual e nas sessões de significações dos três gêneros de textos lidos (Crônica, Artigo Científico e Artigo de Opinião) pela agente-leitora, ou melhor, aquela pessoa caracterizada como participante ativa do processo de avaliação social de linguagem, dotando-se de uma autorrepresentação de seu estatuto de agente e das propriedades de sua ação.

Na entrevista, buscou-se desvelar como se desenvolveu a constituição leitora da voluntária da pesquisa. Isto, reconstruindo o caminho desta constituição desde o início da infância até o momento da entrevista, em diferentes espaços físicos e comunidades sociodiscursivas de natureza formal e informal como: família, escola, biblioteca, universidade, igreja e comunidade. O que permitiu encontrar subsídios/evidências de quanto esse contexto sócio-histórico, de caráter objetivo, interpela a constituição sociossubjetiva do agente-leitor, melhor dizendo, de quanto as formações sociais atravessam a construção da subjetividade do leitor ao longo de sua vida (VIGOTSKI, 1934/2009)

Já nas sessões de significação de leitura, procedeu-se com análise que permitiu rastrear as operações psicológicas realizadas pela agente-leitora em seu processo sociossubjetivo em termos das formas de comunicação verbal, representadas pelos recursos linguísticos, que a agente-leitora estabeleceu com os três gêneros de textos de base lidos. Assim, a análise incidiu sobre as escolhas das unidades linguísticas/semióticas, realizadas pela agente-leitora na situação comunicativa interlocutiva.

A análise também foi dirigida para favorecer o intercâmbio entre o que fora produzido pela agente-leitora na entrevista e nas sessões de significação, construindo interconexão entre todas as situações comunicativas acontecidas nos momentos de construção dos dados.

Mediante as considerações preliminares acerca da proposta de análise, passa-se, então, à apresentação e discussão dos dados construídos a partir dos parâmetros da situação de comunicação verbal sobre a entrevista e sobre a significação dos três gêneros de texto produzidas por uma agente-leitora, chamada ficticiamente de *Sofia*.

4.1 Configuração dos parâmetros físicos e socio subjetivos da ação de linguagem produzida na entrevista e na significação da Crônica pela agente-leitora na interação com o pesquisador

✓ *Dados da constituição leitora de Sofia em diferentes formações sociais*

Sofia informou na entrevista, sobre o seu contexto familiar, em relação ao grau de instrução dos pais, que a mãe possui terceiro grau incompleto e o pai segundo grau completo. Tinha incentivos e apoios constantes para os estudos e a para a leitura pela avó paterna e pela mãe, sendo destacado por Sofia que a avó teve um maior grau de influência em sua formação leitora do que sua mãe.

Sofia [...] nós somos os únicos netos **que minha avó tinha**, né? [...] então desde criança **ela estimula a gente o hábito de ler**, a gente morava no interior, na fazenda, e não tem aquele pessoal que passa vendendo livro? Todo mundo que chegava com qualquer tipo de livro, **ela comprava**, então desde criança, a gente sempre teve muito livro de história, enciclopédias é ... de culinária, é... tudo, tudo que fosse tipo de leitura, então sempre foi um hábito de criança mesmo... **que ficou pela minha mãe que era professora, né? E pela minha avó, muito mais pela minha avó do que pela minha mãe, né?** [...]

Ao dar continuidade às informações relativas à sua constituição leitora, Sofia destacou os gêneros de textos e livros a que tinha acesso e os temas que costumava ler na infância, no contexto familiar, também por determinações sociais provenientes da prática religiosa em que Sofia e sua família se engajavam.

Sofia [...] esse hábito pela leitura, pelos **contos**, pela questão do **folclore**, **a gente tinha muitas coleções**, [...] todo mundo que chegava lá em casa, ia naquela estante e [...] Lê uma **historinha** pra mim, **pegava o livro e pedia pra ler**, né? [...] Eu nasci num **lar evangélico** e também minha avó que também era evangélica [...] ela gostava muito dos livros bíblicos, **bíblia ilustrada, livro de escola dominical** pra fazer **culto doméstico** [...] **então a gente sempre foi muito cercada de leitura, né? Leitura em geral, então é um hábito de casa mesmo.** [...] **culinária** [...] **gibi também**. Adorava ler gibi quando era criança. [...] Ágata Cristie, Jonh Prisma, Sthephen King também, **eu gosto muito de ler histórias** [...].

Outras vivências de leitura passadas informadas por Sofia, que colaboraram para sua constituição leitora, foram as leituras realizadas no contexto escolar, mencionando apenas uma

experiência no primeiro ano do ensino médio, que foi a indicação de leitura dada pelo professor de filosofia, de algumas obras do filósofo alemão Friedrich Nietzsche.

Sofia [...] eu tinha um **professor de filosofia** [...] **Nietzsche não é uma leitura pra adolescente** [...] **Exige um pouquinho mais de conhecimento sobre certas áreas, né? Só que como eu já tinha um hábito de leitura**, como eu disse, de criança [...] **muito boa argumentadora, porque quando você lê muito, você tem mais propriedade nas palavras, aí ele achava que eu compreendia, ele dava, e eu fazia** [...].

Em relação às leituras que estava vivenciando no momento da entrevista, Sofia conta que só havia tempo para as leituras relacionadas ao cumprimento das exigências acadêmicas das disciplinas que estava cursando e para as leituras relacionadas à sua atividade profissional de professora das séries iniciais do ensino fundamental.

Sofia [...] é mais voltado pra **faculdade** [...] **Quando eu comecei a trabalhar de manhã e de tarde** [...] E aí eu comecei a **ler mais obrigatoriamente, ah porque tem um trabalho pra fazer** [...] devido eu trabalhar de manhã e de tarde, você acaba acumulando a leitura da faculdade, muitas vezes, né? [...] **uma leitura mais voltada pro profissional mesmo, fazer plano de aula, né?** Se bem que eu gosto de trabalhar leitura com os meninos [...]

Com essas informações acerca da constituição leitora de Sofia, identificou-se por meio das formações sociais trazidas pela sua memória discursiva que as internalizações realizadas foram favorecidas através das mediações sociais produzidas pelas experiências de leitura sobre os gêneros de textos com funções sociais e propósitos comunicativos diferentes.

Assim, em consonância com as proposições analíticas da escola brasileira de discurso, representada por Orlandi (2005, 2006), considerou-se que a história de leitura é constituída por componentes de linguagem considerados indissociáveis. O primeiro componente das condições de produção de sentido foi a memória discursiva de Sofia, a qual pode ser identificada pelas práticas sociais de leitura que ela realizou em momentos e espaços de leitura distintos que vivenciou até o momento da pesquisa (escola, família, trabalho, universidade, amigos).

Além da memória discursiva, identificou-se também, na história de leitura de Sofia a relação com interlocutores, tanto reais (avô e o professor de filosofia, por exemplo) como virtuais (autores das letras das músicas que ouviu, os personagens dos filmes que assistiu e os personagens e autores dos livros que leu); os quais favoreceram as interações verbais,

promotoras de compartilhamentos de sentidos de leituras entre agente-leitora e os interlocutores com quem conviveu ou convivia até o momento da pesquisa.

A intertextualidade foi outro componente observado na história de leitura da agente-leitora, uma vez que ela elencou: as leituras dos livros que havia feito; os tipos de filme que gosta de assistir e do estilo de música que gosta de ouvir, evidenciando, assim, os conteúdos temáticos com os quais teve contato ao longo de sua trajetória leitora.

Desse modo, entendeu-se que as formulações sociodiscursivas de Sofia foram marcadas pelas lembranças dos contextos sócio-históricos provenientes das práticas culturais vividas na família, na igreja, na escola, na universidade e no trabalho. Estas funcionando como instâncias de produções discursivas entre os demais interlocutores (mãe, avô, irmãos, amigos, pastor, professores, colegas de sala de aula, colegas de trabalho, alunos) que participavam destas situações sociais em termos das interações verbais efetivadas com Sofia, nas diferentes posições sociais assumidas por ela, nos diferentes contextos sociais ao longo de suas experiências comunicativas (filha, neta, amiga, evangélica, professora, aluna do ensino médio, aluna universitária e professora, colega de turma).

✓ *Dados sociosubjetivo de Sofia na ocasião da pesquisa*

A agente-leitora é Graduanda de Licenciatura Plena em Pedagogia no turno da noite, cursando o sétimo período letivo e professora das séries iniciais do Ensino Fundamental nos turnos manhã e tarde. Além da posição social de aluna de graduação e professora da educação básica, Sofia informou que participava de outras atividades sociais, as quais se constituem por comunicação verbal e não verbal. Informou gostar e frequentar o teatro, relatando a sua última ida a este espaço propiciador de comunicação interacional verbal e não verbal, bem como as últimas peças a que assistira.

Sofia [...] **na última vez que eu fui ao teatro, foi agora em janeiro, no festival de grandes espetáculos**, que eu fui assistir **Recife assisti árvores de Julia**, assisti **a peça de Lilinha** [...] **mercadorias**, acho que é esse o nome. [...], Recife foi bem legal, inclusive tá passando agora de novo, que é uma trilogia, sábado e domingo tem outra apresentação lá no Ermírio Borba, os produtores são todos daqui de Pernambuco.

Informou também gostar de assistir com muita frequência a filmes e destacou os gêneros de filmes com que mais se sente envolvida:

Sofia [...] **filme é uma coisa viciante**, lá em casa tem TV a cabo né? aí, [...] **todo mês pra me concentrar, pelo menos uns dois filmes por semana, agora de pedacinho eu assisto todo dia, né? Porque são vários canais de cinema lá na TV a cabo**, não posso nem ficar em casa se não, não consigo estudar (risos). [...] **eu gosto de drama, eu gosto de suspense** [...] gosto de drama, porque tem toda uma história, porque você acaba se envolvendo e você fica ligado, porque assim quando você estuda e trabalha sua mente sempre tá muito cheia, né? [...] **gosto de filme épico**, por causa do cenário, da coisa assim mais singela [...].

A música foi outra comunicação verbal que Sofia demonstrou gostar e ouvir com muita frequência, sendo destacados os gêneros musicais de sua preferência:

Sofia [...] porque cresci na igreja e aí **música é uma coisa que faz parte do cotidiano da gente**, quando a gente é da igreja porque são músicas calmas, com mensagens sutis que entra e você quase nem percebe, quando você se dá conta, você está refletindo sobre aquilo que você tá ouvindo [...] **Porque mesmo quando você ouve a uma música pela primeira vez, você só escutou por escutar, porque é gostoso, porque a batida é legal, porque a voz do cantor é boa, inevitavelmente em uma hora do dia você vai se vê cantarolando e pensando no que a letra tá dizendo. [...] é inconsciente [...] gosto muito de música, aprendo muito com ela. [...] gosto da música evangélica tradicional**, mas gosto muito **da gospel** também, gosto **de blues**, gosto **de jazz**, gosto **de música pop**, gosto de **música popular** [...] Mas eu gosto **de música clássica** também, eu gosto **de Monsserat [Caballé]**, adoro Monsserat [...] gosto **de música, no geral**, quase todas.

Em relação ao contexto sociossubjetivo de Sofia, foi possível identificar outras instâncias sociais formais e informais que constituíram e constituem sua praxiologia em termos da ação de linguagem por intermédio de veículos interlocutivos, como o teatro, o cinema e músicas, materializados pelas peças teatrais, pelos gêneros de filmes que gosta e costuma assistir e pelos gêneros musicais que gosta e costuma escutar, configurando-se, assim, como portadores semióticos de situações sociodiscursivas (BRONCKART, 2008).

Estas atividades de linguagem multissemióticas certamente funcionaram como determinantes/condicionantes sócio-históricos da produção discursiva de Sofia em situação de Significação construída por meio da produção de leitura de um dado gênero de texto lido.

Sendo, portanto, identificados como pré-construídos verbais de mediação semiótica, internalizados nas práticas culturais vividas por essa agente-leitora.

✓ *Gênero de Texto, Título e Autor do texto base lido pela agente-leitora*

Crônica

A Piscina

Fernando Sabino (ANEXO A)

✓ *O espaço físico*

Os dois encontros que propiciaram a construção dos dados nas situações comunicativas vivenciadas tanto na entrevista como nas sessões de significação da leitura de Sofia sobre os três gêneros de texto lidos, ocorreram na sala de trabalho da professora coordenadora do projeto de pesquisa por ser um ambiente acadêmico mais reservado que favoreceu um registro em áudio de melhor qualidade.

Além da climatização que colaborou para um ambiente físico de pesquisa mais adequado para a enunciadora (agente-leitora Sofia) e a interlocutora (pesquisadora de iniciação científica), já que dispunha de mobília composta por mesa com quatro cadeiras, dois armário, um arquivo e duas bancadas, propício para atividades desta natureza.

✓ *Características da instituição que a agente-leitora está situada*

Configura-se como Centro Acadêmico de Formação de Professores que abriga o Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, além de ofertar componentes curriculares da área de formação pedagógica para os demais Cursos de Licenciatura de uma universidade pública federal situada em Recife, no NE do Brasil. O Centro Acadêmico em destaque, além das atividades ligadas ao ensino no nível de graduação e pós-graduação *stricto sensu* em Educação ofertado à comunidade estudantil, desenvolve atividades de extensão e de pesquisa científica.

✓ *Lugar social de onde a enunciativa (agente-leitora) produz a significação da Crônica*

Mesmo em se tratando de uma pesquisa científica que a agente-leitora participou de maneira voluntária, foi identificado que o contexto universitário funcionou como uma formação social reguladora no trabalho de significação da agente-leitora nas situações comunicativas estabelecidas através da leitura da Crônica, do Artigo Científico e do Artigo de Opinião configurando-se como uma dentre as possíveis determinações sócio-históricas envolvidas neste tipo de trabalho com a linguagem. Sofia faz acontecer sua significação de um lugar social acadêmico, embora os textos tratem de conteúdo temático social mais amplo, no caso a desigualdade social, favorecendo a liberdade na ação de linguagem, como apresentado e discutido mais adiante.

Em passagem anterior, no item relacionado à constituição de Sofia como leitora e no item que apresenta o seu contexto sociossubjetivo, também foram apontados outros determinantes sócio-históricos que foram internalizados, funcionando como mediadores sociais na sua construção enquanto pessoa culturalmente situada. Assim, a família, a igreja, a comunidade, o trabalho também se configuraram como determinantes que atuam na significação realizada por Sofia após a leitura do texto base, no caso a Crônica.

✓ *Objetivo pretendido na entrevista realizada com Sofia*

Resgatar o percurso sócio-histórico de como Sofia se constituiu leitora, com questionamentos que se voltavam para acionar a memória discursiva desta agente-leitora sobre suas práticas sociointerativas vivenciadas com os demais interlocutores com quem conviveu bem como os espaços institucionais nos quais circulou e as possíveis relações com as situações de leitura vivenciadas até o momento da entrevista. No caso, as mediações de leituras que estabeleceu em seu contexto de vida distintos da situação de comunicação imediata que contribuíram para o seu processo de significação quando em situação de leituras de gêneros de texto: Crônica, Artigo Científico e Artigo de Opinião.

✓ *Objetivo pretendido na sessão de significação da Crônica pela agente-leitora*

Apresentar e discutir o processo de significação realizado por Sofia quando em situação de leitura de três gêneros de textos, já que a finalidade maior da ação de linguagem produzida deu-se em função da mesma atender as demandas investigativas do projeto de pesquisa destinado a estudar as condições e a compreensão de leitura de alunos universitários, de distintos contextos socioculturais, matriculados em cursos de licenciaturas diversas de uma universidade pública federal localizada na cidade de Recife/PE, quando em interação com diferentes gêneros de texto.

Desse objetivo maior proposto pelo projeto de pesquisa do qual Sofia foi voluntária na pesquisa, em relação à produção de leitura da Crônica, derivou-se o objetivo específico: identificar e discutir como os mundos discursivos de Sofia são construídos a partir da recepção da Crônica *Piscina* (ANEXO A, p. 175).

✓ *O(s) destinatário(s) do trabalho da agente-leitora na sessão de significação da Crônica*

Os destinatários do processo de significação realizado por Sofia foram essencialmente a pesquisadora de iniciação científica, diretamente situada no processo de significação da situação comunicativa produzida com a leitura do gênero de texto lido e no contexto da entrevista, assumindo o papel ativo de interlocução com Sofia; o escritor da Crônica, por ser o mobilizador e mediador da significação de Sofia, através do gênero de texto produzido por ele; e a professora coordenadora do projeto de pesquisa, de modo indireto, pelo fato de ser a responsável pelo planejamento e execução das atividades desenvolvidas na pesquisa como um todo, embora não estivesse presente nos dois encontros que propiciaram as situações comunicativas desenvolvidas.

4.2 Características discursivas da Crônica lida por Sofia

✓ *Significação do gênero de texto Crônica*

Sobre a significação da Crônica, apresenta-se logo a seguir, toda a situação comunicativa produzida entre a agente-leitora e a pesquisadora de iniciação científica.

Quadro 2 - Significação da Crônica realizada por Sofia.

Pesquisadora pergunta: “O que você significou do texto?” Sofia: “Oi?” Pesquisadora repete: “O que você significou do texto?” Sofia: “A lagoa de Rodrigo de Freitas fica no Rio, né isso?” Pesquisadora: “Não sei, mas eu acho que é”. Sofia: “Eu gosto muito de Sabino porque ele brinca com a realidade, não é? Ele retrata [...] de forma poética, né? Não o poético fantasioso não, mas [...] é uma realidade dura isso aqui que a gente leu, né? Embora eu achei graça com o tema, aqui é aquele contraste de status, não é status não.” Pesquisadora: “Imposição socioeconômica.” Sofia: “É, de posição social mesmo [...] enquanto ela ficou desesperada, com medo [...] aí meu Deus, uma mulher! O que ela vai fazer comigo? O que ela vai fazer [...] a outra olhava pra piscina e dizia: poxa! eu subindo e descendo atrás de uma lata d’água e essa mulher com esse tanque cheio de água aqui, na minha frente, olhando pro sol, né?” Pesquisadora: “É”. Sofia: “[...] Ela achou bem mais prático ir bulir com a torneira, sei lá onde ela tava pegando água, ir lá pra pegar alguma coisa e sair e ela mesma não teve intuito nenhum de fazer mal, e ela [...] engraçado pelo que você lê aqui, quando a gente tá [...] ela nem parou pra pensar que tava entrando na propriedade de alguém, que alguém podia [...] soltar os cachorros em cima dela ou aparecer algum segurança, ela ficou tão fascinada com a quantidade de água que tinha ali e ela querendo só uma lata, que ela foi como se hipnotizada, né? Em direção à piscina [...]” Pesquisadora: “Hum, hum.” Sofia: “Pegou a água e saiu [...] é interessante o retrato da cena.” Pesquisadora: “Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre o texto?” Sofia: “Acho que ele deixa mesmo na cara essa questão de culturas, subculturas, né? Que convivem tão próximas e que ao mesmo tá tão distante, tão desligado [...] que hoje é uma coisa que a gente presencia muito, a gente sabe da desigualdade social, às vezes, incomoda a desigualdade social, mas a gente não faz nada!” Pesquisadora: “Se amedronta, né?” Sofia: “É, como ele fez aqui, o mais prático pra ele era vender a casa e sair dali, incomodava então ele saiu e muitas vezes, né? E muitas vezes não [...] é o que a gente presencia hoje, e muitas vezes a gente faz isso também, a gente olha e diz: meu Deus! Sacanagem, né? A mulher precisando de água, o cara vai, vende a casa sai! [...], porque não propõe pra prefeitura que faça alguma coisa? [...]” Pesquisadora: “Hum, hum”. Sofia: “A gente critica, se incomoda, mas é mais fácil se afastar do que fazer alguma coisa” Pesquisadora: “É verdade.” Sofia: “Não é?” Pesquisadora: “Então, obrigada pela entrevista.” Sofia: “De nada. Vou-me embora pra aula.”

Fonte: Dados da pesquisa.

Adiante, encontram-se os resultados obtidos na análise das unidades linguísticas presentes no primeiro dos três gêneros de texto significado por Sofia, denominado de análise dos tipos de discurso e dos mundos discursivos representados na Crônica. Com essa análise, foi

permitido ajustar a significação produzida em termos do grau de implicação ou autonomia do mundo discursivo, acionado no processo de significação da agente-leitora, relacionados aos parâmetros da situação de comunicação.

✓ *Os Tipos de Discurso, Mundos Discursivos representados na Crônica*

Com a análise das unidades linguísticas que marcam os tipos de discurso presentes na significação da leitura da Crônica realizada por Sofia, foi possível identificar e compreender em qual mundo discursivo a significação de Sofia se inscreve.

Para esta fase da análise dos dados, tomou-se o procedimento analítico construído por Barbosa (2014), embasado nas orientações de Bronckart (1999/2003) e Coutinho (2012), partindo de duas formulações realizadas por estes dois autores sobre os tipos de discursos.

Uma primeira formulação defendida por Bronckart (1999/2003) e considerada por Barbosa (2014) na construção de seu procedimento analítico, é a de que, quando se analisam os tipos de discurso faz-se uma imersão nas operações psicológicas do agente, uma vez que os tipos do discurso funcionam como mediadores basilares do desenvolvimento comunicativo do agente, pois, por serem mediadores, representam por meio das unidades linguísticas o que foi semiotizado pelo agente no momento da comunicação verbal, caracterizando as operações psicológicas acionadas pelo agente durante o processo da significação do gênero de texto lido. É, então, possível identificar a ação verbal, melhor dizendo, o agir languageiro verbal, representado pelas unidades linguísticas, as quais revelam o pensamento produzido pelo agente-leitor em uma dada situação comunicativa.

Já a segunda formulação tomada por Barbosa (2014) para a construção de seu procedimento analítico, está embasada em Coutinho (2012), pois esta autora concebe os tipos de discursos como envelopes de unidades linguísticas que representam três formas de raciocínios acionados na ação verbal do produtor ou leitor, a saber: o raciocínio prático que se corporifica no tipo de discurso interativo, o raciocínio lógico ou semi-lógico, presente no tipo de discurso teórico e o raciocínio de ordem cronológica, que se situa no tipo de discurso relato-interativo e narração. Com isso, há uma integração entre o tipo de raciocínio acionado pelo agente com o que foi pensado por ele no instante da significação.

Desta maneira, Barbosa (2014) montou um quadro esquemático que compreende: (i) os mundos discursivos pelos quais o agente-leitor elabora o seu agir languageiro configurado em duas ordens distintas: a ordem expositiva e a ordem narrativa; (ii) o grau de implicação da

situação material de produção de sentidos, podendo ser representados como implicados ou autônomos à situação material de produção; e (iii) as derivações dos tipos de discursos presentificados na situação de produção de sentido articuladas tanto às ordens constitutivas dos mundos discursivos quanto ao grau de implicação ou autonomia dos mesmos na situação comunicativa realizada. Na primeira derivação, os discursivos interativos para os casos da produção de sentido pertencentes à ordem expositiva com grau implicado, ou constituído por tipo de discurso teórico para a ordem expositiva sem grau de implicação, portanto, autônoma. A segunda derivação dos tipos discursivos diz respeito à ordem discursiva narrativa que são o tipo relato pessoal com grau de implicação com a situação comunicativa e a narração como grau de autonomia em relação à situação comunicativa analisada. Essas três categorias são de propriedade intelectual do ISD, mais especificamente dos precursores desta abordagem que é o grupo genebrino, constituído por Bronckart e colaboradores.

Já a correlação estabelecida entre as três categorias explicitadas anteriormente e os tipos de raciocínios acionados pelo agente na situação discursiva de produção de sentido foi a contribuição de Coutinho (2012) para a atualização deste agir praxiológico humano nas mais variadas práticas comunicativas veiculados através dos gêneros de texto defendidas pelo ISD.

Então, Coutinho (2012) integra o tipo de raciocínio que o agente produz no momento que trabalha a linguagem materializada em gêneros de textos com fins de manter uma comunicação significativa com os demais interlocutores com os quais convive presencial e virtualmente falando. Logo, articula o tipo de raciocínio prático ao tipo de discurso interativo com grau implicado derivado da ordem discursiva expositiva; já o tipo de raciocínio lógico ou semi-lógico acionado pelo agente está articulado ao tipo de discurso teórico, sem grau de implicação, ou seja, autônomo, articulado à ordem discursiva também expositiva.

Ainda na planificação dos tipos de raciocínio acionado pelo agente, tem-se o tipo cronológico que se encontra articulado tanto aos tipos de discursos: relato interativo e narração, que, por sua vez, estão articulados ao grau implicado no caso do relato interativo e sem grau de implicação, portanto, autônomos para a narração, sendo estes discursos ainda articulados à ordem discursiva narrativa. Com toda a articulação que se estabelece entre as quatro categorias destacadas (ordem discursiva, grau de implicação, tipos de discurso e tipos de raciocínio) é possível perceber a hierarquização das operações psicológicas que os agentes produtores e receptores de gêneros de textos realizam em seu percurso discursivo, no entanto, vale lembrar que não se trata de hierarquia linear, esse movimento é dinâmico e dialético, pois o agir linguageiro é regulado por inúmeras determinações sociais e culturais. Logo, a seguir,

apresenta-se um quadro esquemático sobre as quatro categorias tratadas até o momento, adaptado do quadro construído por Barbosa (2014), funcionando como uma síntese das operações psicológicas representadas pelas unidades linguísticas, analisadas adiante, produzidas pela agente após a sua significação do texto base lido.

Quadro 3 - Parâmetros da significação da leitura do gênero de texto Crônica.

Constituição do mundo discursivo através da leitura da Crônica		Grau de implicação da Significação		Tipo de discurso		Raciocínio ativado	
Conjunto, ordem do EXPOR	X	Implicado	X	Interativo	X	Prático	X
		Autônomo		Teórico		Lógico ou semi-lógico	
Disjunto, ordem do NARRAR	X	Implicado	X	Relato interativo	X	Cronológico	X
		Autônomo		Narração			

Fonte: Quadro adaptado do procedimento analítico de Barbosa (2014, p. 77).

Desse modo, os tipos de discursos apresentados na significação da crônica foram observados por meio das unidades linguísticas representativas das operações psicológicas estabilizadas no momento da situação comunicativa. Assim, foi possível observar a presença expressiva do pronome de 3ª pessoa do singular, marcado pela enunciação explicitado pronome do caso reto “**Ela**” (“**ela** ficou desesperada” // “O que **ela** vai fazer” // “**ela** tava pegando água” // “**ela** nem parou pra pensar”). Logo, com a presença saturada do pronome da 3ª pessoa do singular, ficou evidente que o mundo discursivo criado na significação da Crônica por Sofia está implicado com o mundo sociointerativo em que a situação comunicativa acontece, ou, dito de outro modo, esta agente-leitora, na condição de produtora da ação de linguagem, encontra-se implicada com a situação de produção da significação de leitura sobre o gênero de texto lido.

Ao considerar que há interação entre o mundo discursivo criado por Sofia na significação da Crônica e o mundo sociointerativo em que a situação comunicativa aconteceu, tem-se em Miranda (2008) explicação para essa consideração. Esta autora destaca, dentre outras unidades linguísticas constitutivas do tipo de discurso interativo presentes no português, a presença de alternância de turnos de fala; a presença de verbos, pronomes de primeira, segunda e terceira pessoa do singular ou do plural que remetem aos protagonistas da interação verbal,

presença de dêiticos espaciais e temporais e a presença de frases não-declarativas (interrogativas, exclamativas e imperativas), reforçando que tais unidades linguísticas funcionam como marcas que caracterizam o tipo de discurso interativo, por estar implicado aos parâmetros da situação de comunicação. Considerou-se tipo de discurso interativo produzido por Sofia, uma vez que esta agente-leitora tanto mantém interação verbal com a pesquisadora de iniciação científica presente na situação comunicativa como realiza interação verbal com gênero de texto lido e com o autor da crônica por meio da significação produzida a partir da solicitação da pesquisadora de iniciação científica a fim de verificar a produção de leitura de Sofia.

Desta maneira, observou-se o entrelaçamento do discurso de Sofia com a crônica em que ela reconta para seu interlocutor, optando por um mundo do narrar, porém implicado, envolvendo os agentes sociais da crônica, do meio social de Sofia e também inclui seu interlocutor direto – a pesquisadora de iniciação científica. O marcador (“[...] **né?** [...]”) é interessante, pois remete aos processos dialogais e ao conjunto dos participantes sociais ali presentes de fato ou virtualmente.

Ainda tomando a explicação de Miranda (2008) sobre quais as unidades linguísticas que constituem o tipo de discurso interativo, procedeu-se com a análise da presença do tempo verbal utilizado por Sofia na significação da Crônica, já que a forma como o verbo está flexionado, sobretudo quando representados como dêiticos temporais e espaciais, tem função de marcar no discurso produzido pelo agente a estabilização semiotizada em seu agir languageiro, contribuindo para a identificação da relação de interação ou autonomia que o discurso produzido pela agente exerce face à situação comunicativa analisada.

Desse modo, o Quadro 4, disposto a seguir, apresenta segmentos que ilustram a temporalidade verbal utilizada pela agente-leitora no momento da significação da Crônica.

Quadro 4 - Tempos verbais representados na significação da Crônica por Sofia.

Presente	Pretérito		Discurso
<u>Indicativo</u>	<u>Perfeito</u>	<u>Imperfeito</u>	<u>Segmentos das unidades verbais</u>
Gosto	_____	_____	(“[...] Eu gosto muito [...])
Brinca	_____	_____	(“[...] porque ele brinca com a realidade [...])
Retrata	_____	_____	(“[...] Ele retrata [...] de forma poética [...])
_____	_____	Olhava	“[...] a outra olhava pra piscina [...])
_____	_____	Dizia	“[...] dizia: poxa! Eu subindo e descendo [...])

_____	Achou	_____	“[...] ela achou bem mais prático ir bulir com a torneira [...]”
_____	_____	Tava	“[...] onde ela tava pegando água [...]”
_____	Teve	_____	“[...] ela mesma não teve intuito nenhum de fazer mal [...]”
_____	_____	Podia	“[...] alguém podia ... sei lá... [...]”
_____	Ficou	_____	“[...] ela ficou tão fascinada [...]”
_____	_____	Tinha	“[...] a quantidade de água que tinha ali [...]”
_____	Pegou	_____	“[...] Pegou a água e [...]”
Convivem	_____	_____	“[...] Que convivem tão próximas [...]”
Presencia	_____	_____	“[...] a gente presencia hoje [...]”
Vende Sai	_____	_____	“[...] vende a casa sai [...]”

Fonte: Quadro adaptado do procedimento analítico de Barbosa (2014, p.80-81).

Com a conjugação do tempo verbal representado na significação da Crônica produzida por Sofia, constata-se a preponderância da utilização do verbo flexionado no pretérito, marcado pela configuração do par perfeito-imperfeito. Esses verbos, com a função no discurso de dêitico temporal, localizam fatos no tempo pela referência do “ontem” (“[...] a outra **olhava** pra piscina [...]” // “[...] **dizia**: poxa! Eu subindo e descendo [...]” // “[...] **Pegou** a água e [...]”), traduzidos pelas formas flexionadas no pretérito, e, também, só que em menor grau, a presença de verbos flexionados no presente do indicativo (“[...] Que **convivem** tão próximas [...]” // “[...] a gente **presencia** hoje [...]”) com a função dêitica temporal do “agora”.

Assim, com esses marcadores de dêiticos temporais usados por Sofia na significação que realizou sobre a Crônica duas considerações foram realizadas: (i) a primeira consideração está relacionada ao fato de Sofia utilizar a função dêitica temporal no “agora” denota a interação verbal que ela mantém com o autor da Crônica; (ii) a segunda consideração é quanto ao uso do dêitico temporal do “ontem” por Sofia, pois faz uso dessa forma linguística para manter a interação verbal com ações comunicativas veiculadas na Crônica. Esse movimento discursivo, de natureza dialética, produzido por Sofia em sua significação de leitura revela os gestos de interpretação que estabelece com o texto e com o autor, evidenciando que a leitura nesta situação comunicativa acontece na interação, triádica, indissociável entre leitor-texto-autor. Os sentidos que a leitora produz estão implicados com as interações que ela estabelece com o autor e com o texto base (ORLANDI, 2006).

Ainda sobre o uso por Sofia dos dêiticos temporais cuja referenciação se faz no eixo do “agora” na significação do gênero de texto lido, observou-se mediações realizadas por esta agente-leitora no movimento discursivo que produziu quando trouxe o texto para a realidade presente, fazendo avaliações plausíveis de como agimos diante das situações sociais retratadas pelo texto. Com isso, produziu uma significação com segmentos discursivos encaixados com a referenciação de dêiticos temporais no “agora” e com a formulação de frases não declarativas (exclamativas e interrogativas) típicas de discursos verbais interativos (MIRANDA, 2008).

Já as unidades linguísticas que marcam os dêiticos espaciais, cuja função é fazer referência ao lugar em que acontece a significação da Crônica pela agente-leitora, físico e sociossubjetivo, evidenciando o nível de proximidade entre a ação verbal produzida e o contexto sociointerativo onde o discurso é produzido. Neste grupo de unidades linguísticas, estão inseridos os advérbios ou locuções adverbiais com valor de lugar, os pronomes demonstrativos e verbos que indicam movimento. Nessa significação sobre a Crônica, identificam-se advérbios (“[...] *ir lá pra pegar alguma coisa* [...] // [...] *esse tanque cheio de água aqui* [...]” // [...] *a quantidade de água que tinha ali* [...]” // “[...] *era vender a casa e sair dali* [...]”); locuções adverbiais (“[...] *poxa! Eu subindo e descendo atrás de uma lata* [...]”); pronomes demonstrativos (“[...] *esse tanque cheio de água aqui* [...] // [...] *aquele contraste de status* [...]”) e verbos que indicam movimentos (“[...] *ir lá pra pegar alguma coisa* [...]” // “[...] *tava entrando na propriedade de alguém* [...]” // “[...] *A mulher precisando de água, o cara vai* [...]” // [...] *poxa! Eu subindo e descendo atrás de uma lata* [...]”).

Desse modo, foi possível identificar a organização espaço-temporal trilhada pela agente-leitora Sofia, por meio de suas escolhas dêiticas, produzidas na significação da Crônica, uma vez que os verbos de movimentos são utilizados na significação da agente-leitora como recursos linguísticos que representam a reconstituição da ação dos personagens na cena criada pelo autor acerca do conteúdo temático abordado na Crônica.

Com base nas evidências apontadas em termos das escolhas realizadas pela agente-leitora acerca das unidades linguísticas, pode-se considerar que a ação verbal se constituiu por dois planejamentos internos da Crônica, em grau implicado: (i) aciona o raciocínio prático do discurso interativo da ordem do expor, conjunto à situação comunicativa da significação, e; ao mesmo tempo, (ii) aciona um raciocínio cronológico do discurso interativo da ordem do narrar, disjunto à situação comunicativa a partir da significação da leitura que realizou. Por essas coordenadas gerais do mundo ordinário, a agente-leitora produz sua significação na situação da leitura da Crônica, com eixo de temporalidade do “ontem” e do “agora” (pretérito com usos do

par perfeito-imperfeito). Na posição que ocupa de receptora (leitora), considerado como produtora de sentidos que realizou sobre o gênero de texto lido, sincronicamente com seu interlocutor direto (no caso a pesquisadora de iniciação científica), presente fisicamente, e os indiretos (no caso, o autor da Crônica e a professora pesquisadora), ausentes fisicamente, configurando uma situação comunicativa que implica a fala da agente-leitora em um discurso imediato. O discurso interativo acontece, portanto, em torno do passado, incluindo o presente, não havendo menção ao futuro.

4.3 A textualização representada na significação da Crônica

Conforme Bronckart (1999), a textualização é a materialidade verbal produzida pelo agente, sendo guiada por operações psicológicas que acionam recursos linguísticos por meio da conexão, da coesão verbal e da coesão nominal. A conexão é materializada por organizadores textuais que tem a função de marcar a progressão temática, no caso a coerência textual. Já a coesão verbal e a coesão nominal constituem a coesão textual. Sendo que a coesão verbal promove a organização hierárquica e a organização temporal das ações processuais, e, a coesão nominal é encarregada de introduzir novos temas e personagens e ainda se encarrega de processos de retomada ou substituição ao longo do texto. Com isto, inicia-se a análise da textualização pelo mecanismo de conexão, seguindo para coesão verbal e logo após para a coesão nominal. Fecha-se, desta maneira, o circuito de análise dos três mecanismos de textualização.

✓ *Análise da Conexão*

Os conectivos funcionam como elos entre as orações coordenadas e subordinadas presentes no texto. Por se tratar de uma atividade de leitura de gênero de texto, realizada por uma agente-leitora, a análise dos conectivos incidiu sobre a materialidade da significação de Sofia sobre a Crônica, a qual fora apresentada no Quadro 2 (p. 78).

É possível observar na significação da Crônica, que Sofia produziu tanto orações coordenadas aditivas representadas pelo uso do conectivo “*e*”, como orações coordenadas adversativas representadas pelo uso do conectivo “*mas*”. Então, têm-se passagens que expressam a ideia de adição entre as orações enunciadas por Sofia (“[...] *ir lá pra pegar alguma coisa e sair e ela mesma não teve intuito nenhum [...]*” // “[...] *quantidade de água que tinha*

ali e ela querendo só uma lata [...]”) evidenciado a interligação das cenas criadas a partir da leitura da Crônica.

Já a ideia de adversidade representada na significação de Sofia, foi constatada na passagem que formula para comentar o contraste socioeconômico retratado no gênero de texto lido (“[...] *Ele retrata [...] de forma poética, né? Não o poético fantasioso não, mas [...] é uma realidade dura isso aqui que a gente leu né? [...]*”) anunciando, em passagem anterior, gostar muito do estilo com que o escritor faz literatura, evidenciando que conhece outros textos da obra do autor. O uso de conectivo adversativo – **mas** - destaca a mesmo em se tratando de um tema social do nosso cotidiano, muito difícil de lidar no dia-a-dia, o autor imprime um estilo poético, portanto atraente e suave, ao conteúdo temático veiculado na Crônica.

As formulações de orações subordinadas foram marcadas pelos tipos de conectivos concessivos (“[...] **Embora** eu achei graça com o tema[...]”), consecutivos (“[...] *ela nem parou pra pensar que tava entrando na propriedade de alguém, que alguém podia [...]*” // “[...] **que** ela foi como se hipnotizada, né? [...]”), temporais (“[...] **enquanto** ela ficou desesperada[...]” // “[...] **quando** a gente tá [...]”). A função do conectivo, como marcador linguístico, é manter a interdependência sintática entre as orações subordinadas, produzindo o sentido local no nível das orações que integram o texto.

Nos exemplos destacados logo acima no tocante aos tipos de conectivos utilizados por Sofia na significação da Crônica, pode-se identificar o sentido local de cada conectivo posto nas orações subordinadas que compõem o texto. Dessa maneira, o primeiro tipo de conectivo observado, no caso o concessivo (“[...] **Embora** eu achei graça com o tema[...]”), denota que para Sofia apesar da leitura do tema ter sido realizada de modo engraçado, evidenciando uma situação de brincadeira, de descontração, não gerou impedimento para que o tema que retrata o contraste socioeconômico existente na sociedade brasileira fosse declarado pelo escritor. Ou seja, a forma como Sofia realizou sua leitura de modo mais descontraído, não a impediu de interagir com a profundidade da temática social retratada pelo autor da Crônica *A Piscina* acerca do desequilíbrio socioeconômico que subsiste no Brasil, além da interação vertical que realizou com o texto, Sofia também remete-se ao estilo do autor, denotando mais uma vez a inter-relação dialética que se estabeleceu entre leitor-texto-autor presentes nas condições de produção da leitura. Caracteriza-se um processo de legibilidade da leitura construído pelas interações entre o sujeito-leitor e o sujeito autor do texto, desse modo, sujeitos e sentidos são componentes de um mesmo processo, o da significação (ORLANDI, 2006).

Já no segundo grupo dos conectivos, os consecutivos, que nesta significação ligam ora verbos, ora pronomes pessoais a uma sequência de fatos narrados pelo autor da Crônica, acerca das atitudes da personagem pobre em relação à piscina da personagem rica, encadeando as ações que a personagem pobre concretizou diante da crise vivida por ela com a falta d'água e a possibilidade de resolver o conflito pegando um pouco da água da piscina daquela mansão para sanar tal crise. (“[...] *ela nem parou pra pensar **que** tava entrando na propriedade de alguém, **que** alguém podia [...]*” // “[...] **que** ela foi como se hipnotizada, né? [...]”).

No terceiro e último grupo de conectivos observados, que no caso foram os temporais (“[...] **enquanto** *ela ficou desesperada [...]*” // “[...] **quando** *a gente tá [...]*”) que indicam as circunstâncias de tempo utilizadas pela agente-leitora cuja referência tanto se faz para uma ação passada/pretérita como para uma ação presente no movimento da significação da leitura da Crônica. Desta maneira, os três grupos de conectivos que funcionaram como organizadores textuais nesta produção de leitura asseguraram o estabelecimento da progressão temática na significação da Crônica realizada por Sofia.

✓ *Análise da Coesão Verbal*

Compreende-se, à luz do ISD, que os tempos e modos verbais (constituem-se em estados, acontecimentos ou ações), numa vertente processual da progressão temática, determinam a organização temporal na planificação do texto, ou na textualização. Com esta explicação do ISD, este estudo concebe a organização do tempo como marcador linguístico que determina o processo de significação da agente-leitora a partir da leitura da Crônica, pois se acredita que o uso do tempo verbal funciona como promotor de mudança ou de permanência durante o processo de compreensão da leitura, fruto da interação verbal entre os interlocutores. Em termos de função, os verbos são elementos linguísticos de natureza coesiva que atuam na ligação entre palavras ou partes do texto.

Com a função dos verbos definida no processo de textualização, face ao trabalho de compreensão realizado pela agente-leitora Sofia, prosseguiu-se com a identificação dos tempos verbais utilizados na significação da Crônica. Então, observou-se que ao usar os verbos no tempo pretérito representado pelo par perfeito e imperfeito, e no tempo presente, possibilitou identificar o processo de transição na compreensão de Sofia relacionado ao conteúdo temático retratado na Crônica. A significação iniciou-se com um comentário de Sofia sobre o autor em relação ao modo como ele retrata a realidade, enfatizando que gosta muito do estilo literário do

autor ((1) - “ [...] *Eu gosto muito de Sabino porque ele* (2) *brinca com a realidade, não é?* [...]” // (3) - “[...] - Ele *retrata* [...] *de forma poética, né?* [...], *aqui é aquele contraste* [...]”), evidenciando que conhece outras obras do autor, fazendo um movimento de apreciação (1) e, em seguida, formulando uma reflexão sobre o estilo do autor (2). Desta maneira, através do tempo e modo verbal no presente do indicativo, encontra-se marcado o entendimento de Sofia sobre o estilo do autor no tratamento da realidade (1), e uma reflexão introdutória ao conteúdo temático lido na Crônica (2), evidenciando o entendimento que significa no “agora” a partir do texto base lido (3). As passagens (1, 2 e 3) denotam que Sofia produziu significação a partir do seu lugar social em uma temporalidade presente. A mudança na significação de Sofia é observada por essas três passagens descritas nas quais ela inicia sua significação tecendo comentários sobre o estilo do autor: (a) produz uma significação contextual, no caso das condições de produção da leitura (quem é o sujeito leitor/ trabalho de intertextualidade uma vez que conhece o estilo literário do autor); (b) a seguir dá andamento a significação a partir do conteúdo temático veiculado na Crônica, sintetizando o seu entendimento com a palavra *contraste*, fazendo um movimento dialético de significação que se realiza na interconexão entre os aspectos contextuais e co-textuais imbricados na leitura.

Ao prosseguir com a análise do uso do tempo verbal e as formas representadas (estado, ação e movimento) na significação de Sofia sobre a Crônica, com a função de coesão verbal, observou-se, na passagem destacada logo adiante, que a progressão discursiva é construída predominantemente no tempo pretérito, marcado pelo uso do par perfeito-imperfeito, organizado de modo hierárquico, identificado: (1) pelo uso do verbo de estado (“[...] *tava/ teve* [...]”) utilizado para significar o problema da falta d’água que uma das personagens da Crônica enfrenta; (2) pelo uso do verbo de ação (“[...] *parou* [...]”) encaixado com um verbo de atividade mental (“[...] *pensar* [...]”) que, por sua vez, também fora encaixado com um verbo de estado (“[...] *tava* [...]”) e, (3) pelo uso de dois verbos de estado (“[...] *ficou* [...]” // “[...] *tinha* [...]”) dando o acabamento da significação em tela

Sofia – (1) “[...] sei lá onde ela **tava** pegando água, [...] e ela mesma não **teve** intuito nenhum de fazer mal, e ela (2) [...] ela nem **parou** pra **pensar** que **tava** entrando na propriedade de alguém, (3) [...] ela **ficou** tão fascinada com a quantidade de água que **tinha** ali [...]”

Diante da observação da temporalidade na progressão temática da significação de Sofia tomada pela função de coesão verbal, foi possível identificar que os coesivos temporais

selecionados pela agente-leitora criaram uma hierarquia de organização temporal no seu agir interpretativo orientado pela atividade social. Isto é, como se Sofia reconstruísse as imagens da cena social retratada pelo autor de modo ordenado, ou dito de outra forma, a cena e todos os episódios que a compõem foram reconstruídos sociossubjetivamente por essa agente-leitora. A Crônica que foi o texto base (pré-construído literário) e o questionamento realizado pela pesquisadora de iniciação científica que demanda o agir linguageiro de Sofia para a atividade social ao compartilhar o que significou derivado da leitura.

Com isso, o movimento interpretativo é estabelecido por meio da organização decidida pela agente-leitora em relacionar a compreensão do conteúdo temático da Crônica, contrastes socioeconômicos na sociedade brasileira, representação da problemática socioeconômica, realidade social de cidadãos brasileiros veiculados tanto pela mídia impressa ou televisiva, como deflagrados no dia a dia por contextos físicos observados em espaços públicos (praças, viadutos, sinais de trânsito, comunidades). Em termos da organização do espaço de moradia das pessoas que habitam grandes centros urbanos, demarcando e revelando quais os níveis socioeconômicos dos personagens da Crônica, evidenciando, assim, uma interação entre mundo discursivo e a significação de Sofia integralizada pelo eixo de temporalidade, na produção de leitura que ela realizou (BRONCKART, 1999; MACHADO, 1998; BARBOSA, 2014).

✓ *Análise da Coesão Nominal*

O ISD assume que a coesão nominal representada pelas anáforas presentes no texto, se materializa tanto por meio de retomadas e substituições temáticas e personagens no transcorrer do texto como também de introdução desses mesmos temas e personagens. A coesão nominal, em termos de recursos linguísticos, é representada pelo uso de pronomes pessoais, relativos, demonstrativos, possessivos e/ou sintagmas nominais.

Com base na Crônica lida, Sofia, logo na introdução da progressão temática que realizou, em sua significação informa que gosta do estilo do autor (*Eu gosto muito de Sabino porque **ele** brinca com a realidade, não é?*), retomando o autor com o uso do pronome do caso reto em terceira pessoa do singular (“**ele**”) para enunciar o jeito como ele retrata a realidade. Assim a agente-leitora utilizou o verbo (“**brincar**”) para marcar o estilo literário do autor. Ainda neste bloco da significação, foi observado o uso do pronome demonstrativo (“**isso**”) seguido do uso da locução pronominal (“**a gente**”), o qual equivale ao pronome pessoal do caso

reto *nós* remetendo-se a questão das diferenças socioeconômicas existentes no interior das classes sociais brasileiras (“[...] *é uma realidade dura isso aqui que a gente* leu, né? [...]”).

Ao caminhar com análise da progressão temática da significação de Sofia sobre o texto base, identificou-se o uso de pronome pessoal do caso reto (“**ela**”) tanto para referir-se a personagem dona da bela mansão localizada na lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro (1), como para referir-se a personagem que adentrou na casa para pegar água na piscina da mansão (2). Outra referência pronominal que esta agente-leitora usou foi o pronome demonstrativo (“**essa**”) para reportar-se ao sofrimento vivido pela personagem provocado pela falta d’água. Ainda sobre a colocação pronominal nesta fase da progressão temática foram observadas o uso em sequência do pronome demonstrativo (“**esse**”) e do pronome possessivo (“**minha**”), configurando-se como a compreensão sociossubjetiva de Sofia sobre a leitura que realizou do texto base. Assim, logo abaixo, destacou-se o contexto discursivo criado por Sofia, o qual evidencia a progressão temática que realizou em termos das diferenças socioeconômicas existentes nas classes sociais brasileiras.

Sofia [...] enquanto (1) **ela (a dona da mansão)** ficou desesperada, com medo [...] ai meu Deus, uma mulher! O que (2) **ela (a personagem que adentrou na casa para pegar água na piscina)** vai fazer comigo? O que (2) ela vai fazer [...] a outra olhava pra piscina e dizia: poxa! eu subindo e descendo atrás de uma lata d’água e (1) **essa** mulher com (1) **esse** tanque cheio de água aqui, na (2) **minha** frente, olhando pro sol, né?”

No bloco posterior ao exposto acima, em termos da continuação da progressão temática realizada por Sofia, nesta fase da significação observou-se o uso do pronome pessoal do caso reto em terceira pessoa (“**ele**”) articulado com o uso do verbo (“**deixar**”) seguido da locução pronominal (“**a gente**”) equivalente ao pronome pessoal reto *nós* utilizada em três momentos, só que na primeira referência, o uso do (a gente) articula-se com o verbo (“**presenciar**”), já o segundo uso da mesma referência liga-se ao verbo (“**saber**”), e o último uso deste tipo de locução pronominal encontra-se posteriormente o verbo (“**fazer**”). Toda essa coesão nominal formulada por Sofia nesta fase da significação que realizou a partir da leitura da Crônica, se configura como progressão temática que se mantém articulada ao tema central do texto base, no caso as diferenças socioeconômicas presentes na sociedade brasileira. Esta fase da progressão temática encontra-se logo abaixo.

Sofia: Acho que ele deixa mesmo na cara essa questão de culturas, subculturas, né? [...] que hoje é uma coisa que **a gente presencia** muito, **a gente sabe** da desigualdade social, às vezes, incomoda a desigualdade social, mas **a gente não faz** nada!

Por último, observou-se que a progressão temática encerrou com o uso do pronome do caso reto em terceira pessoa (“**ele**”) em dois momentos, o qual fez referência a atitude do proprietário em resolver a questão da invasão domiciliar por pessoas em situação socioeconômica desfavorecida, com a venda da mansão. Nesta fase ainda, observou-se o uso da locução pronominal (“**a gente**”) equivalente ao pronome pessoal reto nós utilizada em três momentos, sendo a primeira referência, de uso desta locução pronominal articulada novamente com o verbo (“**presenciar**”), e o segundo uso da mesma referência ligado novamente ao verbo (“**saber**”), e o último uso também, novamente encontra-se posteriormente o verbo (“**fazer**”) seguido do pronome demonstrativo (“**isso**”), como pode ser constatado adiante.

Sofia: É, como **ele** fez aqui, o mais prático pra **ele** era vender a casa e sair dali, incomodava então **ele** saiu e muitas vezes, né? E muitas vezes não [...] é o que **a gente presencia** hoje, e muitas vezes **a gente faz isso** também, **a gente olha** e diz: meu Deus! Sacanagem, né? [...]

Deste modo, observou-se o movimento anafórico de retomada do conteúdo temático, o qual caminhou para o encerramento da progressão temática que Sofia realizou sobre a leitura do texto base.

✓ *Análise da Coerência Pragmática*

A coerência pragmática se constitui pelo enlace entre o coral das vozes enunciativas, que são as entidades que se responsabilizam pelo que é enunciado, e, as expressões de modalizações que são as avaliações realizadas pela agente-leitora a respeito de um ou outro aspecto do conteúdo temático do texto base. Conforme o ISD, existem três categorias gerais de vozes secundárias: (1) vozes de personagens que estão diretamente implicadas no percurso temático (2) vozes sociais exteriores ao conteúdo temático do texto e (3) voz do autor empírico.

Após a leitura do gênero de texto base, para que a significação da agente-leitora emergisse, a pesquisadora de iniciação científica pronunciou a pergunta “o que você significou do texto?”. A pesquisadora de iniciação científica representa o mundo científico, corporificado

num projeto de pesquisa, idealizado e coordenado por uma professora universitária, que, por sua vez, almeja uma resposta. Assim, é de responsabilidade da agente-leitora universitária, por se encontrar nas posições sociais de aluna de graduação do curso de pedagogia e voluntária da pesquisa, responder à pesquisadora por meio da significação da leitura da Crônica para fins científicos, já que o propósito da atividade fora explicitado pela pesquisadora no momento da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Pesquisa (TCLE).

Desta maneira, a formulação daquela resposta guia a significação da agente-leitora sob as seguintes ações de linguagem: (i) a leitura que a agente-leitora realizou do texto base; (ii) sua responsabilidade responsiva por conta da representação de aluna universitária e voluntária de pesquisa assumidas no instante da leitura; (iii) o compromisso firmado com a participação voluntária no projeto de pesquisa; e (iv) o atendimento à expectativa da pesquisadora de iniciação de pesquisa evocado pelo questionamento “O que você significou do texto?”. Identificou-se, portanto, 2 vozes explícitas e 3 vozes implícitas.

Quadro 5 - Gestão das vozes na Significação da Crônica por Sofia.

Gestão de Vozes	
<u>Explícitas</u>	<u>Implícitas</u>
Coordenadora da pesquisa (autor empírico) <i>“O que você significou do texto?”</i>	Instância social formal (universidade)
Sofia (autor empírico): <i>“Eu gosto muito de Sabino porque ele brinca com a realidade não é? Ele retrata [...] de forma poética, né? Não o poético fantasioso não, mas [...] é uma realidade dura isso aqui que a gente leu né? Embora eu achei graça com o tema, aqui aquele contraste de status, não é status não.”</i>	Instância social (pesquisadora de iniciação científica, realidade socioeconômica do país, família, amigos): <i>“Imposição socioeconômica.”</i>
	Instância científica (Análise da conjuntura social do conteúdo temático veiculado na Crônica): <i>“É, como ele fez aqui, o mais prático pra ele era vender a casa e sair dali, incomodava então ele saiu e muitas vezes, né? E muitas vezes não [...] é o que a gente presencia hoje, e muitas vezes a gente faz isso também, a gente olha e diz: meu Deus! Sacanagem, né? A mulher precisando de água, o cara vai, vende a casa sai! [...], porque não propõe pra prefeitura que faça alguma coisa [...]”</i>

	Personagem da Crônica: “[...] <u>Ela</u> achou bem mais prático ir bulir com a torneira, sei lá onde <u>ela</u> tava pegando água [...] e <u>ela</u> mesma não teve intuito nenhum de fazer mal, [...] <u>ela</u> nem parou pra pensar que tava entrando na propriedade de alguém [...] <u>ela</u> ficou tão fascinada com a quantidade de água que tinha ali e <u>ela</u> querendo só uma lata, que <u>ela</u> foi como se hipnotizada, né? Em direção à piscina [...]”
--	--

Fonte: Quadro adaptado do procedimento analítico de Barbosa (2014, p. 88).

A voz da coordenadora do projeto de pesquisa se materializa pela intenção de obter resposta acerca dos sentidos produzidos a partir da leitura da Crônica que aborda a temática das diferenças socioeconômicas presentes na sociedade brasileira. Desta maneira, a pergunta mobilizou a agente-leitora para proceder à leitura deste gênero de texto, conforme o acordo que fora firmado por ela para participação voluntária da pesquisa. A voz da coordenadora da pesquisa corresponde, possivelmente, à voz implícita da instância formal (universidade) para averiguar o potencial de significação dos agentes-leitores que se propuseram a colaborar com essa atividade científica.

A voz de Sofia constrói uma imagem a partir das intenções da coordenadora da pesquisa. É uma voz que procura responder o questionamento, compreender o texto base, no caso a Crônica, enfim correspondê-la quanto aos propósitos da pesquisa. Sofia, então, orienta-se pela voz explícita da coordenadora e as vozes implícitas já mencionadas no Quadro 4, integralizando todas elas no seu processo de significação. Posiciona-se inicialmente sobre sua recepção **afetiva** na leitura da Crônica demonstrando prazer e aceitação. Quando afirma que “**Ele retrata [...] de forma poética, né?**” sobre a temática retratada no texto base, Sofia deixa marcas de interação verbal, evidenciando uma compreensão responsável pelo seu agir sociodiscursivo de leitora ativa.

No enunciado em destaque “[...] **é uma realidade dura isso aqui que a gente** leu, né? [...]”, observa-se uma integralização de vozes implícitas na voz do autor empírico (Sofia) pela representação de realidade social. O verbo **ser**, em terceira pessoa do singular (**é**), marca a presença implícita de outras vozes de entidades sociais que estão imbrincadas na significação de Sofia, que na sequência desse enunciado é identificado com a locução pronominal (**a gente**) que tem mesma função semântica que o pronome pessoal **nós**, ou seja, indica também **todas as pessoas em geral**.

Observou-se ainda que o verbo *ser* refere-se à leitura/a imagem evocada pela leitura, podendo-se relacionar à voz da crônica. Porém, a voz social parece que está mais marcada e presente quando ela afirma que a realidade trazida pela leitura da crônica é um fato carregado de “**dureza**”, compartilhada, chamando a voz da sua interlocutora direta quando busca uma concordância ou não, em (“[...] **a gente; né?** [...]”). Portanto, se configurando como uma imbricação de vozes do autor, da sociedade que compartilha aquela realidade, a de Sofia e a do seu interlocutor imediato da sessão de significação da leitura do gênero de texto lido.

Desta maneira, possivelmente a integralização das vozes realizada por Sofia deu-se por meio dos parâmetros físicos envolvidos na situação comunicativa representadas pelas instâncias discursivas mais próximas de Sofia no momento da produção, no caso a instância científica e os parâmetros sociossubjetivos construídos por Sofia no seu contexto de vida, que no caso se constituem nas interações e experiências verbais com outras instâncias sociais as quais conviveu ou convivia na ocasião da pesquisa, no caso a realidade socioeconômica dos pais, a família, os amigos dentre outros.

A voz do preconceito social também é identificada em momentos distintos da progressão temática, localizada no início (1) e no final (2) dessa significação de modo mais marcado, (1) (“[...] *aqui é aquele **contraste de status** [...]*”) e (2) (“[...] *o **mais prático** pra ele era **vender a casa e sair dali, incomodava** então ele **saiu** [...]*”), evidenciando as posturas que as pessoas assumem em relação às consequências provocadas pelo fenômeno da desigualdade social. Esta voz social guia a agente-leitora em seu processo de significação a partir da leitura do texto base, propiciando a formação de outra representação: um problema social que gera atitudes preconceituosas em pessoas favorecidas economicamente. A agente-leitora ancorada na voz do produtor da Crônica identifica as atitudes preconceituosas dessas pessoas no cotidiano: (2) (“[...] *o **mais prático** pra ele era **vender a casa e sair dali, incomodava** então ele **saiu** [...]*”).

A Crônica como personagem interpela a significação de Sofia como portadora da voz do preconceito social, assumindo uma dada circunstância. (“[...] *é uma realidade dura isso aqui que a gente leu, né?* [...]”), que em termos da avaliação ou posicionamento da significação de Sofia, é regida pelo critério de legitimidade social na formulação do julgamento que ela enunciou na passagem destacada logo acima. Com isso, é possível identificar as avaliações produzidas pela agente-leitora, na categoria de modalização deôntica, os quais implicam a formulação de julgamento constituído do mundo social, quando enuncia a situação retratada no texto base com a utilização de expressões do tipo: (“[...] *é **uma realidade dura** [...]*” // “[...]”).

subculturas [...]” // “[...] *desigualdade social [...]*”) encontradas ao longo da progressão do conteúdo temático presente na Significação de Sofia.

A modalização deôntica é apresentada no decorrer da significação de Sofia, pela enunciação de opiniões críticas sobre o texto base, em termos das diferenças de classe social brasileira. A opinião de Sofia em relação à leitura é realizada por meio da adjetivação e pelo uso verbo *ser* (“[...] *é realidade dura [...]*”), como afirmador de condição ou estado. Constrói, portanto, uma opinião regulada pelo critério de legitimidade social, como uma prática corrente na cultura humana a questão da desigualdade social “[...] *subculturas [...]*” // “[...] *desigualdade social [...]*”).

Identificou-se ainda modalização na categoria apreciativa por construir uma imagem positiva e afetiva procedente do mundo subjetivo em valor de veracidade construída a partir das experiências vividas pela agente-leitora em sentido amplo, demonstrando conhecer outros textos do autor da crônica lida, e, em sentido estrito, por expressar o sentimento de satisfação sobre o texto base lido. A apreciação de Sofia é identificada por meio do verbo *gostar* no presente do indicativo, seguido do advérbio de intensidade *muito*. Os usos do verbo *brincar* no presente do indicativo e da adjetivação *poética* constituem outros elementos linguísticos que semiotizam a modalização apreciativa na significação do texto base pela agente-leitora.

Sofia: Eu **gosto muito** de **Sabino** porque ele **brinca** com a realidade, não é? Ele retrata [...] de **forma poética**, né? Não o poético fantasioso não, mas [...]

A modalização na categoria lógica transita na imagem construída pela leitora de concordância com relação ao conteúdo temático identificado pela leitura do texto base. Introduce o julgamento a partir das condições de verdade relacionadas aos fatos atestados de modo informal (compreensão do fenômeno do preconceito social anterior à leitura da Crônica) e formal (significação do fenômeno do preconceito social posterior à leitura da Crônica). A concordância refere-se à significação sobre o lugar do preconceito social, por meio da confirmação de que a crônica retrata a desigualdade social entre os grupos socioeconomicamente antagônicos que convivem em uma sociedade organizada por classes sociais antagônicas. Essas modalizações lógicas são identificadas pelo julgamento de valor de verdade sob a orientação do mundo objetivo com vistas ao posicionamento de verificação entre o certo e errado.

Sofia: [...] **essa** questão de culturas, subculturas, né? Que convivem tão próximas e que ao mesmo tá tão distante, tão desligado [...] que hoje é uma coisa que a gente **presencia muito**, a gente sabe da desigualdade social, **às vezes** incomoda a desigualdade social, mas a gente não faz nada!

Os modalizadores destacados tratam o valor conceitual em verdadeiro e falso. Quando a agente-leitora usa o pronome demonstrativo *essa* para realizar o julgamento de que, na verdade, as subculturas convivem em uma sociedade organizada por classes distintas. Posiciona-se novamente, afirmando com o julgamento de que na verdade essa questão encontra-se presente no cotidiano com o verbo *presencia* e o advérbio de intensidade *muito*. Posiciona um agir linguageiro ordinário do mundo objetivo mais formal, e finaliza o seu agir linguageiro, nesta passagem, com o posicionamento de que os fatos atestados são verdadeiros, porém não tem perspectiva de mudança dessa situação social marcado pela expressão *a gente não faz nada*.

Nessa significação da Crônica, está presente o movimento dialético do discurso reportado na representação das formações sociais que determinam o trabalho da agente-leitora. Assim, observou-se um deslocamento na direção de um agir linguageiro de adaptação ao discurso de seus interlocutores e em direção à adoção do discurso da crônica e de outros discursos anteriores à leitura do texto base. A adaptação é o ato criativo, que o agente-leitor realiza, formulando um discurso como seu no processo de significação (BRONCKART, 2005).

A adaptação é reconhecida com um agir responsivo ao questionamento “O que você significou do texto?” enunciado pela pesquisadora de iniciação científica na situação comunicativa imediata, que, por sua vez, foi formulado pela coordenadora de pesquisa em uma situação mediata. Essa construção da resposta atende aos determinantes sócio-históricos que regulam o agir linguageiro da agente-leitora na situação de linguagem, que no caso se constituem pelos papéis sociais dos interlocutores (a pesquisadora de iniciação científica, a professora coordenadora do projeto e o autor da Crônica) e pelo contexto formal de situação comunicativa para fins de pesquisa científica.

Nessa situação comunicativa, a agente-leitora assume um posicionamento responsivo (BAKHTIN, 1929/2011) do que seja esperado à resposta não apenas do que sentiu com a leitura realizada, mas também do que significou sobre o conteúdo temático veiculado no texto base. No seu lugar social de aluna universitária e participante voluntária de pesquisa, percebe-se imputada de responsabilidade, com deveres frente à pesquisadora de iniciação científica e à professora coordenadora do projeto de pesquisa e seus outros interlocutores sociais (família, amigos, vizinhança, religião etc.), configurando a significação da crônica com o diálogo do que foi significado por ela.

Sofia: É, como ele fez aqui, o mais prático pra ele era vender a casa e sair dali, incomodava então ele saiu [...] é o que a gente presencia hoje, **e muitas vezes a gente faz isso também, a gente olha e diz:** meu Deus! **Sacanagem**, né? A mulher precisando de água, o cara vai, vende a casa sai! [...]

A adaptação é identificada, na passagem apresentada logo acima, pela locução adverbial (“[...] **muitas vezes** [...]”) com a intenção de destacar que no mundo vivido, ou seja, no cotidiano da vida social, também apresentamos posturas preconceituosas representadas pelo pronome demonstrativo (“[...] **isso** [...]”) e ainda sobre a adaptação que realizou em seu agir linguageiro, a agente-leitora se utiliza de uma expressão que denota a falta de atitude ética presente nas atitudes de preconceito social (“[...] **Sacanagem** [...]”) evidenciando o seu potencial criativo na significação que realizou a partir da leitura da Crônica. Na posição de aluna universitária e voluntária da pesquisa, sob a perspectiva de ser avaliada, apresenta ter sido capaz de significar o conteúdo temático mediado por uma instância social formal como a universidade: o preconceito social cuja Crônica é porta voz, provoca os efeitos discursivos adaptativos formulados pela agente-leitora acerca da construção da sua significação construída pela leitura do texto base, melhor dizendo, o gênero de texto também corrobora para que o processo criativo de significação de leitura seja materializado pela agente-leitora (BRONCKART, 2005; ORLANDI, 2006).

Ao mesmo tempo, a adoção do discurso da crônica, é identificada no seu próprio discurso de leitura, evidenciando seu entendimento sobre: (1) o lugar do preconceito social; (2) a cena em que passa o acontecimento; e (3) as atitudes preconceituosas e suas manifestações. O quadro a seguir apresenta a significação por adoção de Sofia apoiada no que foi dito na crônica.

Quadro 6 - Adoção do discurso da Crônica na Significação de Sofia.

Sofia	Crônica
(1) “[...] <i>é uma realidade dura isso aqui que a gente leu né? Embora eu achei graça com o tema, aqui é aquele contraste de status</i> ”.	(1) “ <i>Era uma esplêndida residência, na Lagoa Rodrigo de Freitas, cercada de jardins e tendo ao lado uma bela piscina. Pena que a favela, com seus barracos grotescos se alastrando pela encosta do morro, comprometesse tanto a paisagem.</i> ”
(2) “[...] <i>Ela achou bem mais prático ir bulir com a torneira, sei lá onde ela tava</i>	(2) “ <i>De súbito, pareceu à dona da casa a estranha criatura se esgueirava, portão</i>

<i>pegando água, ir lá pra pegar alguma coisa e sair e ela mesma não teve intuito nenhum de fazer mal, e ela [...] engraçado pelo que você lê aqui [...] ela nem parou pra pensar que tava entrando na propriedade de alguém, que alguém podia [...] soltar os cachorros em cima dela ou aparecer algum segurança, ela ficou tão fascinada com a quantidade de água que tinha ali e ela querendo só uma lata, que ela foi como se hipnotizada, né? Em direção à piscina [...]”</i>	<i>adentro, sem tirar dela os olhos, Ergue-se um pouco apoiando-se no cotovelo, e viu com terror que ela se aproximava lentamente; já transpusera o gramado, atingia a piscina, agachava-se junto à borda de azulejos, sempre a olhá-la, em desafio, e agora colhia com a lata. Depois, sem uma palavra, iniciou cautelosa retirada, meio de lado, equilibrando a lata na cabeça o e em pouco tempo sumia-se pelo portão.”</i>
(3) <i>“É, como ele fez aqui, o mais prático pra ele era vender a casa e sair dali, incomodava então ele saiu [...]”</i>	(3) <i>“Lá no terraço, o marido, fascinado, assistiu a toda cena. Não durou mais de um ou dois minutos [...] Não teve dúvidas: na semana seguinte vendeu a casa.”</i>

Fonte: Quadro adaptado do procedimento analítico de Barbosa (2014, p. 93)

Ao finalizar as análises relacionadas à significação da Crônica por Sofia, identificou-se que esta produção de leitura constituiu-se por meio de réplicas, oriundas tanto da interação direta na situação comunicativa que estabeleceu com a pesquisadora de iniciação científica, visualizadas pelas repostas diretas aos questionamentos de Sofia em relação ao conteúdo temático como na interação indireta com os outros interlocutores ausentes fisicamente na situação comunicativa, embora presentes discursivamente, sendo representados pelo autor e pelos personagens do gênero de texto lido, e a pesquisadora coordenadora do projeto de pesquisa, conduzindo esta agente-leitora a produzir respostas em função das interações que realizou sobre o texto base.

Desta maneira, foram observadas réplicas construídas de forma direta em relação à significação da Crônica, mobilizadas por meio das respostas formuladas pela pesquisadora de iniciação científica, dialogando com o posicionamento de Sofia quanto à leitura do texto base, em posicionamentos responsivos. De início, observou-se uma réplica (R1) com efeito de resposta, formulada pela pesquisadora de iniciação científica que confirma, mesmo que com tom de incerteza (R1 - **“Não sei, mas eu acho que é”**), a pergunta realizada por Sofia em relação ao local onde se passa a cena.

Com a progressão temática da significação de Sofia sobre o texto base, observou-se a formulação de uma nova (R2 - “**Imposição socioeconômica**”) por parte da pesquisadora de iniciação científica, que funcionou como acabamento do posicionamento enunciativo da agente-leitora acerca do seu entendimento sobre a leitura realizada.

Seguindo com a identificação de réplicas na interação verbal construída entre Sofia e a pesquisadora de iniciação científica, foram observadas mais quatro réplicas (R3, R4, R5 e R6) produzidas pela pesquisadora de iniciação científica em relação às significações realizadas por Sofia, todas elas funcionando como confirmação da enunciação realizada pela agente-leitora. (R3 - “É”; R4 – “**Hum, hum**”; R5 – “**Se amedronta, né?**”, R6 – “**Hum, hum**” e R7 - “**É verdade.**”).

Com as réplicas identificadas, constatou-se o movimento de interação verbal entre estas duas interlocutoras, diretamente envolvida na situação comunicativa em destaque com posicionamento responsivo de concordância entre a agente-leitora e toda sua significação sobre o texto base e a pesquisadora de iniciação científica que estava registrando e acompanhando o raciocínio produzido pela agente-leitora após a leitura da Crônica.

Por outro lado, observaram-se réplicas produzidas por Sofia na forma indireta por meio da interlocução que manteve com o autor e com as personagens da Crônica e com a pesquisadora coordenadora do projeto de pesquisa no qual esta agente-leitora é participante voluntária. As réplicas, neste caso, funcionam como posicionamento responsivo as instâncias sociais formais que condicionam a produção de sentidos realizada pela agente-leitora. No caso da professora coordenadora da pesquisa, esta dirige uma pergunta a Sofia “O que você significou do texto?” com a intensão de saber a compreensão de leitura que a agente-leitora produz acerca do gênero de texto que leu, revelando a constituição sócio-histórica de Sofia em relação às práticas de leitura que vivenciou desde a infância até o momento da pesquisa, sendo, portanto uma instância formal vinculada ao mundo do conhecimento científico.

Já sobre os outros interlocutores indiretos, presentes no desenvolvimento da significação de Sofia sobre a Crônica, identificou-se a produção de réplicas para atender as motivações e intenções tanto do autor deste gênero de texto como dos personagens envolvidos na cena literária retratada pelo autor, os quais representam a instância social das distorções socioeconômicas presentes na sociedade brasileira, cuja organização se constitui pela divisão de grupos por classe social.

4.4 Configuração dos parâmetros físicos e sociossubjetivos da ação de linguagem produzida na significação do Artigo Científico pela agente-leitora na interação com o pesquisador

✓ Agente-leitora

Sofia, estudante de Pedagogia, cujos dados relacionados à sua constituição leitora, bem como seus dados sociossubjetivos na ocasião da pesquisa foram descritos anteriormente, dispensa uma nova descrição, já que se trata da mesma agente-leitora.

✓ Gênero de Texto, título e autoras do texto base lido pela agente leitora:

Artigo Científico

Sexualidade e Violência, o que é isso para jovens que vivem na rua?

Luciana de Alcântara Nogueira e Luzia Marta Bellini (ANEXO B)

✓ O espaço físico do trabalho de significação do Artigo Científico pela agente-leitora

O espaço físico onde aconteceu a significação da leitura por Sofia do Artigo Científico foi o mesmo local onde ocorreu a entrevista e a significação de leitura da Crônica, ou seja, a ação de linguagem também se desenvolveu no mesmo espaço que foi a sala da professora coordenadora da pesquisa.

✓ Características da instituição que a agente-leitora está situada

Da mesma forma que o item acima, a descrição sobre as características da instituição que a agente-leitora está situada foi realizada em momento anterior, dispensando a repetição dessa informação neste item, uma vez que a significação do Artigo Científico aconteceu na mesma instituição.

✓ *Lugar social de onde a enunciativa (agente-leitora) produz a significação*

Como dito em momento anterior, por se tratar de uma atividade de pesquisa científica, cuja participação se realiza de modo voluntário sem finalidades de verificação de aprendizagem formal, como no caso das atividades de ensino, mas, ao mesmo tempo, por estar situado em contexto universitário, acredita-se que este tenha funcionado como uma formação social reguladora no trabalho de significação da agente-leitora na situação comunicativa estabelecida por meio do Artigo Científico, assumindo uma dentre as possíveis determinações sócio-históricas envolvidas neste tipo de trabalho com a linguagem. Sofia produziu sua significação de um lugar social acadêmico, mesmo que este texto aborde um conteúdo temático social mais amplo, no caso a sexualidade entre jovens que moram na rua, possibilitando uma ação de linguagem constituída na tensão entre a restrição e a liberdade da criação verbal (BORNCKART, 2005) apresentada e discutida mais adiante.

Assim, como observado na entrevista e na significação da Crônica, também foram evidenciados outros determinantes sócio-históricos que foram internalizados por Sofia ao longo das interações que produziu, funcionando como mediadores sociais na sua construção enquanto pessoa culturalmente situada (BRONCKART, 2008; VYGOSTKY, 1934/2001). Daí, a família, a igreja, a comunidade, o trabalho também se configuraram como determinantes que atuam na significação realizada por Sofia após a leitura do texto base, no caso o Artigo Científico.

✓ *Objetivo pretendido na sessão de significação do Artigo Científico pela agente-leitora*

Do mesmo modo que ocorreu na sessão significação da Crônica, o objetivo pretendido na sessão de significação do Artigo Científico foi apresentar e discutir o processo de significação realizado por Sofia quando em situação de leitura deste gênero de texto.

Do objetivo maior proposto pelo projeto de pesquisa, o qual fora descrito em momento anterior, só que com ênfase na significação da Crônica, derivou-se o objetivo mais situado na significação desta agente-leitora, cuja produção de leitura do Artigo Científico, em específico, foi identificar e discutir como os mundos discursivos de Sofia são construídos a partir da recepção deste gênero de texto.

- ✓ *O(s) destinatário(s) do trabalho da agente-leitora na sessão de significação Artigo Científico*

No caso da significação que Sofia realizou em relação à leitura do Artigo Científico, manteve-se presente a pesquisadora de iniciação científica por estar situada fisicamente na situação comunicativa, e, por conseguinte, de maneira direta na ação de linguagem de Sofia em relação à atividade de leitura do texto base, atuando ativamente na interlocução construída por ambas a partir dessa segunda sessão de leitura para fins de pesquisa. Ademais, manteve-se de modo indireto, a interlocução com a professora coordenadora do projeto de pesquisa, alterando a função interlocutiva com as autoras, criada a partir do gênero de texto lido, pois, nessa situação comunicativa, em termos da relação leitor-autor, que funcionou também de modo indireto pelo fato das duas autoras do Artigo Científico não estarem presentes fisicamente ao contexto da significação da leitura.

Assim, na posição de destinatária direta, permaneceu a pesquisadora de iniciação científica e, na posição de destinatária indireta, permaneceu a professora coordenadora do projeto de pesquisa. No entanto, nessa segunda sessão de leitura, Sofia fez interlocução com as duas autoras do Artigo Científico, representadas como as duas destinatárias indiretas da significação desta agente-leitora.

4.5 Características discursivas do Artigo Científico lido por Sofia

Sobre a significação do Artigo Científico, apresenta-se logo a seguir, toda a situação comunicativa produzida entre a agente-leitora e a pesquisadora de iniciação científica.

Quadro 7 - Significação do Artigo Científico realizada por Sofia.

Pesquisadora: “Sofia, nessa segunda sessão de leitura nós temos dois textos, um artigo científico e um artigo de opinião, primeiro o que você vai ler é o artigo científico, fica bem à vontade pra ler e quando terminar me avisa.”

Sofia: “*Essa letrinha devia ser maiorzinha!*”

Pesquisadora: “Vou tentar aumentar da próxima vez. Pergunto: o que você significou do texto?”

Sofia: “*Eu achei muito interessante essa questão de procurar entender como é que funciona a sexualidade e se há uma relação com a violência, eu entendi que era isso.*”

Pesquisadora: “Hum, hum.”

Sofia: “*Era procurar se existia uma relação entre a sexualidade e a violência desses adolescentes que vivem na rua, né? E porque a gente às vezes tem essa visão, né?*”

Pesquisadora: “É”

Sofia: “*Que eles são violentos porque são abusados sexualmente porque perdeu essa inocência, tem gente que acha que a inocência tá ligada à sexualidade, porque o adolescente é inocente quando ainda não tem vida sexual, por exemplo.*”

Pesquisadora: “Hum, hum”.

Sofia: “*E é interessante a conclusão do artigo, quando ela chega... quer dizer, na realidade eu achei que ela não conseguiu concluir, voltar à pergunta, né? se havia realmente uma relação entre a violência e a sexualidade, que pelos relatos dos meninos aqui, eles falavam sobre sexualidade com muita naturalidade, mas nenhum chegou a dizer se foi violentado, se não foi.*”

Pesquisadora: “Hum, hum.”

Sofia: *né? Se só saiu de casa porque discutiu com alguém, se sofreu algum tipo de abuso, eles não dizem então aí não dá pra tirar aquela conclusão de que eles [...] se há realmente uma ligação direta entre a sexualidade e a violência pra eles que tão na rua, mas eu achei interessante o texto.*

Pesquisadora: “Você achou o texto longo ou cansativo?”

Sofia: “*Não, longo ele é, mas cansativo eu não achei não, até quando tu disseste que era um artigo científico, eu pensei: ai meu Deus! Vai ser aquele assunto chato!*”

Pesquisadora: “Hum, hum.”

Sofia: “*Mas o assunto é interessante, foi envolvendo, eu acho que foi a maneira como foi narrada, né?*”

Pesquisadora: “Hum, hum”

Sofia: “*Ficou muito interessante e teve histórias que me surpreenderam, acho que foi por isso que me envolveram, os relatos dos adolescentes, as meninas falando sobre sexualidade com tanta naturalidade, coisa que eu, com 28 anos, não consigo fazer [...]*

Pesquisadora: “Hum, hum”

Sofia: “*É essa questão de ligar a sexualidade com violência, retoma aquilo que eu já tinha dito antes que eu não consigo fazer essa relação direta, até porque a gente não sabe, eles não comentam, né? Os entrevistados se os primeiros, se as primeiras relações foram de violência ou se foi se cederam, eles colocam mais aqui a relação sexual como afetividade, uma forma de se demonstrar sentimentos, de se fazer parte de um grupo social, né?*”

Pesquisadora: “Hum, hum”.

Sofia: “*O caminho que eles escolheram pra eles, achei legal essa questão também que eles falaram dos abrigos, de... a ideia de abrigo é de cuidar, só que aí isola eles, eu achei interessante essa parte, que ela diz assim que o abrigo isola, e por isolam eles da família que eles escolheram pra eles, né? Aí eles fogem, acho que se fosse pra dormir, ou mesmo que eles passem o dia todo, que eles estudem, mas que eles tenham o contato com pessoas que estão aqui fora, eles não tivessem essa necessidade de estar fugindo*”

Pesquisadora: “É verdade.”

Sofia: “*Né? E é isso.*”

Pesquisadora: “Ok.”

Fonte: Dados da pesquisa.

✓ *Os Tipos de Discurso, Mundos Discursivos representados no Artigo Científico*

É sabido, ao proceder com a análise das unidades linguísticas em uma dada situação comunicativa, que é possível identificar os tipos de discurso presentes na significação de leitura de gêneros de textos. É sabido também que esse tipo de análise permite que se compreenda em qual mundo discursivo a significação de Sofia se inscreve. Por essa razão, é fundamental, para pesquisas em psicologia que elegem o quadro teórico e metodológico do ISD, primarem por esse tipo de análise, já que permite acompanhar a integralização que as pessoas realizam entre as operações psicológicas produzidas por elas com as ações de linguagem evocadas pelas mesmas para representar a construção do seu pensamento, ou melhor, a constituição indissociável entre pensamento e linguagem intrínseco ao desenvolvimento humano (BRONCKART, 1999; BRONCKART, 2006; VIGOTSKI, 1934/2001; VIGOTSKI, 1984). Feita essa consideração inicial, passa-se a análise dos recursos da língua presentes na significação da leitura do Artigo Científico realizado por Sofia.

A mesma conduta analítica empreendida na significação da Crônica foi realizada com o Artigo Científico. Dessa maneira, apresenta-se, a seguir, o quadro esquemático sobre as quatro categorias tratadas (ordem discursiva, grau de implicação, tipos de discurso e tipos de raciocínio), pois, como dito em momento anterior, estas categorias funcionam como uma síntese que demarca as operações psicológicas representadas pelas unidades linguísticas, analisadas adiante, produzidas pela agente após a sua significação do texto base lido.

Quadro 8 - Parâmetros da significação da leitura do gênero de texto Artigo Científico.

Constituição do mundo discursivo através da leitura do Artigo Científico		Grau de implicação da Significação		Tipo de discurso		Raciocínio ativado	
Conjunto, ordem do EXPOR	X	Implicado	X	Interativo	X	Prático	X
		Autônomo		Teórico		Lógico ou semi-lógico	
Disjunto, ordem do NARRAR		Implicado		Relato interativo		Cronológico	
		Autônomo		Narração			

Fonte: Quadro adaptado do procedimento analítico de Barbosa (2014, p. 77).

Assim, os tipos de discursos apresentados na significação do Artigo Científico foram observados por meio das unidades linguísticas representativas das operações psicológicas estabilizadas no momento da situação comunicativa. Foram computadas trinta e quatro (34) ocorrências quanto à utilização pronominal, sendo a predominância deste tipo de unidade linguística, para o pronome de 3ª pessoa do plural, somando a metade do total de pronomes utilizados por Sofia em sua significação sobre o texto base, o gênero semiotizado pela agente-leitora, quanto ao uso desse pronome foi o masculino (“[...] **eles** são violentos porque são abusados sexualmente [...]” // “[...] **eles** falavam sobre sexualidade com muita naturalidade[.]” // “O caminho que **eles** escolheram pra **eles** [...]” // “[...] **eles** (aqui é a voz das autoras do texto) colocam mais aqui a relação sexual como afetividade [...]”). Em segundo lugar, totalizando onze (11) ocorrências, observou-se a utilização do pronome de 1ª pessoa a do singular (“[...] **Eu** achei muito interessante [...]” // “[...] **eu** entendi que era isso.” // “[...] **eu** já tinha dito antes que eu não consigo fazer essa relação direta [...]” // “[...] **eu** achei interessante essa parte [...]”); na terceira posição encontram-se a utilização do pronome de 3ª pessoa do singular utilizado tanto com o gênero masculino como no feminino com cinco (05) ocorrências (“[...] quando **ela** chega... quer dizer [...]” // “[...]de que **ele** se há realmente uma ligação direta entre a sexualidade [...]”), por último identificou-se apenas uma (01) ocorrência do pronome de 2ª pessoa do singular do singular (“[...] até quando **tu** dissesses que era um artigo científico [...]”).

Desse modo, com a identificação da colocação pronominal presente na significação de Sofia sobre a leitura do Artigo Científico, pode-se dizer mais uma vez que esta agente-leitora cria um mundo discursivo implicado à situação de comunicação estabelecida com as agentes autoras e com os adolescentes participantes da pesquisa apresentada no Artigo Científico e ela, a agente leitora.

Com isso, considerou-se que Sofia produz uma compreensão de leitura por meio de ações de linguagem interconectadas entre autor-texto-leitor, concepção esta que embasa uma posição de leitura ativa, colaborativa e crítico-reflexiva. Neste caso, fica patente que ler não é apenas decodificar, mas, vai além da apreensão do código linguístico, uma vez que o ato de compreender o que se ler é uma atividade vinculada às práticas socioculturais, e o gênero de texto, é o material por excelência que propicia a comunicação verbal entre os agentes de linguagem envolvidos na situação comunicativa. Então, reforça-se que a recepção de gênero textual, na perspectiva de compreensão de leitura assumida nesta pesquisa, é um trabalho

interlocutivo e colaborativo produzido na relação entre leitor-texto-autor (MARCUSCHI, 2008; ORLANDI, 2006).

O agir linguageiro de Sofia identificado pela colocação pronominal é o primeiro indício de configurar-se em grau implicado, denotando que a agente-leitora está produzindo significação articulada à leitura do texto base em destaque nessa análise, no caso, significação de implicação com o Artigo Científico recepcionado/lido por Sofia por meio da construção do mundo discursivo que esta agente-leitora cria na segunda sessão de produção de leitura. Portanto, pode-se considerar que há interação entre o mundo discursivo criado por Sofia na significação do Artigo Científico e o mundo sociointerativo em que acontece a situação comunicativa.

Essa interação se dá com a marca da colocação pronominal “**eles**” quando faz referência aos participantes da pesquisa empírica tratada no Artigo Científico, no caso os adolescentes que moravam nas ruas da cidade de Maringá no Paraná, região sul do país, quando usa o pronome “**ele**” “**ela**” também com a mesma função de referenciação discursiva, só que a uma ou um participante da pesquisa em específico já que havia quatro adolescentes do sexo feminino e dois adolescentes do sexo masculino no texto base.

Nesta mesma linha de pensamento, pode-se considerar o grau de implicação da significação da leitura de Sofia por estar interagindo com o mundo discursivo materializado no Artigo Científico pelas destinatárias indiretas, no caso, as duas autoras do texto base, uma vez que não se encontram presentes fisicamente na situação comunicativa de produção de leitura, mas que são evocadas na significação quando esta agente-leitora enuncia (“[...] **eu** achei que **ela** não conseguiu concluir, voltar à pergunta, né? [...]”), pois o “**eu**” denota seu entendimento sobre o texto base e o “**ela**” remete às destinatárias indiretas (as produtoras do Artigo Científico), que na opinião de Sofia não conseguiram responder as perguntas iniciais da pesquisa, a saber: “[...] como o jovem considerado em situação de risco concebia o sexo e quais eram as situações de violência que ele vivenciava relacionadas ao sexo.” Localizadas no Artigo Científico na p.661, na primeira coluna, no segundo parágrafo, escritas nas linhas 6, 7, 8, 9 e 10 (ANEXO B).

Retoma-se, então, Miranda (2008) com destaque na sua explicação sobre a função dos pronomes de primeira, segunda e terceira pessoa do singular ou do plural que remetem aos interlocutores evocados na interação verbal pela agente-leitora na situação comunicativa aqui analisada. É interpretado neste trabalho, a partir desta autora, que outras unidades linguísticas demarcam a relação entre o mundo discursivo presente no texto base e a significação de leitura

realizada pelo agente-leitor em situação comunicativa determinada tanto pelos parâmetros físicos como pelos sociossubjetivos da ação de linguagem, as quais foram elencadas em momento anterior, na análise da significação da Crônica por Sofia.

Do mesmo modo que na análise empreendida na significação da Crônica, tomaram-se as orientações de Miranda (2008) para averiguar outras unidades linguísticas estabelecidas na significação do Artigo Científico por Sofia. Assim, procedeu-se com a identificação do tempo verbal utilizado por Sofia na significação deste texto base por se configurarem, a partir da flexão utilizada pela enunciativa, no caso aqui assumido por essa agente-leitora, como promotores de estabilização semiotizada do seu agir languageiro, ou melhor, do discurso produzido pela agente-leitora, por meio das representações dêiticas temporais representadas pela flexão verbal encontradas na significação da leitura, levando a perceber a relação de implicação ou autonomia que o discurso produzido pela agente-leitora exerce face à situação comunicativa analisada.

Assim, logo abaixo, estão dispostos no Quadro 9, parte dos segmentos que ilustram a temporalidade verbal utilizada pela agente-leitora na situação comunicativa produzida na significação do Artigo Científico.

Quadro 9 - Tempos verbais representados na significação do Artigo Científico por Sofia.

Presente do indicativo	Pretérito do indicativo		Discurso
	<u>Perfeito</u>	<u>Imperfeito</u>	
É Funciona	Achei		“[...] Eu achei muito interessante [...] essa questão de procurar entender como é que funciona a sexualidade [...]”
Vivem		Era Existia	“ Era procurar se existia uma relação entre a sexualidade e a violência desses adolescentes que vivem na rua, né? [...]”
São (2)	Perdeu		“Que eles são violentos porque são abusados sexualmente porque perdeu essa inocência [...]”
Tem (2) Acha Tá É			“[...] tem gente que acha que a inocência tá ligada à sexualidade, porque o adolescente é inocente quando ainda não tem vida sexual [...]”.
	Achei Conseguiu		“[...] na realidade eu achei que ela não conseguiu concluir, voltar à pergunta, né? [...]”
	Foi (2) Chegou	Falavam	“[...] que pelos relatos dos meninos aqui, eles falavam sobre sexualidade com muita naturalidade, mas nenhum chegou a dizer se foi violentado, se não foi [...]”
	Saiu Discutiu Sofreu		“[...] Se só saiu de casa porque discutiu com alguém, se sofreu algum tipo de abuso [...]”
Tão	Achei		“[...] se há realmente uma ligação direta entre a sexualidade e a violência pra eles que tão na rua, mas eu achei interessante o texto.”
É	Achei Disseste Pensei		“[...] Não, longo ele é , mas cansativo eu não achei não, até quando tu disseste que era um artigo científico, eu pensei : ai meu Deus! [...]”

	Era		
É Acho	Foi (3)		<i>“Mas o assunto é interessante, foi envolvendo, eu acho que foi a maneira como foi narrada, né?”</i>
Consigo Acho	Ficou Teve Envolveram		<i>“Ficou muito interessante e teve histórias que me surpreenderam, acho que foi por isso que me envolveram, os relatos dos adolescentes, as meninas falando sobre sexualidade com tanta naturalidade, coisa que eu, com 28 anos, não consigo fazer [...]”</i>
Colocam	Foram Foi Cederam		<i>“[...] se as primeiras relações foram de violência ou se foi se cederam, eles colocam mais aqui a relação sexual como afetividade [...]”</i>
É Isola (2) Diz Isolam	Escolheram Achei Falaram		<i>“O caminho que eles escolheram pra eles, achei legal essa questão também que eles falaram dos abrigos [...] a ideia de abrigo é de cuidar, só que aí isola eles, eu achei interessante essa parte que ela diz assim que o abrigo isola, e por isolam eles da família [...]”</i>
Fogem Acho Estão		Tivessem	<i>“[...] Ai eles fogem, acho que se fosse pra dormir, ou mesmo que eles passem o dia todo, que eles estudem, mas que eles tenham o contato com pessoas que estão aqui fora, eles não tivessem essa necessidade de estar fugindo.”</i>

Fonte: Quadro adaptado do procedimento analítico de Barbosa (2014, p. 80-81).

Por meio da conjugação do tempo verbal representado na significação do Artigo Científico produzido por Sofia, observou-se uma equivalência em termos da utilização do verbo flexionado no presente do indicativo e do pretérito, marcado pela configuração do par perfeito-imperfeito, uma vez que em ambas as marcas de flexão verbal analisadas foram computadas em torno de quarenta ocorrências.

Desta maneira, tem-se que a função de dêitico temporal dos verbos tanto foi localizada pela referência do “*agora*”, mobilizados pelo uso do presente do indicativo (“[...] *essa questão de procurar entender como é que funciona a sexualidade [...]*” // “[...] **tem** gente que **acha** que a inocência **tá** ligada à sexualidade, porque o **é** inocente quando ainda não **tem** vida sexual [...]” // “[...] **Aí** eles **fogem**, **acho** que se fosse pra dormir, ou mesmo que eles passem o dia todo, que eles estudem, mas que eles tenham o contato com pessoas que **estão** aqui fora [...]”), como pela referência do “*ontem*” (“[...] **Eu achei** muito interessante [...]” // “[...] **Era** procurar se **existia** uma relação entre a sexualidade e a violência desses adolescentes [...]” // “[...] na realidade eu **achei** que ela não conseguiu concluir, voltar à pergunta, né? [...]” // “[...] Se só **saiu** de casa porque **discutiu** com alguém, se **sofreu** algum tipo de abuso [...]”) acionados pela utilização do pretérito nas suas duas possibilidades de flexão: perfeito e imperfeito.

Em termos das unidades linguísticas que marcam os dêiticos espaciais, cuja função é fazer referência ao lugar em que acontece a significação do Artigo Científico pela agente-leitora, físico e sociossubjetivo, evidenciando o nível de proximidade entre a ação verbal produzida e o contexto sociointerativo onde o discurso produzido acontece. Assim, como apontado no momento da análise da significação da Crônica, constituem o grupo de unidades linguísticas na categoria dos dêiticos espaciais os advérbios ou locuções adverbiais com valor de lugar, os pronomes demonstrativos e os verbos que indicam movimento. Com isso, foram identificados, na significação de Sofia sobre o texto base, locuções adverbiais (“[...] a violência desses adolescentes que vivem **na rua**, né? [...]”); advérbios (“[...] porque o adolescente é inocente quando **ainda não** tem vida sexual, por exemplo.” // “[...] que pelos relatos dos meninos **aqui**, eles falavam sobre sexualidade com **muita** naturalidade, mas **nenhum** chegou a dizer se foi violentado, se não foi.”); pronomes demonstrativos (“[...] **É essa** questão de ligar a sexualidade com violência [...]” // “[...] Era procurar se existia uma relação entre a sexualidade e a violência **desses** adolescentes que vivem na rua né? [...]”) e verbos que indicam movimentos (“[...] eles falavam sobre sexualidade com muita naturalidade, mas **nenhum chegou** a dizer se foi violentado, se não foi [...]” // “[...] **É** essa questão de ligar a sexualidade com violência, **retoma** aquilo que eu já tinha dito antes [...]” // “[...] **Aí** eles **fogem**, acho que se

fosse pra dormir, ou mesmo que eles passem o dia todo, que eles estudem [...]”). Desse modo foi possível identificar a organização espaço-temporal trilhada pela agente-leitora Sofia, por meio de suas escolhas dêiticas, produzidas na significação do Artigo Científico.

Assim por meio das escolhas realizadas pela agente-leitora acerca das unidades linguísticas, pode-se considerar que a ação verbal se constitui através de um planejamento interno que aciona o raciocínio prático do discurso interativo da ordem do expor, conjunto à situação comunicativa da significação do Artigo Científico em grau implicado. Por essas coordenadas gerais do mundo ordinário, a agente-leitora produz sua significação na situação da leitura do Artigo Científico com eixo de temporalidade do “ontem” e do “agora”. Na posição que ocupa de receptora (leitora), deslocado em produtora de significação de leitura do texto base, sincronicamente com seu interlocutor direto (no caso a pesquisadora de iniciação científica), presente fisicamente, e os indiretos (no caso, as autoras do Artigo Científico e a professora pesquisadora), ausentes fisicamente, configurando um agir linguageiro que implica a fala da agente-leitora em um discurso imediato. O discurso interativo acontece com equivalência nos usos dos tempos presente e passado.

4.6 A textualização representada na significação do Artigo Científico

Assim como realizado na significação da Crônica por Sofia foi conduzida a análise da textualização do Artigo Científico com início no mecanismo de conexão, seguindo para coesão verbal e logo após para a coesão nominal. Fechando, desta maneira, o circuito de análise dos três mecanismos de textualização proposto pelo ISD.

✓ Análise da Conexão

Reconhece-se que os conectivos funcionam como elos entre as orações coordenadas e subordinadas presentes no texto. Por se tratar de uma atividade de leitura de gênero de texto, realizada por uma agente-leitora, a análise dos conectivos incidiu sobre a materialidade da significação de Sofia sobre o Artigo Científico, o qual fora apresentada no Quadro 8 (p. 104).

Então, observaram-se na significação do Artigo Científico por Sofia, orações coordenadas aditivas representadas pelo uso do conectivo “*e*”, orações coordenadas adversativas representadas pelo uso do conectivo “*mas*” e orações coordenadas alternativas pelo uso do conectivo “*ou*”. Assim, têm-se passagens que expressam a ideia de adição entre as

orações enunciadas por Sofia (*“Era procurar se existia uma relação entre a sexualidade e a violência desses adolescentes que vivem na rua, né? [...]” // se há realmente uma ligação direta entre a sexualidade e a violência pra eles que tão na rua*) evidenciado a relação de inclusão entre sexualidade e violência criadas a partir da leitura do Artigo Científico.

Já a ideia de adversidade representada na significação de Sofia, foi constatada na passagem que traz um comentário sobre como os adolescentes que moram nas ruas de Maringá lidam com sua sexualidade, além disso, Sofia destaca que não havia informação suficiente que deixasse claro se havia atos violentos nas práticas sexuais desses adolescentes (*“[...] eles falavam sobre sexualidade com muita naturalidade, **mas** nenhum chegou a dizer se foi violentado [...]”*). Outra passagem que marca o uso do conectivo adversativo foi no comentário que faz ao tamanho do texto, relacionando-o a uma leitura que não se configurou como cansativa apesar de ser extensa (*“[...] longo ele é, **mas** cansativo eu não achei não.”*). Com isso, considerou-se que Sofia reflete acerca das contradições que o gênero de texto apresenta para ela, portanto, faz uma leitura crítica por produzir comentários acerca das adversidades provocadas pelo diálogo que manteve com as autoras do Artigo Científico lido.

Então, é permitido considerar que a leitura combinada entre o tipo de gênero e o tema veiculado produziu efeitos adversativos no processo de significação de Sofia diante da situação comunicativa que ela estabeleceu com os destinatários de sua produção, que no primeiro exemplar da oração adversativa pode ser visto o efeito adversativo produzido a partir da interlocução que estabeleceu com os participantes da pesquisa e com as autoras do Artigo Científico. Já no segundo exemplar de oração adversativa ilustrada acima, identificou-se o efeito adversativo produzido a partir da interlocução que estabeleceu com a pesquisadora de iniciação científica, uma vez que esta pergunta a Sofia se achou o texto cansativo.

O fator cansaço, por conta de uma extensão textual longa, como composição constitutiva do gênero de texto Artigo Científico, se configura como um dos componentes das condições de produção da leitura, o que pode interferir na proliferação de sentidos possíveis de serem construídos, mas quando se observa a relação entre dois ou mais componentes constituintes do ato de ler, no caso aqui em relevo: a extensão do texto e o seu conteúdo temático, observou-se que não impactou negativamente na significação de Sofia, uma vez que esta agente-leitora, desde o início da significação que realizou do texto base, enunciou ter achado o conteúdo temático interessante. Então, esse aspecto da produção de leitura do gênero de texto lido vai ao encontro da concepção de compreensão de leitura defendida pelas ciências do discurso no tocante às condições de produção de leitura em termos da relação entre a história do leitor e a

história da leitura. O leitor que tem contato com esse tipo de materialidade discursiva, no caso o gênero de texto Artigo Científico, e que tem conhecimento prévio sobre tema nele veiculado, certamente trabalha a leitura com maior grau de legibilidade, já que a legibilidade não está nem no texto, nem no autor e nem no leitor, mas, sim, na relação dialética estabelecida entre leitor-texto-autor. Portanto, admite-se que compreensão/recepção textual é um trabalho atrelado as condições de produção de leitura (ORLANDI, 2006).

Por último, em termos das orações coordenadas alternativas, observou-se uma única passagem nesse formato (“[...] *se as primeiras relações foram de violência ou se foi se cederam [...]*”), mas essa formulação evidencia o pensamento verbal hipotético criado por Sofia na significação que produziu a partir da leitura do texto base. Este é mais um elemento que indica um posicionamento responsivo dela para com o gênero de texto que leu. O efeito de leitura pela criação de alternativas possíveis que Sofia levanta a partir da leitura denota também a interlocução que ela produziu com os destinatários indiretos, no caso em específico aqui, com as autoras; e com a destinatária direta que foi a pesquisadora de iniciação científica.

Sobre as formulações de orações subordinadas observou-se a presença com alto nível de saturação dos tipos de conectivos causais representado pelo uso do “**que**”, pelo uso de locuções adverbiais “**por isso**” e pelo uso do conectivo “**porque**”, sendo que os dois últimos conectivos foram observados apenas em uma (01) ocorrência cada (“[...] *tem gente **que** acha **que** a inocência tá ligada há sexualidade [...]*” // “[...] *na realidade eu achei **que** ela não conseguiu concluir [...]*” // “*Ficou muito interessante e teve histórias **que** me surpreenderam, acho que foi **por isso que** me envolveram, os relatos dos adolescentes [...]*” // “[...] *achei legal essa questão também **que** eles falaram dos abrigos [...]*” // “[...] *acho **que** se fosse pra dormir, ou mesmo **que** eles passem o dia todo, que eles estudem [...]*” // “**Que** eles são violentos **porque** são abusados sexualmente **porque** perdeu essa inocência [...]”).

Dessa maneira, a ideia de causalidade formulada por Sofia a partir da leitura que realizou do texto base evidencia o fato de como o gênero de texto que se lê exerce força locutória no trabalho de interpretação do leitor, posto que, por se tratar de um gênero de texto marcado pela predominância do discurso expositivo produz efeitos de leituras na agente-leitora marcada por uma configuração discursiva também de natureza expositiva com predominância de sequências comunicativas explicativas. Melhor dizendo, é possível considerar que o gênero de texto lido e como este se configura em termos da composição linguística dos tipos de conectivos que o constitui, e, por conseguinte, na organização da sua progressão temática, exerce influência no modo como a significação da leitura acontece pelo agente-leitor, pois Sofia, em todo momento,

apresenta explicações possíveis para o fato de como estes jovens que moram na rua, participantes da pesquisa, lidam com as suas respectivas sexualidades, e também de como eles concebem a função de isolamento social propiciada pelo abrigo público que eles estavam ligados. O abrigo deveria funcionar como um domicílio, um lar, um espaço de convívio e de aprendizagem social, mas os jovens não percebem desta maneira, e sim como um lugar de confinamento, de isolamento social.

Desta maneira, os conectivos encontrados funcionaram como organizadores textuais nesta produção de leitura, garantindo o estabelecimento da progressão temática na significação do Artigo Científico realizada por Sofia.

✓ *Análise da Coesão Verbal*

Como realizado na análise da significação da Crônica por Sofia, procedeu-se à análise da coesão verbal da significação do Artigo Científico com intenção de, por meio da análise dos tempos e modos verbais configurados em estados, acontecimentos ou ações, observar o aspecto processual da progressão temática, uma vez que o modo como a coesão verbal se estabelece permite visualizar a organização temporal na textualização produzida. Destarte, este estudo concebe a organização do tempo como marcador linguístico que determina o processo de significação da agente-leitora a partir da leitura do Artigo Científico, pois se acredita que o uso do tempo verbal funciona como promotor de mudança ou de permanência durante o processo de compreensão da leitura, fruto da interação verbal entre os interlocutores. Em termos de função, os verbos são elementos linguísticos de natureza coesiva que atuam na ligação entre palavras ou partes do texto.

Com a função dos verbos definida no processo de textualização, face ao trabalho de compreensão realizado pela agente-leitora Sofia, prosseguiu-se com a identificação dos tempos verbais utilizados na significação do Artigo Científico. Então, observou-se que ao usar os verbos no tempo pretérito representado pelo par perfeito e imperfeito, e no tempo presente, possibilitou identificar a compreensão de Sofia relacionada ao conteúdo temático retratado no Artigo Científico. A significação iniciou-se com um comentário de Sofia sobre o tema, alegando que o conteúdo tratado mostrou-se “**interessante**”, adjetivo este precedido do verbo “**achar**” flexionado no pretérito perfeito, sendo reforçado em mais dois momentos ao longo de sua significação, sendo que no segundo momento o verbo que precedeu o adjetivo foi “**É**” flexionado no presente do indicativo e, no terceiro momento, o adjetivo foi precedido pelo verbo

“**achar**” que novamente fora flexionado no pretérito perfeito ((1) - “[...] Eu **achei** muito interessante, [...] essa questão de procurar entender como é que funciona a sexualidade [...]” // (2) - “[...] Mas o assunto **é** interessante, foi envolvendo [...]” // (3) “[...] eu **achei** interessante essa parte, que ela diz assim que o abrigo isola [...]”)), reforçando o quanto a leitura do texto base a afetou positivamente. As passagens (1, 2 e 3) denotam que Sofia produziu significação a partir do seu lugar social de aluna universitária em uma temporalidade que se deu tanto no presente como no pretérito. Os verbos utilizados por Sofia nas três passagens destacadas anteriormente se configuram como verbos de estado, os quais denotam a condição ou a situação que o gênero de texto lido representa para esta agente-leitora.

Ao dar continuidade com a análise do uso do tempo verbal e as formas representadas (estado, ação e movimento) na significação de Sofia sobre o Artigo Científico, com a função de coesão verbal observou-se, nas passagens destacadas logo adiante. Porém, com uma ocorrência levemente maior para o uso da forma verbal no tempo presente, identificado: (1) pelo uso do verbo de estado (“[...] **é** // **são** // **tem** [...]”), utilizado para significar a questão central tratada no Artigo Científico que no caso é a relação entre sexualidade e violência entre jovens que moram na rua; (2) pelo uso de verbos de ação (“[...] **funciona** // **vivem** // [...]”) utilizados para significar a relação entre sexualidade e violência, e situar em que local os jovens habitam; (3) por último fora observado a presença de verbo de movimento (“[...] **retoma** [...]”), para destacar o fato de que, na opinião de Sofia, as autoras não responderam a questão de pesquisa.

Com essa constatação do uso dos verbos de ação, estado e movimento no tempo presente, é possível considerar que Sofia produziu uma progressão temática coesa que fez a partir da leitura do Artigo Científico, constituída por um agir linguageiro que revela a condição, a ação e o movimento, em termos do uso das formas do verbo, sobre a representação dessa agente-leitora no que se refere ao conteúdo tratado no texto base, conforme pode ser identificado nas passagens da significação transcritas a seguir.

Sofia – Eu **achei** muito interessante essa questão de procurar entender como é (1) que **funciona** (2) a sexualidade [...] uma relação entre a sexualidade e a violência desses adolescentes que **vivem** (2) na rua, né? E porque a gente às vezes **tem** (1) essa visão, né? [...] Que eles são (1) violentos porque são (1) abusados sexualmente [...] **É** (1) essa questão de ligar a sexualidade com violência, **retoma** (3) aquilo que eu já tinha dito antes que eu não consigo fazer essa relação direta, até porque a gente não sabe, eles não comentam, né?

Ainda quanto ao uso do verbo foram localizados verbos de estado (“[...] **achei** // **ficou** // **teve** // **foi** [...]”), verbos de ação (“[...] **perdeu** // **falavam** // **surpreenderam** [...]”) e verbos de movimento (“[...] **envolveram** [...]”) se constituindo nas escolhas realizadas por Sofia em termos da coesão verbal utilizada na temporalidade pretérita, podendo ser visualizadas nas passagens a seguir.

Sofia - Eu **achei** muito interessante essa questão de procurar entender como é que funciona a sexualidade [...] Que eles são violentos porque são abusados sexualmente porque **perdeu** essa inocência eles **falavam** sobre sexualidade com muita naturalidade [...] **Ficou** muito interessante e **teve** histórias que me **surpreenderam**, acho que **foi** por isso que me **envolveram**, os relatos dos adolescentes [...]

Diante da observação da temporalidade na progressão temática da significação de Sofia, tomada pela função de coesão verbal, foi possível identificar que os coesivos temporais selecionados pela agente-leitora criaram uma hierarquia na organização temporal do seu agir interpretativo orientado pela atividade social. Melhor expressando, os verbos utilizados por esta agente-leitora foram organizando o seu agir linguageiro em termos da significação que fez da leitura do Artigo Científico a partir também da representação social que ela possuía acerca do conteúdo temático tratado no texto, construído por inúmeras vias informativas e interativas que tenha vivenciado.

Assim, o agir linguageiro de Sofia foi condicionado pelo conteúdo do texto de base lido e as mediações estabelecidas por ela a partir das interações que vivenciou ao longo de sua vida, quer seja por meio de outros textos, quer seja por meio de conversas, reportagens que assistiu ou leu, dentre outros meios de contato com o conteúdo temático vinculado ao Artigo Científico que ela significou na sessão de leitura realizada. Vale destacar que esta agente-leitora apresenta uma compreensão de leitura do Artigo Científico que, possivelmente, foi internalizada na formação social formal universitária em função deste tipo de gênero de texto, ter o espaço acadêmico como lugar privilegiado de circulação (BRONCKART, 1999; MARCUSCHI, 2008).

O Artigo Científico e o questionamento realizado pela pesquisadora de iniciação científica que demandou o agir linguageiro de Sofia para a atividade social, ao compartilhar o que significou do conteúdo temático lido foram integrados por esta agente-leitora. O processo de significação é estabelecido pela organização decidida pela agente-leitora em relacionar a compreensão do conteúdo temático do Artigo Científico, representação da realidade social e

sexual de um grupo de jovens que por sua vez representa um segmento social expressivo em uma sociedade marcada pelas distorções sociais e econômicas que se arrastam até os dias atuais, sendo a toda hora veiculada tanto pela mídia impressa ou televisiva e na comunicação eletrônica, como deflagrada no dia-a-dia por contextos físicos observados em espaços públicos (praças, viadutos, sinais de trânsito, comunidades), em termos da violência gerada no interior dos grupos de pessoas, que por contingências da vida moram na rua, provocadas pela ausência de uma família com capacidade de cuidar dos seus descendentes tanto em termos das condições materiais de vida como em termos psíquicos e emocionais.

Situação deste tipo é muito comum numa sociedade como a brasileira. Provavelmente, foram situações como estas, internalizadas por Sofia, nas interações sociais vivenciadas, nas mais variadas situações comunicativas compartilhadas com outras pessoas, que regeram a significação desta agente-leitora sobre o conteúdo temático por meio da integralização temporal pretérita e presente.

Com isto, observou-se haver uma movência de sentidos (ORLANDI, 2005) que se inter-relaciona na significação da agente-leitora sobre o conteúdo temático tratado no Artigo Científico. Quando ela produz sentidos pelo eixo de referenciação cuja fonte é o texto base, observa-se que a coesão verbal dar-se no pretérito, ao mesmo tempo, quando esta agente-leitora produz sentidos pelo eixo de referenciação cuja fonte é a exterioridade, ou seja, o mundo vivido e internalizado por ela, tem-se uma coesão verbal que se constitui no presente.

Mas esta movência está interconectada entre o mundo discursivo trazido pelo conteúdo temático do Artigo Científico e o mundo discursivo criado por Sofia a partir da interação com o texto base e da sua história de leitora. Um momento de criação verbal por parte da agente-leitora, uma vez que na sua significação o pré-construído, que neste caso aqui se considerou ser o conteúdo temático veiculado no gênero de texto lido, há deslizamento de sentidos por conta do movimento interacional, sendo, portanto, um deslocamento que provoca uma intervenção sobre um exemplar de gênero de texto Artigo Científico que Sofia leu (BRONCKART, 1999; MACHADO, 1998; BARBOSA, 2014).

✓ *Análise da Coesão Nominal*

Com base na leitura que realizou do Artigo Científico, Sofia inicia a progressão temática, em termos da coesão nominal, com o uso do (“**achar**”) flexionado em primeira pessoa do singular seguido do pronome demonstrativo (“**essa**”), o qual faz referência à relação entre

violência e sexualidade entre jovens que vivem na rua, o uso do pronome demonstrativo (“**isso**”) precedido pelo verbo (“**entender**”) flexionado em primeira pessoa, ademais, observou-se o uso do pronome demonstrativo (“**desses**”) referindo-se aos adolescentes participantes da pesquisa, o uso da locução pronominal (“**a gente**”) equivalente ao pronome pessoal reto nós e, dando acabamento a este momento da progressão temática com o uso do pronome demonstrativo (“**essa**”) na finalização dessa fase introdutória progressão temática, sendo estes recursos coesivos utilizados para remeter ao entendimento geral da agente-leitora sobre o conteúdo temático abordado no texto base, assim, logo a seguir apresenta-se, o trecho introdutório da significação de Sofia.

Sofia - Eu **achei** muito interessante, **essa** questão de procurar **entender** como é que funciona a sexualidade e se há uma relação, eu entendi que era **isso**. [...] Era procurar se existia uma relação entre a sexualidade e a violência **desses** adolescentes que vivem na rua, né? E porque **a gente** às vezes tem essa visão, né?

Na sequência da análise de coesão nominal sobre a progressão temática que esta agente-leitora produziu, observou-se o uso do pronome demonstrativo (“**que**”) encaixado com o pronome pessoal do caso reto em terceira pessoa do plural (“**eles**”) o qual se refere aos adolescentes participantes da pesquisa, remetendo para a questão de serem violentos por conta de abusos sexuais que tenham sido acometidos. Adiante usou o pronome demonstrativo (“**essa**”) cuja referência se faz ao fato destes participantes não ter mais inocência. Para finalizar essa fase da progressão temática, Sofia usou o substantivo (“**gente**”) para se referir as pessoas de modo geral que vinculam inocência ao fato de não se ter uma vida sexual ativa. Os coesivos nominais utilizados por Sofia, neste momento da progressão temática retomam a relação entre sexualidade e violência entre jovens adolescentes moradores de rua. Logo abaixo, tem-se o trecho da progressão temática analisada acima.

Sofia - **Que eles** são violentos porque são abusados sexualmente porque perdeu **essa** inocência, tem **gente** que acha que a inocência tá ligada há sexualidade, porque o adolescente é inocente quando ainda não tem vida sexual [...].

Observou-se novo movimento de retomada ao tema central, na continuidade da progressão temática da agente-leitora sobre a leitura que realizou do texto base. Identificou-se

o uso do pronome demonstrativo (“**desses**”) para referir-se aos adolescentes participantes da pesquisa, formulando em um enunciado interrogativo, portanto não declarativo e assim com características de um segmento dialógico, na sequência. Sofia usou de modo encaixado o verbo (“**achar**”) seguido do pronome demonstrativo (“**que**”) e do pronome pessoal do caso reto em terceira pessoa (“**ela**”) para destacar que as autoras não responderam com os dados obtidos juntos aos adolescentes, o problema de investigação, com isso partiu para o fechamento dessa fase da progressão temática com o uso do pronome pessoal do caso reto em terceira pessoa do plural (“**eles**”) seguido do verbo (“**falar**”) para se referir aos depoimentos dos adolescentes entrevistados sobre suas próprias experiências sexuais vividas nas ruas na cidade de Maringá. Conclui com o uso do pronome indefinido (“**nenhum**”) cuja referência nominal foi realizada para ressaltar o fato de que todos os adolescentes entrevistados não verbalizaram se sofreram, ou não, violência nas vivências sexuais que tiveram. Esta agente-leitora continua com movimentos de retomada em termos da coesão nominal. Em passagem posterior fez uso do pronome indefinido (“**alguém**”) com a mesma função coesiva que o primeiro pronome indefinido, seguido do uso de novo pronome indefinido (“**algum**”) com a mesma função coesiva que os dois primeiros pronomes indefinidos utilizados na significação que realizou a partir da leitura do texto base. Ainda usou o pronome do caso reto em terceira pessoa do plural (“**eles**”) se referindo aos adolescentes entrevistados, partindo para o fechamento desta fase da progressão temática. Deste modo, pode-se constatar a coesão nominal do trecho analisado, logo abaixo.

Sofia - Era procurar se existia uma relação entre a sexualidade e a violência **desses** adolescentes que vivem na rua, né? Na realidade eu **achei que** ela não conseguiu concluir, voltar à pergunta, né? Se havia realmente uma relação entre a violência e a sexualidade, que pelos relatos dos meninos aqui, **eles falavam** sobre sexualidade com muita naturalidade, mas **nenhum** chegou a dizer se foi violentado, se não foi. Se só saiu de casa porque discutiu com **alguém**, se sofreu **algum** tipo de abuso, **eles** não dizem então aí não dá pra tirar aquela conclusão [...] se há realmente uma ligação direta entre a sexualidade e a violência pra **eles** que tão na rua [...]

Na sequência, observou-se o uso do pronome oblíquo (“**me**”) para se referir ao estado de supressa que esta agente-leitora ficou ao ler os depoimentos dos adolescentes entrevistados. Nesta fase da progressão temática em relação à coesão nominal, identificou-se o uso do pronome demonstrativo (“**isso**”) seguido do uso do pronome oblíquo (“**me**”) para destacar que as histórias contadas pelos participantes da pesquisa a manteve envolvida com o conteúdo

temático, partindo para a finalização do processo de coesão nominal nesta fase com o uso do pronome pessoal do caso reto (“**eu**”) para se referir ao fato de que os entrevistados falam sobre sua sexualidade com muita naturalidade. Assim, configuraram-se como mais um movimento coesivo de retomada do conteúdo temático abordado no Artigo Científico lido por esta agente-leitora, conforme pode ser visto na íntegra logo adiante.

Sofia - Ficou muito interessante e teve histórias que **me** surpreenderam, acho que foi por **isso** que me envolveram, os relatos dos adolescentes, as meninas falando sobre sexualidade com tanta naturalidade, coisa que **eu**, com 28 anos, não consigo fazer [...].

Na penúltima fase da progressão temática, observou-se que a agente-leitora na significação da leitura que realizou do texto base usou o pronome demonstrativo (“**essa**”), seguido de dois pronomes demonstrativos e (“**aquilo**” // “**que**”) e o pronome pessoal do caso reto em primeira pessoa do singular (“**eu**”) de modo encaixado para retomar mais uma vez o que já havia compreendido em passagem anterior sobre a relação entre sexualidade e violência entre adolescentes moradores de rua. Para reforçar essa ideia de que a relação não ficou clara no Artigo Científico, a agente-leitora utilizou a locução pronominal (“**a gente**”) e com isso a agente-leitora parte para a conclusão dessa fase da progressão temática com o uso do pronome pessoal do caso reto em terceira pessoa do plural (“**eles**”) para destacar a relação entre sexualidade e afetividade que os adolescentes trazem em seus depoimentos. Este último ponto da coesão nominal move a compreensão da agente-leitora para outro tipo de relação que de fato é apontada no texto base. Logo a seguir, o movimento de retomada e de mudança da compreensão da agente-leitora sobre o conteúdo temático veiculado no texto base por meio dos recursos coesivos nominais se encontram em destaque.

Sofia - É essa questão de ligar a sexualidade com violência, retoma **aquilo que eu** já tinha dito antes que eu não consigo fazer essa relação direta, até porque **a gente** não sabe, eles não comentam, né? Os entrevistados se os primeiros, se as primeiras relações foram de violência ou se foi se cederam, **eles** colocam mais aqui a relação sexual como afetividade, uma forma de se demonstrar sentimentos, de se fazer parte de um grupo social, né?

Por último, para finalizar a progressão temática por meio dos usos dos coesivos nominais, observou-se que esta agente-leitora usou o pronome demonstrativo (“**que**”) encaixado com o pronome pessoal do caso reto em terceira pessoa do plural (“**eles**”) em três

momentos seguidos, fez uso do pronome demonstrativo (“**que**”) para explicar o fato de que o abrigo acaba funcionando com uma instituição de isolamento social para estes adolescentes, provocando a fuga. Observou-se desta maneira, uma saturação dos recursos coesivos na forma nominal essencialmente sob dois tipos: o uso do pronome demonstrativo (“**que**”) e o uso do pronome pessoal do caso reto em terceira pessoa do plural (“**eles**”). Pronomes estes utilizados pela agente-leitora para expor toda a interpretação que realizou sobre os adolescentes participantes da pesquisa tanto produzindo (1) sequências linguísticas descritivas como (2) explicativas, como pode ser verificado adiante.

Sofia - O caminho (2) **que** eles escolheram (1) pra eles, achei legal essa questão também (1) **que** eles falaram dos abrigos, de... a ideia de abrigo é de cuidar, só (2) **que** ai isola eles, eu achei interessante essa parte, (1) **que ela** diz assim (2) **que** o abrigo isola, e por isolarem (2) **eles** da família (2) **que eles** escolheram (1) pra **eles**, né? Ai (1) **eles** fogem, acho (2) **que** se fosse pra dormir, ou mesmo (2) **que eles** passem o dia todo, (2) **que eles** estudem, mas (2) **que eles** tenham o contato com pessoas (2) **que** estão aqui fora, (2) **eles** não tivessem essa necessidade de estar fugindo.

As unidades linguísticas que a agente-leitora usou na significação que realizou a partir da leitura do texto base, evidenciam operações sociodiscursivas variadas. Com isso, observaram-se as seguintes operações: (ii) operação de julgamento com marcação linguística que comporta operação pessoal sobre a leitura (“**Eu achei muito interessante [...]**”); (ii) Ação de dizer sua própria reação ao gênero de texto (“**[...] Achei [...]**” // “**[...] acho [...]**”, “**[...] foi me envolvendo [...]**”); e (iii) Operações cognitivas e metacognitivas, relatando, retrospectivamente, processos cognitivos desenvolvidos durante a leitura (“**[...] procurar entender a relação [...]**”, “**[...] funciona [...]**”), concluindo assim o circuito da análise no nível da textualidade.

✓ *Análise da Coerência Pragmática*

Ao final da leitura do gênero de texto base, para que a significação da agente-leitora fosse produzida, a pesquisadora de iniciação científica pronunciou a pergunta “o que você significou do texto?”. Logo, é de responsabilidade da agente-leitora universitária, por se encontrar nas posições sociais de aluna de graduação do curso de pedagogia e voluntária da

pesquisa, responder à pesquisadora por meio da significação da leitura do Artigo Científico para fins científicos, conforme foi informado em momento anterior.

Dessa maneira, a formulação daquela resposta guia a significação da agente-leitora sob as seguintes ações de linguagem: (i) a leitura que a agente-leitora realizou do texto base; (ii) sua responsabilidade responsiva por conta da representação de aluna universitária e voluntária de pesquisa assumidas no instante da leitura; (iii) o compromisso firmado com a participação voluntária no projeto de pesquisa; e (iv) o atendimento à expectativa da pesquisadora de iniciação científica evocado pelo questionamento “O que você significou do texto?”. Considerando esse movimento interativo e as posições dos sujeitos, identificaram-se duas vozes explícitas e cinco vozes implícitas.

Quadro 10 - Gestão das vozes na Significação do Artigo Científico por Sofia.

Gestão de Vozes	
<u>Explícitas</u>	<u>Implícitas</u>
Coordenadora da pesquisa (autor empírico) <i>“O que você significou do texto?”</i>	Instancia social formal (universidade)
Sofia (autor empírico) <i>“Eu achei muito interessante essa questão de procurar entender como é que funciona a sexualidade e se há uma relação com a violência, eu entendi que era isso.”</i> <i>“Era procurar se existia uma relação entre a sexualidade e a violência desses adolescentes que vivem na rua, né? É porque a gente às vezes tem essa visão, né?”</i>	Instância social (pesquisadora de iniciação científica, déficit social do país, família, amigos): a voz da violência urbana. <i>“Que eles são violentos porque são abusados sexualmente porque perdeu essa inocência, tem gente que acha que a inocência tá ligada à sexualidade, porque o adolescente é inocente quando ainda não tem vida sexual, por exemplo.”</i>
	Instância social (pesquisadora de iniciação científica, déficit social do país, família, amigos): a voz da função social dos abrigos. <i>“[...] achei legal essa questão também que eles falaram dos abrigos, de... a ideia de abrigo é de cuidar, só que aí isola eles, eu achei interessante essa parte, que ela diz assim que o abrigo isola, e por isolarem eles da família que eles escolheram pra eles né? Aí eles fogem [...]”</i>

	Autoras do Artigo Científico <i>“[...] como enfermeira e educadora interessou-nos pensar em como o jovem considerado em situação de risco concebia o sexo e quais eram as situações de violência que ele vivenciava relacionadas ao sexo” (NOGUEIRA, BELLINNI; p. 611).</i>
	Adolescentes participantes da pesquisa <i>“Entrevistamos seis jovens que estavam sob guarda no abrigo, quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino. [...] Todos se encontravam em situação de miséria absoluta, não tinham emprego, moravam nas ruas, foram presos, sofreram abuso e violência sexual e todos já foram ou são usuários de droga” (NOGUEIRA; BELLINNE, p. 613).</i>

Fonte: Quadro adaptado do procedimento analítico de Barbosa (2014, p. 88).

Assim como na situação de leitura da Crônica, a voz da coordenadora do projeto de pesquisa se materializa pela intenção de obter resposta acerca dos sentidos produzidos a partir da leitura do Artigo Científico, o qual traz o conteúdo temático sobre a sexualidade entre jovens que moram na rua em uma cidade brasileira. Esta pergunta dirigida mobilizou a agente-leitora para proceder à leitura deste gênero de texto, conforme o acordo que fora firmado por ela para participação voluntária da pesquisa. A voz da coordenadora da pesquisa corresponde, possivelmente, a voz implícita da instância formal (universidade) para averiguar o potencial de significação dos agentes-leitores que se propuseram a colaborar com essa atividade científica.

A voz de Sofia constrói uma imagem a partir das intenções da coordenadora do projeto. É uma voz que procura responder o questionamento, compreender o texto base, no caso o Artigo Científico, enfim, corresponder à coordenadora do projeto quanto aos propósitos da pesquisa. Sofia, então, orienta-se pela voz explícita da coordenadora do projeto de pesquisa e as vozes implícitas já mencionadas no Quadro 9, integralizando todas elas no seu processo de significação. Posiciona-se, inicialmente, com uma resposta pessoal/subjetiva, declarando que havia achado a leitura interessante seguida de um posicionamento racional/objetivo, enuncia de modo pontual, evidenciando a relação entre sexualidade e violência dos jovens entrevistados que moram na rua, a qual a pesquisa descrita no Artigo Científico se propôs a compreender. Com esses dois posicionamentos, foi possível identificar a interação verbal criada por Sofia na significação da leitura do conteúdo temático que realizou no Artigo Científico.

Com o enunciado a seguir (*“[...] É porque a gente às vezes tem essa visão, né?”*), assim como observado na análise da coerência pragmática da significação da Crônica por Sofia, tem-

se novamente um movimento de integralização de vozes implícitas na voz do autor empírico (**Sofia**) pela representação de realidade social. O verbo ser, em terceira pessoa do singular (*é*), marca a presença implícita de outras vozes de entidades sociais que estão imbrincadas na significação de Sofia, que na sequência desse enunciado é identificado com a locução pronominal (*a gente*) que tem mesma função semântica que o pronome pessoal *nós*, ou seja, indica também *todas as pessoas em geral*.

Possivelmente, a integralização das vozes realizada por Sofia deu-se por meio dos parâmetros físicos envolvidos na situação comunicativa representadas pelas instâncias discursivas mais próximas de Sofia no momento da produção, isto é, a instância científica e os parâmetros sociosubjetivos construídos pela leitora no seu contexto de vida, que se constituem nas interações e experiências verbais com outras instâncias sociais as quais conviveu ou convivia na ocasião da pesquisa, como é o caso da questão do déficit social do país para com os cidadãos que moram na rua, a família, os amigos, a igreja, dentre outros.

A voz da violência urbana é reconhecida em passagens distintas da progressão temática, ora localizada como se os adolescentes praticassem atos violentos (1) (“***Que eles são violentos porque são abusados sexualmente [...]***”), ora localizada como se os adolescentes sofressem violências (2) (“***[...] Os entrevistados se os primeiros, se as primeiras relações foram de violência ou se foi se cederam [...]***”). Essa oscilação na significação de Sofia sobre a violência urbana ora praticada, ora sofrida por jovens que vivem na rua é norteadas por uma máxima social de que todas as pessoas que vivem na rua são violentas, por serem pessoas que se encontram excluídas da vida cidadã da maioria da população, por não frequentarem a escola, por não terem um lar para morar, por não terem convivência familiar e convivência comunitária em uma vizinhança; mas, ao mesmo tempo, o Artigo Científico aponta outra perspectiva: a de que as pessoas que vivem na rua têm afetividade umas pelas outras.

O mundo discursivo criado no texto base e o mundo discursivo criado nas práticas sociais e culturais que Sofia circula se encontram produzindo um jogo interacional em que duas concepções diferentes são significadas sociodiscursivamente pela agente-leitora no momento de sua produção de leitura. Porém, não foram percebidas contradições de mundos discursivos a ponto de gerar exclusão de pontos de vista, mas sim uma contradição que gerou uma interconexão entre as duas posições, uma vez que Sofia verbaliza que os depoimentos dos adolescentes sobre a relação entre sexualidade e violência a deixou surpresa, nas palavras dessa agente leitora:

Sofia- Ficou muito interessante e teve histórias que me surpreenderam, acho que foi por isso que me envolveram, os relatos dos adolescentes, as meninas falando sobre sexualidade com tanta naturalidade, coisa que eu, com 28 anos, não consigo fazer [...].

Com base na passagem acima, considerou-se que esta agente-leitora realizou uma reflexibilidade entre o pré-construído verbal cristalizado na máxima social que toda pessoa que vive na rua é violenta e as vozes sociais daqueles que vivem na rua não são silenciadas, a ponto de quebrarem mitos que se constroem por instâncias sociais fora daquele contexto. Melhor dizendo, as pessoas que vivem na rua, ao serem escutadas, dão outra conotação à violência urbana, mostrando que entre elas há afetividade e respeito mútuo, ajuda mútua para garantir a sobrevivência no mundo da exclusão social.

Essa tensão entre o mundo sociodiscursivo construído (o mundo cristalizado objetivamente) e o mundo sociodiscursivo comentado (o mundo reconstruído sociosubjetivamente) é reflexionada por Sofia em sua significação sobre o conteúdo temático veiculado no texto base, sendo, portanto, um indicador de mudança de pré-construídos verbais, gerada a partir da leitura.

Outra voz social presentificada na significação de Sofia a partir da leitura que realizou do texto base foi a voz correspondente à função social dos abrigos, pois esta agente-leitora declara que o abrigo não cumpre sua função primordial, a qual seria a de reintegrar socialmente as pessoas que moram na rua, pois ao invés disso reforça a condição de exclusão e de vulnerabilidade social no cotidiano destas pessoas, conforme observou-se na passagem destacada abaixo sobre a produção de leitura que esta agente-leitora construiu:

Sofia – achei legal essa questão também que eles falaram dos abrigos, de... **a ideia de abrigo é de cuidar, só que aí isola eles**, eu achei interessante essa parte, que ela diz assim que o abrigo isola, e por isolam eles da família que eles escolheram pra eles, né? **Aí eles fogem**, acho que **se fosse pra dormir**, ou mesmo que eles passem o dia todo, que eles estudem, mas que eles tenham o contato com pessoas que estão aqui fora, eles **não tivessem essa necessidade de estar fugindo**.

O Artigo Científico é tomado como personagem que interpela a significação de Sofia, por ser o portador da voz correspondente à função primordial do abrigo, o qual pratica uma função equivocada, pois, ao invés de promover a reintegração, alimenta cada vez mais a

exclusão, por isolar as pessoas que moram na rua umas das outras, pois, ao ir para o abrigo, o contato com as outras pessoas que moram na rua é cortado.

Dessa maneira, Sofia faz uma avaliação desse descumprimento da função social do abrigo para as pessoas que moram na rua regida pelo critério de legitimidade social na formulação desse julgamento (“[...] **a ideia de abrigo é de cuidar, só que ai isolam eles [...]**”). Com isso, identificaram-se avaliações produzidas pela agente-leitora, na categoria de modalização deôntica, as quais implicam na formulação de julgamento constituído do mundo social, quando enuncia a situação abordada no texto base com a utilização de expressões do tipo (“[...] **Ai eles fogem [...]**” // “[...] **se fosse pra dormir [...]**” // “[...] **não tivessem essa necessidade de estar fugindo [...]**”) encontradas na passagem destacada no início deste parágrafo, dando continuidade à progressão do conteúdo temático.

A modalização deôntica é apresentada no decorrer da significação de Sofia, pela enunciação de opiniões críticas sobre o texto base, em termos da função primordial dos abrigos que acabam por não cumprirem com seu papel social, que seria ao invés de isolar, promover integração entre as pessoas que se encontram nessa condição de vulnerabilidade social. A opinião de Sofia em relação à leitura é realizada por meio da marcação do tempo verbal no modo condicional (“[...] **se fosse pra dormir [...]**”), como afirmador de condição ou estado. Constrói, portanto, uma opinião regulada pelo critério de legitimidade social, com um posicionamento crítico de que o abrigo não cumpre com sua função primordial (“[...] **não tivessem essa necessidade de estar fugindo [...]**”).

Identificou-se, ainda, modalização na categoria apreciativa por construir uma imagem positiva procedente do mundo subjetivo em valor de veracidade construída a partir da produção de leitura do texto base. A apreciação de Sofia é identificada por meio do adjetivo **interessante**, precedido do verbo **achar** no pretérito perfeito. O uso do verbo **funcionar** no presente do indicativo encaixado com a dupla adjetivação sexualidade e violência. E por último, com o uso do verbo **entender** no pretérito perfeito constitui outro elemento linguístico semiotizado na modalização apreciativa na significação do texto base pela agente-leitora, como pode ser constatado na passagem logo a seguir.

Sofia -Eu **achei** muito **interessante**, essa questão de procurar entender como é que **funciona** a sexualidade e se há uma relação com a violência, eu **entendi** que era isso.

Observou-se também que a modalização na categoria lógica perpassa na imagem construída pela agente-leitora com relação ao conteúdo temático identificado pela leitura do texto base. Ela fez o julgamento a partir das condições de verdade relacionadas aos fatos atestados de modo informal (compreensão do fenômeno da violência urbana anterior à leitura do Artigo Científico) e formal (significação do fenômeno da violência urbana posterior à leitura do Artigo Científico), evidenciando que há uma tensão formada entre o que se concebe no senso comum sobre a violência urbana, e como ela se prolifera e quem são os supostos responsáveis deste fenômeno social maléfico à sociedade com a concepção de afetividade comentada pelos adolescentes que moram na rua, desconstruindo a concepção de violência que o senso comum alimenta sobre as condições de vida desses adolescentes.

Mesmo com uma tensão entre a concepção de violência urbana anterior a leitura e a concepção deste fenômeno posterior a produção de leitura do Artigo Científico, observou-se que não são antinomias que se excluem, pelo contrário se complementam, um típico exercício reflexivo provocado pela dialética que imprime uma praxiologia ao agir de linguagem da agente-leitora em dupla direção, refletindo o mundo ordinário, que é arbitrário e, portanto, objetivo com o mundo sociossubjetivo construído por aquelas pessoas que vivem esse estado ou condição de violência urbana. Ou seja, é o confronto das pessoas que formulam ideias sobre a violência urbana com aquelas pessoas que convivem com este fenômeno social. Desse modo, as modalizações lógicas são identificadas a partir do julgamento de valor de verdade sob o prisma do mundo objetivo (ordinário) com o que se encontra no Artigo Científico conduzindo a um posicionamento de verificação entre certo e errado.

Sofia - Era procurar se existia uma relação entre a sexualidade e a violência **desses** adolescentes que vivem na rua né? [...] se havia **realmente** uma relação entre a violência e a sexualidade, que pelos relatos dos meninos **aqui**, eles falavam sobre sexualidade com **muita** naturalidade, mas **nenhum** chegou a dizer se **foi violentado, se não foi**.

Como acentuado no momento da análise das modalizações lógicas presentes na significação da Crônica por Sofia, também para este caso da significação do Artigo Científico por essa agente-leitora, admitiu-se que os modalizadores destacados tratam o valor conceitual em julgamento baseado no binômio verdadeiro e/ou falso.

Assim, a agente-leitora usa o pronome demonstrativo **desses** para realizar o julgamento de que, na verdade, a violência urbana é um fenômeno social que é gerado por pessoas que

moram na rua, sendo esse um posicionamento apoiado no senso comum, ou no mundo discursivo objetivo. Posiciona-se novamente afirmando com o julgamento de que, na verdade, há uma relação entre violência e sexualidade entre adolescentes moradores de rua como uma ideia consensual que circula entre os cidadãos de uma sociedade urbana na contemporaneidade, sendo marcado na significação de Sofia pelo advérbio **realmente**, evidenciando um agir linguageiro ordinário do mundo objetivo mais formal.

Mas, ao prosseguir com o julgamento apoiado em valor verdadeiro e/ou falso, a agente-leitora traz a posição de verdade do Artigo Científico quando usa o advérbio **aqui** para evidenciar o modo como os adolescentes entrevistados lidam com suas respectivas sexualidades. Este confronto entre o mundo discursivo ordinário (mundo objetivo arbitrário) e o comentado (mundo sociossubjetivo dos adolescentes) são duplamente marcados na significação da agente-leitora com o uso do advérbio de intensidade **muita** seguido do uso do advérbio de modo **naturalidade**. E finaliza sua significação, nesta passagem, com o posicionamento de contestação e confronto dos dois mundos discursivos, no caso o ordinário e o comentado, com a formulação da hipótese sobre o fato da violência ter ocorrido ou não, marcado pelo advérbio **nenhum**, seguido do questionamento que pontua haver ou não violência na prática sexual vivida por estes adolescentes **se foi violentado, se não foi**, configurando a sua significação da leitura em termos da modalização do tipo lógica apoiada na organização discursiva de verificação das premissas de veracidade (Se sim, então A. Se não, então B).

Em termos do agir linguageiro expressado pela modalização lógica representado na significação de Sofia sobre o texto base, observou-se que os julgamentos realizados se apoiam em acontecimentos de violência urbana em valor de verdade sob duas perspectivas: a perspectiva do mundo ordinário e a perspectiva do mundo comentado.

Como observado na significação da Crônica, está presente, no caso do Artigo Científico, o movimento praxiológico e, portanto, dialético do discurso reportado na representação das formações sociais que determinam o trabalho da agente-leitora. Com isso, observou-se um deslocamento na direção de um agir linguageiro de adaptação ao discurso de seus interlocutores e em direção à adoção do discurso do Artigo Científico e de outros discursos anteriores à leitura do texto base. A adaptação é o ato de criação que o agente-leitor realiza, formulando um discurso internalizado por ele no processo de significação.

A adaptação é reconhecida com um agir responsivo ao questionamento “O que você significou do texto?”, enunciado pela pesquisadora de iniciação científica na situação comunicativa imediata, que, por sua vez, foi formulado pela coordenadora de pesquisa em uma

situação mediata. Essa construção da resposta atende aos determinantes sócio-históricos reguladores do agir linguageiro da agente-leitora na situação de linguagem, que no caso se constituem pelos papéis sociais dos interlocutores (a pesquisadora de iniciação científica, a professora coordenadora do projeto, as autoras do Artigo Científico e os adolescentes participantes da pesquisa apresentada no texto base) e pelo contexto formal de situação comunicativa para fins de pesquisa científica (BABOSA, 2014).

Assim, como considerado na significação da Crônica, em termos dos parâmetros configurativos do discurso na situação comunicativa do Artigo Científico, a agente-leitora mais uma vez assume um posicionamento responsivo (BAKHTIN, 1929/2011) relacionado ao que se espera como resposta sobre “o quê” significou da leitura realizada, e também “ao quê” significou sobre o conteúdo temático veiculado no texto base. No seu lugar social de aluna universitária e participante voluntária de pesquisa, percebe-se imputada de responsabilidade, com deveres frente à pesquisadora de iniciação científica e à professora coordenadora do projeto de pesquisa e seus outros interlocutores sociais (família, amigos, vizinhança, religião etc.), materializando a significação do Artigo Científico como uma espécie de diálogo do que foi significado por ela, como pode ser observado na passagem destacada logo abaixo.

Sofia - É essa questão de ligar a sexualidade com violência, retoma aquilo que eu já tinha dito antes que **eu não consigo fazer essa relação direta, até porque a gente não sabe, eles não comentam, né?** Os entrevistados se os primeiros, se as primeiras relações foram de violência ou se foi se cederam, eles colocam mais aqui a relação sexual como afetividade, uma forma de se demonstrar sentimentos, de se fazer parte de um grupo social, né?

A adaptação, que acontece por meio do deslocamento de sentidos, foi observado nos segmentos destacados na passagem apresentada logo acima. A primeira adaptação observada na significação de Sofia sobre a leitura do texto base (“**É essa questão de ligar a sexualidade com violência [...]**”) apresenta um deslizamento de sentido que esta agente-leitora produziu, pois ela usa o verbo “**É**” que denota uma condição, seguindo do pronome demonstrativo “*essa*” encaixado com o verbo “**ligar**” denotando uma ideia de que o texto traz a noção de ligação entre sexualidade e violência; ao passo que no texto base Nogueira e Belline (2006, p. 615) destacaram que entre os jovens entrevistados não se tinha como estabelecer uma relação direta entre sexualidade e violência.

Esse deslizamento da significação da leitura de Sofia sobre o conteúdo temático veiculado no Artigo Científico é produzido a partir da imagem construída por essa agente-leitora sobre como é formatado no cotidiano social o fenômeno da violência urbana.

Ao prosseguir com a observação das evidências do processo criativo que Sofia realizou em seu agir linguageiro mediante a significação do texto base, identificou-se nesse segmento (“[...] *eu não consigo fazer essa relação direta, até porque a gente não sabe, eles não comentam, né? [...]*”), a movência de sentidos que ela realiza ao criticar o fato de não ser possível confirmar a relação entre sexualidade e violência entre os jovens entrevistados em função de não ser ter repostas suficientes fornecidas por eles mesmos. Na posição de aluna universitária e voluntária da pesquisa, sob a perspectiva de ser avaliada, apresenta ter sido capaz de significar o conteúdo temático mediado por uma instância social formal como a universidade: a violência urbana a qual o Artigo Científico é porta voz, provoca os efeitos discursivos adaptativos formulados pela agente-leitora acerca da construção da sua significação construída pela leitura do texto base.

Ao mesmo tempo, a adoção do discurso do Artigo Científico é identificada no seu próprio discurso de leitura, evidenciando seu entendimento sobre: (1) a relação ou não sobre sexualidade e violência entre jovens que vivem na rua; (2) sobre a ideia de isolamento que o abrigo exercia para os adolescentes entrevistados na pesquisa; e (3) na representação de afetividade apresentada por esses participantes da pesquisa sobre a sexualidade deles como forma de terem um sentimento de pertencimento ao grupo social, do qual participavam. O quadro a seguir apresenta a significação de Sofia por adoção ao que foi dito no Artigo Científico.

Quadro 11 - Adoção do discurso do Artigo Científico na Significação de Sofia.

Sofia	Artigo Científico
(1) “Era procurar se existia uma relação entre a sexualidade e a violência desses adolescentes que vivem na rua, né? E porque a gente às vezes tem essa visão, né?”	(1) “O estudo com os adolescentes levou em consideração a relação frequente feita entre a sexualidade e a violência no discurso sobre os jovens em situação de risco na rua.” (p. 611, primeira coluna, segundo parágrafo, linhas 1, 2, 3 e 4).
(2) “[...] achei interessante essa parte, que ela diz assim que o abrigo isola, e por	(2) “[...] Estes abrigos/lares mantêm as crianças e os jovens isolados e, desse modo,

<i>isolarem eles da família que eles escolheram pra eles, né? Aí eles fogem, [...] mas que eles tenham o contato com pessoas que estão aqui fora, eles não tivessem essa necessidade de estar fugindo”</i>	<i>eles fogem e retornam para as ruas de Maringá ao encontro de seus amigos, sua “família” [...]”</i> . (grifo das autoras) (p. 614, segunda coluna, segundo parágrafo, linhas 7, 8 e 9).
(3) <i>“[...] eles colocam mais aqui a relação sexual como afetividade, uma forma de se demonstrar sentimentos, de se fazer parte de um grupo social, né?”</i>	(3) <i>“[...] Para eles, participar do grupo das ruas significa estabelecer a outra família e a sexualidade, afetividade e, talvez, até mesmo de poder”</i> (p. 616, primeira coluna, primeiro parágrafo, linhas 4, 5, 6 e 7)

Fonte: Quadro adaptado do procedimento analítico de Barbosa (2014, p. 93).

As réplicas observadas na interação direta com a interlocutora de Sofia presentes na situação comunicativa da significação do Artigo Científico, no caso com a pesquisadora de iniciação científica, funcionaram como um diálogo entre elas que assegurou o posicionamento responsivo de Sofia quanto à leitura do texto base. De início, observou-se uma réplica (**R1**) com efeito de resposta, formulada pela pesquisadora de iniciação científica que confirma (**R1 - “Hum, hum”**), a formulação realizada por Sofia sobre o objetivo do Artigo Científico, que foi a relação entre violência e sexualidade com jovens que moram na rua.

Com a progressão temática da significação de Sofia sobre o texto base, observou-se a formulação de uma nova resposta (**R2 - “É”**) por parte da pesquisadora de iniciação científica, que funcionou como acabamento do posicionamento enunciativo da agente-leitora acerca da reformulação inicial que realizou seu entendimento sobre a leitura realizada.

Seguindo com a identificação de réplicas na interação verbal construída entre Sofia e a pesquisadora de iniciação científica, foram observadas mais sete réplicas (**R3, R4, R5, R6, R7, R8 e R9**) produzidas pela pesquisadora de iniciação científica em relação às significações realizadas por Sofia, todas elas funcionando como confirmação da enunciação realizada pela agente-leitora.

Já sobre as réplicas que Sofia produziu configuradas como posicionamento responsivo as perguntas formuladas pelos interlocutores indiretos, já que estes representaram instâncias sociais que interpelam a significação desta agente-leitora sobre o texto base, as réplicas funcionaram, neste caso, como resposta às instâncias formais da universidade representadas pela pergunta formulada pela professora coordenadora da pesquisa “O que você significou do texto” como dispositivo dialógico de base para Sofia produzir significação na leitura que

realizou do Artigo Científico. Então, a significação completa de Sofia é a réplica que ela produziu para atender aos motivos e as intenções da professora coordenadora da pesquisa.

E, por último, identificou-se no transcorrer da significação do gênero de texto lido por Sofia, que houve produção de réplicas para atender às motivações e intenções das autoras do Artigo Científico, as quais estavam interessadas em estudar a relação entre violência e sexualidade com jovens que moram na rua. As perguntas formuladas pelas pesquisadoras para dar andamento à pesquisa ((1) “[...] **como o jovem considerado em situação de risco concebia o sexo [...]**” // (2) “[...] **quais eram as situações de violência que ele vivenciava relacionadas ao sexo.**”), as quais representam a organização discursiva da instância social formal do conhecimento científico, instância esta que também funcionou como uma das formações sociais que condicionaram as réplicas produzidas por Sofia na significação do gênero de texto lido.

Para tal, os efeitos de leitura observados nas réplicas que Sofia produziu são fruto de uma complexa rede de interconexão entre pensamento e linguagem a partir das formações sociais internalizadas por esta agente-leitora por meio das interações estabelecidas com as instâncias formais e informais vivenciadas nas práticas sociais de comunicação, funcionando como mediadores na produção de leitura que realizou sobre o conteúdo temático veiculado no Artigo Científico.

4.7 Configuração dos parâmetros físicos e socio subjetivos da ação de linguagem produzida na significação do Artigo de Opinião pela agente-leitora na interação com o pesquisador

✓ *Agente-leitora*

Sofia, cuja descrição desta agente-leitora encontra-se em detalhes em seção anterior.

✓ *Gênero de texto, título e autoras do texto base lido pela agente leitora:*

Artigo de Opinião

Adoção à brasileira

Leonardo Attuch (ANEXO C)

✓ *O espaço físico do trabalho de significação do Artigo de Opinião pela agente-leitora*

O espaço físico onde aconteceu significação da leitura por Sofia do Artigo de Opinião foi o mesmo local onde ocorreu a entrevista e a significação de leitura da Crônica e do Artigo Científico, assim esta ação de linguagem também foi desenvolvida na sala da professora coordenadora da pesquisa.

✓ *Características da instituição que a agente-leitora está situada*

A descrição sobre as características da instituição que a agente-leitora se encontrava situada na ocasião já foi realizada no momento da análise da Crônica, dispensando a repetição dessa informação neste item, uma vez que todas as situações comunicativas (entrevista, significação da Crônica, significação do Artigo Científico e, por último a significação do Artigo de Opinião) aconteceram na mesma instituição

✓ *Lugar social de onde a enunciativa (agente-leitora) produz a significação*

Foi assumido o mesmo lugar social e o mesmo contexto físico em que aconteceu a significação da Crônica e do Artigo Científico.

Assim como observado na entrevista, na significação da Crônica e na significação do Artigo Científico identificaram-se outros determinantes sócio-históricos que foram internalizados por Sofia ao longo das interações que produziu, funcionando como mediadores sociais na sua construção enquanto pessoa culturalmente situada. Assim, a família, a igreja, a comunidade e o trabalho também se configuraram como determinantes que atuam na significação realizada por Sofia após a leitura do texto base, no caso o Artigo de Opinião.

✓ *Objetivo pretendido na sessão de significação do Artigo de Opinião pela agente-leitora*

Do mesmo modo que ocorreu na sessão significação da Crônica e na significação do Artigo Científico, o objetivo pretendido com o Artigo de Opinião foi apresentar e discutir o processo de significação realizado por Sofia quando em situação de leitura deste gênero de texto.

- ✓ *O(s) destinatário(s) do trabalho da agente-leitora na sessão de significação do Artigo de Opinião*

Nesta situação comunicativa em que Sofia produziu significação da leitura que realizou do Artigo de Opinião, do mesmo modo que nas duas sessões de significação anteriormente analisadas, manteve-se presente a pesquisadora de iniciação científica por estar situada fisicamente na referida situação comunicativa, tendo atuação direta na ação de linguagem de Sofia no tocante à atividade de leitura do texto base, com participação ativa na interlocução construída por ambas a partir dessa terceira e última sessão de leitura para fins de pesquisa.

Do mesmo modo que nas duas primeiras sessões de significação da Crônica e do Artigo Científico, permaneceu de modo indireto, a interlocução com a professora coordenadora projeto de pesquisa, alterando a função interlocutiva com o autor, criada a partir do gênero de texto lido, pois, nessa situação comunicativa, em termos da relação leitor-autor, que se constituiu também de modo indireto pelo fato do autor do Artigo de Opinião não estar presente fisicamente ao contexto da significação da leitura. Assim, na posição de destinatária direta, continuou a pesquisadora de iniciação científica e, na posição de destinatário indireto, continuou a professora coordenadora do projeto de pesquisa, havendo mudança interlocutora de Sofia para com o autor do gênero de texto.

4.8 Características discursivas do Artigo de Opinião lido por Sofia

Sobre a significação do Artigo de Opinião, apresenta-se, logo a seguir, a situação comunicativa completa produzida entre a agente-leitora e a pesquisadora de iniciação científica.

Quadro 12 - Significação do Artigo de Opinião realizada por Sofia.

Pesquisadora: “Então, o segundo texto que é artigo de opinião e aí quando você terminar a leitura, você me avisa.”
Sofia: “Tá, beleza.”
Sofia: “Pronto.”
Pesquisadora: “A mesma pergunta: o que você significou do texto?”
Sofia: “É um artigo de opinião, né? Então é uma opinião dele.” (risos)
Pesquisadora: “Hum, hum.”
Sofia: “Mas o assunto é muito pertinente, né? A gente vê aí os abrigos e os lares, os abrigos mesmo, né? Cheio de crianças já com seus oito, nove anos que ninguém quer mais adotar, né?”
Pesquisadora: “Hum, hum.”
Sofia: “E acelerar esse processo faz com que essas crianças cheguem mais rápido aos lares e eu acho que diminui até esse comércio que existe das crianças, né? A pessoa que não pode

ter filho e vai para o interior pegar um menino lá para criar, depois a mãe dele quer criar e a criança passa por todo esse processo, acho pertinente, só não gostei muito do exemplo dele, parece até que uma criança que foi adotada grande não pode ser um futuro empresário!”

Pesquisadora: “Como assim?”

Sofia: “Porque se o rapaz não fosse adotado ainda pequeno não ia conseguir vencer na vida, só achei infeliz a colocação dele aí, mas de resto eu achei interessante, tem algumas discussões aqui que realmente o Brasil ainda não tá muito avançado como a adoção por homossexuais, né? O Brasil ainda tá muito atrás nisso.”

Pesquisadora: “Hum, hum”

Sofia: “Pra essa questão, a própria sociedade não tá pronta ainda pra aceitar uma relação assim, quanto mais pra permitir que crianças sejam educadas por esses casais, se bem que é melhor do que deixar num abrigo, abandonado.”

Pesquisadora: “Hum, hum, você quer dizer mais alguma coisa?”

Sofia: “Não.”

Pesquisadora: “Então obrigada pela sua participação na pesquisa.”

Sofia: “De nada.”

Fonte: Dados da pesquisa.

✓ Os Tipos de Discurso, Mundos Discursivos representados no Artigo de Opinião

Mais uma vez, reforça-se a relevância do procedimento de análise das unidades linguísticas em uma dada situação comunicativa, porque, com essa conduta analítica, constata-se a presença de qual ou quais os tipos de discurso encontram-se inseridos na significação de leitura de gêneros de textos. Assim, com esse tipo de análise, se compreende em qual(s) mundo(s) discursivo(s) a significação da agente-leitora se situa.

Pesquisas em psicologia da linguagem que elegem o quadro teórico e metodológico do ISD são favorecidas por esse tipo de análise, uma vez que esta perspectiva analítica possibilita acompanhar a síntese indissociável entre pensamento e linguagem intrínseco ao desenvolvimento humano, realizado por um agente social em contextos comunicativos. Com essa retomada, já que em momento anterior essa consideração integralizadora foi realizada, passa-se à análise dos recursos da língua presentes na significação da leitura do Artigo de Opinião realizado por Sofia.

De início, destaca-se que a mesma conduta analítica empreendida na significação da Crônica e na significação do Artigo Científico foi efetuada com o Artigo de Opinião. Então, da mesma forma que se procedeu nas duas primeiras análises, apresenta-se, a seguir, o quadro esquemático sobre as quatro categorias tratadas (ordem discursiva, grau de implicação, tipos de discurso e tipos de raciocínio), uma vez que estas categorias funcionam como uma síntese que

esboça as operações psicológicas representadas pelas unidades linguísticas escolhidas pela agente-leitora em seu processo de significação após a leitura do texto base.

Quadro 13 - Parâmetros da significação da leitura do gênero de texto Artigo de Opinião.

Constituição do mundo discursivo através da leitura do Artigo de Opinião		Grau de implicação da Significação		Tipo de discurso		Raciocínio ativado	
Conjunto, ordem do EXPOR	X	Implicado	X	Interativo	X	Prático	X
		Autônomo		Teórico		Lógico ou semi-lógico	
Disjunto, ordem do NARRAR		Implicado		Relato interativo		Cronológico	
		Autônomo		Narração			

Fonte: Quadro adaptado do procedimento analítico de Barbosa (2014, p. 77).

Com isso, os tipos de discursos apresentados na significação do Artigo de Opinião foram observados através das unidades linguísticas que representaram as operações psicológicas estabilizadas no momento desta situação comunicativa. O ponto de partida, assim como nas duas primeiras situações analisadas, foi à identificação da colocação pronominal realizada por Sofia em sua produção de sentidos da leitura que realizou do texto base em relevo.

Desse modo, observou-se na significação de Sofia, a utilização do pronome de primeira pessoa do singular (“[...] *eu acho que diminui até esse comércio que existe das crianças, né? [...]*” // “[...] *só achei infeliz a colocação dele aí, mas de resto eu achei interessante [...]*”) e, além dessa categoria pronominal, identificou-se a presença do uso do pronome possessivo, que ora está posto em referência a um caso genérico de uma criança que venha ser adotada e ora este pronome possessivo está posto em referência ao autor do Artigo de Opinião (“[...] *depois a mãe dele quer criar e a criança passa por todo esse processo [...]*” // “[...] *só achei infeliz a colocação dele aí, mas de resto eu achei interessante [...]*”). Com isso, sob a perspectiva da utilização dos tipos de pronomes evidenciados na significação, pode-se dizer mais uma vez que esta agente-leitora cria um mundo discursivo implicado à situação de comunicação estabelecida entre ela e o agente autor do Artigo de Opinião. Então, pode-se considerar que há interação com

grau de implicação entre o mundo discursivo criado por Sofia na significação do Artigo de Opinião e o mundo sociointerativo em que acontece a situação comunicativa.

A partir da presença dos tipos de pronomes encontrados na significação de Sofia sobre o gênero de texto lido, dentre outras, que marcam a ação de linguagem evocativa realizada pelo enunciador para com seus interlocutores, numa dada situação comunicativa.

Continuando com a análise, do mesmo modo que na análise empreendida na significação da Crônica e na significação do Artigo Científico, procedeu-se com a observação do tempo verbal focalizando o discurso produzido pela agente-leitora através das representações dêiticas temporais representadas pela flexão verbal encontradas na significação da leitura que realizou do gênero de texto lido, levando a perceber a relação de interação ou autonomia que o discurso produzido pela agente-leitora exerceu face à situação comunicativa analisada.

Logo abaixo, estão dispostos no Quadro 14, parte dos segmentos que ilustram a temporalidade verbal utilizada pela agente-leitora na situação comunicativa produzida na significação do Artigo de Opinião.

Quadro 14 - Tempos verbais representados na significação do Artigo de Opinião por Sofia.

Presente	Pretérito		Discurso
<u>Indicativo</u>	<u>Perfeito</u>	<u>Imperfeito</u>	<u>Segmentos das unidades verbais</u>
É	_____	_____	(“[...] Mas o assunto é muito pertinente, né? [...]”)
Acho Diminui Existe	_____	_____	(“[...] eu acho que diminui até esse comércio que existe das crianças, né? [...]”)
Pode Vai	_____	_____	(“[...] A pessoa que não pode ter filho e vai pro interior [...]”)
Acho	Gostei	_____	(“[...] acho pertinente, só não gostei muito do exemplo dele [...]”)
Pode	Foi	_____	(“[...] parece até que uma criança que foi adotada grande não pode ser um futuro empresário! [...]”)
_____	_____	Ia	(“[...] Porque se o rapaz não fosse adotado ainda pequeno não ia conseguir vencer na vida [...]”)
Achei Achei	_____	_____	(“[...] só achei infeliz a colocação dele aí, mas de resto eu achei interessante [...]”)
Tem Tá	_____	_____	(“[...] tem algumas discussões aqui que realmente o Brasil ainda não tá muito avançado [...]”)
Tá	_____	_____	(“[...] a própria sociedade não tá pronta ainda pra aceitar uma relação assim [...]”)
É	_____	_____	(“[...] se bem que é melhor do que deixar num abrigo, abandonado [...]”)

Fonte: Quadro adaptado do procedimento analítico de Barbosa (2014, p. 80-81).

Como se pode observar no quadro 14, o tempo verbal representado na significação do Artigo de Opinião produzida por Sofia deu-se, predominantemente, pelo presente do indicativo. Mas, mesmo com uma frequência menor, observou-se também a presença do pretérito perfeito. Ao prosseguir com a localização do tempo verbal utilizado por esta agente-leitora na significação que realizou sobre o gênero de texto lido, averiguaram-se formas verbais no infinitivo, havendo uma ocorrência na utilização da forma pretérita imperfeita do indicativo (“[...] Porque se o rapaz não **fosse** adotado ainda pequeno não ia conseguir vencer na vida [...]”); da forma presente do subjuntivo (“[...] quanto mais pra permitir que crianças **sejam**

educadas por esses casais [...]”) e da forma pretérita do subjetivo (“[...] *Porque se o rapaz não fosse adotado ainda pequeno não ia conseguir vencer na vida [...]*”).

Com base no levantamento realizado sobre o uso dos tempos verbais por Sofia sobre o Artigo de Opinião, observou-se que a função de dêitico temporal dos verbos tanto foi localizada pela referência do “**agora**”, acionados pelo uso do presente do indicativo (“[...] *Mas o assunto é muito pertinente, né? [...]*” // “[...] *eu acho que diminui até esse comércio que existe das crianças, né? [...]*” // “[...] *A pessoa que não pode ter filho e vai pro interior [...]*”), como pela referência do “**ontem**”, só que em menor frequência (“[...] *acho pertinente, só não gostei muito do exemplo dele [...]*” // “[...] *parece até que uma criança que foi adotada grande não pode ser um futuro empresário! [...]*” // “[...] *só achei infeliz a colocação dele aí, mas de resto eu achei interessante [...]*”) ativados pela utilização do pretérito do indicativo.

Já em relação às unidades linguísticas que marcam os dêiticos espaciais, com função de situar o lugar físico e sociosubjetivo em que acontece a significação do Artigo de Opinião recepcionado pela agente-leitora, as quais evidenciam a aproximação entre a ação verbal produzida e o contexto sociointerativo onde o discurso é produzido, foi possível identificar o grupo de unidades linguísticas na categoria dos dêiticos espaciais que no caso são os advérbios ou locuções adverbiais com valor de lugar, os pronomes demonstrativos e os verbos que indicam movimento.

Diante das unidades linguísticas que representam os dêiticos espaciais, foram identificadas sobre a significação do texto base por Sofia, locuções adverbiais (“[...] *E acelerar esse processo faz com que essas crianças cheguem mais rápido aos lares [...]*”); advérbios (“[...] *A pessoa que não pode ter filho e vai para o interior pegar um menino lá para criar*” // “[...] *tem algumas discussões aqui que realmente o Brasil ainda não tá muito avançado como a adoção por homossexuais, né? O Brasil ainda tá muito atrás nisso [...]*”); pronomes demonstrativos (“[...] *E acelerar esse processo faz com que essas crianças cheguem mais rápido aos lares [...]*” // “[...] *depois a mãe dele quer criar e a criança passa por todo esse processo [...]*” // “[...] *Pra essa questão, a própria sociedade não tá pronta ainda pra aceitar uma relação assim, quanto mais pra permitir que crianças sejam educadas por esses casais [...]*”) e verbos que indicam movimentos (“[...] *E acelerar esse processo faz com que essas crianças cheguem mais rápido aos lares [...]*” // “[...] *A pessoa que não pode ter filho e vai para o interior pegar um menino lá para criar [...]*” // “[...] *Porque se o rapaz não fosse adotado ainda pequeno não ia conseguir vencer na vida [...]*”). Desse modo foi possível

identificar a organização espaço-temporal, por meio das escolhas dêiticas, produzidas a partir da leitura do Artigo de Opinião que Sofia realizou (BRONCKART, 1999; BARBOSA, 2014).

Como se asseverou nas duas primeiras análises realizadas na significação de Sofia sobre a Crônica e sobre o Artigo Científico, reforça-se também na significação realizada por esta agente-leitora sobre o Artigo de Opinião que, as escolhas das unidades linguísticas produzidas do gênero em questão, permitem que se identifique a ação verbal, organizada no planejamento interno da significação da referida agente-leitora. Ponderou-se, portanto que Sofia acionou, de modo mais preponderante, o raciocínio prático do discurso interativo da ordem do expor, conjunto à situação comunicativa da significação do Artigo de Opinião em grau implicado (BRONCKART, 1999; MIRANDA, 2008).

Destarte, pelas coordenadas gerais do mundo ordinário, a agente-leitora produz sua significação na situação da leitura sobre o texto base com eixo de temporalidade do “**ontem**” e do “**agora**”. Ao ocupar a posição de receptora (leitora), deslocado em produtora de significação de leitura do texto base, sincronicamente com seu interlocutor direto (no caso a pesquisadora de iniciação científica), presente fisicamente, e os indiretos (no caso, o autor do Artigo de Opinião e a professora pesquisadora), ausentes fisicamente, configurando assim, seu agir linguageiro de modo implicado ao discurso imediato. O discurso interativo acontece com a preponderância do uso do tempo presente, porém, sendo que de modo mais discreto com uso do tempo passado.

4.9 A textualização representada na significação do Artigo de Opinião

Assim como realizado na significação da Crônica e na significação do Artigo Científico por Sofia foi conduzida a análise da textualização do Artigo de Opinião, iniciada pelo mecanismo de conexão, dando continuidade com a análise da coesão verbal e finalizando com a análise da coesão nominal. Completando, desta maneira, o percurso de análise dos três mecanismos de textualização proposto pelo ISD.

✓ Análise da Conexão

Como dito em momento anterior, os conectivos funcionam como elos entre as orações coordenadas e subordinadas presentes no texto. Por se tratar de uma atividade de leitura de gênero de texto, realizada por uma agente-leitora, a análise dos conectivos se fez sobre o

material resultante da significação de Sofia sobre o Artigo de Opinião, o qual fora apresentada no Quadro 12 (p. 133).

Foram observadas, na significação do Artigo de Opinião por Sofia, orações coordenadas aditivas representadas pelo uso do conectivo “**e**”, orações coordenadas adversativas representadas pelo uso dos conectivos “**só**” e “**mas**”. Com isso, localizaram-se segmentos que expressam a ideia de adição entre as orações enunciadas por Sofia (“***E** acelerar esse processo faz com que essas crianças cheguem mais rápido aos lares **e** eu acho que diminui até esse comércio que existe das crianças, né? [...]*” // “[...] depois a mãe dele quer criar **e** a criança passa por todo esse processo, acho pertinente [...]”) evidenciado a relação de tensão social e emocional presentes nos processos de adoção ao modo brasileiro, tratados no texto base e internalizados por Sofia (BRONCKART, 1999).

No tocante à presença das orações coordenadas adversativas na significação desta agente-leitora sobre o Artigo de Opinião, foi observada o uso dos segmentos adversativos em duas passagens. O primeiro e o segundo segmento observado em termos da ideia adversativa encontram-se em duas orações encaixadas (“[...] depois a mãe dele quer criar e a criança passa por todo esse processo, acho pertinente, **só** não gostei muito do exemplo dele, **mas** de resto eu achei interessante [...]”). Sofia utiliza o recurso linguístico adversativo para expressar discordância relacionada ao exemplo de caso de adoção descrito pelo colunista do Artigo de Opinião e, ao mesmo tempo, mesmo denotando discordar do autor neste aspecto, destaca ter achado o texto base interessante. Então, estas foram às ideias adversativas encontradas na significação desta agente leitora sobre o gênero de texto lido.

Para tal, relacionada à reflexão adversativa que Sofia produziu a partir da leitura do texto base, considerou-se neste trabalho, assim como observado na significação do Artigo Científico sobre o mesmo tipo de produção de linguagem: a conexão, que essa agente-leitora produz uma leitura crítica e reflexiva, uma vez que ela realiza um comentário sobre o fato do autor, no caso o colunista do Artigo de Opinião, dar como exemplo de processo de adoção exitoso a história de Steve Jobs (*o inventor da Apple*) por ser adotado nos EUA ainda na infância, essa exemplificação em abordar a temática adoção pelo autor, provocou um efeito adversativo na significação da leitura de Sofia. Esta agente produz uma ação verbal de contestação relacionada ao exemplo de adoção explicitado, declarando insatisfação sobre essa aspectualidade do mundo discursivo exemplificada pelo autor do Artigo de Opinião (BRONCKART, 1999).

No entanto, ao mesmo tempo em que Sofia discorda em um aspecto, no caso a exemplificação dada pelo autor para tratar da temática adoção, produz uma concordância em

termos gerais acerca do é discutido no gênero do texto, o que cabe interpretar que, mesmo o autor sendo infeliz na exposição do exemplo, segundo opinião desta agente-leitora, configurando-se como um aspecto de discordância apenas, em termos do tratamento da temática de modo geral pelo autor, provocou em Sofia um estado de interesse pela leitura e, portanto, um processo interativo entre o mundo discursivo representado no gênero de texto lido e o mundo discursivo internalizado e representado por Sofia acerca da temática referente aos processos de adoção no Brasil. Logo, foi instalado um confronto de mundos discursivos que se constituiu a partir da interação verbal construída entre Sofia e o autor do Artigo de Opinião (BRONCKART, 1999).

Em relação ao emprego das orações subordinadas, observou-se a presença com alto nível de saturação dos tipos de conectivos causais representado pelo uso do “que” (“[...] *A gente vê aí os abrigos e os lares, os abrigos mesmo, né? Cheio de crianças já com seus oito, nove anos **que** ninguém quer mais adotar, né? [...]*” // “[...] *E acelerar esse processo faz com **que** essas crianças [...]*” // “[...] *eu acho **que** diminui até esse comércio que existe das crianças, né? [...]*” // “[...] *tem algumas discussões aqui **que** realmente o Brasil ainda não tá muito avançado como a adoção por homossexuais, né? [...]*”), e pelo uso do conectivo “porque”, sendo que este último fora utilizado por Sofia apenas em uma única vez (“[...] ***Porque** se o rapaz não fosse adotado ainda pequeno não ia conseguir vencer na vida [...]*”).

Com estes exemplos destacados dos tipos de conectivos utilizados por Sofia na significação do Artigo de Opinião, identificou-se o sentido local do uso do conectivo causal posto nas orações subordinadas que compõem o texto. Dessa maneira, assim como observado na significação do Artigo Científico, verificou-se que o texto de base lido nessa nova situação comunicativa exerceu uma força locutória no trabalho de interpretação da agente-leitora, posto que, por se tratar de um gênero de texto marcado pela predominância do discurso expositivo produziu efeitos de sentidos na agente-leitora marcada por uma configuração discursiva também de natureza expositiva com predominância de sequências comunicativas argumentativas.

Sobre a coesão verbal, em específico ao emprego dos conectivos nas orações subordinadas, assim como dito no momento da análise sobre a significação do Artigo Científico, é possível considerar que o gênero de texto lido e como este se configura em termos da composição linguística dos tipos de conectivos que o constitui, e, por conseguinte, a organização da progressão temática do texto base, influencia o modo como a significação da

leitura acontece pelo agente-leitor, pois Sofia, em seu percurso interpretativo, traz explicações possíveis para as práticas de adoção na sociedade brasileira (BRONCKART, 2005).

Assim, concluiu-se que os conectivos encontrados funcionaram como organizadores textuais nesta produção de leitura garantindo o estabelecimento da progressão temática na significação do Artigo de Opinião realizada por Sofia.

✓ *Análise da Coesão Verbal*

Como realizado na significação da Crônica e do Artigo Científico por Sofia, foi observada a coesão verbal da significação do Artigo de Opinião realizado por esta agente-leitora com intenção de, por meio do uso dos tempos e modos verbais configurados em estados, acontecimentos e ações, observar o aspecto processual da progressão temática, uma vez que o modo como à coesão verbal se estabelece permite visualizar a organização temporal na textualização produzida. Enfatiza-se mais uma vez, a função de organização do tempo como marcador linguístico que também impõe determinações no processo de significação da agente-leitora a partir da leitura do Artigo de Opinião, por acreditar que o uso do tempo verbal proporciona mudança ou permanência de sentidos durante o processo de compreensão da leitura, fruto da interação verbal entre os interlocutores envolvidos na situação comunicativa.

Em termos de função, os verbos são elementos linguísticos de natureza coesiva que atuam na ligação entre palavras ou partes do texto, por essa razão, é que se assume a perspectiva da capacidade de transformação ou reprodução da ação de linguagem por meio dos usos que se faz dos verbos em processos de significação de leituras de gêneros de textos nas mais variadas situações comunicativas estabelecidas entre interlocutores em uma dada língua natural, que, no caso em destaque neste estudo, se situam nas práticas culturais de ação de linguagem constituídas na/pela língua portuguesa (MIRANDA, 2008).

Desse modo, prosseguiu-se com a identificação dos tempos verbais utilizados na significação do Artigo de Opinião. Constatou-se que a agente-leitora, ao usar os verbos na temporalidade presente e no modo infinitivo, favoreceu o entendimento possibilidades de interpretação do processo de significação que ela produziu face ao conteúdo temático abordado no gênero de texto lido por ela.

A significação iniciou-se com um comentário de Sofia sobre o tema, alegando que o conteúdo tratado mostrou-se “*pertinente*”, adjetivo este precedido do verbo “*é*” flexionado no presente do indicativo e pelo advérbio de intensidade “*muito*”, o segundo segmento observado

em termos da identificação dos tempos verbais apresenta uma composição linguística que é marcada pelo uso verbal no modo infinitivo “**acelerar**” como mecanismo introdutório de toda ação verbal que Sofia produziu sobre o conteúdo temático para expor questões ligadas ao comércio instalado nas práticas de adoção no Brasil, nos dilemas existências que circundam os sentimentos tanto das famílias que dispõem de seus filhos para adoção como para as famílias adotivas que buscam crianças para tomá-las como filhos de direito. Por último, observou-se que Sofia utilizou no tempo presente dois verbos encaixados “**tá**” e “**pronta**”, precedidos pelo advérbio de negação “**não**” para remeter seu agir linguageiro ao fato de que a sociedade brasileira encontra-se muito longe da aceitação incondicional de processo de adoção por casais homossexuais em função do preconceito social que o gênero de texto aponta como tendo sido deixado de fora pelo Congresso Nacional brasileiro, a nova lei que ampara as práticas adotivas no território nacional não assegura ou permite explicitamente que casais homossexuais participem de processos legais de adoção.

Com isso, as passagens destacadas ((1) “[...] **Mas o assunto é muito pertinente, né?** [...]”// (2) “[...] **E acelerar esse processo [...] diminui até esse comércio que existe das crianças, né? A pessoa [...] vai para o interior pegar um menino lá para criar, depois a mãe dele quer criar e a criança passa por todo esse processo[...]**” // (3) “[...] **a própria sociedade não tá pronta ainda pra aceitar uma relação assim, quanto mais pra permitir que crianças sejam educadas por esses casais [...]**”), reforça-se o quanto a leitura do conteúdo temático tratado no texto base afetou a significação de Sofia. As três passagens destacadas, denotam que Sofia produziu significação a partir do seu lugar social em uma temporalidade que se deu em grande parte no presente. Os verbos utilizados por Sofia nas três passagens destacadas anteriormente se configuram tanto com verbos de estado, os quais denotam a condição ou a situação que o gênero de texto lido representa para esta agente-leitora, como por verbo de movimento que imprime uma mudança de estado adotado e/ou não adotado relacionadas a crianças que se encontram nesta condição (BARBOSA, 2014; BRONCKART, 1999; MACHADO, 1998).

Ao caminhar com a análise sobre o uso do tempo verbal e as formas representadas (estado, ação e movimento) na significação de Sofia a partir da leitura do Artigo de Opinião, com foco na função de coesão verbal observou-se, nas passagens destacadas logo adiante que a progressão discursiva é construída com uma predominância no uso do tempo verbal no presente do indicativo, embora ela tenha feito uso de outros tempos verbais só que com um nível de ocorrência bem menos expressiva.

Sofia - (1) - “[...] Mas o assunto é muito pertinente, né? [...]” // (2) - “[...] E acelerar esse processo [...] diminui até esse comércio que existe das crianças, né? A pessoa [...] vai para o interior pegar um menino lá para criar, depois a mãe dele quer criar e a criança passa por todo esse processo [...]” // (3) “[...] a própria sociedade não tá pronta ainda pra aceitar uma relação assim, quanto mais pra permitir que crianças sejam educadas por esses casais [...]”

A partir das passagens destacadas na citação de Sofia, posta acima, quanto ao uso dos verbos de ação (“*cria*” // “*pegar*”), de estado (“*é*” // “*existe*” // “*tá*” // “*aceitar*”) e de movimento (“*acelera*” // “*vai*” // “*diminui*”), observou-se que a agente-leitora utilizou com uma alta frequência, tanto o modo infinitivo como o presente do indicativo. Essa observação também foi contatada no restante da progressão do conteúdo temático significado por meio da leitura que realizou do Artigo de Opinião, sendo, portanto evidenciado um nível de saturação elevada quanto ao uso da coerência verbal nestes termos.

Com efeito, por meio do uso da temporalidade na progressão temática da significação de Sofia tomada pela função de coesão verbal, foi possível identificar que os coesivos temporais selecionados pela agente-leitora criaram uma organização hierárquica temporal orientado pela atividade social, uma vez que, os verbos utilizados por esta agente-leitora foram organizando o seu agir languageiro em termos da significação que fez da leitura do Artigo de Opinião a partir também da representação social que ela possuía acerca do conteúdo tratado no texto construído por inúmeros canais informativos e interativos que a mesma tenha vivenciado.

Assim, mais uma vez se confirma que a significação de Sofia foi condicionada pelo conteúdo do texto de base lido e pelas mediações estabelecidas por ela a partir das interações que vivenciou ao longo de sua vida, quer seja por meio de outros textos, que seja por meio de conversas, reportagens que assistiu ou leu dentre outros meios de contato com o conteúdo temático vinculado no Artigo de Opinião que ela significou na sessão de leitura realizada (AGUIAR, 2011; ORLANDI, 2006; VIGOTSKI, 2004).

O Artigo de Opinião (pré-construído jornalístico) e o questionamento realizado pela pesquisadora de iniciação científica que demandou o agir languageiro de Sofia para a atividade social ao compartilhar o que significou derivado da leitura foram integrados por esta agente-leitora na significação que realizou. O processo de significação é estabelecido pela organização decidida pela agente-leitora em relacionar a compreensão do conteúdo temático do Artigo de Opinião, o qual aborda a temática dos processos de adoção no Brasil, caracterizados tanto por práticas formais, com respaldo legal, como por práticas culturais informais, embora muito comum em nosso país. É, portanto, corrente a divulgação de práticas tanto lícitas como ilícitas

acerca dos processos de adoção por meio da mídia impressa ou televisiva e na comunicação eletrônica, bem como deflagrada no dia-a-dia por contextos socioculturais como na vizinhança, nas histórias de amigos que tenha casos de adoção na família, de um modo geral, no entorno sociocultural o qual Sofia encontra-se imersa. O fenômeno da adoção é uma condição sociocultural corriqueira numa sociedade como a brasileira, cujo déficit social é saltar os olhos. Desta maneira, provavelmente foram situações como estas internalizadas por esta agente-leitora nas interações sociais vivenciadas nas mais variadas situações comunicativas compartilhadas com outras pessoas, que regeram a significação desta agente-leitora sobre o conteúdo temático por meio da integralização temporal pretérita e presente (BRONCKART, 1999).

✓ *Análise da Coesão Nominal*

Conforme orientação do ISD, a coesão nominal representada pelas cadeias anafóricas, se efetiva tanto por meio de retomadas e substituição de temas e personagens no transcorrer do texto como também de introdução desses mesmos temas e personagens. A coesão nominal, em termos de recursos linguísticos é representada pelo uso de pronomes pessoais, relativos, demonstrativos, possessivos e/ou sintagmas nominais.

Com base no Artigo de Opinião lido, Sofia introduz, em sua significação com o fato de haver muitas crianças brasileiras em lares e abrigos esperando para serem adotadas. Desta maneira, no início da significação é marcado pela locução pronominal (**A gente**) com valor semântico de nós, no caso, a agente-leitora também reconhece que os abrigos e orfanatos encontram-se lotados de crianças a espera de uma família adotiva, cuja demora nos trâmites legais, muitas vezes, confina a criança a ter que passar a vida inteira nestas instituições.

Com a observação da progressão temática da significação de Sofia sobre o texto base, identificou-se o uso de pronomes demonstrativos em terceira pessoa (**“esse”** // **“essas”**), os quais remetem no primeiro caso, representado no singular, ao processo moroso de adoção legal no Brasil, e, no segundo caso, representado no plural, às crianças que esperam por uma família adotiva em abrigos e orfanatos. No mesmo bloco discursivo, identificou-se o uso do verbo (**“gostar”**) na primeira pessoa do singular (**“só não gostei muito do exemplo dele”**) indica que ela (a agente-leitora) discordou do exemplo dado pelo autor, o qual foi referenciado pelo pronome possessivo, construindo assim uma compreensão apoiada no mundo sociosubjetivo que ela internalizou sobre o fenômeno social da adoção tardia.

Já no último bloco da significação realizada pela agente-leitora, observou-se que a progressão temática apoiou-se na instância discursiva do preconceito social em termos da adoção por casais homossexuais, o qual, em termos da coesão nominal é marcado pelo uso do pronome demonstrativo em terceira pessoa do plural (“[...] *quanto mais pra permitir que crianças sejam educadas por **esses** casais [...]*”), indica que a agente-leitora concorda com a ideia de que, de fato, a sociedade brasileira, comporta-se de modo preconceituoso, quando se trata de adoção por casais homossexuais, evidenciando assim, uma compreensão de leitura apoiada nas formulações preestabelecidas no mundo discursivo objetivo circulante na sociedade brasileira.

✓ *Análise da Coerência Pragmática*

Com a finalização da leitura do Artigo de Opinião, para que a significação da agente-leitora fosse produzida, a pesquisadora de iniciação científica verbalizou a pergunta “o que você significou do texto?”. Como dito antes, a pesquisadora de iniciação científica é representante do mundo discursivo do domínio científico, plasmado num projeto de pesquisa formulado e coordenado por uma professora universitária, que, por sua vez, espera uma resposta. Assim, é de responsabilidade da agente-leitora universitária, por se encontrar nas posições sociais de aluna de graduação do curso de pedagogia e voluntária da pesquisa, responder à pesquisadora por meio da significação da leitura do Artigo de Opinião para fins científicos.

Desta maneira, a formulação da resposta dirige a significação da agente-leitora sob as seguintes ações de linguagem: (i) a leitura que a agente-leitora realizou do texto base, (ii) sua responsabilidade responsiva por conta da representação de aluna universitária e voluntária de pesquisa assumidas no ato da leitura, (iii) o compromisso assumido em participar como voluntária no projeto de pesquisa e (iv) a correspondência da expectativa da pesquisadora de iniciação científica evocado pelo questionamento “O que você significou do texto?”. Identificou-se, portanto, 2 vozes explícitas e 5 vozes implícitas.

Quadro 15 - Gestão das vozes na Significação do Artigo de Opinião por Sofia.

Gestão de Vozes	
<u>Explícitas</u>	<u>Implícitas</u>
Coordenadora da pesquisa (autor empírico) <i>“O que você significou do texto?”</i>	Instancia social formal (universidade)
Sofia (autor empírico) <i>“Mas o assunto é muito pertinente, né? A gente vê aí os abrigos e os lares, os abrigos mesmo, né? Cheio de crianças já com seus oito, nove anos que ninguém quer mais adotar, né?.”</i>	Instância social (pesquisadora de iniciação científica, práticas de adoção no Brasil, família, amigos, meios de comunicação, Congresso Nacional): a voz do trâmite legal para adoção no Brasil. <i>“E acelerar esse processo faz com que essas crianças cheguem mais rápido aos lares e eu acho que diminui até esse comércio que existe das crianças, né?[...]”</i>
	Instância social (pesquisadora de iniciação científica, práticas de adoção no Brasil, família, amigos, meios de comunicação, Congresso Nacional): a voz da adoção “tardia”. <i>“Porque se o rapaz não fosse adotado ainda pequeno não ia conseguir vencer na vida, só achei infeliz a colocação dele aí, mas de resto eu achei interessante [...]”</i>
	Instância social (pesquisadora de iniciação científica, déficit social do país, família, amigos, meios de comunicação, Congresso Nacional): a voz do preconceito social. <i>“[...] tem algumas discussões aqui que realmente o Brasil ainda não tá muito avançado como a adoção por homossexuais, né? O Brasil ainda tá muito atrás nisso.”</i> <i>“Pra essa questão, a própria sociedade não tá pronta ainda pra aceitar uma relação assim, quanto mais pra permitir que crianças sejam educadas por esses casais, se bem que é melhor do que deixar num abrigo, abandonado.”</i>
	Autor do Artigo de Opinião <i>“Se Steve Jobs tivesse nascido no Brasil, a Apple, tida por muitos como a empresa mais inovadora do mundo não existiria [...] o motivo seria a lentidão dos processos de adoção no Brasil” (Localizada no primeiro parágrafo)</i>

Fonte: Quadro adaptado do procedimento analítico de Barbosa (2014, p. 88).

Assim como na situação de leitura da Crônica e do Artigo Científico, a voz da Coordenadora do projeto de pesquisa é consumada pela intenção de obter resposta acerca dos sentidos produzidos a partir da leitura do Artigo de Opinião, o qual aborda o conteúdo temático sobre as práticas legais e culturais coexistentes no Brasil. Esta pergunta diretiva mobilizou a agente-leitora para proceder à leitura deste gênero de texto, a partir de sua concordância em participar voluntariamente da pesquisa. A voz da coordenadora da pesquisa corresponde, por certo, a voz implícita da instância formal (universidade) para averiguar o potencial de significação dos agentes-leitores que se propuseram a colaborar com essa atividade científica.

A voz de Sofia está relacionada imagem que construiu sobre o conteúdo temático veiculado no gênero de texto lido a partir das intenções da coordenadora do projeto. É uma voz que procura responder o questionamento, compreender o texto base, no caso o Artigo de Opinião, em suma, é uma voz criada para corresponder à coordenadora do projeto quanto aos propósitos da pesquisa. Sofia, então, orienta-se pela voz explícita da coordenadora do projeto de pesquisa e as vozes implícitas já mencionadas no Quadro 14, integralizando todas elas no seu processo de significação. Posiciona-se inicialmente com uma resposta pessoal/subjetiva declarando que havia achado o assunto pertinente seguido de um posicionamento sociosubjetivo, o qual faz remissão à situação de muitas crianças que se encontram em abrigos a espera de uma família adotiva, reforçando a lentidão nos processos legais e nas barreiras transnacionais que subjazem a adoção no Brasil, pontos estes que são descritos no texto base. Com esses posicionamentos, foi possível identificar a interação verbal criada por Sofia na significação da leitura do conteúdo temático que realizou no Artigo de Opinião.

Com o enunciado a seguir (*“E **acelerar esse processo faz com que essas crianças cheguem mais rápido aos lares [...]**”*), do mesmo modo que foi observado na análise da coerência pragmática da significação da Crônica e do Artigo Científico por Sofia, tem-se novamente um movimento de integralização de vozes implícitas na voz do autor empírico (*Sofia*) pela representação de realidade social. Na forma infinitiva, o verbo (*acelerar*) marca a presença implícita de outras vozes de entidades sociais que estão imbrincadas na significação de Sofia. Na sequência desse enunciado, é identificado com pronome demonstrativo (*esse*), o qual se remete a resolução na lentidão dos processos de adoção no Brasil com o advento na nova lei (12.010/3-9-2009), que à época da elaboração do Artigo de Opinião pelo autor, bem como pela leitura que Sofia fez deste gênero de texto, ainda se configurava como projeto de lei no Congresso Nacional, já que a data de publicação na revista *Istoé* de 27.08.2008. Prosseguindo com a análise do enunciado em questão, logo após o pronome demonstrativo,

Sofia usou um verbo de ação (**faz**) para evidenciar o efeito positivo do projeto de lei por possibilitar mais rapidez no processo de adoção, caindo de três para um ano conforme exposto pelo autor no gênero de texto lido.

Com isso, possivelmente a integralização das vozes realizada por esta agente-leitora, deu-se por meio dos parâmetros físicos envolvidos na situação comunicativa representadas pelas instâncias discursivas mais próximas de Sofia no momento da produção, ou seja, a instância científica e pelos parâmetros sociossubjetivos construídos por Sofia no seu contexto de vida através das interações e experiências verbais com outras instâncias sociais as quais teve ou tinha contato na ocasião da pesquisa, no caso as práticas culturais de adoção no Brasil, conversas sobre o tema com a família, com os amigos, acesso ao tema pelos canais de comunicação, pronunciamentos do Congresso Nacional sobre a deliberação legislativa sobre o assunto, dentre outras vias de contato com o assunto em pauta, tendo uma síntese dessas interações na voz do trâmite legal para adoção no Brasil marcada pela leitura do Artigo de Opinião (BRONCKART, 1999).

A voz da adoção tardia é reconhecida em passagens distintas da progressão temática, sendo posicionada ora na perspectiva de que as crianças crescem nos abrigos à espera da família adotiva e assim estas instituições ficam com superlotação, pois crianças maiores não é o perfil preferido pelas famílias brasileiras com a intenção de adotar (1) (“[...] **Cheio de crianças já com seus oito, nove anos que ninguém quer mais adotar, né?**”), ora aparece à posição discursiva a qual crianças adotadas mais velhas também podem ser bem sucedidas na vida. Foi um contra-argumento que esta agente-leitora formulou em função do exemplo de adoção que o autor do texto base trás para discutir o assunto, já que o autor inicia a discussão temática com o exemplo de adoção de Steve Jobs, o qual fora adotado ainda bebê (2) (“[...] **parece até que uma criança que foi adotada grande não pode ser um futuro empresário!**”). Esse movimento discursivo na significação de Sofia sobre a adoção tardia é estabelecido pelas possibilidades de crescimento pessoal de uma criança mais velha quando ganha uma família adotiva, o qual é ponderado na significação que esta agente-leitora faz a partir do gênero de texto lido.

Desse modo, o mundo discursivo criado no texto base e o mundo discursivo criado nas práticas sociais e culturais que Sofia circula se encontram, produzindo um jogo interacional em que duas concepções diferentes são significadas sociodiscursivamente pela agente-leitora no momento de sua produção de leitura. Mas, essas concepções não são excludentes, há um antagonismo marcado na significação da leitura, no caso a diferença de perspectiva sobre a adoção tardia abordada pelo autor do Artigo de Opinião e a possibilidade que Sofia vislumbra.

A partir disto entendeu-se o movimento discursivo produzido como o encontro entre as vozes do autor do gênero do texto e as vozes sociais que ecoam nos processos de mediações sociais pelos quais Sofia participa ou participou até o momento da pesquisa se interconectam dando margens para novas possibilidades de significação à medida que esta agente-leitora produziu, de modo socio subjetivo, a progressão temática da leitura que realizou do Artigo de Opinião (BRONCKART, 1999).

Ao continuar a análise da coerência pragmática por meio da progressão temática produzida por Sofia a partir da leitura que realizou sobre o texto base, identificou-se também a voz do preconceito social conforme destaque logo abaixo.

Sofia [...] (1) tem algumas discussões aqui que realmente o Brasil ainda não tá muito avançado como a adoção por homossexuais, né? O Brasil ainda tá muito atrás nisso. [...] Pra essa questão, (2) a própria sociedade não tá pronta ainda pra aceitar uma relação assim, (3) quanto mais pra permitir que crianças sejam educadas por esses casais, se bem que é melhor do que deixar num abrigo, abandonado.

Com efeito, observou-se nas três passagens destacadas a voz do preconceito social acionada por Sofia na significação que realizou a partir da leitura do Artigo de Opinião, o qual se reporta a essa questão. Na passagem (1), observou-se o posicionamento de Sofia na perspectiva de quanto o Brasil está atrasado sobre a questão da adoção de crianças por casais homossexuais. Já na passagem (2), a voz do preconceito social fica mais evidente na significação desta agente-leitora uma vez que verbaliza que a sociedade não se encontra preparada para aceitar uma relação conjugal homossexual e finaliza o posicionamento com a passagem (3) ressaltando, por consequência do preconceito social da relação conjugal homossexual, a não aceitação da sociedade brasileira da adoção por casais homossexuais.

A voz do autor regula a significação de Sofia sobre o gênero de texto lido, uma vez que ela se posiciona a partir da perspectiva em que o conteúdo temático é exposto pelo autor, produzindo posicionamentos de concordância e posicionamentos de discordância com o modo como a adoção no Brasil é abordada no Artigo de Opinião. Esses posicionamentos enunciativos formulados por Sofia encontram-se pulverizados em toda materialidade discursiva da progressão temática que esta agente-leitora produziu a partir da leitura do texto base. Então, sobre essa questão, constatou-se que o gênero de texto produziu efeitos de sentidos tanto para uma repetição do já dito no texto base, adotado por Sofia, como também uma inovação de

sentido que Sofia provavelmente significou por conta da sua constituição sociossubjetiva sobre o tema adoção (BRONCKART, 2005).

Desta maneira, Sofia avalia as duas práticas de adoção existentes no Brasil que o texto base aborda, no caso a legal e a ilegal, porém aceita segundo o autor. Com isso, observou-se a emergência do critério de legitimidade social na formulação desse julgamento (“[...] **A pessoa que não pode ter filho e vai para o interior pegar um menino lá para criar, depois a mãe dele quer criar e a criança passa por todo esse processo, acho pertinente**[...]”). Identificaram-se avaliações produzidas pela agente-leitora, na categoria de modalização deôntica, as quais implicam na formulação de julgamento constituído do mundo social, quando enuncia a situação abordada no texto base com a utilização de expressões do tipo (“[...] **A gente vê** [...]” // “[...] **que ninguém quer mais adotar, né?**” // “[...] **Jesse processo faz** [...]” // “[...] **tem algumas discussões aqui**[...]” // “[...] **Pra essa questão** [...]”) encontradas nas passagens que compõe a significação de Sofia sobre a leitura que realizou do texto base, estas passagens funcionaram como modalizações que asseguraram a continuidade da progressão temática.

Identificou-se, também, modalização na categoria apreciativa por construir uma imagem positiva procedente do mundo subjetivo em valor de veracidade construída a partir da produção de leitura do texto base. A apreciação de Sofia é identificada por meio do adjetivo *pertinente*, precedido do advérbio “**muito**” acompanhado na posição anterior pelo verbo de estado “**é**” no presente do indicativo. O uso do verbo “**adotar**” no infinitivo dar acabamento verbal a significação apreciativa que Sofia formulou sobre o fato de que crianças mais velhas enfrentam a rejeição das famílias dispostas fazer adoção. Sendo assim, a modalização apreciativa na significação do texto base pela agente-leitora como pode ser constatado na passagem logo a seguir.

Sofia - Mas o assunto é muito pertinente, né? A gente vê aí os abrigos e os lares, os abrigos mesmo, né? Cheio de crianças já com seus oito, nove anos que ninguém quer mais adotar, né?

Observou-se também que a modalização na categoria lógica perpassa a imagem construída pela agente-leitora com relação ao conteúdo temático identificado pela leitura do texto base. Ela fez o julgamento a partir das condições de verdade relacionadas aos fatos atestados de modo informal (adoção no Brasil de modo mais amplo) e formal (significação do fenômeno da adoção do Brasil posterior à leitura do Artigo de Opinião), formulando uma crítica ao exemplo de adoção que o autor trouxe para ilustrar um caso de adoção bem sucedida. Nessa

senda, foram destacados abaixo os modalizadores lógicos utilizados por Sofia na significação que realizou sobre o conteúdo temático.

Sofia Porque se o rapaz não fosse adotado ainda pequeno não ia conseguir vencer na vida, [...] Pra essa questão, a própria sociedade não tá pronta ainda pra aceitar uma relação assim, quanto mais pra permitir que crianças sejam educadas por esses casais [...].

Mesmo com uma tensão criada tanto pela questão da adoção tardia pelo preconceito social em termos da adoção por casais homossexuais, posterior a produção de leitura do Artigo de Opinião, observou-se que não são formulações excludentes; pelo contrário, complementam-se, um típico exercício reflexivo provocado pela dialética que imprime uma praxiologia ao agir de linguagem da agente-leitora em dupla direção, refletindo o mundo ordinário, que é arbitrário e, portanto, objetivo com o mundo sociossubjetivo construído por ela a partir das interações sociodiscursivas de que participou acerca da temática. Logo, as modalizações lógicas são identificadas a partir do julgamento de valor de verdade sob o prisma do mundo objetivo (ordinário) com o que se encontra no Artigo de Opinião conduzindo a um posicionamento de verificação entre certo e errado (HABERMAS, 1988).

Como acentuado no momento da análise das modalizações lógicas presentes na significação da Crônica e do Artigo Científico por Sofia, também para este caso da significação do Artigo de Opinião realizada por essa agente-leitora admitiu-se que os modalizadores destacados tratam o valor conceitual em julgamento baseado no binômio verdadeiro e/ou falso.

A agente-leitora usa o pronome demonstrativo “*essa*” para realizar o julgamento de que é falso afirmar que a adoção tardia não promove crescimento pessoal ao adotando e que, na verdade, a adoção por casais homossexuais não é aceita pela sociedade brasileira, sendo esses dois posicionamentos apoiados tanto no mundo discursivo objetivo, ou seja no mundo formal abstrato e no mundo sociossubjetivo internalizado por Sofia por meio dos contatos sociodiscursivos que participou sobre a o tema adoção. Então, esses mundos se interconectam na significação que Sofia produz sobre a leitura do texto base.

Assim como observado na significação da Crônica e do Artigo Científico, está presente o movimento praxiológico e portanto dialético do discurso reportado na representação das formações sociais que determinam o trabalho de leitura da agente-leitora. Observou-se um deslocamento na direção de um agir linguageiro de adaptação ao discurso de seus interlocutores

e em direção à adoção do discurso do Artigo de Opinião e de outros discursos anteriores à leitura do texto base.

A adaptação é identificada pelo agir responsivo da agente-leitora ao questionamento “O que você significou do texto?”, enunciado pela pesquisadora de iniciação científica na situação comunicativa imediata, que, por sua vez, foi formulado pela coordenadora de pesquisa em uma situação mediata. Essa construção da resposta atende aos determinantes sócio-históricos que regulam o agir linguageiro da agente-leitora na situação de linguagem, que no caso se constituem pelos papéis sociais dos interlocutores (a pesquisadora de iniciação científica, a professora coordenadora do projeto, as autoras o autor do Artigo de Opinião e o menino que foi adotado ainda bebê apresentado no texto base) e pelo contexto formal de situação comunicativa para fins de pesquisa científica.

Conforme considerado na significação da Crônica e do Artigo Científico em termos dos parâmetros configurativos do discurso na situação comunicativa do Artigo de Opinião, a agente-leitora mais uma vez assume um posicionamento responsivo (BAKHTIN, 1929/2011), relacionado ao que se espera como resposta sobre o que significou da leitura realizada, e também ao que significou sobre o conteúdo temático veiculado no texto base. No seu lugar social de aluna universitária e participante voluntária de pesquisa, percebe-se imputada de responsabilidade, com deveres frente à pesquisadora de iniciação científica e à professora coordenadora do projeto de pesquisa e seus outros interlocutores sociais (família, amigos, vizinhança, religião, mídia etc.), materializando a significação do Artigo de Opinião na forma de diálogo do que foi significado por ela, como pode ser observado na passagem destacada logo abaixo.

Sofia - [...] A pessoa que não pode ter filho e vai para o interior pegar um menino lá para criar, depois a mãe dele quer criar e a criança passa por todo esse processo, acho pertinente, só não gostei muito do exemplo dele, parece até que uma criança que foi adotada grande não pode ser um futuro empresário!

A adaptação, que acontece por meio do deslocamento de sentidos, foi observado nos segmentos destacados na passagem apresentada logo acima. A primeira adaptação observada na significação de Sofia sobre a leitura do texto base (“[...] **parece até que uma criança que foi adotada grande não pode ser um futuro empresário!**[...]”) apresenta um deslizamento de sentido que esta agente-leitora produziu, pois ela usa o verbo “**Parece**” na forma conjugada da

terceira pessoa do singular que marca o início da formulação de uma contraposição ao fato de por ter sido adotado ainda bebê, Steve Jobs obteve êxito na vida, a agente-leitora contesta este fato, chamando atenção para essa posição discursiva que o autor trás no texto.

Observou-se a voz social que combate as posições discursivas preconceituosas que circundam as práticas de adoção, já que, em geral no cotidiano dos processos de adoção, as famílias buscam um perfil de crianças entre outros atributos ainda bebê em função de poder educá-las a partir dos valores e práticas socioculturais aos quais defendem. A partir disto a agente-leitora, formula o seu agir linguageiro, possivelmente, apoiada em práticas adotivas, de famílias adotivas, sobretudo as estrangeiras, que optaram por crianças mais velhas e que também internalizaram o modo de vida dos seus familiares adotivos e obtiveram êxito pessoal.

O efeito de leitura, que o Artigo de Opinião provocou na agente-leitora com a continuidade da progressão temática, foi retomado por ela mais adiante quando enuncia (***“Porque se o rapaz não fosse adotado ainda pequeno não ia conseguir vencer na vida, só achei infeliz a colocação dele aí, mas de resto eu achei interessante [...]”***), evidenciando o quanto a posição discursiva preconceituosa sobre a adoção tardia a afetou, a ponto de Sofia repetir a posição contrária assumida por ela em termos dessa questão que termina por reforçar a exclusão das crianças que ficam à espera de uma família nos lares e abrigos. Considerou-se, assim um movimento discursivo adaptativo, portanto uma criação verbal da agente-leitora sobre a significação que realizou sobre o gênero de texto lido (BRONCKART, 2005).

Sabe-se que o processo de adaptação e adoção são dois fenômenos discursivos que acontecem de modo simultâneo por parte do agente. Assim, observou-se também o agir-linguageiro desta agente-leitora na perspectiva da adoção discursiva presente no Artigo de Opinião, com isso identificou-se, a partir da leitura que realizou sobre o texto base, seu entendimento sobre: (1) a agilidade nos processos legais de adoção no Brasil; (2) as proteções legais tanto para famílias que dispõe os filhos para adoção como para as famílias adotivas; e (3) adoção por casais homossexuais. O quadro a seguir apresenta a significação de Sofia por adoção ao que foi dito no Artigo de Opinião.

Quadro 16 - Adoção do discurso do Artigo de Opinião na Significação de Sofia.

Sofia	Artigo de Opinião
(1) “[...] <i>A gente vê aí os abrigos e os lares, os abrigos mesmo, né? Cheio de crianças já com seus oito, nove anos que ninguém quer mais adotar, né?</i> ”.	(1) “No Brasil, o tempo médio nos processos de adoção é de 3,7 anos. Isso significa que muitas das crianças disponíveis deixam de atender às condições estipuladas pelos candidatos e acabam condenadas à vida nos abrigos e orfanatos. [...]”
(2) “[...] <i>A pessoa que não pode ter filho e vai para o interior pegar um menino lá para criar, depois a mãe dele quer criar e a criança passa por todo esse processo [...]</i> ”	(2) “[...] <i>Dada a demora, muitos pais acabam recorrendo à chamada "adoção à brasileira". Visitam regiões carentes, nos rincões ou nas metrópoles, e encontram seus bebês, que viram "filhos de criação.[...]</i> ”
(3) “[...] <i>aqui que realmente o Brasil ainda não tá muito avançado como a adoção por homossexuais, né? O Brasil ainda tá muito atrás nisso[...]</i> ”	(3) “[...] <i>O único tabu, deixado de fora pelos parlamentares brasileiros, foi a possibilidade de adoção por casais homossexuais. Só a retirada desse item permitiu a votação do projeto na Câmara dos Deputados. [...]</i> ”

Fonte: Quadro adaptado do procedimento analítico de Barbosa (2014, p. 93).

Constatou-se que a significação do Artigo de Opinião por Sofia foi constituída por réplicas evidenciadas tanto na interação direta com a pesquisadora, a qual formulava respostas diretas aos questionamentos de Sofia sobre o conteúdo temático, como na interação indireta com os outros interlocutores ausentes fisicamente na situação comunicativa, porém presente discursivamente sendo representadas pelo autor, pelo caso de adoção de Steve Jobs retratado no gênero de texto lido, e a pesquisadora coordenadora do projeto de pesquisa, o que levou esta agente-leitora a produzir respostas em função das interações que realizou com o texto base. Vale destacar que esse movimento discursivo também fora evidenciado na análise da significação da Crônica e do Artigo Científico.

As réplicas observadas na interação direta com a interlocutora Sofia presente na situação comunicativa da significação do Artigo de Opinião, isto é, com a pesquisadora de iniciação científica, funcionaram como um diálogo estabelecido entre elas que assegurou o posicionamento responsivo de Sofia quanto à leitura do texto base. De início, observou-se uma

réplica (**R1**) com efeito de resposta, formulada pela pesquisadora de iniciação científica que confirma, a formulação realizada por Sofia sobre a confirmação de que a leitura realizada foi de um Artigo de Opinião (*“É um artigo de opinião né? Então é uma opinião dele”*).

Com a progressão temática da significação de Sofia sobre o texto base, percebeu-se a formulação de uma nova réplica (**R2**), que funcionou como acabamento do posicionamento enunciativo da agente-leitora acerca da reformulação inicial que realizou seu entendimento sobre a leitura realizada.

Prosseguindo com a identificação de réplicas na interação verbal construída no diálogo entre Sofia e a pesquisadora de iniciação científica, foram observadas mais três réplicas produzidas pela pesquisadora de iniciação científica em relação às significações realizadas por Sofia, todas elas funcionando como confirmação da enunciação realizada pela agente-leitora.

Já sobre as réplicas que Sofia produziu configuradas como posicionamento responsivo às perguntas formuladas pelos interlocutores indiretos, uma vez que estes representaram instâncias sociais que interpelam a significação desta agente-leitora sobre o texto base, funcionaram, neste caso, como resposta as instâncias formais da universidade representadas pela pergunta formulada pela professora coordenadora da pesquisa “O que você significou do texto” como dispositivo dialógico de base para Sofia produzir significação na leitura que realizou do Artigo de Opinião, então a significação completa de Sofia é a réplica que ela produziu para atender aos motivos e as intenções da professora coordenadora da pesquisa (BRONCKART, 2005; BAKHTIN, 1929/2011).

E, por último, identificou-se no percurso da significação do gênero de texto lido por Sofia que houve produção de réplicas para atender as motivações e intenções do autor do Artigo de Opinião acerca das práticas adotivas legais Brasil, as quais representam a organização discursiva da instância social formal do poder legislativo brasileiro, instância esta que também funcionou como uma das formações sociais que condicionaram as réplicas produzidas por Sofia na Significação do gênero de texto lido.

Além da instância social formal do poder legislativo brasileiro ressaltado pelo autor do Artigo de Opinião acerca da tramitação do projeto de lei para agilizar os processos legais de adoção, observou-se também que a instância social informal, no caso as práticas de adoção ilegais trazidas no texto base pelo autor, do mesmo modo condicionaram/determinaram as réplicas que a agente-leitora produziu a partir da leitura que realizou.

Para tal, os efeitos de leitura observados nas réplicas que Sofia produziu é o resultado de uma complexa rede de interconexão entre pensamento e linguagem a partir das formações

sociais internalizadas por esta agente-leitora por meio das interações verbais estabelecidas com as instâncias formais e informais vivenciadas nas mais variadas práticas e contextos sociais de comunicação funcionando como mediadores na produção de leitura que realizou sobre o conteúdo temático veiculado no Artigo de Opinião (VIGOTSKI, 1934/2009).

5 CONCLUSÃO

Investigar de modo transdisciplinar com o subsídio das áreas de conhecimento da psicologia cognitiva, da linguística, da filosofia, da educação e das ciências do discurso o fenômeno da significação de gêneros de textos por uma agente-leitora universitária em diferentes formações sociais de linguagem mostrou-se uma tarefa simultaneamente frutífera e desafiadora, posto que os contornos que constituem as contribuições e os pontos de contato de cada uma dessas áreas se configuram por meio de uma linha tênue com alto teor de complexidade, haja vista que estudos desta natureza comprometem-se com as perspectivas teóricas e metodológicas que se debruçam sobre a relação indissociável entre pensamento e linguagem em processos de comunicação social verbal. Portanto, estão comprometidas com uma perspectiva ética e integral do desenvolvimento humano.

Então, indo ao encontro da perspectiva transdisciplinar de produção do conhecimento científico na vertente ética e integral do desenvolvimento humano, este estudo teve como proposta central compor o elenco dos trabalhos que tomam o quadro de referência do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), no âmbito da recepção textual, em especial, a compreensão de leitura sob as bases de funcionamento tridimensional e interconectado das práticas de linguagem que envolve os processos comunicativos contextuais/situacionais; as semiotizações do sistema linguístico que se configuram nos aspectos co-textuais da língua e as operações psicológicas que se constituem nos modos de representação e internalização dos conhecimentos sistematizados socialmente nas práticas comunicativas verbais formais e informais vivenciados por uma agente-leitora universitária. Como assegurado por Bronckart (2006), as investigações em torno da recepção de textos ainda se apresentam incipientes, ao passo que os estudos da produção textual são imperantes nesta abordagem. Logo, este estudo colabora com a minimização da escassez investigativa sobre os processos sociointeracionistas preconizados pelo ISD em termos da recepção textual.

Para dar conta do fenômeno investigativo destacado nesta pesquisa, dentre outros enlances teóricos realizados, fez-se necessário articular uma teoria de leitura, que fosse compatível em termos dos pressupostos epistemológicos do ISD. Então, foram articulados não só no plano teórico, mas, sobretudo, no plano analítico, parte dos princípios e procedimentos da escola brasileira de análise de discurso, representada por Orlandi (2006), visto que a filosofia que embasa esta abordagem teórica de leitura é fundamentada no materialismo dialético, assim

como o ISD, e, por conseguinte, ambas assumem como elemento fundador das ações verbais humanas, os componentes contextuais imbrincados nas práticas interlocutoras socioculturais. Ademais, a articulação também se fez pelo viés conceitual, visto que ambas as abordagens concebem a linguagem como trabalho e interação.

Nesta fase conclusiva da pesquisa, a partir das questões problematizadoras e dos objetivos formulados que conduziram o plano de trabalho, bem como de outras conclusões que não haviam sido previstas inicialmente, mas que surgiram no transcorrer das ações empreendidas a fim de chegar a um ponto, por certo, não acabado, porém, ao menos provisoriamente, composto por respostas obtidas com o encerramento desse nível de formação acadêmica, no caso, com a finalização dos estudos do doutorado, dado que sobre o prisma da recepção textual, o terreno investigativo ainda encontra-se em vias de sedimentação, carecendo de mais estudos que se voltem para situações de comunicação verbal por meio das práticas sociointeracionistas no âmbito da leitura, já que os estudos que se voltam para a escrita apresentam um volume bem mais significativo em relação à postura teórica e metodológica assumida no presente trabalho.

Assim, passa-se a sumariar os achados considerados mais relevantes, bem como as limitações impostas ao ato de pesquisar, inerente a qualquer tipo de trabalho científico. Desta maneira, o sumário conclusivo inicia-se com a retomada dos questionamentos de base e dos objetivos que viabilizaram o andamento do plano de trabalho, seguindo para a discussão dos principais achados, e, por fim, com a indicação de pesquisas futuras que se comprometam com a postura científica adotada nesta investigação.

Em relação aos questionamentos de base, os quais foram apresentados na Introdução, são retomados neste momento a fim de traçar um panorama sobre os alcances e os limites do trabalho em relevo, quais sejam: Como uma agente-leitora universitária, em situação de interpretação de leitura de uma Crônica, de um Artigo Científico e de um Artigo de Opinião produz sentidos? Quais as determinações das condições de produção de linguagem são evidenciadas na interpretação de uma agente-leitora? De que maneira a ação de linguagem de uma agente-leitora universitária é acionada e materializada na interpretação dos três gêneros de textos focalizados nesta pesquisa? Como a avaliação constitui o agir comunicativo verbal do agente leitor nas situações de atividade de linguagem exploradas nesta pesquisa, a saber: na entrevista e nas sessões de interpretação de leitura dos gêneros Crônica, Artigo Científico e Artigo de Opinião?

Tendo sido os questionamentos situados no âmbito da recepção textual para que fosse efetivado o plano de trabalho investigativo, contou-se com o objetivo geral: investigar a significação de gêneros de textos por uma agente-leitora universitária em diferentes formações sociais de linguagem, o qual fez emergir os objetivos específicos, que foram: (i) compreender o papel representado pelas vivências de leitura passadas e atuais da agente-leitora em espaços diversificados e compartilhados com grupos sociais distintos e sua possível influência no processo pessoal de significação de gêneros de texto; (ii) analisar os modos de representação psicológicas, linguísticas e discursivas materializados em textos empíricos por uma agente-leitora na situação de significação de leitura de três gêneros de texto: Artigo Científico, Crônica, Artigo de Opinião; (iii) identificar o agir linguageiro desta agente-leitora em situação de interpretação dos gêneros de texto explorados nesta pesquisa. Com isso, passa-se para a apresentação e discussão dos resultados encontrados para cada um dos objetivos delineados neste estudo.

Sobre o primeiro objetivo específico, que se constituiu em torno da intenção e motivação em compreender o estatuto das interações sociais as quais a agente-leitora vivenciou e vivenciava até o momento da participação dela na pesquisa, observou-se a partir da entrevista realizada que Sofia de fato traz para o momento da significação a sua história de leitora, melhor dizendo, as interações sociais vividas na família, sobretudo pela figura de alteridade da avó, no incentivo à leitura que realizou com a neta, propiciando-lhe tanto um ambiente físico letrado para que o gosto pela leitura fluísse (livros na estante da sala), como uma prática de leitura propícia para a sedimentação desta atividade social (leituras compartilhadas dos livros realizadas por integrantes e visitantes da família de Sofia).

Então, concluiu-se que as interações verbais partilhadas entre Sofia e os demais membros da família, configuradas como situações de aprendizagem informal de leitura, funcionaram como mecanismos propulsores de desenvolvimento da capacidade leitora desta agente, uma vez que iniciou a significação dos três gêneros de texto que leu com expressões do tipo: (***“Eu gosto muito de Sabino porque ele brinca com a realidade, não é? [...]”***), marcada no começo da significação da Crônica; (***“Eu achei muito interessante [...]”***) para iniciar a significação do Artigo Científico, e; (***“[...] o assunto é muito pertinente, né? [...]”***), evidenciada na introdução da significação da leitura do Artigo de Opinião.

Este achado corrobora com estudos que tomam a posição de leitura como trabalho constituído nas relações intersubjetivas, portanto, uma ação de linguagem calcada na alteridade, dado que a significação é realizada por meio das mediações entre sentidos e significados

realizados pelas pessoas envolvidas em situações comunicativas de práticas sociais de leitura (FERREIRA; MELO, 2010; SANTOS; FERREIRA, 2010; MARCUSCHI, 2008; KLEIMAN, 2008).

Em segundo lugar, além da influência da formação social familiar, chegou-se à conclusão que as demais formações sociais vivenciadas por Sofia até o momento da pesquisa (igreja, universidade, trabalho, ciclo de amizades etc.) condicionaram/regularam as significações que ela produziu nas situações comunicativas realizadas a partir da leitura dos três gêneros explorados neste estudo. Como exemplo desse tipo de regulação sociodiscursiva, retoma-se o que foi observado na situação de produção de leitura do Artigo Científico, quando Sofia, no decorrer da progressão temática de sua significação, apagou o sentido que mapeava a relação central do gênero de texto: sexualidade e afetividade entre adolescentes que moram na rua. Esse apagamento de sentido provocado no gesto de interpretação de Sofia é regulado por um significado dominante alimentado social e historicamente, o significado de que todo morador de rua é agente de violência e que a prática sexual vivida por estas pessoas, são consideradas violentas, portanto, uma forma de representação social cristalizada/convencional, abstrata e objetivista (BRONKART, 2008; ORLANDI, 2006).

Ao final da significação que fez sobre este texto base, Sofia trouxe sutilmente a relação entre afetividade e sexualidade que as autoras apontaram a partir dos resultados da pesquisa, mas, entendeu-se que este sentido não foi privilegiado na significação desta agente-leitora, uma vez que realizou, em mais de um momento da sua produção de leitura, retomadas discursivas em torno da concepção dominante na sociedade brasileira sobre o conteúdo temático tratado no Artigo Científico.

Dessa maneira, a concepção de leitura como um trabalho interlocutivo verbal entre o mundo objetivo e o mundo sociossubjetivo se constitui na relação de tensão dialética entre as convenções sociais, dando lugar a interpretações parafrásticas/reprodutivistas/adotivas e aos gestos de interpretações polissêmicos/criativos/adaptativos, como evidenciados na ação de linguagem desta agente-leitora (BRONKART, 2005; ORLANDI, 2006).

Outro aspecto destacado foi o modo como esta agente-leitora conduziu os passos de sua significação, constatado por intermédio da progressão temática que realizou do Artigo Científico. Os indícios da intervenção discursiva ocorridos nas práticas sociointeracionistas na instância formal acadêmica, melhor dizendo, nas práticas de aprendizagem universitária, possivelmente em situações de aula, com a participação em eventos acadêmicos e científicos, em pesquisa, enfim, nos contextos sociocomunicativos os quais o gênero de texto citado circula

e regula as ações de linguagens dos agentes sociais imersos nestas práticas, foram materializados no modo como a agente-leitora representou a significação que realizou do Artigo Científico, por ter enunciado que sentiu falta da resposta que Nogueira e Bellini (2006) deveriam dar à pergunta da pesquisa, sendo observada tal enunciação em duas passagens da progressão temática: (i) no meio (“**[...] na realidade eu achei que ela não conseguiu concluir, voltar à pergunta, né?**”) e; (ii) próximo ao final (“**[...] retoma aquilo que eu já tinha dito antes que eu não consigo fazer essa relação direta, até porque a gente não sabe, eles não comentam, né? [...]**”), questionamento este, conforme exposto no gênero de texto lido, que foi “[...] como o jovem, considerado em situação de risco concebia o sexo e quais eram as situações de violência que ele vivenciava relacionadas ao sexo” (NOGUEIRA; BELLINI, p. 611), cuja resposta foi apresentada no final do Artigo Científico que deu origem a pesquisa é colocada da seguinte maneira: “[...] Para eles, participar do grupo das ruas significa estabelecer a outra família e a sexualidade, aí, é vista como prática de liberdade, afetividade e, talvez, até mesmo de poder⁹”.

Mas o que se coloca em cheque neste item, em termos conclusivos, é exatamente a aprendizagem formal sociodiscursiva sobre como é adequado ler/escrever comunicações verbais planificadas em um gênero de texto que funciona como mediador intersubjetivo entre agentes leitores e escritores, situados na formação social formal universitária. Isto porque perguntas de pesquisa e suas respectivas respostas são modos de comunicação verbal essenciais nos gêneros de textos acadêmicos configurados como termos integrantes da estrutura composicional do Artigo Científico, por se tratar de um agir linguageiro eminentemente marcado pelo mundo discursivo expositivo interativo ou teórico, podendo apresentar uma relação de implicação ou de autonomia com os parâmetros físicos e sociosubjetivos da ação de linguagem, no caso, do gênero de texto lido ou escrito por agentes situados no contexto sócio-histórico universitário.

Sobre o segundo objetivo específico, pensado com a intenção e motivação de identificar e discutir, à luz do folhado textual proposto pelo ISD, o modo como se apresentam as representações psicológicas, linguísticas e discursivas materializadas na significação de leitura por uma agente-leitora na relação com os três gêneros de textos explorados na pesquisa, por se conceber que a análise da arquitetura textual proposta pelo ISD também se mostraria adequada para analisar a recepção textual, pois a significação produzida em cada uma das três sessões de

⁹ Id. p. 616.

leitura, realizada na situação de pesquisa, gerou a produção de um novo texto por parte da agente-leitora.

Logo, concluiu-se que a agente leitora, na situação de significação da Crônica, produziu no nível mais profundo do folhado textual, uma ação verbal constituída simultaneamente por dois planejamentos internos em grau implicado: (i) acionou o raciocínio prático do discurso interativo da ordem do expor, conjunto à situação comunicativa da significação, e, ao mesmo tempo, (ii) acionou um raciocínio cronológico do discurso interativo da ordem do narrar, disjunto à situação comunicativa a partir da significação da leitura que realizou. Já sobre a significação do Artigo Científico, constatou-se que a ação verbal se constituiu através de um planejamento interno que ativou o raciocínio prático do discurso interativo da ordem do expor, conjunto à situação comunicativa da significação do texto base em grau implicado. Por último, ponderou-se que Sofia efetivou o raciocínio prático do discurso interativo da ordem do expor, conjunto à situação comunicativa na significação do Artigo de Opinião, em grau implicado (BRONCKART, 1999; MIRANDA, 2008; BARBOSA, 2014).

No nível intermediário da análise do folhado textual, em que foram analisadas as unidades linguísticas que Sofia utilizou para configurar os mecanismos de conexão (coerência textual), os mecanismos de coesão verbal e os mecanismos de coesão nominal (coesão textual), concluiu-se que nas três situações de significação de leitura (da Crônica, do Artigo Científico e do Artigo de Opinião), esta agente-leitora fez as escolhas linguísticas (tipos de orações coordenadas e subordinadas, tipos de pronomes e tipos de verbo) que favoreceram a integração entre os mecanismos de textualização, promovendo, assim, uma progressão temática convergente com os temas abordados nos três gêneros de texto lidos.

Ao retomar aqui apenas as orações coordenadas, dentre os aspectos analisados em termos do mecanismo de conexão observado na significação de leitura que Sofia fez da Crônica, concluiu-se que esta agente-leitora produziu tanto orações coordenadas aditivas representadas pelo uso do conectivo “e”, como orações coordenadas adversativas representadas pelo uso do conectivo “mas”. Então, têm-se passagens que expressam a ideia de adição entre as orações enunciadas por Sofia (“[...] ir lá pra pegar alguma coisa e sair e ela mesma não teve intuito nenhum [...]” // “[...] quantidade de água que tinha ali e ela querendo só uma lata [...]”) evidenciando a interligação das cenas criadas a partir da leitura da Crônica.

Já os mecanismos de conexão textual analisados na significação do Artigo Científico por Sofia, observaram-se orações coordenadas aditivas representadas pelo uso do conectivo “e” (“Era procurar se existia uma relação entre a sexualidade e a violência desses adolescentes

que vivem na rua, né? [...]” // “[...] se há realmente uma ligação direta entre a sexualidade e a violência pra eles que tão na rua [...]”), evidenciando a relação de inclusão entre sexualidade e violência criadas a partir da leitura do Artigo Científico; orações coordenadas adversativas representadas pelo uso do conectivo “**mas**” (“[...] eles falavam sobre sexualidade com muita naturalidade, **mas** nenhum chegou a dizer se foi violentado [...]”). Considerou-se que Sofia reflete acerca das contradições que o gênero de texto apresenta para ela, portanto, faz uma leitura crítica por produzir comentários acerca das adversidades provocadas pelo diálogo que manteve com as autoras do Artigo Científico lido. Quanto às orações coordenadas alternativas pelo uso do conectivo “**ou**” observou-se uma única passagem nesse formato (“[...] se as primeiras relações foram de violência **ou** se foi se cederam [...]”), sendo que essa formulação evidencia o pensamento verbal hipotético criado por Sofia na significação que produziu a partir da leitura do texto base, o que permite considerar que esta agente-leitora produziu um posicionamento responsivo diante do conteúdo temático que leu no Artigo Científico.

Por último, sobre a conexão textual analisada na significação do Artigo de Opinião, foram constatadas orações coordenadas aditivas representadas pelo uso do conectivo “**e**” (“E acelerar esse processo faz com que essas crianças cheguem mais rápido aos lares **e** eu acho que diminui até esse comércio que existe das crianças, né? [...]” // “[...] depois a mãe dele quer criar **e** a criança passa por todo esse processo, acho pertinente [...]”), e; orações coordenadas adversativas representadas pelo uso dos conectivos “**só**” e “**mas**” (“[...]depois a mãe dele quer criar e a criança passa por todo esse processo, acho pertinente, **só** não gostei muito do exemplo dele, **mas** de resto eu achei interessante [...]”). Com isso, localizaram-se segmentos que expressam a ideia de adição e de adversidade entre as orações coordenadas enunciadas por Sofia no transcorrer da progressão temática que realizou sobre o conteúdo abordado no gênero de texto lido.

Sobre a análise da coesão verbal, concebeu-se que o uso do tempo verbal funcionou como promotor de mudança ou de permanência durante o processo de compreensão da leitura, fruto da interação verbal entre os interlocutores, pois se considerou que os verbos são elementos linguísticos de natureza coesiva atuantes na ligação entre palavras ou partes do texto.

Assim, no caso da significação da Crônica concluiu-se que os coesivos temporais selecionados pela agente-leitora criaram uma hierarquia na organização temporal no seu agir interpretativo orientado pela atividade social. Isto é, como se Sofia reconstruísse as imagens da cena social retratada pelo autor de modo ordenado, ou, dito de outra forma, a cena e todos os episódios que a compõem foram reconstruídos sociossubjetivamente por essa agente-leitora.

Em termos da coesão verbal produzida na significação do Artigo Científico, concluiu-se que foi produzida uma movência de sentidos (ORLANDI, 2005) inter-relacionada na significação da agente-leitora sobre o conteúdo temático tratado neste gênero de texto. Quando ela produziu sentidos pelo eixo de referenciação cuja fonte foi o texto base, observou-se que a coesão verbal aconteceu no pretérito, ao mesmo tempo, quando esta agente-leitora produziu sentidos pelo eixo de referenciação cuja fonte foi a exterioridade, ou seja, o mundo vivido e internalizado por ela, constatou-se uma coesão verbal constituída no presente.

Sobre a aspectualidade da coesão verbal presente na significação do Artigo de Opinião por Sofia, concluiu-se que os coesivos temporais selecionados pela agente-leitora criaram uma organização hierárquica temporal orientada pela atividade social, uma vez que, os verbos utilizados por esta agente-leitora foram organizando o seu agir linguageiro em termos da significação que fez deste gênero de texto a partir também da representação social que ela possuía acerca do conteúdo nele tratado, construído por inúmeros canais informativos e interativos que ela teria vivenciado.

Pela análise da coesão verbal, confirmou-se que as significações de leitura foram condicionadas pelo conteúdo do texto de base lido e pelas mediações estabelecidas por ela a partir das interações que vivenciou ao longo de sua vida, quer seja por meio de outros textos, quer seja por meio de conversas, reportagens que assistiu ou leu, dentre outros meios de contato com o conteúdo temático que ela significou nas sessões de leitura realizadas (AGUIAR, 2011; BRONCKART, 1999, ORLANDI, 2006; VIGOTSKI, 2004).

Com a análise da coesão nominal, por meio dos elementos anafóricos, foi possível observar em quais instâncias discursivas foram apoiadas as significações dos três gêneros de textos lidos. Então, na significação da Crônica, concluiu-se que Sofia manteve a progressão temática produzida por ela e articulada ao tema central do texto base, no caso, as diferenças socioeconômicas presentes na sociedade brasileira. Por outro lado, em relação à coesão nominal presente no Artigo Científico, observou-se que os coesivos nominais utilizados por Sofia na progressão temática funcionaram como retomadas ao tema central abordado no texto base, sendo este a relação entre sexualidade e violência entre jovens adolescentes moradores de rua. Por fim, sobre o Artigo de Opinião, esta agente-leitora produziu a significação apoiada em três instâncias discursivas: (i) adoção legal; (iii) adoção tardia; e (ii) adoção por casais homossexuais coerentes com o conteúdo temático abordado neste texto base, fechando, assim, as conclusões no nível intermediário da análise do folhado textual.

Por último, no plano do folhado textual, apresentam-se as elaborações conclusivas no nível da superfície textual da análise descendente proposta pelo ISD. Estas conclusões deram-se com base na análise da coerência pragmática, em termos das vozes implícitas e explícitas, bem como das modalizações presentes nas significações dos três gêneros de textos lidos por Sofia. Em primeiro lugar, no caso da significação da Crônica, constatou-se duas vozes explícitas (a voz da coordenadora do projeto de pesquisa e a voz da autora empírica Sofia) e três vozes implícitas (a voz da instância social formal da universidade; a voz da instância científica; a voz da personagem da Crônica). Já sobre as modalizações presentes na significação da Crônica por Sofia, averiguou-se a presença das modalizações: (i) apreciativas; (ii) deônticas; e (iii) lógicas.

Em segundo lugar, no tocante às vozes e modalizações presentes na significação de Sofia sobre o Artigo Científico, constatou-se duas vozes explícitas (a voz da coordenadora do projeto de pesquisa e a voz da autora empírica Sofia) e cinco vozes implícitas (a voz da instância social formal da universidade; a voz da violência urbana; a voz da função social dos abrigos; a voz das autoras do Artigo Científico; e a voz dos adolescentes participantes da pesquisa). Em termos das modalizações, identificou-se a presença das modalizações: (i) deônticas; (ii) apreciativas; e (iii) lógicas.

Na significação do Artigo de Opinião por Sofia, averiguaram-se duas vozes explícitas (a voz da coordenadora do projeto de pesquisa e a voz da autora empírica Sofia) e cinco vozes implícitas (a voz da instância social formal da universidade, a voz do trâmite legal para adoção no Brasil; a voz da adoção “tardia”, a voz do preconceito social e a voz do autor do Artigo de Opinião).

Desta maneira, a análise da coerência pragmática forneceu sustentação para prosseguir com a operacionalização do terceiro e último objetivo específico, o qual fora pensado a partir da intenção e motivação de identificar e discutir rastrear o agir linguageiro desta agente-leitora em situação de interpretação dos gêneros de texto explorados nesta pesquisa.

Com isso, constatou-se que o agir linguageiro de Sofia na situação comunicativa de significação da Crônica se constituiu no movimento dialético entre a adaptação ao discurso de seus interlocutores e à adoção do discurso da crônica e de outros discursos anteriores à leitura do texto base. Como exemplo desse movimento dialético do agir linguageiro de Sofia, retoma-se alguns pontos analisados sobre o agir linguageiro produzido em termos de adaptação.

Assim, a locução adverbial (“[...] **muitas vezes** [...]”) com a intenção de destacar que no mundo vivido, ou seja, no cotidiano da vida social, também apresentamos posturas preconceituosas representadas pelo pronome demonstrativo (“[...] **isso** [...]”) e ainda sobre a

adaptação que realizou em seu agir linguageiro, a agente-leitora se utiliza de uma expressão que denota a falta de atitude ética presente nas atitudes de preconceito social (“[...] **Sacanagem [...]**”) evidenciando o seu potencial criativo na significação que realizou a partir da leitura da Crônica. A partir deste exemplo de análise retomado aqui, concluiu-se que a posição de aluna universitária e voluntária da pesquisa, sob a perspectiva de ser avaliada, apresenta ter sido capaz de significar o conteúdo temático mediado por uma instância social formal como a universidade: o preconceito social cuja Crônica é porta-voz, provoca os efeitos discursivos adaptativos formulados pela agente-leitora acerca da construção da sua significação construída pela leitura do texto base, melhor dizendo, o gênero de texto também corrobora para que o processo criativo de significação de leitura seja materializado pela agente-leitora (BRONCKART, 2005; ORLANDI, 2006).

Sobre a adoção do discurso da Crônica por Sofia, constatou-se seu entendimento sobre: (1) o lugar do preconceito social; (2) a cena em que passa o acontecimento; e (3) as atitudes preconceituosas e suas manifestações. Apoiada na noção de réplicas do discurso, concluiu-se que o movimento de interação verbal produzido pela agente-leitora tanto se consumou na interlocução direta entre Sofia e a pesquisadora de iniciação científica, como na interlocução indireta que manteve com o autor e com as personagens da Crônica, e com a pesquisadora coordenadora do projeto de pesquisa no qual essa agente-leitora foi participante voluntária.

Quanto ao agir linguageiro de Sofia presente na significação de leitura do Artigo Científico, averiguou-se que a construção das respostas foi sustentada nos papéis sociais dos interlocutores diretos e indiretos (a pesquisadora de iniciação científica, a professora coordenadora do projeto, as autoras do Artigo Científico e os adolescentes participantes da pesquisa apresentada no texto base) e pelo contexto formal de situação comunicativa para fins de pesquisa científica (BARBOSA, 2014).

Outro dado relevante sobre o agir linguageiro de Sofia mediante a significação do Artigo Científico foi a movência de sentidos que ela realizou ao criticar o fato de não ser possível confirmar a relação entre sexualidade e violência entre os jovens entrevistados em função de não ser ter repostas suficientes fornecidas por eles mesmos (“[...] **eu não consigo fazer essa relação direta, até porque a gente não sabe, eles não comentam, né? [...]**”). Na posição de aluna universitária e voluntária da pesquisa, sob a perspectiva de ser avaliada, mostrou-se capaz de significar o conteúdo temático mediado por uma instância social formal como a universidade: a violência urbana a qual o Artigo Científico é porta-voz, provocou os efeitos

discursivos adaptativos formulados pela agente-leitora acerca da construção da sua significação construída pela leitura do texto base.

Em paralelo, a adoção do discurso do Artigo Científico foi identificada no entendimento que Sofia enunciou sobre: (1) a relação ou não sobre sexualidade e violência entre jovens que vivem na rua; (2) sobre a ideia de isolamento que o abrigo exercia para os adolescentes entrevistados na pesquisa; e (3) na representação de afetividade apresentada por esses participantes da pesquisa sobre a sexualidade deles como forma de terem um sentimento de pertencimento ao grupo social, do qual participavam.

Assim, chegou-se à conclusão de que os efeitos de leitura observados nas réplicas que Sofia produziu são fruto de uma complexa rede de interconexão entre pensamento e linguagem a partir das formações sociais internalizadas por esta agente-leitora por meio das interações estabelecidas com as instâncias formais e informais vivenciadas nas práticas sociais de comunicação, funcionando como mediadores na produção de leitura que realizou sobre o conteúdo temático veiculado no Artigo Científico.

Já na adaptação que realizou na significação do Artigo de Opinião, observou-se deslocamento de sentidos, como exemplo desse movimento discursivo tem-se: (“[...] **parece até que uma criança que foi adotada grande não pode ser um futuro empresário!**[...]”), o qual apresentou um deslizamento de sentido que esta agente-leitora produziu, pois ela usou o verbo “**Parece**” na forma conjugada da terceira pessoa do singular, marcando o início da formulação de uma contraposição ao fato de por ter sido adotado ainda bebê, Steve Jobs obteve êxito na vida. A agente-leitora contesta este fato, chamando atenção para essa posição discursiva que o autor traz no texto.

Destarte, constatou-se a voz social que combate as posições discursivas preconceituosas circulantes nas práticas de adoção, já que, em geral, no cotidiano dos processos de adoção, as famílias buscam um perfil de crianças, entre outros atributos, ainda bebês em função de poder educá-las a partir dos valores e práticas socioculturais aos quais estas famílias defendem. Nessa senda, a agente-leitora formulou o seu agir linguageiro, possivelmente apoiada em práticas discursivas de famílias adotivas, sobretudo as estrangeiras, que optam, em geral, por crianças mais velhas.

Averiguou-se também o agir-linguageiro desta agente-leitora na perspectiva da adoção discursiva presente no Artigo de Opinião. Então, identificou-se, a partir da leitura que realizou sobre o texto base, seu entendimento sobre: (1) a agilidade nos processos legais de adoção no

Brasil; (2) as proteções legais tanto para famílias que dispõe os filhos para adoção como para as famílias adotivas; e (3) adoção por casais homossexuais.

Assim, considerou-se que Sofia produziu uma compreensão de leitura por meio de ações de linguagem interconectadas entre autor-texto-leitor, concepção esta que embasam uma posição de leitura ativa, colaborativa e crítico-reflexiva. Neste caso, fica patente que ler não é apenas decodificar, mas, vai além da apreensão do sistema linguístico, uma vez que o ato de compreender o que se ler é uma atividade vinculada às práticas socioculturais, e o gênero de texto, é um dos materiais semióticos que favorece a comunicação verbal entre os agentes de linguagem envolvidos na situação comunicativa. Reforça-se que a recepção de gênero textual, na perspectiva de compreensão de leitura assumida nesta pesquisa, é um trabalho interlocutivo e colaborativo, produzido na relação entre leitor-texto-autor (MARCUSCHI, 2008; ORLANDI, 2006).

Face ao exposto, chegou-se à conclusão que a situação de comunicação verbal instaurada nas três sessões de leitura influenciou na configuração do agir languageiro de Sofia em relação à significação que produziu dos gêneros de textos lido. Será que se fossem outros interlocutores, outros gêneros de textos e outros conteúdos temáticos, a significação de Sofia teria tomado os mesmos rumos identificados e discutidos aqui?

Ao antecipar repostas possíveis a pergunta formulada a partir das discussões dos resultados sumariados nesta conclusão, apontar-se-ão as limitações identificadas a partir do transcorrer da pesquisa, sendo, portanto, configuradas como sugestões para as próximas investigações no plano da recepção textual.

Então, sugerem-se: (i) estudo no plano da recepção textual com alunos universitários pertencentes a cursos de graduação de outras áreas de conhecimento, a exemplo das ciências naturais e exatas, com a intenção e motivação de estudar até que ponto a formação social formal universitária provoca determinações na significação de leitura destes agentes-leitores, (ii) estudo que utilize gêneros de texto com conteúdos temáticos distintos daqueles investigados nesta pesquisa, porém com temas adequados à prática de leitura dos agentes-leitores a serem investigados; (iii) estudo que estabeleça relações entre a história de leitura de dois ou mais leitores e as significações de leitura que estes realizam sobre os gêneros de texto lido.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J. M. **Les textes**: types et prototypes. Paris: Nathan, 1992.
- ADAM, J. M. ; PETITJEAN, A. **La texte descriptif**. Paris: Nathan. 1989 (Nathan-Université. Etudes linguistiques et littéraires).
- AGUIAR, W. M. J. A pesquisa em psicologia sócio-histórica: Contribuições para o debate metodológico. In: BOCK, Ana Mécres et al. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 5. ed. São Paulo: Cortez. 2011. p.129-140.
- ATTUCH, L. Adoção à brasileira. **Isto é**, n. 2025, ano 31, 27 ago. 2008. p. 610-616.
- BAKHTIN, M. M / VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 14. ed. Tradução de Michael Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1929/2010.
- BALTAR, M. O conceito de tipos de discurso e sua relação com outros conceitos do ISD. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos (Orgs.). **O interacionismo sociodiscursivo**: questões epistemológicas e metodológicas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007. p. 145-160. (Coleção ideias sobre linguagem).
- BARBOSA, A. A. de A **O agir na produção de sentidos no processo de interpretação em diário de leitura/blog por estudantes universitários**. 2014. 156f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) - Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, Recife.
- BORGES, M. L. Será o Hegelianismo uma forma de spinosismo? **Discurso**, v. 30, 1999. p. 63-95.
- BRASIL. **Lei n. 12.010**, de 3 de agosto de 2009. Dispõe sobre adoção; altera as Leis nºs 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, 8.560, de 29 de dezembro de 1992; revoga dispositivos da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, e da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943; e dá outras providências. Brasília: Congresso Nacional, 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm>. Acesso em: 10 jan. 2015.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRONCKART, J-P; MACHADO, A. M.; MATENCIO, M. de L. (Orgs.). **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Tradução de Ana Maria Machado e Maria de Lourdes Mantencio et al. Campinas, SP: Mercado das Letras. 2006 (Série Ideias sobre Linguagem).
- BRONCKART, J-P. Action, langage et discours. Le fondements d'une psychologie du langage. **Bulletin Suisse de linguistique appliquée**, 1994, n. 59. p. 7-64.

_____. Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução de Anna Rachel Debasement. In: **III Conference for Sociocultural Research: new conditions for knowledge production: globalization and social practices**. Universidade Estadual de Campinas, 2002b. 28p. 1 CD-ROM.

_____. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. Tradução de Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Mantencio. Campinas: SP: Mercado das Letras, 2008 (Coleção Ideias sobre Linguagem).

_____. Os gêneros de texto e os tipos de discurso como formatos das interações de desenvolvimento. In: MENÉNDEZ, Fernanda Miranda (Org.). **Análise do Discurso**. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa / Hugon Editores, 2005a. p. 39-79.

_____. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 1999.

_____. Restrições e liberdade textuais, inserção social e cidadania. **Rev. ANPOLL**, n. 19, p. 231-256, jul./dez. 2005.

_____; BAIN, D.; SCHNEUWLY, B; DAVAUD, C.; PAQUIER, A. **Le fonctionnement des discours: um modele psychologique et une méthode d'analyse**. Paris: Delachaux et Nestlé, 1985.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COUTINHO, A. Textos e discursos na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo. In: ENCONTRO ACADÊMICO DE GÊNEROS NA LINGÜÍSTICA E NA LITERATURA DO NÚCLEO DE INVESTIGAÇÕES DE GÊNEROS (NIG), 3, 2012, Recife. **Anais...** Recife, PE: Centro de Convenções, PE. 1 CD-ROM.

CRISTOVÃO, V. L. L. **Gêneros e ensino de leitura em LE: modelos didáticos de gêneros na construção e avaliação do material didático**. 2001. 263f. Tese (Doutorado em Letras) – PUC, São Paulo.

DARWIN. C. **L'origine des espèces**. Paris: Maspéro, 1980.

DESCARTES, R. Correspondance avec la princesse Elisabeth. In: **Oeuvres choisies de Descartes**. Tomo II. Paris: Garnier, 1955. p. 113-259.

ENGELS, F. **La dialectique de la nature**. Paris : Éditions Sociales, 1971.

FERREIRA, S. P. A. **Constituição do professor-leitor: estudo exploratório das condições de leitura e compreensão textual em alunos universitários**. Instituição de Fomento: FACEPE APQ-0375-7.07/08. Vigência do projeto: 2008-2010.

FERREIRA, S. P. A.; SANTOS, E. de M. Constituição do professor-leitor: condições e compreensão de leitura em alunos universitários. **Revista de Psicologia Teoria e Prática [Online]**, v. 12, p. 96-111, 2010.

GENETTE, G. **Introduction à l'architexte**. Paris: Seuil, 1979.

_____. et al. **Theorie des genres**. Paris: Seuil, 1986.

GIL, A. C. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

GONÇALVES, M. da G. M. Fundamentos metodológicos da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, Ana Mêrces Bahia et al. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p.113-128.

GOULART, R. da S. A contribuição do interacionismo sociodiscursivo para o ensino de língua portuguesa. In: VI SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DO UNIRITTER, 6, 2010. Anais da VI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação do Centro Universitário Ritter dos Reis. Porto Alegre: UNIRITTER. 1 CD-ROM. ISBN:9788560100392. p. 1-12.

HABERMAS, J. **Teoria de la acción comunicativa**. Tradução de M. J. Redondo. Madrid: Taurus, 1988 (Original publicado em 1981).

_____. **Théorie de l'agir communicationnel**. Paris: Fayard, 1987.

HEGEL, F. **Phénoménologie de l'Esprit**. Paris : Aubier. 1947

KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SPP: Mercado das Letras, 2008.

LEITE, E. G.; PEREIRA, R. C. M. A construção da autoria na reescrita de textos: efeitos da interação professor-aluno. **Revista Letras**, Curitiba, n. 85, p. 11-27, jan./jun. 2012. Editora UFPR. ISSN 0100-0888 (versão impressa); 2236-0999 (versão eletrônica).

LEONTIEV, A. N. The problem of activity in psychology. In: WERTSCH, J.V. (ed). **The concept of activity in soviet psychology**. New-York: Sharpe, 1979. p. 37-71.

MACHADO, A. R. **O diário de leitura: a introdução de um novo instrumento na escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1998 (Texto e linguagem).

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. (Educação linguística; 2).

MARX, K.; ENGELS, F. **Études philosophiques**. Paris : Éditions Sociales, 1951.

_____. **L'idéologie allemande**. Paris : Éditions Sociales, 1971.

MATURANA; H.; VARELA, F. G. **De maquinas y seres vivos**. Santiago do Chile: Editorial Universitaria, 1998.

MAZZILLO, T. da F. M. gênero de atividade e estilo: o agir do professor representado e avaliado em diários de aprendizagem. **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies**, 3, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2009, p. 349-363.

MIRANDA, F. Géneros de texto e tipos de discurso na perspectiva do interaccionismo sociodiscursivo: que relações? **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies**, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2008, p. 81-100.

_____. Os gêneros de texto na dinâmica das práticas de linguagem. **Cadernoscenpec**, São Paulo, v. 2, n. 1, jul. 2012. p. 121-139.

NEWMAN, F.; HOLZMAN, L. **Lev Vigotski**: cientista revolucionário. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

NOGUEIRA, L de A.; BELLINI, L. M. Sexualidade e violência, o que é isso para jovens que vivem na rua? **Texto Contexto Eferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 4, 2006.

OAKHILL, J.; YUILL, N. Higher order factors in comprehension disability: processes and remediation. In: CORNOLDI, C.; OAKHILL, J. (Eds.). **Reading comprehension difficulties**: processes and intervention. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1996.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. **Discurso e leitura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PEIRCE, C. S. **Collected papers**. Cambridge: Harvard University Press, 1931.

PIAGET, J. A linguagem e as operações intelectuais. In: AJURIAGUERRA, J.; BRESSON, F.; FRAISSE, P.; INHELDER, B.; OLÉRON, P. (Orgs.) **Problemas de Psicolinguística**. São Paulo: Jou, 1973. p. 63-91.

PINTO, A. R. et. al. **Manual de normalização de trabalhos acadêmicos**. 2. ed. rev. e atual. Viçosa, MG: As Autoras, 2011. 88f, il. (algumas col.).

PRIGOGINE. **La fin des certitudes**. Paris: Odile Jacob, 1996.

RASTIER, F. **Sens et textualité**. Paris : Seuil, 1989.

RONDEL, L. D. S. Las perspectivas nomotética e ideográfica en el trato a la realidad estudiada por las ciencias sociales. **La revista arbitrada Orientación y Consulta**, v. 9, n. 1. 2003.

SANTOS, E. de M.; FERREIRA, S. P. A. Compreensão do gênero artigo de opinião por alunas de pedagogia. **Poiesis Pedagógica**, v. 8, 2010, p. 126-143.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 29. ed. São Paulo : Cultrix, 1929/2008.

SCHNEUWLY, B. **Le langage écrit chez l'enfant**: la production des textes informatifs et argumentatifs. Paris: Delachaux et Niestlé, 1988.

SCHWANDT, T. A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, Norman K.; LINCO, S. (Col.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SIMONIM-GRUMBACH, J. Pour une typologie des discours. In: KRISTEVA, J; MILNER, J. C.; RUWET, N. (Eds.). **Langue, discours, société**. Pour Emile Benveniste. Paris: Seuil, 1975. p. 85-121.

SMOLKA, A. L. B. Sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta de Rede de Significações. In: ROSSETI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Katia de Souza; SILVA, Ana Paula Soares da; CARVALHO, Ana Maria Almeida (Orgs.). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artemed, 2004. p. 35-49.

SPINOZA, B. de. **Ética**. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. **L'Éthique**. Paris: Flammarion, 1965.

SPRADLEY, J. P. **The ethnography interview**. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1979.

TURATO, E. R. A questão da complementaridade e das diferenças entre métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa: uma discussão epistemológica necessária. In: GRUBITS, Sonia; NORIEGA, José Angel Vera (Orgs.). **Método qualitativo**: epistemologia, complementaridades e campos de aplicação. São Paulo: Vetor, 2004. p. 17-52.

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO. **Guaia para normalização de trabalhos acadêmicos**. 3. ed. Bauru, SP: Universidade do Sagrado Coração, 2013. 96f, il.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos superiores. 4. ed. Organizadores: Micheal Cole et. al. Tradução de José Cipolla Neto, Luiz Silveira Mennes Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1984. VI. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. Revisão técnica de José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005 (Psicologia e Pedagogia).

VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Psicologia e Pedagogia).

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 1934/2009 (Biblioteca pedagógica).

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Madri: Visor, 1995.

ANEXO A - Cópia da Crônica**Piscina – Crônica de Fernando Sabino**

Era uma esplêndida residência, na Lagoa Rodrigo de Freitas, cercada de jardins e, tendo ao lado, uma bela piscina. Pena que a favela, com seus barracos grotescos se alastrando pela encosta do morro, compromettesse tanto a paisagem.

Diariamente desfilavam diante do portão aquelas mulheres silenciosas e magras, lata d' água na cabeça. De vez em quando surgia sobre a grade a carinha de uma criança, olhos grandes e atentos, espiando o jardim. Outras vezes eram as próprias mulheres que se detinham e ficavam olhando.

Naquela manhã de sábado ele tomava seu gim-tônica no terraço, e a mulher um banho de sol, estirada de maiô à beira da piscina, quando perceberam que alguém os observava pelo portão entreaberto.

Era um ser encardido, cujos trapos em forma de saia não bastavam para defini-la como mulher. Segurava uma lata na mão, e estava parada, à espreita, silenciosa como um bicho. Por um instante as duas mulheres se olharam, separadas pela piscina.

De súbito pareceu à dona de casa que a estranha criatura se esgueirava, portão adentro, sem tirar dela os olhos. Ergue-se um pouco, apoiando-se no cotovelo, e viu com terror que ela se aproximava lentamente: já atingia a piscina, agachava-se junto à borda de azulejos, sempre a olhá-la, em desafio, e agora colhia água com a lata. Depois, sem uma palavra, iniciou uma cautelosa retirada, meio de lado, equilibrando a lata na cabeça – e em pouco sumia-se pelo portão.

Lá no terraço o marido, fascinado, assistiu a toda acena. Não durou mais de um ou dois minutos, mas lhe pareceu sinistra como os instantes tensos de silêncio e de paz que antecedem um combate. Não teve dúvida: na semana seguinte vendeu a casa.

Fernando Sabino. A mulher do vizinho, Rio de Janeiro, 1976.

ANEXO B - Cópia do Artigo Científico

SEXUALIDADE E VIOLÊNCIA, O QUE É ISSO PARA JOVENS QUE VIVEM NA RUA?

SEXUALITY AND VIOLENCE, WHAT IS IT TO STREET CHILDREN AND ADOLESCENTS?
SEXUALIDAD Y VIOLENCIA ¿QUÉ SIGNIFICA PARA LOS JÓVENES QUE VIVEN EN LA CALLE?*Luciana de Alcântara Nogueira¹, Luzia Marta Bellini²*

¹ Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Coordenadora do curso de enfermagem do Centro Universitário Católico do Sudoeste do Paraná (UNICS).

² Bióloga. Mestre em Educação. Doutora em psicologia social. Docente da UEM.

PALAVRAS-CHAVE:

Sexualidade. Adolescente. Violência.

RESUMO: Apresentamos neste trabalho os modos de pensar de seis adolescentes sobre suas vidas afetiva e sexual. Estes viviam nas ruas da cidade de Maringá, Paraná e por isso foram encaminhados ao Abrigo Municipal da cidade. Tinham comportamento sexual precoce, com práticas sexuais consentidas ou não. Em 2005 desenvolvemos no abrigo uma pesquisa qualitativa para o estudo de caso. Entrevistamos jovens que apresentam hábitos, crenças e valores bem diferentes dos jovens de classe média. Os jovens eram oriundos de famílias excluídas do trabalho e não freqüentavam a escola. Para eles, a sexualidade é vivenciada como algo novo e prazeroso. Sexo é o que encontram de bom na vida de rua (ou institucionalizados). Não há como estabelecer uma relação direta entre sexualidade e violência entre estes jovens, já que sexualidade para eles é vivenciada como momentos de prazer e afetividade.

KEYWORDS: Sexuality. Adolescent. Violence.

ABSTRACT: We present in this study the thought processes of six adolescents about their sexual and affective lives. They have lived on the streets of the city of Maringá, Paraná, Brazil. For that reason they were conducted to the city's Municipal Shelter. They had precocious sexual behavior, with consensual sexual intercourse or not. In 2005 we developed in the shelter a qualitative study for case studies. We interviewed young people who presented habits, beliefs, and values quite different from the middle class youth. The adolescents were originally from families excluded from work and they did not attend school. For them, sexuality is experienced as something new and pleasurable. Sex is what they find to be good about living on the street (or institutionalized). There is no way to establish a direct relation between sexuality and violence among these young people, since for them sex is experienced as pleasurable and affectionate moments.

PALABRAS

Sexualidad. Violencia.

CLAVE:

Adolescente.

RESUMEN: Presentamos en este trabajo los modos de pensar de seis adolescentes sobre su vida afectiva y sexual. Éstos vivían en las calles de la ciudad de Maringá, estado de Paraná, y por eso han sido encaminhados

al asilo municipal de la ciudad. Tenían un comportamiento sexual preoz, con prácticas sexuales consentidas o no. En 2005 hemos desarrollado em el asilo una investigación cualitativa para el estudio de caso. Hemos entrevistado a jóvenes que presentan costumbres, creencias y valores muy distintos de los jóvenes de clase media. Los jóvenes eran oriundos de familias excluídas del trabajo y no frecuentaban la escuela. Para ellos, la sexualidad es vivida como algo nuevo y placentero. Sexo es lo que encuentran de bueno en la vida callejera (o institucionalizados). No hay como establecer una relación directa entre sexualidad y violencia entre estos jóvenes una vez que la sexualidad para ellos es vivida como momentos de placer y afectividad.

Endereço: Luciana de Alcântara Nogueira R.
José Joaquim Balhs, 100, Ap. 201 85.555-000
- Centro, Palmas, PR.
E-mail: nogueira_lu@hotmail.com

Artigo original: Pesquisa Recebido em:
07 de março de 2006. Aprovação final: 23
de outubro de 2006.

INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentamos os modos de pensar de seis jovens adolescentes sobre suas vidas afetiva e sexual. Estes jovens viviam nas ruas da cidade de Maringá, Paraná; por isso foram encaminhados pelo Conselho Tutelar ao Abrigo Provisório Municipal da cidade até que fossem localizadas as suas famílias. Tinham comportamento sexual precoce, com práticas sexuais consentidas ou não. Durante o ano de 2005 tivemos contato com os seis adolescentes no abrigo onde ficaram alguns meses.

O estudo com os adolescentes levou em consideração a relação freqüentemente feita entre a sexualidade e a violência no discurso sobre os jovens em situação de risco na rua. Em nosso cotidiano é comum ver os jovens que vivem nas ruas como violentos, desordeiros e prostitutas. Assim, como enfermeira e educadora interessou-nos pensar em como o jovem considerado em situação de risco concebia o sexo e quais eram as situações de violência que ele vivenciava relacionadas ao sexo.

Para definir violência e comportamento de risco utilizamos três autores como referenciais teóricos.¹⁻⁶ Estes pesquisadores estudaram grupos econômicos, sociais e culturalmente excluídos nos quais localizam em que plano simbólico estão as crianças e os jovens.

Segundo estudo, a violência caracteriza-se sobre várias vertentes, e ressalta que dentro de uma perspectiva conjuntural, a violência deixa de ser causa e passa a ser efeito, tornando-nos vítimas e agressores ao mesmo tempo.¹

Já, noutro estudo, é abordado o *apartheid* social em duas favelas de Porto Alegre: a Vila do Cachorro Sentado e a Vila São João. Aí mulheres, homens, crianças e jovens sobrevivem fora da economia do país e como não podia deixar de ser, constroem valores radicalmente opostos aos de classe média.²⁻³ Os únicos momentos de contato interclasse são a “patroa” ou durante um assalto. Um exemplo é a posição da criança na comunidade. O autor em questão mostra que as crianças circulam na vila como elemento de troca e como meio de negociação entre os adultos, pais, avós ou outros. Se uma mãe não tem mais condição de cuidar de uma criança, outros adultos envolvidos com algum grau de parentesco com uma criança, reivindicam sua adoção sem nenhuma passagem legal; trata-se de cuidar da criança e depois ser cuidado por ela. Então, o que existe é outra noção de família.

Para as comunidades da Vila Cachorro Sentado e Vila São João os valores de honra, por exemplo, diferem muito do conceito de classe média. Um homem não quer que sua mulher trabalhe fora de sua casa; quando a mulher se opõe a ele, ela o afronta em sua honra. Ser honrado na classe média é ter trabalho e estar inserido na economia do país, mas nas famílias que vivem na Vila do Cachorro Sentado, isso não existe; sequer a família consegue manter seus filhos em escola pública, devido aos documentos que a escola exige e aos gastos com uniforme, cadernos, lápis, etc. A violência que existe, então, para a autora em questão é violência econômica e social que mantém esta enorme reserva de mão de obra em condições subumanas.

Na mesma perspectiva de violência, encontramos quatro trabalhos de um grupo de pesquisadores de Goiás. O primeiro deles, realizado em 2000 caracterizou as instituições, governamentais e não governamentais de Goiânia que prestam assistência às crianças e adolescentes em situação de rua, em que salientam que as políticas de atenção a crianças e adolescentes em situação de abandono social em Goiânia não resolvem os problemas dos jovens de rua, apenas os minimizam. Para eles as instituições lares representam a única chance de resgate de cidadania das crianças e adolescentes diminuindo ou erradicando a exclusão social da infância.

Também em Goiânia, um outro estudo realizado pelo mesmo grupo de pesquisadores, em 2001, mostra que uma parte significativa de crianças e adolescentes procuraram as ruas para escapar não só da situação de miséria e pobreza de suas famílias, mas, também, da violência doméstica.⁴ Nas ruas, no entanto, também não escaparam da violência, pois enfrentaram situações degradantes como exploração de trabalho, grupos de extermínio de crianças, a prostituição de meninos e meninas, a contaminação pela AIDS/HIV a crescente disseminação e uso de drogas como o “crack”, a maconha e a cocaína.

Em 2002 esta equipe realizou um levantamento junto a instituições governamentais e não governamentais de Goiânia que prestam assistência a crianças e jovens em situação de rua e analisou suas propostas de atuação.⁵ Os resultados mostram que, de um modo geral, as instituições percebem o abandono social na infância como resultados de uma desestruturação político social do país. Acreditam que o cumprimento real do Estatuto da Criança e do Adolescente será possível quando se tiver a garantia dos direitos sociais estipulados em nossa constituição.⁶ Os pesquisadores observaram, também, o preconceito dos profissionais de saúde com as crianças que vivem nas ruas quando os chamam de “trombadinhas”. Assim, estes jovens são estigmatizados e de vítimas passam a ser responsáveis por sua situação.

Outro estudo importante realizado em 2004 trata das Representações Sociais de DST/AIDS para adolescentes de uma instituição abrigo com experiência pregressa de vida nas ruas da cidade de Goiânia.⁷ Centraram-se na vulnerabilidade e a exposição dos jovens de rua às DST e AIDS. Para os autores, o convívio grupal facilita o despertar precoce da sexualidade genital que, prontamente entra em prática e leva os adolescentes também aos abusos. As consequências são visualizadas pelos altos índices de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, incluindo a Aids.

Para os autores, a adolescência apresenta características, necessidades e problemas específicos que os diferenciam da criança e do adulto. Nesta etapa, e educação sexual deve ser antecipada com o objetivo de preparar os jovens para as mudanças físicas e emocionais, porém este trabalho implica a conjunção de vários fatores como o desenvolvimento sexual, a saúde reprodutiva, o relacionamento interpessoal, a afetividade, a reprodução, a imagem corporal e as relações de gênero.

As investigações dos referenciais utilizados indicam que a propalada violência entre os jovens tem sua origem na desigualdade social e de poder. A violência entre os jovens em situação de risco significa uma ruptura de contrato da sociedade brasileira com sua futura geração. Um contrato que significa educação, saúde e preparo emocional.

O CONTEXTO DA CIDADE E DO ABRIGO MUNICIPAL

Maringá localiza-se no norte do estado do Paraná; apresenta 300 mil habitantes segundo censo de 2000. Fundada em 1951, foi projetada para abrigar até 200.000 habitantes. No entanto, aos 49 anos de existência, a cidade ultrapassou esta estimativa. Com um excedente de população, houve o surgimento de favelas que em 1975 e 1976 foram fechadas por ordem da prefeitura municipal, com destruição de barracos e transferência de toda população residente para bairros da periferia ou ainda para outras localidades.⁸

Atualmente, 50% da população de Maringá encontra-se com idade inferior a 24 anos; destas, 69.176 têm idade de até 18 anos. Entre essas crianças e adolescentes, 2754 sofrem algum tipo de exploração, seja no campo ou no trabalho urbano, esmolando ou prostituindo-se.⁸ O município conta como entidades não governamentais, o Conselho Tutelar, a Promotoria Pública e um abrigo provisório mantido pela Prefeitura Municipal.

O Abrigo Municipal funciona como uma sociedade civil de caráter assistencial com a finalidade de proteção e educação da criança, sem fins lucrativos. Conta com cerca de 20 funcionários. Escolhemos esta instituição para a presente pesquisa, pois é a única que permanece em funcionamento o ano todo, um critério considerado fundamental para nosso estudo.

METODOLOGIA

Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa. De acordo com os postulados adotados, a pesquisa qualitativa: 1) tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; 2) os dados coletados são predominantemente descritivos; 3) a preocupação com o processo é muito maior do que com o resultado; 4) o significado que as pessoas dão as coisas e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador; 5) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.⁹ Esta pesquisa respeitou a Resolução do Conselho Nacional de Saúde Nº196, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa com seres humanos da Universidade Estadual de Maringá, PR.¹⁰

Utilizamos a observação associada à entrevista como instrumentos básicos para coleta de informações. Utilizamos um Diário de Campo, à semelhança de pesquisas antropológicas para anotações das datas, horários do pesquisador no abrigo, dos hábitos dos adolescentes, das regras do abrigo, tipos de jogos e modo de relacionamento entre os adolescentes e os educadores do abrigo.

Ao iniciar a pesquisa no Abrigo Municipal, atentamo-nos à observação da rotina da instituição e no aprofundamento de relações com os jovens que lá estavam. Durante esta fase, pesquisamos a história familiar e de vida de cada um dos internos via documentação e registros da instituição em um diário de campo adotado. Esta etapa durou três semanas, ou seja, nove encontros. Mantivemos a prática do diário durante toda a pesquisa; após três semanas, sentimo-nos à vontade para iniciar conversas a respeito de sexualidade com alguns dos jovens.

Esse período ocorreu durante dois meses, de março a maio de 2005, três dias por semana.

Depois desta primeira etapa e com uma relação de mais confiança com os adolescentes, solicitamos-lhes uma conversa individualizada. Esclarecemos aos jovens que consentiram participar do estudo, o sigilo das informações relatadas. Seis jovens concordaram. Trabalhamos com entrevista não estruturada. As perguntas básicas eram: 1) Você pode me contar sua primeira experiência sexual?; 2) Houve consentimento das duas partes?; 3) Onde aconteceu?; 4) Usaram preservativos?; 5) O parceiro era namorado ou um “ficante”? Destas perguntas iniciais, surgiram outras de acordo com a fala deles. As entrevistas foram realizadas individualmente; nunca entrevistamos mais de um adolescente no mesmo dia. Os adolescentes entrevistados eram, todos, reincidentes à instituição.

Os seis jovens do abrigo municipal

Entrevistamos seis jovens que estavam sob guarda do abrigo, quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino. Dos seis jovens entrevistados, um tem família, mas prefere morar na rua; quatro adolescentes também têm famílias, mas estas não os aceitam mais, justificando comportamento difícil e uso de drogas. Um tem família, porém sempre viveu em instituições. Todos se encontravam em situação de miséria absoluta, não tinham emprego, moravam nas ruas, foram presos, sofreram abusos e violência sexual e todos já foram ou são usuários de drogas.

Dos seis jovens, nenhum tinha vínculo com sua família e não freqüentavam a escola. Eram alfabetizados, embora a leitura e escrita fossem bastante precárias. Tanto os meninos quanto as meninas falaram de

sexo de modo tranqüilo. Sexualidade/sexo não pareceu ser um tema tabu. Apresentamos aqui a história de cada jovem; cada qual foi denominado por nome de pedras preciosas.

Rubi - 14 anos (menina 1). Histórico: pai falecido. A mãe a abandonou quando tinha seis meses. O irmão adotou-a. Residiu com o irmão em Maringá até os 13 anos de idade; saiu de casa porque foi repreendida por ter chegado tarde em casa. Sem lugar para morar foi para a rua. Permaneceu uma semana na rua na companhia de amigos que já viviam em becos, depois foi para residência de uma amiga onde ficou um mês. Durante este tempo, Rubi conheceu um rapaz e foi morar junto dele. O rapaz era usuário de drogas e costumava gritar com ela. Moraram quatro meses juntos e ele foi preso por tráfico de entorpecentes. Após a prisão de seu companheiro, voltou para a rua e foi recebida pelo Conselho Tutelar e levada ao abrigo. É usuária de maconha desde os 11 anos. Perdeu um bebê há pouco tempo por ter usado droga injetável e só procurou atendimento médico dois dias após o incidente por medo da polícia e do Conselho Tutelar. Iniciou sua prática sexual aos 11 anos, sem nenhum método contraceptivo e preservativo. Diz ter tido apenas quatro parceiros, sendo que se “casou” com um deles. Rubi, quando questionada sobre seus sentimentos ao lembrar das experiências passadas, responde com firmeza e emoção *eu me arrependo das coisas que fiz, não por mim, mais por ter dado tanto desgosto ao meu irmão (Rubi)*.

Água marinha - 15 anos (menina 2). Histórico: seu pai reside em São Paulo, SP. A mãe tem distúrbios psiquiátricos. Vive da casa ao hospital e, durante nossa entrevista, a mãe estava em casa. Tem quatro filhas, mas não tem condição de criá-las, segundo a Promotoria. As quatro meninas moram no Lar Talita, instituição religiosa adventista que abriga meninas. Água marinha teve muitos desentendimentos com a diretora do Lar Talita. Como ela colocou fogo em alguns objetos do local, teve que sair de lá e foi levada ao Promotor da Vara da Criança e Juventude que a encaminhou ao abrigo. Têm familiares em Maringá, mas todos com problemas de saúde. Já permaneceu na rua em companhia de amigos.

Quartzo - 14 anos (menina 3). Histórico: pai falecido e mãe presa em Maringá por tráfico de entorpecentes. Dividia seu tempo entre a rua e a casa da avó, que pouco a suportava, devido ao comportamento difícil. Foi para a rua após desentendimento com a avó; o Conselho Tutelar fez sua abordagem na rua e a encaminhou ao Lar Talita. Após desentendimentos com a diretora do lar, foi encaminhada ao abrigo. É usuária de drogas. Quartzo tem comportamento difícil no abrigo; briga com todos, desde os funcionários até os colegas. É, dentre as jovens da casa, sem dúvida a mais bonita, e utiliza sua beleza para conseguir o que quer. Um exemplo ocorreu quando havia apenas um cigarro e este era de um menino, já que todos os demais já haviam fumado. Quartzo pediu-lhe o cigarro com “jeitinho” e conseguiu metade. Sua mãe cumpriu pena por tráfico e quando esta saiu da prisão, Quartzo saiu do abrigo para ficar junto dela.

Esmeralda - 15 anos (menina 4). Histórico: não conheceu seu pai e residia com a mãe no bairro da periferia, denominado Santa Felicidade, conhecido na cidade pelos índices de criminalidade. Após briga com mãe, decidiu ir para a rua em companhia de amigos. Na época, já fazia uso de drogas. Em abordagem do Conselho Tutelar, foi para o abrigo. Sua primeira passagem pelo abrigo foi em 1999. Esmeralda é alegre e brincalhona. Falante e de muitos amigos, é a jovem mais popular do abrigo. Ao falar de sua história não se mostra abalada ou triste, diz-se acostumada com a vida na rua. Após conversa, encaminhamos Esmeralda para o ginecologista da unidade de saúde local, pois esta nos disse que tinha grande quantidade de secreção vaginal, com odor fétido e feridas vaginais. Atentamos para uma possível doença sexualmente transmissível (DST) como *Trichomonas vaginalis*. O exame médico confirmou nossas suspeitas. Iniciou tratamento imediato, mas fugiu da casa em companhia de amigos e, segundo informações do abrigo, permaneceu cinco dias na rua e está grávida.

Diamante - 15 anos (menino 1). Histórico: os pais são separados. A mãe residia no bairro Santa Felicidade. O pai, na época, estava desaparecido. Era usuário de craque desde os oito anos de idade e devido o uso de drogas foi para rua. Já roubou à mão armada e, segundo ele, estava ameaçado de morte por traficantes e pela Polícia Militar.

Na entrevista disse-nos que aos 11 anos de idade iniciou sua vida sexual com uma menina também de rua. De acordo com ele, foi *tarde demais, meus amigos tudo foi mais novo (Diamante)*. Disse que fazia uso de preservativo em todas as relações. Contou que fez sexo com homens e contou-nos seu encontro com um caminhoneiro. Pegou carona com o caminhoneiro e este quis cobrar a viagem. Aí, pagou a viagem com sexo.

Topázio - 16 anos (menino 2). Histórico: o pai estava desaparecido, a mãe era traficante. Residiu até nove anos de idade com a mãe na cidade de Sarandi, Paraná. Abordado pelo Conselho Tutelar em Maringá, foi levado ao abrigo.

Na entrevista disse que se iniciou sexualmente aos oito anos com uma garota do bairro onde residia. Falou pouco, disse que usa preservativo em todas as suas relações e já perdeu a conta da quantidade de parceiras que teve. Era um jovem sedutor, fazia sucesso entre as meninas. Junto de Diamante, tumultuava a casa e deixava todos os outros jovens irritados. Tinha o hábito de fazer o que os outros detestam: arrumar briga. Tinha orgulho de ter mãe traficante, pois *ela ganha numa semana o que vocês ganham num mês (Topázio)*.

AS FALAS DOS SEIS JOVENS: UMA ANÁLISE

Os seis adolescentes que conhecemos apresentam hábitos, crenças e valores bem diferentes dos jovens de classe média. Oriundos de famílias excluídas do trabalho, também não têm nenhum meio para sobreviver. Não foram à escola depois de precária alfabetização e desconhecem as informações sobre higiene e saúde. Rubi, Água marinha, Quartzo, Esmeralda, Diamante e Topázio não viram outra opção a não ser morar na rua onde se encontraram com outros jovens e formaram suas famílias.

Agrupam-se, também, como os jovens do estudo realizado em 2004, para dormir e para o sexo, pois isso gera a sensação de segurança. Quando são abordados pelos Conselhos Tutelares e/ou Promotoria e outros órgãos responsáveis pelos direitos da criança e do jovem, são levados para instituições de cunho assistencial. Estes abrigos/lares mantêm as crianças e os jovens isolados e, desse modo, eles fogem e retornam para as ruas de Maringá ao encontro de seus amigos, sua “família”. Nas ruas da cidade são vítimas de gangues, sofrem violências físicas, sexuais, são rotulados como “trombadinhas” e “sem-vergonhas”, e sofrem humilhações da polícia.

A fuga dos lares e do Abrigo Provisório Municipal de Maringá se dá, segundo os jovens, por não se sentirem em casa. Embora no abrigo recebam escovas de dente, roupas usadas vindas de doações à instituição, alimentação e, principalmente, atenção dos educadores de base, o abrigo é algo transitório na vida dos adolescentes e recebe, em muitas ocasiões, muitos jovens, levando à superlotação que, constantemente, provoca a depredação do local e fuga. Não há no abrigo programas educacionais alternativos no sentido de se diferenciar dos valores pedagógicos punitivos. Assim, esses adolescentes retornam aos seus modos de organização e existência, voltam para a sua única fonte de vida conhecida e experienciada.

No estudo realizado em 2001, os autores mostram que adolescentes em situação de risco vivenciam a sexualidade como algo novo e prazeroso. A sexualidade é o que encontram de bom na vida de rua (ou institucionalizados). Também no estudo de 2004 descrevem que para fugir da fome, do frio, da exclusão

social e da violência diárias, os adolescentes usam drogas como estratégia de sobrevivência. Da mesma maneira agem os adolescentes entrevistados durante a sua passagem no abrigo. Rubi, como os jovens da pesquisa de 2001, fala de suas experiências de vida: o namoro, os encontros, as relações sexuais dos meninos e das meninas. O namoro é muito importante para ela; é uma importante forma de relacionamento, pois dele se manifestam às atitudes de idealização da figura do casal parental que os jovens fazem. O prazer sexual, assim, está associado aos sentimentos bons do mundo.

Água Marinha expressa a relação sexo e namoro: *[...] tem um menino aí que me chama pra transar e aí eu vou com ele porque eu gosto dele, a gente já transou aqui no abrigo (Água marinha).*

As manifestações afetivas entre meninos e meninas que estão ou já passaram pela rua são pouco comuns e até mesmo agressivas, no entanto, são os referenciais de afeto. Geralmente, as meninas sonham com um grande amor que será capaz de mudar suas vidas e, quando estão envolvidas com algum menino, vivem intensamente as experiências sexuais como experiências afetivas. Isso ocorre com os meninos também. Estes almejam igualmente uma relação afetiva sólida como o casamento, mas a escolha da futura noiva incidirá entre aquelas que não estão nas ruas, pois estas são para casar e as que estão nas ruas não servem para o casamento.

Topázio e Diamante, meninos, demonstram desprezo pelas meninas que encontram nas ruas, ou seja, nas mesmas condições que eles. Relataram seus encontros com meninas de rua: *[...] a gente chama as menina da rua pra dá uma, porque elas são gostosinha, aí vai... mas não caso com uma puta dessas nunca. (Topázio); [...] essas meninas aí são só pra come (Diamante).*

Entre os seis jovens há circulação de parceiros com bastante frequência. Entre eles não há um parceiro fixo. Tanto as meninas quanto os meninos trocam de parceiro no grupo que convivem ou com jovens de outros grupos, com certa naturalidade. A sexualidade, para eles, é aguçada, é uma necessidade.

Os jovens do abrigo precisam se sentir desejados. Observamos, no abrigo, que usam estratégias de sedução pelas roupas pequenas como “shorts” curtos e mini-blusas, e os meninos não usam camiseta. Se eles conseguem um companheiro em uma noite, por exemplo, a etapa seguinte é a escolha do melhor lugar para a realização da “transa”. Preocupam-se com os olhares públicos, pela privacidade com o corpo, com o namoro e para não serem punidos. Os espaços mais apontados são os lotes vazios e casas abandonadas, ruas escuras, os quais são utilizados para o ato sexual. Os relatos de Esmeralda, Diamante e Topázio indicam esses modos de encontros: *[...] eu faço sexo nos lotes vagos, em casas abandonadas, em qualquer lugar aonde der para fazer eu faço (Esmeralda).*

[...] eu pratico sexo em vários locais, em casas e prédios abandonados, nesses matos, lotes vagos [...] (Diamante).

[...] transo no prédio que está construindo (Topázio).

[...] onde der pra transar a gente transa. Tem também um monte de hotel barato ali no centro; fui lá uma vez com um menino que conheci no Cana-Dura (Esmeralda).

As meninas de nosso estudo não fazem uso de preservativo e de métodos contraceptivos nas suas relações sexuais. Geralmente não usam camisinha porque atendem ao apelo do parceiro ou, então, por considerar desnecessário, já que conheciam o jovem e tinham estabelecido com este uma relação de confiança: *[...] eu faço sexo sem camisinha (Rubi).*

Quanto às relações homossexuais, elas existem, porém o jovem que assume o papel passivo na relação mostra sinal de fraqueza e falta de masculinidade. No entanto, quando ocorre a relação homossexual entre os jovens ou com parceiros desconhecidos, não há discriminação, já que todos sabem que, se necessário, também o teriam tido.

Diamante, que é menino, relatou-nos que não teve como sair de uma relação sexual com um homem: [...] *eu já fiz sexo com gays e com um caminhoneiro. Eu peguei carona com ele: aí, quando chegou, ele falo que tinha que pagar a viagem (Diamante).*

A gratificação que recebem é, geralmente, de adultos que oferecem em troca da relação sexual, algum dinheiro ou droga. Esse tipo de conduta ocorreu com Topázio: [...] *eu transo com essas mulheres aí de rua [...] elas me dão droga, elas cheiram cola e eu também cheiro [...] (Topázio).*

O uso de drogas entre os jovens do abrigo é freqüente. Todos fazem ou já fizeram uso de algum tipo de droga. As mais usadas são, em geral, as mais baratas e mais fáceis de encontrar, como a maconha e a cola de sapateiro.

CONCLUSÃO

Entre os seis jovens do abrigo não há como estabelecer uma relação direta entre sexualidade e violência. Como dissemos, a sexualidade para eles é vivenciada como momentos de prazer e afetividade. Afastados da escola, da família (e sem poder constituir outra), sem atendimento odontológico e médico, os jovens criam outras dimensões para a sobrevivência física e psíquica. Estas dimensões estão nos grupos das ruas, nos seus colegas, e aí emergem outros valores, bastante distantes dos nossos valores de classe média.

A sexualidade dos seis jovens insere-se em um mundo de muitos abandonos, da família, da escola, e mesmo do abrigo provisório municipal. Para eles, participar do grupo das ruas significa estabelecer a outra família e a sexualidade, aí, é vista como prática de liberdade, afetividade e, talvez, até mesmo de poder.

Um dos papéis dos enfermeiros e educadores é compreender a distância social desses jovens da política econômica, social e cultural. Compete-nos entender como são elaborados os valores sociais desses grupos excluídos e com eles estabelecer programas educacionais.

REFERÊNCIAS

- 1 Camargo CL, Alves EL, Quirino MD. Violência contra crianças e adolescentes negros: uma abordagem histórica. Rev. Texto Contexto Enferm. 2005 OutDez; 14 (4): 608-15.
- 2 Fonseca C. Caminhos da adoção. São Paulo (SP): Córtes; 1995.
- 3 Fonseca C. Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre (RS): Ed. Universidade/UFRGS; 2000.
- 4 Medeiros M, Ferriani MGC, Munari D B, Gomes R. A sexualidade para o adolescente em situação de rua em Goiânia. Rev. Latino-Americana. Enferm. 2001 Mar; 9 (2): 35-41.
- 5 Camara MFB, Medeiros M, Ferriani MGC, Gomes R. O abandono social da infância e adolescência na ótica dos coordenadores de instituições de assistência a crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de Goiânia. Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum. 2002 Jan-Jul, 12 (1): 18-23.
- 6 Ministério da Saúde (BR). Estatuto da criança e do adolescente. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 1991.
- 7 Borges IK, Medeiros M. Representações sociais de DST/AIDS para adolescentes de uma instituição abrigo com experiência pregressa de vida nas ruas da cidade de Goiânia. Jor. Bras. Doenças Sex. Transm. 2004; 16 (4): 43-9.
- 8 Ferreira BP. Adolescentes em situação de risco social e linguagem logo: uma experiência fora da escola [dissertação]. Marília (SP): Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho/Faculdade de Filosofia e Ciências; 2001.
- 9 Ludke M, André MEDA. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo (SP): EPU; 1986.

- 10 Ministério da Saúde (BR), Conselho Nacional de Saúde, Comitê Nacional de Ética de Pesquisa em Seres Humanos. Resolução No 196 de 10 de outubro de 1996: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília (DF): O Conselho; 1996 [acesso em 2006 Out 06]. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/docs/reso196.doc>

ANEXO C - Cópia do Artigo de Opinião

Adoção à brasileira

Leornado Attuch

Se Steve Jobs tivesse nascido no Brasil, a Apple, tida por muitos como a empresa mais inovadora do mundo, não existiria

Se Steve Jobs tivesse nascido no Brasil, a Apple, tida por muitos como a empresa mais inovadora do mundo, não existiria. E não em função das dificuldades econômicas. O motivo seria a lentidão dos processos de adoção no Brasil. Fruto de uma gravidez não planejada por dois estudantes, uma americana e um imigrante sírio, o inventor do iPod nasceu em 1955, na Califórnia, mas pôde ser adotado ainda no mesmo ano, evitando o abandono.

No Brasil, o tempo médio nos processos de adoção é de 3,7 anos. Isso significa que muitas das crianças disponíveis deixam de atender às condições estipuladas pelos candidatos e acabam condenadas à vida nos abrigos e orfanatos. Dada a demora, muitos pais acabam recorrendo à chamada "adoção à brasileira". Visitam regiões carentes, nos rincões ou nas metrópoles, e encontram seus bebês, que viram "filhos de criação". Em alguns casos, chegam até a ajudar financeiramente os genitores. Essa é uma situação sempre ilegal, mas que muitas vezes acaba sendo tolerada.

Por isso, nada mais louvável do que a iniciativa do Congresso Nacional de discutir uma nova lei de adoção, cujo objetivo é reduzir para um ano o prazo dos processos. Trata-se ainda de um projeto, com avanços e retrocessos. Os aspectos positivos são a exigência de maior rapidez nos trâmites processuais, a brecha para separação de irmãos e a possibilidade de que a mãe biológica indique à Justiça quem adotará sua criança, assim como na história do belo filme *Juno*, que concorreu ao Oscar deste ano.

O aspecto negativo é a restrição para adoções feitas por casais estrangeiros. Quem já visitou Varas da Infância e da Juventude sabe que, em muitos casos, essa é a única possibilidade que resta para crianças já crescidas. Processos transnacionais são bastante comuns e ganharam notoriedade depois que celebridades de Hollywood, como a atriz Angelina Jolie, se tornaram mães adotivas. Ao falar sobre seus dois filhos nascidos no Vietnã, ela sempre diz, coberta de emoção, que não fez "caridade", mas sim que recebeu "os maiores presentes de sua vida".

O único tabu, deixado de fora pelos parlamentares brasileiros, foi a possibilidade de adoção por casais homossexuais. Só a retirada desse item permitiu a votação do projeto na Câmara dos Deputados. O tema é controverso no mundo inteiro. São raros os países, como a Bélgica, a Islândia e a Noruega, e poucos os Estados americanos que permitem esse tipo de adoção. No Brasil, os parlamentares ainda não discutiram sequer a união civil dos casais GLBT e não estão prontos para esse debate. Mas fizeram muito bem em agir para acelerar as adoções no Brasil. Afinal, garantir a toda criança o direito a uma família é o mínimo que o Estado deve fazer.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Termo de consentimento Livre e Esclarecido para Alunos de Licenciatura
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Centro de Educação
Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais
Recife PE | 50670-901 | Brasil
Fone e Fax: 55 [81] 2126 8323
www.ufpe.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente consentimento, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa, que visa, de modo geral, investigar as condições e a compreensão de leitura de alunos em processo de formação profissional em cursos de licenciaturas diversas, de distintos contextos sócio-culturais, quando em interação com diferentes gêneros textuais; verificar a integração entre biblioteca e sala de aula no planejamento curricular; bem como as concepções de professores, alunos e bibliotecários acerca da leitura e da biblioteca.

Tenho conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com essa pesquisa. Também terei total liberdade para retirar meu consentimento a qualquer momento. Tenho consciência ainda que os riscos do ponto de vista psicológico são mínimos, como por exemplo, constrangimento e desconforto pessoal em situação de entrevista e de sessão de leitura; contrapondo-se aos benefícios que são superiores, uma vez que este estudo pode contribuir para a compreensão do processo de constituição do professor-leitor em formação inicial; bem como, vislumbrar o papel da biblioteca universitária nesse processo, podendo favorecer o desenvolvimento de novas atuações por parte desta instituição na formação de leitores. Autorizo para fins exclusivamente de pesquisa, a utilização dos dados coletados durante as sessões de entrevista e das sessões de leitura.

Os protocolos ficarão à disposição da Universidade para outros estudos, sempre respeitando o caráter confidencial das informações registradas e o sigilo de identificação do participante. Os dados serão arquivados na Universidade Federal de Pernambuco, e serão destruídos depois decorrido o prazo de 05 (cinco) anos. A devolução dos resultados será feita de forma individual, no momento posterior ao término da pesquisa, na mesma instituição onde ocorrerá a coleta de dados, em hora e dia agendados previamente com os participantes.

As pesquisadoras responsáveis por esse projeto são **Sandra Patrícia Ataíde Ferreira** e **Fabíola Mônica da Silva Gonçalves** que poderão ser contatadas pelo telefone 2126 8323.

Data: / /

Nome do participante:

Assinatura do participante:.....

1ª. Testemunha:

2ª. Testemunha:

Profa. Sandra Patrícia Ataíde Ferreira

Profa. Fabíola Mônica da Silva Gonçalves

APÊNDICE B - Entrevista transcrita, na íntegra, realizada com a agente-leitora

1- **Sofia** (*nome fictício*), qual é a tua idade?

R- 29 anos.

2- graduação?

R-Pedagogia.

3-que período?

R- eu sou aperiódica, né? (risos) mas eu tô no sexto... no sétimo. Entrevistadora: no sétimo?

Sofia: é. Pelo menos é o que predomina no momento.

4- Qual é o grau de instrução dos responsáveis pela manutenção da família?

R- É porque eu moro só. Eu e minha irmã né? Então é ... não seria completo. Entrevistadora= E no caso dos teus pais?

Sofia: A minha mãe é ... Começou a faculdade, mas não terminou e o meu pai só tem o segundo grau. (pausa na fita).

5- como você se constituiu leitor?

R - rapaz, isso é uma ato de criança, porque assim ... meus avós ... porque meu pai é filho único e nós somos os únicos netos que minha avó tinha né? Então a gente era o xodó dela e ela só estudou...acho que fez o MOBREAL da época. Entrevistadora= hum, hum. Sofia: mas só que ela queria que a gente, os netos... já que meu pai abandonou os estudos no segundo grau, que meu pai era caminhoneiro, meu pai queria ser caminhoneiro igual a meu avô, então a minha avó, ela colocou a ficha dela todas nos netos, então desde criança ela estimula a gente o hábito de ler, a gente morava no interior, na fazenda, e no tem aquele pessoal que passa vendendo livro? entrevistadora= sei. Sofia: todo mundo que chegava com qualquer tipo de livro, ela comprava, então desde criança, a gente sempre teve muito livro de história, enciclopédias é... de culinária, é... tudo, tudo que fosse tipo de leitura, então sempre foi um hábito de criança mesmo...que ficou pela minha mãe que era professora né? E pela minha avó, muito mais pela minha avó do que pela minha mãe né? Minha avó, ela queria mesmo e ela (não entendi), isso na gente, esse hábito pela leitura, pelos contos, pela questão do folclore, a gente tinha muitas coleções, eu e

minha irmã, então todo mundo que chegava lá em casa, ia naquela estante e ... Lê uma historinha pra mim, pegava o livro e pedia pra ler né? E também por causa da religião né? Eu nasci num lar evangélico e também minha avó que também era evangélica que também a família da gente era tudo matriarcas, né? ela que era a cabeça da família e ela gostava muito dos livros bíblicos, bíblia ilustrada, livro de escola dominical pra fazer culto doméstico em casa todo dia e todo domingo ir pra escola dominical, então a gente sempre foi muito cercada de leitura né? Leitura em geral, então é um hábito de casa mesmo. Entrevistadora=ok.

6- Que situações de leitura você vivenciou ou vivência?

R-bem...atualmente, por tá fazendo o curso de pedagogia... é... apesar que eu gosto de ler por prazer né? Só que ultimamente com as correrias, do trabalho, da faculdade.. eu só estou lendo em função da faculdade... entrevistadora= hum, hum. Sofia: peguei uns livros lá de(não entendi), pra ler, pra reatu.. reatualizar minhas leituras, mas acabei não lendo todo. Entrevistadora= qual é o livro que tu falou? Sofia: de Nietzsche-Zaratrusta. Entrevistadora= é de que área? Que eu não conheço. Sofia: é de filosofia. Friedrich Nietzsche, alemão, eu já tinha lido uns livros dele, quando eu fazia 1º ano, que eu tinha um professor de filosofia que era doido. Entrevistador= hum... Sofia: É ... é porque é assim ... Nietzsche não é uma leitura pra adolescente ... entrevistadora hum, hum. Sofia: porque com preensão é ... né? Exige um pouquinho mais de conhecimento sobre certas áreas né? Só que como eu já tinha um hábito de leitura, como eu disse, de criança, tudinho... isso... émuito boa argumentadora, porque quando você lê muito, você tem mais propriedade nas palavras, ai ele achava que eu compreendia, ele dava, e eu fazia ... porque assim ... meu pai, quando eu era criança, o castigo da gente, era ler ... foi sempre ... minha mãe batia e meu pai mandava fazer resumo, ele saia pra trabalhar e mandava ler um livro e dizia, quando eu voltar, eu quero que você diga do que se trata o livro, sempre o castigo era de um livro diferente, então a gente criança vai mostrando estratégias de manobrar os castigos né? Entrevistadora= é. Sofia: então (risos) eu era muito simples ... Eu lia um pedaço do começo, um pedaço do fim e pegava uns pedacinhos sorteados... por que se não eu ia perder a tarde toda lendo o livro que ele mandou e quando ele chegava, eu dava todo aquele resumo e porque eu li sobre aquilo, sobre aquilo outro e a parte que eu mais gostei foi do capítulo tal... porque sabe na verdade era o único... entrevistadora= era uma estratégia mesmo Sofia: e aí... ela foi interrompida por Pesquisadora: e ai o seu castigo não acabou influenciando... Sofia: Todo mundo pergunta isso, sabia? É ... acho que... muita gente... acho que meu irmão, ficou um pouco no início, ele não gostava muito de ler não, só que depois, ele também é professor, né? Só que ele se formou em educação física, foi que ele foi

descobrimo o prazer da leitura, mas ele não tinha não... a gente gostava mesmo, assim e dependendo do livro que meu pai colocasse a gente pra ler, a gente até que lia mesmo, sabe? Viajava assim, era melhor do que apanhar na verdade né? Entrevistadora= com certeza. Sofia: porque mainha batia, era assim só uns tapas, só que o castigo de mainha era de verdade, ela batia e não deixava a gente fazer nada, só que painho não, mandava a gente ler, e depois de lido, a gente tava liberado, entendesse? Entrevistadora= castigo já direcionado pra aprendizagem (risos) Sofia: era... é porque ele dizia que se batesse matava a gente no cacete, porque ele tinha muita força, né?

Entrevistadora= então hoje, a situação de leitura que você vivencia é mais um ... Sofia: é mais voltado pra faculdade, eu tô ... por que no início era assim, quando eu entrei na faculdade, eu só estudava então eu tinha mais tempo pra ler né? Quando eu comecei a trabalhar de manhã e de tarde, eu aí desisti e comecei a ler no ônibus... entrevistadora= hum, hum. Sofia- então ao passar dos tempos, você vai ficando cada vez mais cansado e você mais cansado, vai entrar no ônibus, os ônibus cada vez mais lotados, não consigo ler dentro do ônibus né? E aí eu comecei a ler mais obrigatoriamente, ah porque tem um trabalho pra fazer... e não sei o que... e devido eu trabalhar de manhã e de tarde, você acaba acumulando a leitura da faculdade, muitas vezes, né? Aí no momento só pra ...

Pesquisadora: E no caso o trabalho era na área?

Sofia: É, e aí junta também isso, uma leitura mais voltada pro profissional mesmo, fazer plano de aula, né? Se bem que eu gosto de trabalhar leitura com os meninos ... (não entendi).

Pesquisadora: com certeza.

7- Que textos fazem parte da sua história enquanto leitor?

R- é bem diversificado, né? Eu gosto de ler de tudo, deixa eu ver ... o último livro que eu li, foi o que Tiago me emprestou também, que foi ... mas aí é voltado pra faculdade por que é ... é ... educação É de Nietzsche também, deixa eu me lembrar do título exatamente... Pesquisadora: hum, hum. Sofia: porque tem duas traduções pra ele, são escritos sobre educação na ótica de Nietzsche, uma coisa assim. Pesquisadora: hum, hum. Por que ele tá querendo fazer o TCC dele nessa área da, né? ... história da filosofia ... Pesquisadora: é amigo teu? Sofia: é meu amigo Tiago, a gente partilha muito leitura porque Tiago é poeta né? Então ele gosta muito de poesia e aí quando ele tá estressado, ele pega a gente pra Cristo, então vai ler poesia, discutir poesia (risos), filosofia.... e ele agora se voltou mais pra essa parte da filosofia ... é ... o olhar de

Nietzsche sobre a educação, ele gosta muito de Paulo Freire também, então eu meio que tenho lido por osmose, né? Porque a gente discute muito a leitura dele. Pesquisadora: hum, hum. Sofia: e ele sempre me passa livros, pra eu... Tiago é uma biblioteca ambulante...Sofia: a professora Sandra conhece ele, eu acho que ele foi aluno dela, Pesquisadora: ele tá nessa área de filosofia da educação? ... (as duas falam ao mesmo tempo) ... Esse foi o último livro que você leu? Sofia: é ... foi ... não eu li Érico Veríssimo também, mas são crônicas, mas era mais pra espalhar um pouco, porque é ótimo ele. Pesquisadora: hum, hum.

8- E no caso, e na infância, quais eram os textos que você tinha acesso?

R- aí eram contos, histórias. Pesquisadora: já falou das enciclopédias. Sofia: enciclopédias, Pesquisadora: textos bíblicos também. Sofia: textos bíblicos, culinária, porque minha tia...é.. é assim... minha tia cria uma sobrinha, como filha, então eu tive que chamar ela de tia, é irmã do meu pai de criação, ela é uma excelente cozinheira, sabe? Então ela tinha altos cadernos de culinária e a gente ajudava muito ela, na hora de fazer as receitas assim... a gente ia dizendo o que é que ia, então a gente conviveu muito com esse gênero também, que é o receita, né? Muita coisa... a minha mãe também era costureira, além de ser professora, ela também costurava, bordava, essas coisas, então a gente... é pelo menos eu, aprendi a ler questão de moldes, que são instruções né? (as duas falaram a mesmo tempo, não deu pra entender), é de tudo, quando eu digo de tudo, é de tudo mesmo.(risos). Pesquisadora: e hoje... Sofia: gibi também, adorava ler gibi quando era criança. Pesquisadora: gibi também? Sofia: minha avó fez assinatura ... eu adorava.

9- e hoje, qual o acesso aos textos aqui na faculdade ou até outras leituras informativas, se você tem acesso?

R- ó, hoje em dia ... assim ... aqui na faculdade, a gente tem voltado pra área... a gente tem até uma diversidade boa, por que a gente tem acesso a várias bibliotecas, né? Pesquisadora: hum, hum. Sofia: eu costumava frequentar mais a do CFCH, só que nunca mais eu fui lá porque lá era uma leitura por prazer né? Aqui é mais pra dar ... (não entendi), eu gosto de pegar algumas coisas pra ler. Tem a internet, que ai facilita tudo, se quer vê algo diferente, mais rápido, mais prático, mais resumido, você encontra. Pesquisadora: hum, hum. Sofia: é ... deixo eu ver aqui se falta é ... eu faço parte de um partido comunista e a gente tem uma biblioteca muito legal também lá, então lá tem muito é... mais voltado pra história, pra política, pra parte sociológica, tem muitos romances também, né? Pesquisadora: hum, hum. Sofia: Agatha Christie, John Prisma, é aquele meu Deus é de suspense... não do Stephen King também, eu gosto muito de

ler histórias assim e assisto muito filme também, na verdade As vezes eu gosto de ler o livro e depois ver o filme ou ver o filme e depois ler o livro, pra fazer um... Pesquisadora: ah tá.

10- e qual a sua relação com a leitura?

R- acho que uma relação de prazer é.... prazer... Pesquisadora: é? Por que? Sofia: porque eu sinto prazer na leituras, quando eu comecei a morar só, é aí que você se dá conta que dureza que é a vida, quando você mora com pai e mãe é ótimo, então a leitura pra mim muitas vezes é uma fuga, dos problemas, da realidade é... não sempre, né? Pesquisadora: hum, hum. Sofia: mas em alguns momentos é algo... Pesquisadora: um escape, né? Sofia: é. Uma terapia, sabe? Seja pra rir, pra chorar, porque dependendo do livro eu choro muito, né?(risos).

11- e como você define leitura?

R- leitura... eu acho que leitura é uma maneira de se comunicar consigo, não sei se é porque eu gosto de ler e questionar o que eu tô lendo, sabe? Refletir... dependendo do texto em relação a mim... acho que é uma maneira de se comunicar... dentre as tantas possibilidades da leitura, acho que uma delas é se comunicar consigo, porque é um momento seu, né? O ler. Pesquisadora: com certeza. Sofia: é um momento em que você e o texto e que você precisa se fixar só naquilo que você tá lendo, é uma maneira de se desligar para o resto das coisas e se voltar só para o que você ler. Pesquisadora: ok.

12- que atividades artísticas ou culturais você costuma realizar ou participar no seu tempo livre?

R- rapaz, vê só... meu namorado é músico, poeta e essas coisas todas, então nesses dois últimos anos eu tenho participado muito de recitais porque os meninos organizam... de é (não entendi) de música também, né? Que Daniela... Daniela tu conhece, né? Aquela minha amiga moreninha que anda comigo ... Pesquisadora: não, não conheço não. Sofia: e ela é cantora, aí ela compõe e eu participo muito desse processo né? Do ensaio, de gravar as músicas, de compor a letra né? Não faço mas tô sempre junto, né? Pesquisadora: hum, hum. Sofia: então ultimamente eu tenho vivido muito isso, essa questão de teatro também, porque é assim ... cultura é assim você entra por um vão e quando você vê, você tá em todo o universo, né? Porque um músico que conhece um produtor cultural, um produtor cultural que faz peça, entendesse? Então você tá muito inserido, e eu comecei a frequentar teatro assim ... nos últimos dois anos que era uma coisa que eu achava que seria interessante mas que nunca tinha ido.

13- Com que frequência /você tem frequentado o teatro?

R- Na última vez que /eu fui ao teatro, foi agora em janeiro, no festival de grandes espetáculos, que eu fui assistir Recife de novo que foi a segunda vez que eu fui assistir, assisti árvores de Julia, assisti à peça de Lilinha... mercadorias, acho que é esse o nome. Pesquisadora: bastante peças. Sofia: é, Recife foi bem legal, inclusive tá passando agora de novo, que é uma trilogia, sábado e domingo tem outra apresentação lá no Ermírio Borba, os produtores são todos daqui de Pernambuco.

Pesquisadora: já que você falou de filmes, com que frequência você assiste a filmes?

R- ah filme é uma coisa viciante, lá em casa tem TV à cabo, né? tem canal aberto (risos) aí pelo menos eu assisto, todo mês pra me concentrar, pelo menos uns dois filmes por semana, agora de pedacinho eu assisto todo dia, né? Porque são vários canais de cinema lá na TV à cabo, não posso nem ficar em casa se não, não consigo estudar (risos)

14- e costuma assisti a que gêneros de filmes?

R- eu gosto de drama, eu gosto de suspense? Pesquisadora: por que? Não. Não gosto de terror e nem daquelas comédias muito besta, acho que tem que ser uma comédia mais inteligente assim, né, que seja inteligente e Pronto, eu não gosto de *American Pie*...essas coisas, eu detesto assim, muito sem graça. Pesquisadora: hum, hum. São ridículas, eu gosto de comédia tipo... o casamento do meu melhor amigo, é... doze é demais, o homem da casa que passou ontem na globo. Pesquisadora: hum, hum. São filmes que eu gosto, gosto de drama, porque tem toda uma história, porque você acaba se envolvendo e você fica ligado, porque assim quando você estuda e trabalha sua mente sempre tá muito cheia, né? Porque é muita coisa pra você fazer, pra você resolver, então se o filme não lhe envolve, você acaba não dando a ele um propósito, que ele tá ali, que é lhe distrair, lhe entreter, né? Já que é uma...já que a função do filme é essa mesmo, entretenimento... e aí eu gosto de dinâmico mesmo, por causa disso, gosto de filme épico, por causa do cenário, da coisa assim mais singela... eu acho assim, principalmente nas relações, são mais delicadas as relações quando o filme é épico. Pesquisadora: hum, hum. Sofia: seja mais intensa, mais sutis, gosto de filme inglês, são muito inteligentes, são sutis também, não gosto muito de filme americano não, filme americano tem muito comercial sabe, muito escrachado, não gosto é gosto de suspense, não gosto de terror, não gosto de comédia, não muito mas... não muito.

15- Você tem hábito de escutar música?

R- Na verdade, meu namorado é músico, mas antes disso eu já gostava muito, primeiro porque cresci na igreja e aí música é uma coisa que faz parte do cotidiano da gente, quando a gente é da igreja. Pesquisadora: hum, hum. Sofia: porque são músicas calmas, com mensagens sutis que entra e você quase nem percebe, quando você se dá conta, você está refletindo sobre aquilo que você tá ouvindo, então deveria ser assim, mas nem todo mundo faz isso, mas eu acho que a música é a melhor forma de você transmitir uma mensagem de forma é ...como é que eu posso dizer... profunda, né? Porque mesmo quando você a uma música pela primeira vez, você só escutou por escutar, porque é gostoso, porque a batida é legal, porque a voz do cantor é boa, inevitavelmente em uma hora do dia você vai se vê cantarolando e pensando no que a letra tá dizendo. Pesquisadora: é verdade. Sofia: é uma coisa que... Pesquisadora: já é inconsciente. Sofia: é inconsciente... mas que eu gosto muito, gosto muito de música, aprendo muito com ela.

16- E qual o seu gênero preferido de música?

R- É rapaz... é difícil dizer, gosto muito de música evangélica, gospel, como se diz agora, né? Pesquisadora: isso. Sofia: mas eu gosto da música evangélica tradicional, mas gosto muito da gospel também, gosto de blues, gosto de jazz, gosto de música pop, gosto de música popular, gosto de... Pesquisadora: bem eclética né? Sofia: gosto muito de música popular, não gosto muito de rock, só tipo assim: Nando Reis, Paralamas, que é pop rock, na verdade não é nem rock, não gosto de pagode, gosto de forró, só que os tradicionais, gosto de samba daqueles das antigas. Pesquisadora: bem eclética mesmo. Sofia: é eu curto música mesmo, sabe, dependendo do... é porque assim, depende muito, né? Vai muito da letra também, né? Pesquisadora: é. Sofia: eu não consigo só escutar o ritmo, um exemplo: funk tem um ritmo que dependendo da situação, por exemplo: se você estiver fazendo faxina, é um ritmo que lhe deixa agitada, então você faz a faxina que nem sente, mas as letras são horríveis, então eu não gosto de funk, pagode...antigamente ainda eu conseguia escutar umas músicas de fundo de quintal que era um pagode legal, só pra contrariar quando começou também era bonzinho, mas hoje em dia o pagode tá meio relativo, então eu não gosto. É samba eu gosto na voz de Mariza Monte, Alcione, gosto desses sambas assim com as letras mais... com letras né? Com conteúdo. Mas eu gosto de música clássica também, eu gosto de Monsserrat, adoro Monssert, cada um devia... (não entendi) (risos). Mas eu gosto, gosto de música, no geral, quase todas.

17- E você costuma visitar museus?

R- Não, museus eu não tenho hábito não, fui em alguns, o ultimo que eu fui, foi o museu que abriu lá no Pátio de São Pedro, é... não é nem um museu mas é... é um museu porque foi é que

abriu em homenagem a Luiz Gonzaga, é um museu, né? Pesquisadora: é. Sofia: é mas é uma coisa que eu tô tentando colocar no meu é... como é que eu posso dizer... na minha programação cultural sabe? Até porque a gente tá num estado que tem inúmeros e inúmeros museus, né? Eu morei um tempão lá em Casa Forte, e lá tem o museu do homem, e eu nunca fui, passava na frente, achava bonito, mas nunca entrei. Pesquisadora: hum, hum. Sofia: e eu tava conversando até com uma colega minha que faz história aqui, Gabi e ela tá fazendo um trabalho sobre museus e disse a ela que me colocasse que eu ia com ela mas não fui ainda não. Pesquisadora: hum, hum. Sofia: eu acho que eu só fui a museus quando eu estudava no ensino médio mesmo. Pesquisadora: tem o gosto pela ida aos museus mas talvez pelo tempo. Sofia: é eu vou mais assim, exemplo: na Torre Malakoff quando tem exposição aí eu vou, entendesse? Pesquisadora: tipo exposições de arte. Sofia: é eu gosto, a última não, mas a última que eu fui que eu gostei muito foi a que teve exposição de charges, foi muito legal, muito bom mesmo, na lá na Torre Malakoff, eu gosto de ir nessas coisas culturais que tem, gosto de ir domingo no Recife antigo, eu gosto muito do Recife antigo, adoro ir pra livraria, adoro, adoro livraria. Quando eu era adolescente... minha irmã gosta muito de comprar roupa, ela é viciada em roupa assim. Quando a gente ia pro shopping era aquela agonia porque ela queria tá na loja de roupa e eu queria tá dentro da livraria, né? Pesquisadora: Livraria... Sofia: aí eu gosto muito desse cantinho, gosto muito da cultura, gosto muito de livraria, às vezes pra escutar CD, pegar um livro e ler, pra assistir um show que muitas vezes tem lá, eu gosto bastante da livraria.

18- Tem mais alguma outra atividade que eu não citei nem você citou que você gostaria de dizer? Sofia: não, acho que não. Pesquisadora: então eu vou te dar o texto, a crônica de Fernando Sabino. Sofia: Fernando Sabino é bem legal, eu gosto dele. Pesquisadora: gosta? E bem tranquilo quanto ao tempo de leitura, se quiser ler em voz alta ou silenciosamente, aí quando terminar você me diz. Sofia: vou ler em voz alta, tá? Eu gosto muito de ler e e me ouvir. Pesquisadora: tá ok. (leitura do texto feito pela Sofia, em voz alta).

Pesquisadora: pergunta: o que você significou do texto? Sofia: oi? Pesquisadora: o que você significou do texto? Sofia: a lagoa de Freitas fica no Rio, né isso? Pesquisadora: não sei. Sofia: mas eu acho que é... eu gosto muito de Sabino porque ele brinca com a realidade, não é? Ele retrata é... de forma poética, né? Não o poético fantasioso não mas com a ... porque é uma realidade dura isso aqui que a gente leu né? Embora eu achei graça com o tema aqui é... aquela contraste de de... status, não é status não. Pesquisadora: imposição socioeconômica. Sofia: é, de posição social mesmo... enquanto ela ficou desesperada, com medo... ai meu deus, uma mulher (não entendi) o que ela vai fazer comigo? O que ela vai fazer... a outra olhava pra

piscina e dizia: poxa, eu subindo e descendo atrás de uma lata d'água e essa mulher com esse tanque cheio de água aqui (risos), na minha frente, olhando pro sol né? Pesquisadora: é. Sofia: ela achou bem mais prático ir buli com a torneira, sei lá onde ela tava pegando água, ir lá pra pegar alguma coisa e sair e ela mesma não teve intuito nenhum de fazer mal, e ela.. e engraçado pelo que você lê aqui, quando a gente tá...ela nem parou pra pensar que tava entrando na propriedade de alguém, que alguém podia... sei lá... soltar os cachorros em cima dela ou aparecer algum segurança, ela ficou tão fascinada com a quantidade de água que tinha ali e ela querendo só uma lata, que ela foi como se hipnotizada, né? Em direção a piscina... Pesquisadora: hum, hum. Pegou a água e saiu ... é interessante o retrato da cena.

Pesquisadora: tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre o texto? Sofia: acho que ele deixa mesmo na cara essa questão de culturas, subculturas, né? Que convivem tão próximas e que ao mesmo tá tão distante, tão desligado ... que hoje é uma coisa que a gente presencia muito, a gente sabe da desigualdade social, as vezes incomoda a desigualdade social, mas a gente não faz nada. Pesquisadora: se amedronta né? Sofia: é, como ele fez aqui, o mais prático pra ele era vender a casa e sair dali, incomodava então ele saiu e muitas vezes, né? E muitas vezes não... é o que a gente presencia hoje, e muitas vezes a gente faz isso também, a gente olha e diz: meu deus sacanagem, né? A mulher precisando de água, o cara vai, vende a casa sai, não faz embora, porque não propõe pra prefeitura que faça alguma coisa... Pesquisadora: hum, hum. Sofia: a gente crítica, se incomoda, mas é mais fácil se afastar do que fazer alguma coisa. Pesquisadora: é verdade. Sofia: não é? Pesquisadora: então, obrigada pela entrevista. Sofia: de nada. Vou-me embora pra aula.

Sofia, nessa segunda sessão de leitura, nós temos dois textos, um artigo científico e um artigo de opinião, primeiro o que você vai ler é o artigo científico, fica bem à vontade pra ler e quando terminar me avisa. Sofia: (não entendi). (pausa para leitura) Sofia: Essa letrinha devia ser maiorzinha...(risos) Pesquisadora: vou tentar aumentar da próxima vez. Pergunto: o que você significou do texto?

Sofia: eu achei muito interessante, é ... essa questão de entender, de procurar entender como é que funciona a sexualidade e se há uma relação, eu entendi que era isso. Pesquisadora: hum, hum. Sofia: era procurar se existia uma relação entre a sexualidade e a violência desses adolescentes que vivem na rua, né? E porque a gente às vezes tem essa visão, né? Pesquisadora: é. Sofia: que eles são violentos porque são abusados sexualmente porque perdeu essa inocência,

tem gente que acha que a inocência tá ligada à sexualidade, porque o adolescente é inocente quando ainda não tem vida sexual, por exemplo. Pesquisadora: hum, hum. Sofia: e é interessante a conclusão do artigo, quando ela chega... quer dizer, na realidade eu achei que ela não conseguiu concluir, voltar a pergunta, né? se havia realmente uma relação entre a violência e a sexualidade, que pelos relatos dos meninos aqui, eles falavam sobre sexualidade com muita naturalidade mas nenhum chegou a dizer se foi violentado, se não foi. Pesquisadora: hum, hum. Sofia: né? Se só saiu de casa porque discutiu com alguém, se sofreu algum tipo de abuso, eles não dizem, então aí não dá pra tirar aquela conclusão de que eles se há realmente uma ligação direta entre a sexualidade e a violência pra eles que tão na rua, mas eu achei interessante o texto. Pesquisadora: hum, hum. Achou o texto muito longo ou cansativo? Sofia: não, assim longo ele é né? (risos), de cara...(acabou a fita)...continuação no outro lado da fita...Pesquisadora: você achou o texto longo ou cansativo? Sofia: não, longo ele é ... mas cansativo eu não achei não, até quando tu dissesse que era um artigo científico, aí meu Deus vai ser aquele assunto chato... Elne: hum, hum. Sofia: mas o assunto é interessante, foi envolvendo, eu acho que foi a maneira como foi narrada, né? Pesquisadora: hum, hum. Sofia: foi com história assim, ficou muito interessante e teve histórias que me surpreenderam, acho que foi por isso que me envolveu, os relatos dos adolescentes, as meninas falando sobre sexualidade com tanta naturalidade, coisa que eu com 28 anos não consigo fazer (não entendi). Pesquisadora: hum, hum. Sofia: é essa questão de ligar a sexualidade com violência, retoma aquilo que eu já tinha dito antes que eu não consigo fazer essa relação direta, até porque a gente não sabe, eles não comentam, né? Os entrevistados se os primeiros, se as primeiras relações foram de violência... Pesquisadora: hum, hum. Sofia: ou se foi... se cederam, eles colocam mais aqui a relação sexual como afetividade, uma forma de se demonstrar sentimentos, de se... fazer parte de um grupo social, né? Pesquisadora: hum, hum. Sofia: o caminho que eles escolheram pra eles, achei legal essa questão também que eles falaram dos abrigos, de... a ideia de abrigo é de cuidar, só que aí isola eles, eu achei interessante essa parte, que ela diz assim: que o abrigo isola, e por isolar eles da família que eles escolheram pra eles, né?(não entendi) aí eles fogem, acho que se você (não entendi) pra dormir, ou mesmo que eles passem o dia todo, que eles estudem, mas que eles tenham o contato com pessoas que estão aqui fora, eles não tivessem essa necessidade de estar fugindo...Pesquisadora: é verdade. Sofia: né? E é isso. Pesquisadora: ok.

Pesquisadora: então, o segundo texto que é artigo de opinião e aí quando você terminar, você me avisa. Sofia: tá, beleza. (pausa para a leitura do texto).

Sofia: pronto. Pesquisadora: a mesma pergunta: o que você significou do texto?

Sofia: é ... é um artigo de opinião, né? então é uma opinião dele.(risos) Pesquisadora: hum, hum. Sofia: mas o assunto é muito pertinente, né? A gente vê aí os abrigos e os lares... os abrigos mesmo, né? Cheio de crianças já com seus oito, nove anos que ninguém quer mais adotar, né? Pesquisadora: hum, hum. Sofia: e acelerar esse processo faz com que essas crianças cheguem mais rápido aos lares e eu acho que diminui até esse comercio que existe das crianças, né? A pessoa que não pode ter filho e vai pro interior pegar um menino lá pra criar (não entendi)... depois a mãe dele que criar e a criança passa por todo esse processo, acho pertinente, só não gostei muito do exemplo dele, parece até que uma criança que foi adotada grande não pode ser um futuro empresário, porque.... Pesquisadora: ah sim... Sofia: porque se o rapaz não fosse adotado ainda pequeno não ia conseguir vencer na vida, só achei infeliz a colocação dele aí, mas de resto eu achei interessante, tem algumas discussões aqui que realmente o Brasil ainda não tá muito avançado como a adoção por homossexuais, né? O Brasil ainda tá muito atrás nisso... Pesquisadora: hum, hum Sofia: pra essa questão, a própria sociedade não tá pronta ainda pra aceitar uma relação assim, quanto mais pra permitir que crianças sejam educadas por esse casais, se bem que é melhor do que deixar num abrigo, abandonado. Pesquisadora: hum, hum você quer dizer mais alguma coisa? Sofia: não. Pesquisadora: então obrigada pela entrevista. Sofia: de nada.